



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

LUIS EDUARDO VELOSO GARCIA

**ALDIR BLANC E O FUTEBOL:  
UMA LEITURA DESTE ESPORTE NUM TIME DE CRÔNICAS  
DO OURIVES DO PALAVREADO**

---

Londrina  
2013

LUIS EDUARDO VELOSO GARCIA

**ALDIR BLANC E O FUTEBOL:  
UMA LEITURA DESTE ESPORTE NUM TIME DE CRÔNICAS  
DO OURIVES DO PALAVREADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon

Londrina  
2013

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da  
Universidade Estadual de Londrina.**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

G216a Garcia, Luis Eduardo Veloso.  
Aldir Blanc e o futebol : uma leitura deste esporte num time de crônicas  
do ourives do palavreado / Luis Eduardo Veloso Garcia. – Londrina, 2013.  
196f. : il.

Orientador: Luiz Carlos Santos Simon.  
Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina,  
Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras,  
2013.  
Inclui bibliografia.

1. Blanc, Aldir, 1946 – Teses. 2. Crônicas brasileiras – História e crítica –  
Teses. 3. Futebol na literatura – Teses. 4. Vida urbana na literatura – Teses.  
I. Simon, Luiz Carlos Santos. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro  
de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)-4.09

LUIS EDUARDO VELOSO GARCIA

**ALDIR BLANC E O FUTEBOL:**  
UMA LEITURA DESTE ESPORTE NUM TIME DE CRÔNICAS DO  
OURIVES DO PALAVREADO

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Luiz Carlos Santos Simon  
UEL – Londrina – PR

---

Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck  
UEL – Londrina – PR

---

Prof. Dr. Volnei Edson dos Santos  
UEL – Londrina – PR

Londrina, 20 de junho de 2013.

Dedico este trabalho aos meus pais (Flávio e Ângela) e irmãos (Vinicius e Amanda) por todo o apoio, paciência, e, principalmente, pela importância destes em minha vida. Também dedico a este incansável lutador da cultura nacional, o grande “ourives do palavreado” Aldir Blanc.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais (Flávio e Ângela) e irmãos (Vinicius e Amanda).

Aos professores Volnei Edson dos Santos e Maria Carolina Godoy pela inestimável colaboração durante a qualificação.

Ao professor Paulo de Tarso Galembeck e, novamente, ao professor Volnei Edson dos Santos pela colaboração imprescindível na defesa.

Aos amigos e irmãos de alma José Sérgio e Cléia.

A Priscila, pela amizade e por tornar possível a realização do trabalho que eu tanto queria.

Ao amigo Pedro, pela inestimável amizade.

Ao irmão Luciano e as irmãs Rita e Érica (eterno quarteto).

Aos amigos de tantos bons papos e aprendizagens Adriana, Ana, Camila, Cassiano, Cláudia, Eliane, Gustavo, Lívia, Manoela, Nelci, Nilce, Ricardo, Volmir, Willian e tantos outros.

A Adelaide Caramuru por tão bem entender minha vontade.

E ao Luiz Carlos Santos Simon por tão bem acolher minha vontade.

*Aldir Blanc é uma glória  
Das letras cariocas.  
Bom de se ler e de se ouvir,  
Bom de se esbaldar de rir,  
Bom de se Aldir.*  
**Chico Buarque**

*Aldir Blanc é compositor carioca. É poeta da vida, do amor, da cidade. É aquele que sabe como ninguém retratar o fato e o sonho. Traduz a malícia, a graça e a malandragem. Se sabe de ginga, sabe de samba no pé. Estamos falando do OURIVES DO PALAVREADO. Estamos falando de poesia verdadeira. Todo mundo é carioca, mas Aldir Blanc é carioca mesmo.*

**Dorival Caymmi**

*É preciso lembrar sempre que o  
Vasco da Gama não é o Eurico Miranda:  
É sua história e suas glórias,  
Incluindo o Aldir Blanc.*  
**Luis Fernando Veríssimo**

GARCIA, Luis Eduardo Veloso. **Aldir Blanc e o futebol**: uma leitura deste esporte num time de crônicas do ourives do palavreado. 2013. 196f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

## **RESUMO**

A pesquisa em questão objetiva o levantamento e análise de um time de crônicas de Aldir Blanc em que o futebol aparece como uma leitura possível, através de seus elementos míticos e da linguagem pertencente a esse esporte, atingindo outros níveis de significação na obra do autor em questão. Para isso, abordaremos a representação que o futebol alcança no cotidiano nacional como um fenômeno capaz de refletir e criar discursos variados em nosso país. Por se tratar de um assunto tão presente no dia a dia, principalmente no Brasil, faremos um paralelo com o gênero que melhor complementa o espaço e a linguagem do cotidiano em seus escritos: a crônica. Partindo, então, das definições teóricas relevantes desse gênero, traçaremos na produção cronística de Aldir Blanc as relações construídas pelo retrato do cotidiano a que ele recorre, especificamente no caso de sua obra o retrato do subúrbio carioca através dos bairros que compreendem a Zona Norte do Rio de Janeiro, dos quais no reflexo deste espaço o futebol aparece como um objeto constante.

**Palavras-chave:** Aldir Blanc. Futebol. Crônica. Cotidiano.



GARCIA, Luis Eduardo Veloso. **Aldir Blanc and the soccer**: a reading of this sport in a team of chronics of the silversmith of verbiage. 2013. 196 f. Dissertation (Master in Letters) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

### **ABSTRACT**

This research aims to survey and analyze of a team of Aldir Blanc's chronicles in which soccer appears as a possible reading, through its mythical elements and language belonging to this sport, reaching other levels of signification in the work of the author. For this, we discuss the representation that soccer reaches in the everyday national as a phenomenon able to reflect and create various speeches in our country. Since this is an theme so present on a daily basis, mainly in Brazil, we will make a parallel with the genre that better complements the space and everyday language in his writings: the chronicle. Leaving, then, of the relevant theoretical definitions of this genre, we will trace in the chronistic production of Aldir Blanc the relations built by the portrayal of everyday life to which he refers, specifically in the case of his work, a portrait of carioca suburbs through the neighborhoods that comprise the North Zone of Rio de Janeiro, whose in the reflection of this space the soccer appears as a constant object.

**Keywords:** Aldir Blanc. Soccer. Chronicle. Daily.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>1 A OBRA DE ALDIR BLANC: A EXPRESSÃO DO COTIDIANO QUE ENXERGA O FUTEBOL</b> .....	19
1.1 O COTIDIANO NA OBRA DE ALDIR BLANC .....	19
1.2 A RELAÇÃO ENTRE O FUTEBOL E O COTIDIANO.....	23
1.3 A LITERATURA E O FUTEBOL .....	34
1.4 O FUTEBOL NA OBRA DE ALDIR BLANC.....	40
<b>2 A CRÔNICA E O FUTEBOL: O GÊNERO DO COTIDIANO QUE ENXERGA O FUTEBOL</b> .....	45
2.1 A CRÔNICA COMO UM GÊNERO DO COTIDIANO .....	45
2.2 A CRÔNICA DE ALDIR BLANC .....	52
2.3 O FUTEBOL NA CRÔNICA .....	60
<b>3 O FUTEBOL NA CRÔNICA DE ALDIR BLANC</b> .....	70
3.1 CONVOCANDO O TIME DE CRÔNICAS .....	70
3.2 O GOLEIRO.....	72
3.2.1 Sina – Barbosa e o Arrasa Curió.....	73
3.3 A DEFESA .....	78
3.3.1 À Sombra das Goiabeiras em Flor – O Galã Bellini .....	80
3.3.2 Cachorrada Fatal – O Casca-grossa Bellini .....	84
3.3.3 É o Tal Negócio! – A Mulher Tomires e o Amériquinha .....	89
3.3.4 O Apelido – O “Beque Central de Subúrbio”.....	97
3.4 O MEIO-CAMPO .....	104
3.4.1 Uma Última Palavra – O Clássico dos Milhões.....	105
3.4.2 Tirem as Crianças da Sala – Equilibrando o Barraco.....	112
3.4.3 Visita de Cerimônia – Um Gol para Descontrair.....	116
3.5 O ATAQUE .....	121
3.5.1 Não Interrompe, pô! – Ao Ataque Mudinho!.....	122

3.5.2 A Copa e a Cópula – Ao Ataque Cascudo!.....	128
3.5.3 Artistas da Rua Futebol e Regatas – O Time da Rua dos Artistas (A Linha de Frente do Coração do Autor) .....	132
3.6 O Técnico.....	137
3.6.1 Até Morrer – Organiza o Time Aldir.....	138
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>147</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>152</b>
A SELEÇÃO DE CRÔNICAS.....	160
<b>ANEXOS .....</b>	<b>162</b>
ANEXO A – Sina .....	163
ANEXO B – À sombra das goiabeiras em flor .....	165
ANEXO C – Cachorrada fatal .....	168
ANEXO D – É o tal negoço! .....	171
ANEXO E – O apelido.....	174
ANEXO F – Uma última palavra.....	177
ANEXO G – Tirem as crianças da sala .....	180
ANEXO H – Visita de cerimônia .....	183
ANEXO I – Não interrompe, pô!.....	186
ANEXO J – A Copa e a cópula.....	189
ANEXO K – Artistas da Rua Futebol e Regatas .....	191
ANEXO L – Até morrer.....	193

## INTRODUÇÃO

A pesquisa em questão objetiva traçar um pequeno panorama do futebol, um dos esportes mais populares do mundo, dentro da produção de crônicas do escritor, compositor, poeta, romancista, historiador e até médico Aldir Blanc.

Através da seleção de um time – literalmente, como veremos à frente – de crônicas, analisaremos o modo como este esporte é retratado na obra do autor pela inserção de seus elementos míticos e pela representatividade do futebol dentro de nosso cotidiano.

Em relação aos elementos míticos, levaremos em consideração a maneira que o futebol concebe em sua visão popular uma significação para alguns jogadores, times ou jogadas que vão além do espaço restrito deste esporte, aceitando para si algumas noções que fazem parte da criação do mito.

Funções importantes do mito como a ressignificação no presente, sendo sempre explicado por uma ação que aconteceu no passado, mas que se desloca ganhando sentido também no presente, são bastante perceptíveis no esporte em questão, como poderemos ver no caso do goleiro Barbosa – que será pormenorizada em uma das crônicas analisadas – que, ao levar os dois gols na maior tragédia do futebol brasileiro, a final da Copa do Mundo de 1950 no Maracanã, não só se tornou o responsável pela derrota, como diretamente virou o símbolo da tragédia.

Tal exemplo é constantemente lembrado quando um jogador da atualidade comete um erro tão trágico que pode colocar em risco sua carreira. É pela significação, então, no passado da “falha” e o peso que Barbosa carrega por culpa dela que a interpretação desse valor pode ser construída no presente.

Outro caráter do mito que participa desta ponte com o futebol é seu indiscutível valor como organizador de relações sociais, pois carrega e legitima alguns pensamentos gerais que formam uma unidade palpável na sociedade. Noções como a culpa podem ser mais bem entendidas pela referência a um mito como o de Édipo, assim como a noção de persistência por um Hércules e seus 12 trabalhos, entre tantas outras. O valor da tragédia e o sofrimento são entendidos perfeitamente por uma sociedade como a brasileira ao remeter à lembrança do já citado Barbosa.

O principal significado de um mito é, portanto, como nos diz Marilena Chauí no livro *Convite a Filosofia* (2004), conceber um modo de organizar a realidade por meio da atribuição de um sentido metafórico aos fatos e as coisas que nos cercam. Pelo mito

também é possível criar relações das quais a sociabilidade se fortalece, com vínculos que facilitam a acomodação com o meio que vivemos, tornando o que poderia soar de difícil compreensão algo palpável por sua relação formalizada pela ordem do mito.

Por isso, questões como a permanência e ressignificações de um símbolo que confronta com a atemporalidade são as principais chaves de entendimento do mito, que nos discursos e espaços relacionados ao futebol encontram a vazão necessária em nossa sociedade, pois mais do que um esporte por aqui, é uma forma de identidade e compreensão nacional como veremos no decorrer do trabalho.

Também em auxílio de nosso trabalho, a definição de cotidiano que abordaremos como ponto central para localizar o futebol encontra-se nas ideias levantadas por dois teóricos importantes do assunto: o pensamento de Michel de Certeau no livro *A Invenção do Cotidiano* e de Michel Maffesoli na obra *A Conquista do Presente*.

Em Michel de Certeau, temos a ideia de um cotidiano que é gerado sempre na relação dos indivíduos e não na imposição de uma força controladora maior, pois como aponta o autor, “a relação (sempre social) determina seus termos, e não o inverso, e que cada individualidade é o lugar onde atua uma pluralidade incoerente (e muitas vezes contraditória) de suas determinações relacionais” (CERTEAU, 1998, p. 38). Em suas palavras, “a presença e a circulação de uma representação (ensinada como código da promoção sócio-econômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários” (CERTEAU, 1998, p.39), pois a forma que estes indivíduos irão “consumi-las” é sempre imprevisível.

Por essas “mil práticas pelas quais usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sócio-cultural” que Certeau chama de “artes de fazer”, e a forma astuciosa que estas são construídas através dos “procedimentos populares (também minúsculos e cotidianos) que jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela a não ser para alterá-los”, formando “a contrapartida, do lado dos consumidores (ou “dominados”?), dos processos mudos que organizam a ordenação sócio-política” (CERTEAU, 1998, p.41), podemos ver os métodos de consumos “combinatórios e utilitários” que “colocam em jogo uma maneira de pensar investida numa maneira de agir, uma arte de combinar indissociável de uma arte de utilizar” (CERTEAU, 1998, p.42).

Tal produção, determinantemente mergulhada no presente, não consegue adquirir a capitalização concreta de seus modos de agir – “artes de fazer” –, pois esta joga

muitas vezes com a noção de improviso e de decisões que não abrem espaço para uma reflexão maior do que o ato em si.

Entre os exemplos usados pelo autor para descrever “essas práticas cotidianas que produzem sem capitalizar, isto é, sem dominar o tempo” (CERTEAU, 1998, p.49), o que melhor traduz tais ideias e que também mais nos interessará nesse trabalho é o processo de construção da fala presente em nosso dia a dia. Como ressalta Certeau, “embora sejam compostas com os vocabulários de línguas recebidas e continuem submetidas a sintaxes prescritas, elas desenham as astúcias de interesses outros e de desejos que não são nem determinados nem captados pelos sistemas onde se desenvolvem.” (CERTEAU, 1998, p.45).

Em relação ao nosso estudo, iremos apontar como Aldir Blanc consegue destacar em sua obra tanto a apropriação da linguagem para o espaço compreendido das crônicas – a Vila Isabel e seus arredores na Zona Norte do Rio de Janeiro –, quanto para a forma que o futebol será absorvido por estes “consumidores” em suas “artes de fazer”, pois em nenhum dos casos se vê uma relação passiva, que anda conforme as regras impostas de poder.

Nos escritos de Aldir, o que vemos é a sociabilidade do presente que o cerca e que confronta julgamentos de uma ordem que escaparia à noção de politicamente correto, pois tal noção não sobrevive ao contraste de um cotidiano visto em sua miudeza. Nas palavras de Certeau, são as “trajetórias indeterminadas” que fazem parte do nosso dia a dia, das quais a capitalização de um sentido não pode ser exigida em relação ao presente.

Em Michel Maffesoli, veremos também um cotidiano que escapa dos poderes controladores, retirando da astúcia do seu miúdo e aparentemente banal uma sociabilidade original e dinâmica, da qual o homem do dia a dia que compreende nosso cotidiano, “sem levar em consideração o moralismo inquisidor e fora das convulsões tetânicas de uma pseudoliberação, joga e efetivamente arrisca a sua vida de todo dia”(MAFFESOLI, 1979, p.129).

No miúdo desse cotidiano – ou como veremos na teoria de Antônio Candido mais a frente neste trabalho, na “vida ao rés-do-chão” – quem acaba se fundando através de diversas situações do dia a dia são as características inerentes ao trágico, sendo este um material primordial não só para a construção das relações sociais, mas também para a criação literária que se alimenta destes elementos.

Outras noções importantes são colocadas em jogo nas relações construídas no cotidiano, entre elas a teatralidade e as bases dos rituais, porém, todas essas acabam por destacar ainda mais a presença do trágico pelo seu afrontamento da finitude, sendo sempre um jogo contra a própria morte, como nos destaca o autor.

Mais uma vez, o que temos aqui é um confronto de afirmação do sujeito perante o presente, assim como também apontava Certeau. Situações que realçam “essa comunhão de emoções ou sensações” aparecem “difundidas nos atos mais cotidianos ou cristalizadas nos grandes acontecimentos pontuais ou comemorativos (aniversários, revoluções, movimentos de massa, greves, agrupamentos etc.)”, deixando claro o que “funda a vida social ou que faz lembrar sua fundação” (MAFFESOLI, 1979, p.44-45).

Segundo Maffesoli, “o afeto que instala a ligação ao território é uma maneira de viver no presente”, e esse viver no presente é construído através dos menores gestos da vida cotidiana – entre eles, “o aperitivo ao final da tarde, os rituais do vestuário, os passeios à noite na praça pública, as conversas de bar e os rumores do mercado” (MAFFESOLI, 1979, p.58) – que são capazes de materializar a existência inscrevendo os “fatores de socialidade” como produtores de intensidade.

Como destaca o autor, “esse presente banal e talvez monótono não é vazio e homogêneo, mas, ao contrário, é carregado de intensidade que jorra da própria textura do que constitui o cotidiano”. É neste presente, então, construído entre os “ruídos da rua, as cantorias populares na mesa do bar, os rumores e explosões de cólera vindos de um apartamento com janelas abertas, os odores das castanhas quentes no inverno, de amendoins e sorvetes nos dias bonitos” que veremos a constituição desses “nadas” que “perfazem toda a existência” (MAFFESOLI, 1979, p.153).

Um dos melhores exemplos que Maffesoli encontra para ilustrar um espaço de sociabilidade no qual a comunicação, o afeto e a troca de sentimentos e sensações acontecem com precisão é o bar.

O autor também aponta o importante papel dos provérbios populares como colaboradores de uma unidade afetiva local pelo rico compartilhamento de discursos feitos nessa troca de frases que ganham significação a partir de uma aproximação existente entre os espaços.

Tais informações são extremamente válidas em nossa análise, pois Aldir Blanc projeta no espaço de sua Vila Isabel e arredores tanto esse compartilhamento de

discursos inerentes aos provérbios populares daquele local, quanto a linguagem intensamente presente nos bares que fazem parte destes bairros.

Também é perceptível nas crônicas de Aldir Blanc a forma com que o trágico participa do cotidiano, pois elas se constroem através da descrição das relações interpessoais que conflituam com o espaço coletivo daquele dia a dia observado atentamente pelos olhos do cronista, característica primordial deste gênero.

O futebol consegue, ao mesmo tempo, fazer parte do compartilhamento de discursos do cotidiano refletindo em si próprio diversos provérbios e máximas que nunca perdem a força mesmo com o decorrer dos anos, e, também, ser responsável por uma grande carga do trágico que alimenta este dia a dia, principalmente por causa de sua relativa importância em nossa sociedade. O bar é um dos locais que melhor representa a afirmação dos discursos – e da carga trágica – que o futebol possui, sendo indiscutivelmente um assunto central deste espaço, e cenário constante das crônicas que analisaremos neste trabalho.

Para a base deste levantamento funcionar devidamente, o corpo do trabalho será dividido em três capítulos, da seguinte maneira:

- o primeiro capítulo intitulado “A obra de Aldir Blanc: a expressão do cotidiano que enxerga o futebol”, que tratará especificamente da importância do cotidiano para a obra de nosso autor, como o futebol participa deste cotidiano retratado, além da concepção desse esporte na literatura brasileira em geral e, conseqüentemente, nos outros gêneros trabalhados por Aldir Blanc;

- o segundo capítulo “A crônica e o futebol: o gênero do cotidiano que enxerga o futebol”, do qual veremos como este gênero se alimenta do cotidiano, como é o processo de recorte deste espaço feito na crônica de Aldir Blanc, e, por conseqüência, como outros cronistas trabalharam o futebol em suas obras;

- o terceiro capítulo “O futebol nas crônicas de Aldir Blanc”, em que finalmente colocaremos em campo as análises do time de crônicas – como todo time, 11 “jogadores” em campo e o técnico no banco, ou seja, 12 crônicas escolhidas – das quais o futebol terá atenção primordial na interpretação de cada uma delas.

O primeiro capítulo do trabalho inicia-se, portanto, através da relação da obra de Aldir Blanc com sua busca de retratar o cotidiano nacional, seja pelas histórias apresentadas ou pela linguagem escolhida, funcionando, no caso específico de nosso autor, como um interessante reflexo do dia a dia do espaço urbano constituído pela Zona Norte da



cidade do Rio de Janeiro, espaço este em que Blanc sempre viveu e do qual conhece todos os seus pormenores, transformando-os em crônicas, canções, aforismos e até livro infantojuvenil.

Entre os autores que nos ajudarão a compreender este traço característico da obra de Aldir Blanc, temos: Roberto M. Moura nos textos e entrevistas que ele fez com nosso autor para a produção do livro *A Poesia de Aldir Blanc: Arranjos para Guitarra, Violão e Teclados* (2001); Antonio Torres e seu texto “Um Livro Bacana” que prefacia um dos livros de Blanc – *Um Cara Bacana na 19ª* (1997); Luis Pimentel e o seu texto “Aldir Blanc é Carioca da Gema” (2012); Sérgio Cabral com o texto “Aldir do Rio” (1996); Norma Pereira Rego e o perfil que ela traça de Blanc dentro do jornal *Pasquim* no livro *Pasquim – Arenas do Rio* (1996); e Lúcia Deborah Araújo com o artigo “A Versatilidade Linguística de Aldir Blanc” (2004); sem contar outras entrevistas e relatos que representam bem a ideia da veia de retratista do cotidiano de nosso autor.

Ainda na primeira parte, relacionaremos a participação que cabe ao futebol como elemento inerente deste cotidiano nacional que aparece tanto em Aldir Blanc quanto em outros nomes da literatura brasileira. Para isso, buscaremos em algumas áreas diferentes de conhecimento como a história e a sociologia uma interpretação possível deste esporte cuja presença constante em nosso dia a dia não pode ser ignorada. Neste trecho, nos auxiliarão nomes como José Miguel Wisnik e seu livro *Veneno Remédio – O Futebol e o Brasil* (2008); Nicolau Sevcenko e o texto “Futebol, Metrôpoles e Desatinos” (1994); Mario Filho e o clássico livro *O Negro no Futebol Brasileiro*; Gilberto Freyre e seu prefácio para o livro de Mario Filho; Marcelino Rodrigues da Silva com o livro *Mil e Uma Noites de Futebol* (2006) e a dissertação “O Mundo do Futebol nas Crônicas de Nelson Rodrigues”(1997); José Carlos Bruni e a apresentação do Dossiê sobre o futebol da Revista USP, nº22, de 1994; Roberto DaMatta e as ideias de seu famoso ensaio “Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social”(1982), Flávio Aguiar e o texto “Notas sobre o futebol como situação dramática”(1987); e Anatol Rosenfeld com “O futebol no Brasil”(1993).

Apresentaremos também uma lista de autores que recorreram ao futebol como temática em suas obras, para mostrar que com tamanha participação na sociedade brasileira, obviamente este esporte não ficaria de fora da nossa literatura. Além da listagem de alguns nomes que escreveram sobre o futebol em gêneros variados como crônica, conto, poesia, romance e literatura infantojuvenil, veremos aqui a relação conflituosa deste esporte

tanto para sua aceitação dentro do espaço literário nacional, quanto para sua recusa por autores como Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Lima Barreto e Graciliano Ramos.

Para finalizar esta primeira parte do trabalho, entramos na relação da obra geral de Aldir Blanc com o futebol fora das crônicas, destacando que em todos os espaços que o autor trabalha, seja canção, literatura infantojuvenil, aforismos ou literatura de conteúdo histórico, o retrato do cotidiano aparece como peça fundamental, por isso o futebol se faz presente. Na canção, levantamos a descrição de alguns sucessos do autor em parcerias variadas que o futebol é tema central, como as canções com João Bosco “Gol Anulado”, “Linha de Passe” e “De Frente pro Crime”, ou as parcerias com Guinga e Moacyr Luz como “Par ou Ímpar” e “Mandingueiro”. Na literatura infantojuvenil, vemos o futebol cumprindo uma função essencial na estrutura do livro *Uma Caixinha de Surpresas* (2010). Na produção de aforismos, o livro *Guimbas* (2008) e suas frases se aproximam das máximas e expressões tão comuns deste esporte. Na literatura de conteúdo histórico, *Vasco – A Cruz do Bacalhau* (2009), o livro que conta a história do time do coração de nosso autor.

Descrito, então, na primeira parte do trabalho a relação do autor com a busca de colocar dentro de sua obra o cotidiano nacional – especificamente neste caso o espaço urbano da Zona Norte do Rio de Janeiro –, cotidiano este permeado pelo futebol por todos os lados, por isso refletido na produção de vários autores da literatura brasileira e, principalmente, de Aldir Blanc, buscaremos no segundo capítulo da pesquisa compreender qual a expressividade da crônica para retratar este espaço cotidiano.

Para isso, primeiramente discorreremos a respeito do pensamento de alguns teóricos da crônica que vão compreendê-la como um gênero predominantemente urbano, que se alimenta do cotidiano nacional, como é o caso dos conhecidos estudos de nomes como Afrânio Coutinho em “Ensaio e Crônica” (1986); Eduardo Portella em “A Cidade e Letra” (1958); Antônio Candido em “A Vida ao Rés-do-Chão” (1980); Jorge de Sá no livro *A Crônica* (1997); Davi Arrigucci Jr. em “Fragmentos Sobre a Crônica” (1987); e Joaquim Ferreira dos Santos, na introdução das *Cem Melhores Crônicas Brasileiras* (2007).

Na sequência, procuraremos a definição da obra cronística de Aldir Blanc refletindo as ideias de retrato do cotidiano levantadas na significação da crônica. Para isso, além de uma abordagem mais aprofundada nos pensamentos já anteriormente citados sobre Aldir Blanc nos textos de Luís Pimentel, Francisco Maria Zelaya e Norma Pereira Rego, acrescentaremos textos de Fausto Wolf e Ivan Lessa, caracterizando estes pelos valores

apresentados no trecho anterior por nomes como Jorge de Sá, Antônio Candido e Joaquim Ferreira dos Santos.

Se a obra relativa à crônica de Aldir Blanc reflete o cotidiano nacional como pede o gênero, não poderemos esquecer de mostrar outros cronistas que passam pelo mesmo método e que, conseqüentemente, terão o futebol representado em suas produções, levantando aqui uma parte da tradição da crônica esportiva grandiosa em nosso país, que vai de nomes responsáveis pelos primórdios deste esporte na crônica, como Mario Filho e Thomaz Mazzoni, passando por Carlos Drummond de Andrade, Luiz Fernando Veríssimo, Armando Nogueira, Clarice Lispector, Chico Buarque, José Lins do Rego, Nelson Rodrigues, João Antônio, até os contemporâneos José Roberto Torero, Xico Sá, Tostão, e muitos outros.

Definidos os espaços e modos característicos que Aldir Blanc trabalha sua produção cronística, além da articulação com o futebol por sua relação inerente ao espaço cotidiano fielmente retratado, entraremos no terceiro e último capítulo do trabalho, no qual, finalmente, a escolha e as análises de um time – literalmente – de crônicas do autor em que o futebol aparece como os elementos principais para o devido entendimento.

Escolha de um “time” não é somente um modo de falar, pois a divisão desta terceira parte recorrerá ao conceito dos princípios básicos da escalação de um time, levando em consideração a seguinte divisão: uma crônica que represente os valores e características do goleiro em sua interpretação; quatro crônicas em que o sistema defensivo de um time torna-se um caminho para a compreensão de seus dados; três crônicas em que aparecem as ideias relativas ao meio campo de um time; mais três crônicas que versem sobre circunstâncias presentes na formação de um ataque; e, por último, a crônica síntese, que retratará o pensamento do técnico, aquilo que move sua escalação.

Portanto, partindo de elementos míticos do futebol brasileiro ou de discursos presentes em sua linguagem, construiremos um painel destas 12 principais crônicas que formam o melhor time de escritos do gênero feitos por Aldir Blanc, e que se encontram devidamente presentes em seus livros *Rua dos Artistas e Arredores* (1978), *Porta de Tinturaria* (1981) e *Brasil Passado a Sujo – A Trajetória de uma Porrada de Farsantes* (1993).

Esperamos, finalmente, com essa seleção de crônicas conseguir mostrar que Aldir Blanc faz do futebol não só um tema recorrente capaz de convergir com o retrato do

cotidiano urbano nacional exigido pelo gênero explorado, mas, acima de tudo, complementar do espaço que define sua obra.

# 1 A OBRA DE ALDIR BLANC: A EXPRESSÃO DO COTIDIANO QUE ENXERGA O FUTEBOL

## 1.1 O COTIDIANO NA OBRA DE ALDIR BLANC

*Se ser carioca é um estado de espírito, como se dizia antigamente, ler Aldir Blanc é entender bem o espírito da coisa.*  
Antonio Torres

A obra de Aldir Blanc, em toda sua completude, desde as letras de canções com as inúmeras parcerias conhecidas, passando pelas crônicas dos jornais e os livros publicados com este gênero como *Rua dos Artistas e Arredores* (1978), *Porta de Tinturaria* (1981), *Brasil Passado a Sujo – A Trajetória de uma Porrada de Farsantes* (1993), *Um Cara Bacana na 19ª* (1996) e *Rua dos Artistas e Transversais* (2006), pelos aforismos de *Guimbas* (2008), na literatura infantojuvenil de *Uma Caixinha de Surpresas* (2010), até mesmo na obra de conteúdo histórico *Vasco – A cruz do Bacalhau* (2009), é constantemente marcada pela busca de retratar o cotidiano, através de histórias que apresentam os hábitos e a linguagem do espaço urbano dentro do seu texto.

Este espaço, legitimamente urbano, tem em Aldir a busca pelo universo do subúrbio carioca, fugindo do lado turístico da cidade do Rio de Janeiro, que é formado pelos bairros da Zona Sul, e indo ao encontro do habitat da Zona Norte.

A opção pela Zona Norte carioca é perceptível na escolha dos bairros que sempre irão aparecer nas suas obras e em todos os gêneros que trabalha, não sendo algo específico da crônica – que é um gênero preocupado com o espaço urbano de maneira mais intensa que os outros –, pois veremos a mesma busca nas canções, romances e outros modelos literários os quais Aldir produz.

Entre os bairros cariocas que marcam presença nas obras de Aldir, temos a Vila Isabel como figura central – ressaltando a definição que Roberto Moura dá sobre o autor como um “carioca com Vila Isabel no DNA”<sup>1</sup> –, sendo este o bairro em que se situa a Rua dos Artistas, a rua em que Aldir morou dos 6 aos 13 anos e que virou o principal cenário de

---

<sup>1</sup> Trecho do texto escrito por Roberto M. Moura em “Aldir Blanc: dados biográficos sem nenhum compromisso com a isenção”, presente no livro *A Poesia de Aldir Blanc: Arranjos para Guitarra, Violão e Teclados* (2001), de Roberto M. Moura e Luciano Alves.

suas crônicas, tornando-se inclusive título de dois de seus livros: *Rua dos Artistas e Arredores* (1978) e *Rua dos Artistas e Transversais* (2006). Como podemos perceber nos títulos também, a Rua dos Artistas e a Vila Isabel em que ela se localiza são os protagonistas, mas dividem o espaço com os outros bairros vizinhos que formam esse trecho da Zona Norte do Rio, entre eles, Tijuca, Aldeia Campista, Andaraí, Estácio e a Muda, onde Aldir Blanc mora atualmente.

Numa entrevista para *O Pasquim*, em 11 de julho de 1975<sup>2</sup>, ao ser indagado pelo entrevistador Roberto M. Moura para que ele se apresentasse aos leitores, Aldir Blanc descreve justamente os espaços geográficos nos quais ele morou, deixando claro a importância destes para a formação do artista Aldir, cronista, poeta, músico, e até mesmo, médico:

- Nasci em 1946, no Estácio, Rua Santos Rodrigues, transversal da Rua Maia Lacerda. Fiquei lá seis anos e, depois, fui morar em Vila Isabel, na Rua dos Artistas, perto do Benedito Lacerda. Da minha casa, eu ouvia a flauta tocada na dele. Aquele ambiente teve um peso muito grande nas decisões que, muito tempo depois, eu acabei tomando até mesmo inconsciente dessa relação. (...) Essa coisa de família grande, grandes beberrões, reuniões constantes, festas incríveis, mesa no quintal. A Zona Norte se entranhou em mim de vez, com seus vitrolões, seus álbuns de 78 rotações.

Aos 13 anos, Estácio de novo. Até 20 anos, quando foi morar no Largo da Segunda-Feira. Aos 25, com o casamento, mudou-se para a Av. Maracanã ("quase Vila Isabel, se andar dois quarteirões estou na Rua dos Artistas"). (BLANC, 2001, p. 6)

O espírito do espaço que reflete o estilo do autor vai ser reafirmado em todas as entrevistas de Aldir Blanc, como ele fala à revista digital *Algo a Dizer*: “sou essencialmente um homem da Zona Norte, e é claro que meu trabalho reflete isso”<sup>3</sup>.

O escritor Antonio Torres (1997), responsável pela epígrafe do início desta parte do trabalho, destaca no texto “Um Livro Bacana”<sup>4</sup> o papel de retratista de “uma rica galeria de tipos humanos” que fazem parte do cotidiano do subúrbio carioca nas obras de Aldir, tipos que passam “ao largo da Zona Sul”, fazendo parte de “um lado mais obscuro e aparentemente menos sedutor do Rio de Janeiro, com seus dramas particulares, suas

<sup>2</sup> Os trechos dessa entrevista encontram-se também no texto “Aldir Blanc: dados biográficos sem nenhum compromisso com a isenção”, presente no livro *A Poesia de Aldir Blanc: Arranjos para Guitarra, Violão e Teclados* (2001), de Roberto M. Moura e Luciano Alves.

<sup>3</sup> Entrevista concedida para a revista digital *Algo a Dizer* na edição 10, de julho de 2008, encontrada no seguinte link: <http://www.algoadizer.com.br/edicoes/apresentacao.php>

<sup>4</sup> Este texto encontra-se na orelha do livro *Um Cara Bacana na 19ª* (1997), de Aldir Blanc.

malandragens e pequenas vilanias”. É um autor que vê na “Tijuca e adjacências o seu habitat e laboratório”.

Também neste texto, Torres destaca a elaboração da linguagem na obra de Aldir Blanc em todos os gêneros em que trabalha, retratando de maneira perspicaz a fala cotidiana que permeia o subúrbio carioca pela montagem de um texto “coloquial e enxuto”, pois “ele escreve como se fala – e numa linguagem carioquíssima. Dispensa floreios e requintes estilísticos. Vai direto ao ponto, dando às zonas erógenas – por exemplo – seus verdadeiros nomes e apelidos”. Numa outra definição mais direta, Antonio Torres (1997) vai caracterizar, então, nas obras de Aldir “uma espécie de bric-à-brac, um armarinho com frascos de cheiro para os narizes mais sensíveis ao odor que vem das ruas – e das vísceras da sua própria clientela”.

Outro autor que escreve sobre a preocupação de Aldir em levar aos seus escritos o que se encontra no cotidiano é Luis Pimentel (2012), que afirma, no texto “Aldir Blanc é Carioca da Gema”<sup>5</sup>, a gênese de Blanc como um legítimo autor que “tem a Zona Norte de sua cidade cravada no peito esquerdo, ao lado do escudo do Vasco”, e, sem dúvida, é “um dos maiores cariocas que se conhece”.

Sérgio Cabral (1993), no texto “Aldir do Rio”<sup>6</sup>, é mais um que ressalta o talento de Aldir Blanc em “colocar em seu texto (e nas letras de música), inteiros personagens que nunca saíram das ruas e dos botequins”, encontrando similaridades com Nelson Rodrigues, que, como diz o autor, “também andou envolvido com alguns deles”.

Cabral propõe ainda que Aldir merece fazer parte da galeria de autores que representaram o Rio de Janeiro em seus escritos, sugerindo uma estante de literatura carioca para as bibliotecas, na qual estariam presentes:

Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Lima Barreto, Marques Rebelo, Nelson Rodrigues e Sérgio Porto, a seleção brasileira dos escritores que melhor entenderam o espírito do Rio de Janeiro ou a própria “alma encantadora das ruas”, como escreveu Paulo Barreto que, de tão carioca, adotou o pseudônimo de João do Rio. (CABRAL, 1993, p. 8)

---

<sup>5</sup> Texto presente em diversos sites, inclusive no link do Portal Anna Ramalho: <http://www.annaramalho.com.br/news/amigos-da-anna/luis-pimentel/10281-aldir-blanc-e-carioca-da-gema.html>

<sup>6</sup> Este texto é o prefácio do livro *Brasil Passado a Sujo – A Trajetória de uma Porrada de Farsantes* (1993), de Aldir Blanc.

Junto com esse time, um lugar cativo para Aldir Blanc se faz necessário, pois nas palavras de Sérgio Cabral (1993), “o Rio de Janeiro é isso que está nestas páginas; é a cabeça e o coração desse extraordinário Aldir Blanc”. É o cotidiano, especificamente carioca, que faz parte da literatura dos autores citados, e que se encontra no trabalho de Aldir de maneira muito bem construída.

Norma Pereira Rego, através do perfil que cria de Aldir Blanc no livro *Pasquim – Arenas do Rio* (1996), reafirma que o espaço urbano trabalhado pelo autor está relacionado diretamente ao subúrbio carioca referente à Zona Norte, pois os tipos retratados não encontram similaridades com os frequentadores da Zona Sul da cidade maravilhosa, a parte turística dela, e são formados especificamente de figuras que sempre fizeram parte de sua vida pela Rua dos Artistas e seus arredores, tanto nas características quanto na linguagem:

Seus tipos preferidos eram trocadores de ônibus, motoristas de táxis, vizinhas fofoqueiras, famílias enormes, bêbados tranquilos de botequins do bairro, todos falando ao mesmo tempo sobre sexo e futebol ou vastas comilanças e suas consequências malcheirosas. (REGO, 1996, p. 115-116)

No artigo “A Versatilidade Linguística de Aldir Blanc”<sup>7</sup>, Lúcia Deborah Araújo reforça o elemento de identidade entre Aldir Blanc e a Zona Norte do Rio de Janeiro, revelando “uma autêntica colagem de cenas da vida do povo” daquela região específica. Segundo a autora, Aldir consegue representar em seus textos “a vida do povo, o trabalho, o morro, o samba, a boêmia, o bar, o futebol, as crendices e as dores populares”, num trabalho em que aparecem “tanto a crueza da vida do povo como o seu lado engraçado, sem deixar de visitar os recantos da alma humana, complexa em sua natureza” (ARAÚJO, 2004, p. 107).

É, portanto, da descrição do dia a dia deste espaço urbano que a obra de Aldir Blanc se ocupa, demarcada pela linguagem, pelos hábitos, e, principalmente, pelas cenas que vão desde uma briga de casal até o mais abusado dos papos de boteco, respeitando sempre as especificidades daquele cotidiano retratado.

Encontramos, então, no modo com que Aldir Blanc coloca este cotidiano retratado em suas obras as devidas similaridades com os pensamentos de Maffesoli e Certeau, pois tal retrato é baseado na ideia de uma dinâmica própria, que escapa de modelos institucionalizados e que são regidos por uma ordem de poder.

---

<sup>7</sup> Artigo publicado no *Caderno Seminal Digital* Vol 1, nº 1, Jan/Jun-2004.



Pelos moradores de Vila Isabel e seus arredores da Zona Norte muitas das regras de uma sociedade organizada em estruturas comuns são desorientadas por seus diálogos e situações, beirando na maioria das vezes, como poderemos perceber nas crônicas analisadas e também nas outras obras de Aldir que citaremos no decorrer do trabalho, a famosa linha que transgride o politicamente correto.

A organização daquele espaço, por seu dinamismo e exclusividade no modo com que constrói as relações pessoais acabará refletindo dentro das crônicas suas especificidades, assim como apontavam Certeau e Maffesoli em seus textos, e este reflexo atingirá o nosso autor, principalmente por sua condição de morador, a tal ponto que seus escritos tornem-se retrato fiel daquele local.

Não é alguém de fora que retrata a dinâmica daquele subúrbio da Zona Norte como se fosse algo exótico, que destoe do Rio de Janeiro em geral, mas sim um morador de lá, alguém que interiorizou o modo de funcionamento daquele espaço de maneira tão intensa que não se levanta julgamento entre o agir correto ou não em determinadas situações, pois o que está em jogo é a lógica deste local, e não da sociedade regida por um poder organizacional.

Por se preocupar com o retrato do cotidiano nacional, com o recorte específico para o espaço urbano do subúrbio carioca da Zona Norte, obviamente a obra de Aldir Blanc versará sobre o futebol, que é um elemento constituinte não só daquele espaço, mas de qualquer referência cotidiana dentro do nosso país, como veremos no item seguinte, que trata da relação deste esporte com nosso dia a dia.

## 1.2 A RELAÇÃO ENTRE O FUTEBOL E O COTIDIANO

*O futebol é um rito através do qual o país se enxerga*  
José Miguel Wisnik<sup>8</sup>

Partindo da ideia levantada nesta epígrafe de José Miguel Wisnik, apresentaremos alguns outros pensamentos interessantes na seguinte parte do trabalho em que o ponto crucial de discussão é a representatividade do futebol dentro do cotidiano de nosso

---

<sup>8</sup> Frase presente na entrevista feita com o autor pela *Revista Brasil Almanaque de Cultura Popular*, ano 10, nº110, junho-2008.

país, buscando seu papel como elemento constituinte do nosso dia a dia, seja na prática tão constante deste esporte, ou nos discursos que ele gera, dos mais variados veículos de comunicação ao simples bate-papo das ruas. Entre alguns dos caminhos que representam o lugar do futebol em nossa cultura, o espaço da sociologia, da história e até mesmo o artístico – como é o caso deste trabalho em relação à literatura – surgem como possíveis abordagens.

Historicamente, o futebol inicia seu processo em nossas terras brasileiras ainda no final do século XIX trazido da Europa por jovens de famílias ricas que descobriram o esporte na Inglaterra, entre os quais, os nomes de Charles Miller, Oscar Cox e outros tornam-se de importância fundamental<sup>9</sup>. Portanto, a origem da sua prática é marcada pela elite que habitava os clubes da alta sociedade do país, incluindo nisso um forte senso discriminatório em que somente os brancos deste círculo podiam jogar.

Porém, como Nicolau Sevcenko (1994) nos apresenta em “Futebol, Metrôpoles e Desatinos”, texto presente no Dossiê sobre futebol da *Revista USP*, este esporte no Brasil passou pelo mesmo caminho transcorrido na Inglaterra, demarcado por uma “rapidez extraordinária da expansão da sua popularidade dentre as massas populares, especialmente no contexto das cidades industriais”, na qual “a massa da população trabalhadora se via toda envolvida, empolgada e ativamente empenhada nas batalhas simbólicas dos campos de futebol”, ou nas palavras do historiador Eric Hobsbawn, o futebol tornou-se “a religião leiga da classe operária”<sup>10</sup>. Estes traços, segundo Sevcenko, reforçavam tanto na Inglaterra quanto em outros lugares como o Brasil noções de

identidade e de solidariedade coletiva, de novas bases emocionais de coesão que substituíssem as comunidades e os laços de parentesco que cada um deixou ao emigrar, essas pessoas se vêem atraídas, dragadas para a paixão futebolística que irmana estranhos, os fazem comungarem ideais, objetivos e sonhos, consolida gigantescas famílias vestindo as mesmas cores. (SEVCENKO, 1994, p. 35)

No caso específico do Brasil, o autor destaca que o esporte após ter chegado aqui através dos trabalhadores e funcionários ingleses, tomou dois caminhos diferentes: “Um foi dos trabalhadores de estradas de ferro, que deram origem aos times das várzeas, o outro foi

---

<sup>9</sup> Para entender melhor sobre a importância destes nomes, recomenda-se a leitura dos livros *Charles Miller: O Pai do Futebol Brasileiro* (2005), de John Robert Mills, e *Futebol Brasil Memória: de Oscar Cox a Leônidas da Silva (1897-1937)* (2006), de Claudio Nogueira.

<sup>10</sup> Trecho presente no livro *Nações e nacionalismos desde 1870* (1989), de Eric Hobsbawn.

através dos clubes ingleses que introduziram o esporte dentre os grupos de elite” (SEVCENKO, 1994, p.36).

O tamanho da popularidade que o futebol alcançou nas duas primeiras décadas do século XX, principalmente no Rio de Janeiro e São Paulo que foram as duas grandes cidades em que ele mais se desenvolveu na época, era tão grande que a cada final de campeonato as cidades transformavam-se numa imensa loucura coletiva, tendo seu auge, como assinala o autor, em 1920, depois que o Brasil conseguiu seu primeiro título Sul-Americano.

Na comemoração desta que foi uma das primeiras grandes conquistas da seleção nacional, nas ruas destas cidades “foi preciso colocar os jogadores vencedores em carro de bombeiro, controlar a multidão com cordas, cães e cacete e deixar a festa rolar por uma semana inteira” (SEVCENKO, 1994, p. 36). Para Sevcenko, tal popularidade incalculável acabou desaguando na relação deste esporte com sua exploração política ao bel-prazer

a partir de Washington Luis, que se dizia “governador-desportista”, os líderes políticos foram aprendendo a estimular e tentar tirar proveito desses momentos de catarse e união nacional espontânea, procurando convertê-los em legitimação emocional de seus próprios projetos políticos. As vitórias nas Copas do Mundo vieram consagrar esse processo. Identidade nacional, futebol, nacionalismo, carnaval e união de todos viraram praticamente sinônimos. Se com o futebol as pessoas tentavam compensar toda riqueza dos laços afetivos de que se viram privadas pelo advento da Revolução Científico-Tecnológica e das grandes cidades, com a globalização dos meios de comunicação e as políticas de massas, o futebol tem se tornado uma espécie de carta de penhor do populismo, agitada em contrapartida a essa enorme demanda emocional, como se os líderes ao afagarem essa dívida afetiva criassem um sucedâneo simbólico para as carências relegadas com cínica indiferença. (SEVCENKO, 1994, p. 36-37)

Ao lado disso tudo, este esporte nas primeiras décadas do século XX acabou se tornando um cenário recorrente da luta pela aceitação de atletas negros dentro dos times e também pela profissionalização dos jogadores, situações estas que foram discutidas na obra que é considerada o mais importante documento sobre o estudo do futebol no Brasil: *O Negro no Futebol Brasileiro*, de Mario Filho<sup>11</sup>.

---

<sup>11</sup> Apesar de ser a maior referência nos estudos sobre o futebol no Brasil, existem algumas polêmicas e discussões sobre a validade das informações históricas presentes no texto, pois estas não aparecem aqui com a precisão que se espera de um livro documental. Tais discussões são devidamente detalhadas dentro da obra de Marcelino Rodrigues da Silva, *Mil e Uma Noites de Futebol - O Brasil Moderno de Mario Filho* (2006), em que aborda a importância de Mario Filho para a imprensa esportiva brasileira, inclusive analisando a repercussão das ideias presentes no livro *O Negro no Futebol Brasileiro*.

Logo no prefácio deste livro, feito por ninguém menos que Gilberto Freyre, um dos poucos sociólogos de sua época que colocará a própria tese sobre a formação do povo brasileiro a serviço de uma reflexão do futebol<sup>12</sup>, temos a preocupação de criar um ideal que difere o nosso futebol dos outros, mostrando que algumas características nacionais relevantes podiam aparecer numa outra perspectiva dentro do futebol. Segundo o autor, o futebol adquiriu o “caráter particularmente brasileiro” como

o meio de expressão, moral e socialmente aprovado pela nossa gente - pelo Governo, pela Igreja, pela Opinião Pública, pelo Belo Sexo, pela Imprensa - de energias psíquicas e de impulsos irracionais que sem o desenvolvimento do futebol - ou de algum equivalente de futebol - na verdadeira instituição nacional que é hoje, entre nós, teriam provavelmente assumido formas de expressão violentamente contrárias à moralidade dominante em nosso meio. (FREYRE, 1947, p. 24-25)

Entre os diferentes objetos que representam o desenvolvimento do futebol no Brasil no patamar de uma “verdadeira instituição brasileira”, Gilberto Freyre fala da incorporação, mesmo que irracional, de elementos “de nossa formação social e de cultura”, como “a capoeiragem e o samba” tão presentes no modo de jogar de um Domingos da Guia ou Leônidas da Silva, os grandes craques dessas primeiras décadas do futebol brasileiro, que deram ao esporte a “autenticidade brasileira, um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca” (FREYRE, 1947, p.25).

Nesse pensamento de um “esporte-quase-dança”, o sociólogo destaca a diferenciação do que o futebol se tornou em nosso país em relação aos outros que o praticam:

Com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é. A dança dançada baianamente por um Leônidas; e por um Domingos, com uma impassibilidade que talvez acuse sugestões ou influências ameríndias sobre sua personalidade ou sua formação. Mas de qualquer modo, dança. (FREYRE, 1947, p. 25)

Depois do prefácio, vemos nos capítulos do livro de Mario Filho a história do futebol brasileiro construída desde os seus anos iniciais até a Copa do Mundo de 1962, no Chile. Começando, portanto, nas raízes do futebol no Brasil, a predominância da prática

---

<sup>12</sup> Para saber mais sobre outros textos de Gilberto Freyre em que o futebol aparece, recomenda-se a leitura do artigo “Gilberto Freyre e o Futebol-Arte”, de Túlio Velho Barreto, publicado na *Revista USP*, nº62, de agosto de 2004.

futebolística nos clubes da elite nacional é retratada inicialmente, para desembocar na popularização deste esporte nas peladas de rua e nos clubes operários, após a década de 1910.

O conflito racial na descrição de Mario Filho é marcado pela luta dos negros para conseguirem seu espaço no futebol brasileiro, primeiramente pela abertura feita pelos clubes mais populares como Vasco da Gama, Bangu e São Cristovão, que vai gerar a reação dos clubes elitistas em criar a Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA)<sup>13</sup>, que conseguiu excluir o Vasco da Gama do campeonato de 1924, justamente por ter em seu elenco jogadores negros e mestiços.

Na visão do autor, “a ascensão social do negro” (nome do quarto capítulo, que encerra a primeira versão deste livro) passa pela crise do amadorismo e da debandada de vários jogadores para clubes de fora do país, para, somente depois da Copa de 1938, atingir a consagração com as grandes atuações e o respeito adquirido pelos jogadores negros Leônidas da Silva e Domingos da Guia.

Em 1964 o autor publica novas edições do livro com o acréscimo de dois capítulos que abordam o período da Copa de 1950 no Brasil até a Copa do Mundo de 1962, no Chile. Nestes capítulos, a saga da luta racial ganha mais traços de drama na Copa do Mundo de 1950, na qual toda a culpa da derrota para o Uruguai na final trágica no Maracanã cai em cima dos jogadores negros, principalmente no goleiro Barbosa, reafirmando o pensamento de exclusão que parecia superado.

As Copas de 1958 na Suécia e 1962 no Chile acabam culminando, no pensamento de Mario Filho, num final feliz para estes conflitos, em que a estrela de Garrincha e, principalmente, Pelé, redimem todas as injustiças sofridas. Em relação a Pelé, o autor o vê poeticamente conseguindo “completar a obra da Princesa Isabel” (MARIO FILHO, 1947, p. 496).

Após termos exposto historicamente a evolução do futebol no Brasil, entramos nas análises do valor que este esporte vai adquirir por aqui, entre as quais, começamos pela apresentação do conhecido Dossiê sobre o futebol feito pela *Revista USP*, em seu número 22 de 1994. Ali o professor do departamento de sociologia da USP José Carlos Bruni reclama que o futebol, na simplificação de valores que aplicam a ele,

---

<sup>13</sup> Para entender melhor essa situação, recomenda-se a leitura da reportagem feita pelo *Globoesporte.com*, intitulada “Vascaína e anti-racista, ‘Resposta Histórica’ completa 85 anos”, publicada em 07/04/09, no seguinte link: <http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Vasco/0,,MUL1077329-9877,00.html>

mal deixa entrever o universo de significações simbólicas, psíquicas, sociais, culturais, históricas, políticas e econômicas inesgotáveis que envolvem multidões, encontradas no público em geral, nas torcidas organizadas, nos jogadores e equipes técnicas e burocráticas, concentradas em torno de um espetáculo que empolga sociedades, nações, países, estados, em esfera planetária, mobilizando milhões de dólares conquistando a adesão cada vez maior de pessoas de todas as camadas sociais. (BRUNI, 1994, p. 7)

Nessa impressionante gama de significações e espaços que o futebol atinge diretamente, com um peso ainda mais relevante no Brasil que tem suas bases de identidade e nacionalidade construídas em paralelo com uma porcentagem do ideal futebolístico, a intensa produção de discursos que ele gera compreende um alcance inimaginável na função de “complexo fenômeno de comunicação de massa”, como aponta o autor Marcelino Rodrigues da Silva, em sua dissertação intitulada “O Mundo do Futebol nas Crônicas de Nelson Rodrigues” (1997):

os cantos e gritos de guerra das torcidas, as "conversas de botequim", o discurso verbal do jornalismo impresso, radiofônico e televisivo, a iconografia impressa dos jornais e revistas, o discurso imagético da televisão e do cinema, etc. Discursos que são produzidos e consumidos diariamente por um grande número de pessoas e que ocupam um espaço bastante significativo em nossa cultura. (SILVA, 1997, p.8)

Para Marcelino (1997), esses discursos consumidos tão intensamente dentro do cotidiano nacional refletem num caráter semiótico que o futebol pode estabelecer, capaz de produzir sentidos variados “aos personagens, instituições e acontecimentos do universo futebolístico brasileiro”, tornando-o um “sistema de significação extremamente dinâmico e especialmente relevante dentro do universo cultural brasileiro”, entre os quais se pode destacar algumas representações como estas:

Os jogadores tornam-se grandes ídolos populares, encarnando desejos e aspirações da coletividade; os clubes se identificam com certas parcelas da população e passam a representá-las (os "times da elite", os "times da massa", os clubes ligados a colônias de imigrantes, etc); os jogos e campeonatos são tomados como representação de conflitos sociais; as histórias das vitórias nas competições internacionais se transformam em grandes épicas de exaltação da nação; etc. (SILVA, 1997, p. 9)

Na elaboração deste pensamento, o autor busca na introdução do livro *Elementos de Semiologia* (1993), de Roland Barthes, a sustentação da ideia de que “perceber o que significa uma substância é, fatalmente, recorrer ao recorte da língua” e que “sentido só existe quando denominado, e o mundo dos significados não é outro senão o da linguagem”

(BARTHES, 1993, p. 12). No caso do “recorte da língua” feito por Marcelino Rodrigues da Silva, o processo que ele abrange – “a análise do funcionamento do futebol como sistema de significação” – recorre aos “discursos que a sociedade produz a partir do jogo de futebol”, especificamente na imprensa esportiva, que é “um lugar privilegiado para a produção e a cristalização dos sentidos que o imaginário social brasileiro atribui aos acontecimentos, personagens e instituições do mundo do futebol” (SILVA, 1997, p. 40).

O antropólogo Roberto DaMatta é outro importante estudioso que coloca o futebol numa relação explícita perante a sociedade brasileira, com alguns textos fundamentais sobre o assunto, entre eles o famoso ensaio “Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social” e a organização do livro *Universo do Futebol: esporte e sociedade Brasileira* (1982)<sup>14</sup>. Para este autor, o futebol atua “como um ritual, um drama no qual pelo jogo se salientavam alguns aspectos da sociedade brasileira”, ou indo mais além, “é uma das mais recorrentes metáforas da vida (e dos seus dilemas) tal como ela é idealizada entre nós”<sup>15</sup>. Sua perspectiva, como vemos no ensaio citado acima, é a de que o “futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico – entre outros – pelo qual a nossa sociedade fala, apresenta-se, rebela-se, exhibe-se, deixando-se descobrir” (DAMATTA, 1982, p. 21).

Flávio Aguiar, no texto “Notas sobre o futebol como situação dramática”<sup>16</sup>, também coloca o futebol como um forte poder simbólico para representar a nossa sociedade e, conseqüentemente, a vida brasileira. Para isso, partindo da análise de perfis como o espaço do estádio, a significação do juiz, a representatividade de um gol ou até mesmo os caracteres emblemáticos que os jogadores apresentam, o autor discorre sobre o encontro de

---

<sup>14</sup> Neste livro, além do ensaio “Futebol: ópio do povo ou drama de justiça social” do próprio autor e organizador Roberto DaMatta, encontram-se artigos de Luiz Felipe Baêta Neves, Simone Guedes e Arno Vogel. Segundo o professor do Departamento de Letras e Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e antropólogo Édison Luis Gastaldo, numa entrevista para a revista *IHU On-Line*, este livro é um marco na história sobre o estudo do futebol em nossa sociedade, pois nele “o futebol é apresentado sob uma nova luz, pensado como um fato social em si mesmo e interpretado por da Matta e seus outros colegas que participaram do livro como uma espécie de drama da vida social no Brasil. Segundo essa perspectiva, num campo de futebol, dramatizam-se elementos profundos da cultura brasileira. Não só não é alienação, como ele é um caminho potencial para descobrirmos verdades profundas sobre a nossa cultura, sobre quem somos. Dentro de um campo de futebol, dramatizam-se valores e aspectos fundamentais do que significa ser brasileiro”.

<sup>15</sup> Trechos presentes na entrevista do autor para o *Instituto Humanitas Unisinos*, que se encontra no seguinte link: <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticias-antiores/3317-iguais-so-em-campo-roberto-damatta-lanca-o-livro-a-bola-corre-mais-do-que-os-homens>

<sup>16</sup> Texto presente no livro *Cultura Brasileira: Temas e Situações* (1987), organizado por Alfredo Bosi.

configurações da dramaticidade que o jogo de futebol carrega em seu íntimo, podendo encontrar em seus praticantes

o trágico, o cômico, o tragicômico; o satírico, o irônico, o aventureiro; o mítico, o realista, o burlesco, o eufórico, o agônico, o funéreo; o pastoral, o delicioso, o torturante; o inaugural, o fértil, o *carpe diem*; o religioso, o pagão, o blasfemo; o faminto e sedento, o saciado e satisfeito, o orgiástico. (AGUIAR, 1987, p. 151)

Mais um texto que configura estas ideias é “O futebol no Brasil”, de Anatol Rosenfeld, que foi escrito para o público alemão e publicado no Brasil no livro *Negro, Macumba e Futebol* (1993). Segundo o autor, o futebol em nosso país assume as marcas de impulsos primitivos e tensões da sociedade através de uma expressão simbólica retratada nas organizações das massas populares, ou nas palavras do próprio Rosenfeld:

O futebol leva a uma catarse das massas, a uma descarga do ser animal – cuja motivação em sua escala de valores não vem ao caso – e a uma sublimação de tensões que, como se mostrou, contam, no Brasil, com uma abundância extraordinária de pontos de cristalização e de condensação. (ROSENFELD, 1993, p. 106).

Uma análise que estende este princípio do futebol como objeto inerente ao cotidiano nacional até o ponto de ele compreender pensamentos específicos da formação de nossa sociedade é vista no livro *Veneno Remédio – O Futebol e o Brasil* (2008), de José Miguel Wisnik, que através de algumas abordagens construídas em paralelos encontrados na literatura, música, cinema, história e sociologia, explora raciocínios presentes na relação deste esporte.

A ideia do título formado pela antinomia “veneno remédio” parte de três das mais importantes explicações da formação do Brasil: *A Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Junior; *Casa-grande & Senzala*, de Gilberto Freyre; e *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda.

Para Wisnik, a interpretação da formação do Brasil feita pelos três converge com a visão de características que aparentam ser ora um *veneno* (danoso, ruim) em nossa sociedade – a ideia de Caio Prado Junior carregando essa significação –, ora um *remédio* (o que difere de forma positiva) – distinguido na obra de Gilberto Freyre –, ou o meio termo de carregar os dois princípios – que deságua em Sérgio Buarque de Holanda:



Uma revisitação aos intérpretes do Brasil da década de 30 nos faz lembrar de quanto está contida e rebatida, neles, a concentração de visadas positivas e negativas que se manifestam cruzadas nos fenômenos do grande escritor e do grande jogador. Pode-se dizer que as características da “formação do Brasil contemporâneo” em Caio Prado Junior aparecem ao maior analista do nosso atraso como um veneno contaminante, que o mesmo processo, visto por Gilberto Freyre em *Casa-grande & senzala*, ganha as propriedades de um remédio – a ideia da civilização mestiça e original nos trópicos; e que em *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda, essa formação destila um implícito e ambivalente veneno remédio – o “homem cordial” afetivo e arbitrário, afável e truculento, personalista e inconsequente. Essas diferenças podem ser vistas como modulações de um mesmo campo problemático em que a *droga*-Brasil, aparecendo ora num polo, ora noutro, resiste como um fármaco rebelde à neutralização. (WISNIK, 2008, p. 409)

Perspectivas tão opostas como o caso de Caio Prado Junior e Gilberto Freyre, acabam por definir dois paradigmas que “não se soldam, mas também não se soltam, simetricamente unidos pelo ponto cego que converge neles”(WISNIK, 2008, 417). Se em Caio Prado Junior temos a “ênfase na empresa colonial conjugada a uma sociedade amorfa”, e em Gilberto Freyre o retrato de uma “família patriarcal como usina de contatos híbridos”, José Miguel Wisnik indaga “o vértice oculto para o qual apontam ambos, na sua intrigante conjugação antitética”, sendo esta geradora da “imbricação do público e do privado, a mistura do interesse particular com a vida das instituições, a confusão característica entre a política e a economia, a personalização e a privatização das instâncias representativas da coletividade” (Idem, *ibidem*, p. 417).

É neste espaço conflituoso que a teoria de Sérgio Buarque de Holanda acaba por encontrar tanto o *veneno* de Caio Prado quanto o *remédio* de Freyre, pois ele distingue a “permeabilidade, para o bem e para o mal, entre o público e o privado no mundo cordial personalista”, que nas palavras de Wisnik, é

a mesma permeabilidade que faz ferver de apelidos e diminutivos característicos o panteão de jogadores do futebol brasileiro, em contraste cabal com as escalações de todo o resto do mundo ocidental, simbolizado por “sobrenomes”. A mesma permeabilidade que é inseparável, certamente, do estilo singular de jogo que grassou no Brasil. [...] essa disposição ambivalente e mal servida de limites” e que “produziu ao mesmo tempo a informalidade e a impunidade, o carnaval e o favorecimento ilícito, o estilo versátil e a irresponsabilidade, a afabilidade e a truculência, a invenção original e a ignorância básica, a mistura e o imobilismo. (WISNIK, 2008, p. 417-418).

Tal perspectiva, no caso específico do futebol, segundo as palavras de Wisnik, vai ser vista como uma

reserva coletiva inesgotável de futebol criativo nas mãos de dirigentes que a dilapidam em benefício próprio; uma cultura notável pelo seu alcance inventivo, que germina na incultura; um gigantesco deslocamento das energias produtivas para a esfera lúdica, que só retorna sobre as outras áreas da vida como produção de ilusão fugaz, deixando os problemas intocados. . (WISNIK, 2008, p. 418).

Divergindo, portanto, das inúmeras teses que existem posicionando o futebol como um produto redentor de nossa cultura, mas sem colocá-lo também na categoria de “ópio do povo” como fazem os teóricos que desprezam este esporte, Wisnik consegue apontar um caminho original para ler o futebol no Brasil (ou o Brasil no futebol), sendo “seu veneno e seu remédio prodigioso”:

[o futebol é] um mecanismo de fuga entre outros se não fosse, ao mesmo tempo, o campo em que a experiência brasileira encontrou uma das vias privilegiadas para atravessar o seu avesso e tocar as fraturas traumáticas que nos constituem e permanecem em nós como um atoleiro. Ele é a confirmação do paradoxo da escravidão brasileira como um mal nunca superado e, ao mesmo tempo, como um bem valioso em nossa existência, não pela escravidão enquanto tal – o que é óbvio e gritante aos céus -, mas pela amplitude de humanidade que desvelou. Por isso mesmo, ele figura como redenção e como falha irresolvida, como o remédio irremediável em que pendulamos, na incapacidade de estender os seus dons vitoriosos e potentes às outras áreas da vida nacional – em especial à educação e à política, com implicações para todo o resto. E a mesma cegueira faz com que se queira gozar os seus efeitos como se fossem dados de presente e desde sempre e que se recuse a reconhecer o custo permanente de sua construção. (WISNIK, 2008, p. 407-408)

Se a própria definição de nossa sociedade passa por este ponto conflituoso, nada mais significativo do que o futebol transformar-se num interessante espaço de leituras possíveis desse cotidiano nacional, afinal, este não se desenvolve à margem dela.

Nos paralelos construídos dentro do livro, Wisnik aborda dois pensamentos que traz da literatura para definir a função do futebol na vida nacional e a relação destes pensamentos na formação de nossa sociedade: a “ordem e a desordem” da “Dialética da Malandragem”, de Antônio Candido, e o emplastro de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

O primeiro pensamento da gangorra entre a “ordem e a desordem” que caracteriza a sociabilidade brasileira nas ideias da “Dialética da Malandragem”, de Antônio Candido<sup>17</sup>, pode ser ilustrado no futebol quando o torcedor comemora a vitória independentemente da forma em que esta veio, até mesmo se for em algum lance ilegal, ou a

---

<sup>17</sup> Clássico ensaio publicado na *Revista do Instituto de estudos brasileiros*, nº 8, de 1970.

constante “malandragem” dos jogadores em “cavar” faltas na insistente busca de ludibriar o juiz da partida.

No segundo pensamento, o emplastro imaginado pelo personagem Brás Cubas no livro de Machado de Assis, que é ao mesmo tempo uma promessa de *alívio de nossa melancólica humanidade*<sup>18</sup>, mas que leva o seu inventor à morte antes mesmo de conseguir inventá-lo, aparece como um paralelo da forma como o brasileiro enxerga o futebol, pois ao mesmo tempo em que vemos nele uma possível redenção de nossa inferioridade perante as nações estrangeiras, também perdemos o alcance disso, seja com a retirada de nossos ídolos, com a corrupção que ocorre nos bastidores deste esporte ou com as derrotas que não são bem assimiladas.

É, portanto, da compreensão da presença massiva do futebol dentro do cotidiano nacional que partimos nossa análise, pois, ao se colocar como parte integrante do dia a dia, obviamente se torna capaz de gerar discursos variados como os que refletirão na linguagem do espaço urbano que cerca o autor Aldir Blanc.

Tais discursos deste esporte ganham tanta força em nossa cultura que até a aparição de elementos míticos do futebol torna-se possível, como é o caso de alguns jogadores, jogadas e grandes jogos que se imortalizam numa rede de significados que podem ser construídos através de suas histórias.

Depois destas análises sobre o valor deste esporte dentro de nossa sociedade, elencaremos no próximo item do trabalho alguns nomes que souberam tratar o futebol de maneira característica na literatura brasileira, seja em contos, crônicas, poesias ou romances, colocando à prova sua importância em nosso dia a dia, a tal ponto de tornar-se um tema recorrente capaz de ser trabalhado por autores dos mais variados gêneros.

### 1.3 A LITERATURA E O FUTEBOL

*Intelectual brasileiro não sabe bater escanteio.*  
José Lins do Rego<sup>19</sup>

<sup>18</sup> Citação de um trecho do livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis.

<sup>19</sup> Célebre frase do apaixonado por futebol José Lins do Rego que se encontra presente na obra *Bolas e Bocas – Frases De Craques e Bagres do Futebol* (2003), de Mauro Beting.

O que tem em comum um time de escritores formado por grandes craques como Clarice Lispector, Hilda Hilst, Rachel de Queiroz, Antônio de Alcântara Machado, Armando Nogueira, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Heitor Cony, Chico Buarque, Coelho Netto, Fernando Sabino, Flávio Carneiro, Graciliano Ramos, Ignácio de Loyola Brandão, João Antônio, João Cabral de Melo Neto, João do Rio, João Ubaldo Ribeiro, José Lins do Rego, José Miguel Wisnik, Lima Barreto, Luiz Fernando Veríssimo, Luiz Ruffato, Luiz Vilela, Mario de Andrade, Mario Filho, Moacyr Scliar, Nelson Rodrigues, Orígenes Lessa, Oswald de Andrade, Plínio Marcos, Rubem Fonseca, Sergio Porto, Sérgio Sant'Anna, Vinicius de Moraes e tantos outros?

Todos estes, em algum momento da carreira literária, seja em crônicas, contos, poemas ou romances, escreveram algo diretamente relacionado ao futebol, alguns mostrando paixão e conhecimento (como Nelson Rodrigues e José Lins do Rego) e outros declarando ódio direto (as famosas perseguições ao esporte feitas por Graciliano Ramos e Lima Barreto).

Apesar do número reduzido de estudos abordando as obras com o futebol destes autores, é possível encontrar muitos destes textos em coletâneas conhecidas desta temática de futebol e literatura, entre elas, *A Palavra É... Futebol* (1990), organizada por Ricardo Ramos; *A Cabeça do Futebol* (2009), organizada por Gustavo de Castro, Samarone Lima e Carlos Magno Araújo; *Gol de Letra – futebol na Literatura Brasileira* (1967), organizada por Milton Pedrosa; *Contos e Causos do Futebol – Paixão e Ficção* (2009), organizada por Luis Pimentel; *Donos da Bola* (2006), organizada por Eduardo Coelho; e a série organizada por Flavio Moreira da Costa, que se inicia com a primeira edição de 1986 chamada *Onze em Campo*, tem uma segunda edição em 1998 chamada *Onze em Campo e um Banco de Primeira*, e termina numa terceira edição em 2006 com o título de *22 Contistas em Campo*.

Dos cronistas e contistas, encontramos em Nelson Rodrigues, Mario Filho, Thomaz Mazzoni, José Lins do Rego, Antônio de Alcântara Machado e Armando Nogueira a verdadeira tradição dos textos com este esporte presentes nos dois gêneros, e que vão refletir – se não no estilo, na vontade de escrever alguma coisa mínima que seja sobre futebol – em nomes como João Antônio, Chico Buarque, Luiz Fernando Veríssimo, Paulo Mendes Campos, Carlos Heitor Cony, Fernando Sabino, Flávio Carneiro, Ignácio de Loyola Brandão, Luiz Ruffato, Luiz Vilela, Orígenes Lessa, Plínio Marcos, Rubem Fonseca, Sérgio Porto,

Sérgio Sant'Anna, Monteiro Lobato, Xico Sá, Carlos Drummond de Andrade, José Roberto Torero, Claudio Lovato Filho, Tostão, o nosso objeto central da pesquisa Aldir Blanc e até mesmo Clarice Lispector. Aliás, os cronistas aqui citados serão analisados mais à frente no trabalho.

Na poesia, temos uma variação que vai de autores que não gostam deste esporte como Oswald de Andrade e Mario de Andrade, até os verdadeiros apaixonados como Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes, João Cabral de Melo Neto (chegou a ser jogador juvenil profissional e campeão pelo Santa Cruz), Armando Freitas Filho, Ascenso Ferreira, Ferreira Gullar, Glauco Mattoso, Décio Pignatari e muitos outros.

Encontramos o futebol na literatura infantojuvenil também, com livros premiados como *Pobre Corinthiano Careca*, de Ricardo Azevedo, ganhador do Prêmio APCA – 1995; *Uma História de Futebol*, de José Roberto Torero, ganhador do prêmio de Altamente Recomendável pela FNLIJ; *Um Garoto Chamado Rorbetto*, de Gabriel, O Pensador, ganhador do Prêmio Jabuti – Melhor livro infantil 2006; e até mesmo *O Menino Maluquinho*, de Ziraldo, um dos livros mais premiados da nossa literatura infantojuvenil. Aldir Blanc também entra nessa lista com o livro *Uma Caixinha de Surpresas* (2010).

Apesar de poucos, ainda é possível apontar alguns romances que têm o futebol como elemento participante da trama, dos quais destacamos o que é considerado o primeiro livro com essa temática, *Flô, o Goleiro Melhor do Mundo* (1941), de Thomaz Mazzoni, e outros como *Água Mãe* (1941), de José Lins do Rego, *Os Interesses da Companhia* (1942), de Gilberto Amado, *Romance do Futebol* (1949), de Mário Filho, *Informação ao Crucificado* (1961), de Carlos Heitor Cony, *Passagem dos Inocentes* (1984), de Dalcídio Jurandir, *A Colina dos Suspiros* (1999), de Moacyr Scliar, *Memórias de Uma Bola de Futebol* (2002), de Renato Pompeu, *Segunda Divisão* (2005), de Clara Arreguy, e *Em Campo Aberto* (2011), de Claudio Lovato Filho.

Como ficou perceptível nas listas acima, não só textos de autores masculinos aparecem na relação da literatura e o futebol, pois mulheres como Anna Maria Martins, Ruth Rocha, Clarice Lispector, Edla van Steen, Elianne Diz de Abreu, Clara Arreguy, Hilda Hilst e Rachel de Queiroz deixaram suas linhas sobre o assunto também de forma marcante.

Embora seja extenso o número de escritores, o futebol nem sempre foi visto com bons olhos pelos literatos brasileiros, a começar pela resistência de dois grandes nomes de nossas letras: Lima Barreto e Graciliano Ramos.

Para Lima Barreto, o futebol era um grande mal que contribuía para a desorganização da vida urbana em nossa sociedade, pois entre suas bases, enxergava não somente repetição de um estrangeirismo que copiava hábitos ingleses sem nenhum conteúdo nacional, como também criticava a elitização que ainda era bastante vigente nas décadas que o autor escrevia, como o caso da proibição dos negros em praticar tal esporte. Sua verve contra o futebol foi inflamada em uma série de artigos em jornais e revistas da época e quase geraram a Liga Brasileira contra o Futebol<sup>20</sup>, que apesar de alguns adeptos, acabou não saindo do papel por questões financeiras.

Como todo bom conflito que se preze, tinha um outro personagem respondendo seus ataques: o também homem das letras Coelho Neto<sup>21</sup>. A troca de farpas entre os dois autores – um que atacava brutalmente o esporte, e outro que o defendia com afinco – é considerada uma das mais famosas rixas de nossa literatura, e foi retratada no livro *Lima Barreto versus Coelho Neto: Um Fla-Flu Literário* (2010), de Mauro Rosso, cuja rivalidade entre os dois faz referência a um dos mais famosos clássicos do futebol nacional.

Em Graciliano Ramos, o ataque ao esporte ocorreu na famosa crônica “Traços a Esmo”<sup>22</sup>, em 1921, publicada no periódico *O Índio*, de Palmeira dos Índios-AL, e que teve maior repercussão em 1994 quando foi publicada no Caderno D/Especial-Domingo, do *Estado de São Paulo*. Entre as acusações contra o futebol, destaca-se a efemeridade de uma moda que não iria pegar no país, muito menos a ideia de educação física que não teria cabimento num povo formado, “em geral”, por “franzinos, mirrados, fraquinhos, de uma pobreza de músculos lastimável”<sup>23</sup> igual ao nosso.

Obviamente, apesar de atribuírem a opinião de Graciliano Ramos a um enorme equívoco, na verdade, como nos diz Antonio Jorge G. Soares e Hugo Rodolfo Lovisololo no artigo “O futebol é fogo de palha: a "profecia" de Graciliano Ramos” (2001), o

<sup>20</sup> Para compreender melhor o que era a Liga Brasileira contra o Futebol, recomenda-se a leitura da carta-resposta publicada pelo autor na Revista “Caretá”, de 08/04/1922, e que se encontra presente também no livro *Marginália* (1953).

<sup>21</sup> Como não podemos deixar de destacar, a relação com o futebol que Coelho Neto carregava não tinha nada de neutra, afinal, seus filhos João (Preguinho) e Emanuel (Mano) foram grandes jogadores que marcaram época no Fluminense, sendo Preguinho o responsável ainda pelo primeiro gol marcado da Seleção Brasileira numa Copa do Mundo, mais precisamente na Copa de 1930, no Uruguai.

<sup>22</sup> Para ler a crônica na íntegra, acesse o link: <http://www.efdeportes.com/efd10/palha1.htm>

<sup>23</sup> Trechos presentes na crônica “Traços a Esmo”.

que se pode ver na ideia desenvolvida pelo autor é uma crítica ao descaso governamental com os sertões brasileiros, onde a pobreza só aumentava e que pensar num esporte como esse seria um absurdo.

Outros dois autores que não viam o futebol com bons olhos para a nossa literatura e que também compraram suas brigas contra o esporte foram os modernistas Mario de Andrade e Oswald de Andrade. Segundo Bernardo Borges Buarque de Hollanda, no ensaio “O futebol como alegoria antropofágica: modernismo, música popular e a descoberta da "brasilidade" esportiva”<sup>24</sup>, na visão destes autores, o futebol representava, por sua origem legitimamente inglesa, uma dependência cultural aos hábitos e costumes europeus, relacionando esta importação do futebol como a representação da “adoção de mais um artigo de luxo, com sua linguagem integralmente inglesa e seu vestuário britânico desconhecido” (HOLLANDA, 2011, p. 4).

Tal afirmação ganhava ainda mais força na visão modernista por causa da aceitação massiva deste esporte pelas elites do Rio de Janeiro e de São Paulo, despertando somente o desprezo e repúdio destes escritores:

O menosprezo ou o repúdio dos escritores modernistas em relação ao futebol ocorria na proporção em que ele vinha no bojo dessas mudanças. O futebol, subproduto de importação, provinha de uma matriz europeia transplantada por uma elite anglófila e francófila, ávida por novidades e exotismos. Sob a égide do nativismo, do primitivismo e do nacionalismo modernista, o futebol constituía mais um fenômeno típico da *dependência cultural* brasileira e situava-se no mesmo processo de formação homogênea de uma sociedade urbano-industrial. A importação do futebol representava a adoção de mais um artigo de luxo, com sua linguagem integralmente inglesa e seu vestuário britânico desconhecido. (HOLLANDA, 2011, p. 5)

Em Mario de Andrade, temos a imagem do futebol como algo que, embora significativamente forte no dia a dia do habitante de São Paulo daquela época, não passava de uma moda fútil entre as muitas que aportavam vindas da Europa. Duas referências conhecidas feitas na obra deste autor ocorrem, primeiramente, no poema de *Paulicéia Desvairada* (1922) que acompanhamos a seguir:

---

<sup>24</sup> Ensaio publicado no *Dossier thématique : Brésil, questions sur le modernisme*, Numéro 1, de 2011. Além do ensaio citado, o autor também escreveu sobre o assunto no livro *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego* (2004).

Hoje quem joga ?...  
 O Paulistano  
 Para o Jardim América das rosas e dos pontapés !  
 Friedenreich fez goal ! Corner ! Que juiz !  
 Gostar de Bianco ? Adoro. Qual Bartô...  
 E o meu xará maravilhoso !...  
 – Futilidade, civilização...  
 (ANDRADE, s.d., p. 47)

No poema, apesar de chamar a atenção para a empolgante movimentação social relativa a este esporte, a conclusão não escapa da taxaço de objeto de elite. O mesmo julgamento se faz presente em *Macunaíma* (1928), colocando a prática futebolística como uma das três pragas nacionais, juntamente com o bicho-do-café e da lagarta rosada.

Na obra de Oswald, o mesmo aspecto da praga exportada que nada acrescentava ao nacional vem à tona, como vemos no poema “Bungalow das rosas e dos pontapés”, presente no livro *Memórias sentimentais de João Miramar* (1924):

Bondes gols  
 Aleguais  
 Noctâmbulos de matches campeões  
 E poeira  
 Com vesperais  
 Desenvoltas tennis girls  
 No Paulistano  
 Paso doble.  
 (ANDRADE, 1991, p. 88)

No poema, o futebol representa o aspecto do cosmopolitismo que permeia aquela São Paulo do início de século, na tentativa de se proclamar também na busca de sua europeização. Algum tempo depois, Oswald escreveria um artigo para o *Estado de São Paulo* referindo-se ao futebol como um elemento forte de alienação, assim como a religião, o cinema e a política, pensamento este, obviamente influenciado pelos ideais marxistas que permearam algumas de suas obras daquela época, entre elas, *O Homem e o Cavalo* (1934).

O futebol só ganha o devido reconhecimento como objeto de importância entre os modernistas na obra de Antônio de Alcântara Machado. Aliás, este autor era filho do político e jurista José de Alcântara Machado de Oliveira, que foi considerado Presidente Honorário do Corinthians numa justa homenagem pela sua decisiva participação para a criação do primeiro estádio do clube na Ponte Grande, em 1918<sup>25</sup>.

<sup>25</sup> Essa história pode ser melhor entendida no livro *Timão 100 anos - 100 jogos - 100 ídolos* (2009), em que se encontram referências à importância de José de Alcântara Machado de Oliveira para o clube paulista.



No livro *Brás, Bexiga e Barra Funda*, lançado em 1927, Antônio de Alcântara Machado consegue colocar em dois de seus contos – “Corinthians (2) VS Palestra (1)” e “Gaetaninho” – o futebol não mais como um espaço ilustrativo, mas sim como o centro da obra, inclusive na linguagem, como salienta Sevcenko:

A percepção de como o futebol propicia uma angulação privilegiada para entender o funcionamento da sociedade de massas de base tecnológica fica entretanto patente no caso de Alcântara Machado como em nenhum outro. Antes de tudo pela reformulação sintática da linguagem, como vimos, transformada por uma operação energética que a mantém não apenas aderida à ação em curso, mas sobretudo atuando como uma vibração fática a partir da qual só os estímulos à atividade corporal e coletiva legitimam seja o discurso seja a comunicação. (SEVCENKO, 1994, p. 32)

Outro que chama atenção para o exercício modernista tão bem elaborado na obra de Alcântara Machado é o crítico Alfredo Bosi, apontando nos contos deste livro a tradução mais expressiva do espaço urbano relacionado à capital paulista:

Voltado para a vida da sua cidade, Alcântara Machado soube ver e exprimir as alterações que trouxera à realidade urbana em um novo personagem: o imigrante. O enxerto que o estrangeiro, sobretudo o italiano, significava para o tronco luso-tupi da antiga São Paulo produziu mudanças de costumes, de reações psicológicas e, naturalmente, uma *fala* nova a espelhar novos conteúdos. (BOSI, 1994, p.374)

Além de retratar fielmente a noção do que representava a movimentação social do país, representação esta tão desejada pelos modernistas, Alcântara Machado também cumpria a função de derrubar a linguagem formal e rebuscada, assim como Oswald e Mario de Andrade tanto faziam questão em seus projetos literários.

Com uma linguagem enxuta, por vezes fragmentada, próxima de uma técnica cinematográfica em suas justaposições de cenas, construída num vocabulário simples e coloquial com forte apelo para a oralidade feito de frases curtas e elípticas, o autor conseguia alcançar todas as exigências relacionadas ao projeto modernista, tanto na linguagem quanto nos assuntos tratados.

Por isso, podemos dizer que Alcântara Machado foi um dos primeiros nomes a retratar o futebol em nossa literatura como um objeto tão valioso na representatividade nacional quanto a música popular e o folclore, deixando de lado as resistências de outros modernistas, que não souberam separar a origem com o objeto em

constante transformação na sociedade brasileira, diferentemente da forma como eles enxergavam as próprias vanguardas europeias e, inclusive, a nossa música.

Destacados, então, alguns autores importantes de gêneros literários variados da literatura nacional que abordaram o futebol em suas obras, entraremos agora na obra do próprio Aldir Blanc. Como este trabalho já trata especificamente da produção cronística do autor, no próximo item traçaremos um paralelo geral do futebol dentro dos outros estilos que o autor trabalha, mais especificamente suas canções, seu romance infantojuvenil, sua obra de conteúdo historiográfico e até mesmo de seu livro de aforismos.

#### 1.4 O FUTEBOL NA OBRA DE ALDIR BLANC

Aldir Blanc<sup>26</sup>

*I know, my soul,  
Romário em frente ao gol*

Por ser uma obra calcada no cotidiano urbano, especificamente de uma cidade de um país do qual o futebol é um elemento constituinte do dia a dia, os textos de Aldir Blanc trabalham com o futebol de diversas maneiras, desde seu uso como temática direta, ou de construção de frases que fazem parte deste universo futebolístico mas colocadas em outras contextualizações, até as citações constantes de grandes personagens, jogadas e times que pertencem à mítica construída do imaginário futebolístico brasileiro.

Começando pelas crônicas, é possível encontrar somente na produção publicada em livros um número muito grande das quais o futebol aparece de alguma forma, seja na temática ou na linguagem deste esporte. Entre estas crônicas, algumas são presenças constantes em diversas coletâneas que tenham futebol e literatura como abordagem central, entre elas, “Artistas da Rua Futebol e Regatas”, publicada na antologia *Paixão e Ficção – Contos e Causos de Futebol*, organizada por Luis Pimentel. Fora as crônicas com o futebol publicadas em livro, temos também aquelas que aparecem nos diversos jornais e revistas em que Aldir Blanc colaborou e colabora. Dentro deste trabalho iremos abranger a escolha e análise das 12 crônicas que tratam de futebol mais significativas do autor no decorrer dessa produção.

---

<sup>26</sup> Trecho presente na canção *Yes, Zé Manés* (1993), feita em parceria com Guinga.

Passamos então para o caso das canções, o espaço em que a obra de Aldir Blanc mais se popularizou, conseguindo, através de gravações de sucesso de João Bosco, Elis Regina, Ivan Lins e tantos outros nomes marcar presença importante na história de nossa música brasileira. Nesta produção, o número de referências ao futebol também mostra-se extenso, com diversos exemplos conhecidos de letras num universo de mais de 450 canções registradas. Em toda coletânea que envolva a música e o futebol em nosso país, o nome de Aldir Blanc destaca-se, sendo inclusive um capítulo inteiro do livro *Futebol – No País da Música* (2009), de Beto Xavier, além de aparecer em diversas citações da obra *A Presença do Futebol na Música Popular Brasileira* (2010) de Assis Ângelo.

Entre as parcerias mais conhecidas do autor em que o futebol está presente, temos os clássicos compostos com João Bosco, como: “Incompatibilidade de Gênios”, canção que retrata um casal em pé de guerra em que para provocar o homem a mulher insiste não deixá-lo escutar o jogo de sua grande paixão, o Flamengo; “De Frente pro Crime”, canção construída em cima de dois famosos bordões do futebol imortalizados pelo narrador Januário de Oliveira – o “de frente pro crime” do título e o “tá lá mais um corpo estendido no chão” – e que fazem um paralelo de uma situação da violência urbana através de referências ao futebol; “Gol Anulado”, letra que aponta uma analogia entre um amor perdido e a sensação de um gol anulado; e “Linha de Passe”, da qual a narração de várias situações que se completam entre si, como o samba e a feijoada, recebem a devida comparação com a tabelinha de uma linha de passe construída por um time<sup>27</sup>.

Com Guinga, temos canções como “Par ou Ímpar”, que conta a história de um militar ex-torturador do período da Ditadura nacional que ainda repete seus atos de brutalidade dentro das peladas de futebol que disputa, história esta baseada numa figura real; ou “Yes, Zé Manés”, em que a valorização da cultura brasileira passa pela referência ao nosso esporte de um “Romário em frente ao gol”, sempre mortal, nunca perdendo para seus adversários estrangeiros<sup>28</sup>.

Outras parcerias importantes em que o futebol se faz presente e que podemos exemplificar encontram-se nas canções feitas com craques como Djavan, na canção “Êxtase”, da qual um dos retratos da sensação de êxtase é justamente a comemoração de um gol do Vasco no meio da torcida; com Moacyr Luz, na canção “Mandingueiro”, em que o

<sup>27</sup> As análises de todas essas canções citadas encontram-se pormenorizadas no capítulo intitulado “Bosco e Blanc”, presente no livro *Futebol – No País da Música* (2009), de Beto Xavier.

<sup>28</sup> Estas duas análises também podem ser vistas no livro *Futebol – No País da Música* (2009), de Beto Xavier.

futebol aparece de novo através da representatividade do valor nacional que carrega, dando “olé nos gringo”, como diz a letra.

Sem dúvida um dos casos mais famosos de canção diretamente relacionada ao futebol, embora pouca gente saiba, passa pela produção de Aldir Blanc, que é o compositor do tema das transmissões do futebol da TV Globo, chamado “Coração Verde-Amarelo”, feito em parceria com Tavito para a Copa do Mundo de 1994 nos EUA, e que acabou se tornando a vinheta usada até hoje em qualquer comercial deste canal quando o assunto é jogo da Seleção Brasileira.

Obviamente, cabem ainda muitos outros exemplos de canções feitas por Aldir Blanc nas quais o futebol aparece em destaque, principalmente por se tratar de um autor tão intensamente gravado, com parcerias que vão desde os nomes citados acima até outros de grande gabarito em nossa canção popular como Mauricio Tapajós, Jayme Vignoli, Sueli Costa, Cristovão Bastos, Luiz Carlos da Vila, Wilson das Neves, Leila Pinheiro e tantos outros. Mas os poucos exemplos citados aqui já conseguem cumprir um pequeno panorama da forma com que ele trabalha esse esporte nas canções, sempre respeitando a importância do futebol como elemento constituinte do cotidiano nacional, por isso o refletindo dentro dos espaços retratados.

O futebol não se limita somente às crônicas e canções de Aldir, pois no único livro de literatura infantojuvenil do autor a trama inteira é construída em relação a este esporte, aparecendo já no título da obra que é uma referência clara a uma das mais conhecidas expressões do futebol criada pelo radialista Benjamin Wright: *Uma Caixinha de Surpresas* (2010). Construído tanto na significação dramática que este esporte pode refletir – nas palavras do próprio autor na introdução do livro, “um instrumento de amizade, compreensão e autossuperação” – quanto no formato escolhido, numa divisão por capítulos nomeados de maneira que somente um conhecedor do esporte compreenderá (primeiro tempo, intervalo – os principais lances, segundo tempo, prorrogação), aqui, também, o espaço do cotidiano relacionado ao subúrbio carioca é observado pelos jogos e brincadeiras de rua das duas crianças retratadas, Condensado e Cigarrilha.

Como vimos na parte anterior deste trabalho com um número grande de obras infantojuvenis cujo futebol é o principal tema, este esporte consegue cumprir um importante papel em nossa literatura para as crianças, pois através de sua popularidade ele

encontra um caminho para atingir com a proximidade do dia a dia as emoções e cenas que fazem parte da vida do público-alvo desta literatura.

Temos ainda uma pequena obra de aforismos chamada *Guimbas*, lançada em 2008, que, como não poderia deixar de ser, tem vários pensamentos relacionados ao futebol. Tais aforismos que encontram a temática deste esporte na obra são marcados pela proximidade que estes têm com as máximas tão comuns ao esporte bretão<sup>29</sup>. A busca pelo efeito humorístico é outra marca destes aforismos, como podemos ver nos exemplos a seguir presentes no livro: “Na segunda-feira é fácil reconhecer o sujeito que saiu do Maracanã no domingo anterior, encheu os cornos e se meteu numa discussão sobre o resultado do jogo Vasco X Flamengo. É o que tem 12 pontos na testa” (BLANC, 2008, p.23); “Nos primórdios do nobre esporte bretão, airbag era a expulsão do ar, quando a bola atingia, na barreira, o saco do zagueiro” (Idem, ibidem, p.52) ou “Os torturadores são volantes de contenção políticos” (Idem, ibidem, p.81).

Por último, e justamente pela relação ainda mais complementar com o futebol, destacamos o livro *Vasco – A Cruz do Bacalhau* (2009), feito em parceria com o jornalista e historiador José Reinaldo Marques, e que tem como principal intuito, reconstruir a história do clube de coração de Aldir Blanc, o Clube de Regatas Vasco da Gama. Apesar do conteúdo histórico da formação e da trajetória do time no decorrer de suas décadas ser devidamente respeitado, o autor opta também em outros trechos da obra por contar causos famosos do clube que nem sempre podem ser confirmados historicamente, mas que fazem parte da memória dos torcedores, como lendas sobre jogadores, torcedores ilustres e outras coisas do tipo. Este livro, aliás, será um importante guia em nossas análises, pois dentro dele encontraremos a explicação de muitas das histórias do futebol que aparecem nas crônicas escolhidas, sendo um bom caminho para explicar as referências ao esporte pelas palavras do próprio autor, retratando inúmeras vezes a importância que essas histórias do futebol tiveram para ele.

Portanto, seja em seus livros de crônicas, nas letras das canções de grande destaque, na literatura infantojuvenil, na produção aforística, ou até na obra “historiográfica vascaína”, a produção de Aldir Blanc faz do futebol não só um tema recorrente capaz de

---

<sup>29</sup> Sobre as máximas do futebol, recomenda-se a leitura do artigo “Futebol, Linguagem e História”, de Raul Milliet Filho, publicado nos anais do XIX Encontro Regional ANPUH –SP – 2008.

convergir com o retrato do cotidiano urbano nacional, mas, acima de tudo, um elemento inerente do espaço que define sua obra.

## 2 A CRÔNICA E O FUTEBOL: O GÊNERO DO COTIDIANO QUE ENXERGA O FUTEBOL

### 2.1 A CRÔNICA COMO UM GÊNERO DO COTIDIANO

*Em que outro documento será possível encontrar o cotidiano monumentalizado como na crônica?*  
Margarida de Souza Neves<sup>30</sup>

A crônica em nosso país é um dos gêneros que – como nos chama a atenção Afrânio Coutinho no texto “Ensaio e Crônica” – “mais se abasileiraram”, tornando-se um espaço essencial do registro dos acontecimentos da cidade, no qual pode-se encontrar tanto a fala quanto as histórias do dia a dia em toda sua plenitude.

Sendo, então, um espaço capaz de refletir o cotidiano urbano de forma leve e natural, mas em nenhum momento supérfluo, veremos em todos os teóricos que escreveram sobre a crônica o caminho da “cidade feita letra” – nas palavras de Eduardo Portella no ensaio “A Cidade e a Letra” – como a chave do entendimento deste gênero.

Observaremos a ideia do cotidiano retratado nas páginas das crônicas através do pensamento exposto em textos dos já citados Afrânio Coutinho em “Ensaio e Crônica” e Eduardo Portella em “A Cidade e Letra”, além das produções de outros nomes como Antônio Candido em “A Vida ao Rés-do-Chão”, Jorge de Sá em *A Crônica*, Davi Arrigucci Jr. em “Fragmentos Sobre a Crônica”, e Joaquim Ferreira dos Santos, na introdução das *Cem Melhores Crônicas Brasileiras*.

No primeiro apontamento, vemos em Eduardo Portella, no ensaio “A Cidade e a Letra”<sup>31</sup>, a crônica como um objeto urbano, pois carrega o significado de retratar a cidade em diversas proporções, ser o “registro dos acontecimentos da cidade, a história da vida da cidade, a cidade feita letra” (PORTELLA, 1958, p.115). Como ressalta o autor, o tal cosmopolitismo presente na crônica reflete em si o veículo do qual nasce o gênero, o jornal.

Porém, diferentemente dos jornalistas, a sensibilidade do cronista torna-se um elemento imprescindível para que ela transcenda o “seu destino de notícia para construir o seu destino de obra literária” (Idem, *ibidem*, p.114). Nessa relação, Portella elenca alguns

<sup>30</sup> Trecho presente no texto “História da Crônica, Crônica da História”, publicado no livro *Cronistas do Rio* (2001), organizado por Beatriz Resende.

<sup>31</sup> Ensaio presente no livro *Dimensões I* (1958), do próprio autor Eduardo Portella.

cronistas, destacando as características com as quais eles se armam para driblar a transitoriedade inerente ao espaço jornalístico:

O Sr. Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, enriquece a notícia com elementos de tipo psicológico, metafísico, e, sobretudo, utiliza o humor para outorgar transcendência à crônica. No Sr. Rubem Braga o autobiográfico se alia à notícia (ou soluciona a ausência de notícia): é a personalidade, é o seu universo interior, são os seus problemas, o mundo da sua crônica. Daí o timbre intimista, subjetivo, que por vezes caracteriza a sua arte. É quando o subjetivismo do artista se sobrepõe à preocupação objetiva do cronista. Aliás, algo semelhante se repete na arte do Sr. Lêdo Ivo. Daí que, em *A Cidade e os Dias*, o seu segredo de cronista seja exatamente a reconstituição da atmosfera que faz a cidade e não apenas das notícias que agitam, momentaneamente, a vida da cidade. E assim foge ele, com admirável sabedoria, ao que na crônica pode gastar-se com o tempo, ao que na crônica pode caducar. (PORTELLA, 1958, p.115-116)

Outro importante traço da crônica presente neste ensaio é a construção de sua linguagem, que ao intencionar ser “um registro da cidade”, buscará em “suas expressões” e “suas falas” o modelo linguístico necessário, encontrando na oralidade um caminho interessante tanto para refletir o cotidiano, quanto para aproximar o leitor:

Porque a língua da crônica é a língua da cidade. E a língua da cidade, ou das cidades, é a que mais se aproxima, do que se quer que seja a língua brasileira. Muito mais do que a língua do interior, em certas regiões ainda num estágio primitivo, agarradas a formas arcaizantes, é a língua da cidade a língua brasileira. E a língua da cidade é dinâmica, é movimento: é a própria vida da cidade. (PORTELLA, 1958, p.116)

O texto seguinte em que buscamos guiar nosso raciocínio é “Ensaio e Crônica”<sup>32</sup>, de Afrânio Coutinho, que também aproxima a crônica do papel de espelho do cotidiano nacional, que como destaca o autor, é um dos “gêneros que mais se abasileiraram, no estilo, na língua, nos assuntos, na técnica, ganhando proporções inéditas na literatura brasileira” (COUTINHO, 1986, p. 135). Para Coutinho, dois escritores tornam-se os verdadeiros responsáveis pela transformação do gênero: João do Rio e Antônio de Alcântara Machado.

Em João do Rio, pseudônimo do jornalista Paulo Barreto, o “dinamismo de um novo espírito jornalístico” que viria marcar o gênero encontra um dos representantes fundamentais, que partia da “impressão de que a crônica podia ser “o espelho capaz de

---

<sup>32</sup> Texto presente no livro *A Literatura no Brasil vol. 6* (1986), do próprio Afrânio Coutinho e de Eduardo de Faria Coutinho.



guardar imagens para o historiador futuro” (COUTINHO, 1986, p. 128), repercutindo costumes, hábitos e ideais de um Rio de Janeiro que não pertencia aos “cartões-postais”.

Em Antônio de Alcântara Machado, o estilo antiacadêmico que ele introduz nas crônicas, cuja voz da rua, especificamente a rua da cidade de São Paulo entre 1926 e 1935 – transformando-se em seus conhecidos textos intitulos *Solos de Cavaquinho e Saxofone* (1941), publicados postumamente com esse expressivo título –, torna-se um passo complementar para o gênero.

Como salienta Coutinho (1986), “após a revolução de João do Rio foi preciso que viesse a Semana de Arte Moderna, em 1922, para que, inaugurando o Modernismo, pudesse a crônica adquirir feição correspondente às solicitações e ao ritmo do momento”, e é justamente na valorização dos temas ligados ao cotidiano e a busca de uma linguagem coloquial que tanto prezavam os modernistas de 22 que a obra de Alcântara Machado se constrói.

Passada a formulação do gênero, encontramos também a preocupação com a linguagem constituinte da crônica, e mais uma vez, o emprego da fala cotidiana – a “língua da cidade” exigida também no pensamento de Eduardo Portella – aparece como exigência do estilo:

A crônica deve empregar de preferência a linguagem da atualidade, não evitando de maneira sistemática os idiomatismos, epítetos circunstanciais e certos jogos de palavras que se formam eventualmente para desaparecer algum tempo depois. Sem essa prática, a crônica deixaria de refletir o espírito da época, uma vez que a língua corrente constitui a mais viva expressão da sociedade humana, no tempo. A linguagem e, mais expressivamente a gíria social, é um tempero importantíssimo na confecção de uma crônica. Lembre-se que nisto consiste em grande parte o êxito incontestável das reportagens sociais ou mundanas de certos cronistas em nossos dias. (COUTINHO, 1986, p.134)

No terceiro texto escolhido para ilustrar a participação da crônica como um texto do cotidiano, “A Vida ao Rés-do-chão”<sup>33</sup>, de Antônio Candido, vemos assinalada a forte assimilação da crônica em nosso país cuja “naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu” (CANDIDO, 1980, p. 6) a colocam sobre vários aspectos como “um gênero brasileiro”. O próprio título deste texto é uma referência clara da proximidade que o gênero adquire em nosso dia a dia, que na escolha “dos assuntos, da

---

<sup>33</sup> Este texto encontra-se como o prefácio do livro *Para Gostar de Ler: crônicas* (1980), da coleção *Para Gostar de Ler*, vol. 5.

composição solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta à sensibilidade de todo o dia” (Idem, *ibidem*, p. 5).

É na relação dessa proximidade que características tão marcantes da crônica como a leveza e a naturalidade ganham destaque, levando a aparentemente “conversa fiada” a outro patamar:

deixando de ser comentário mais ou menos argumentativo e expositivo para virar conversa aparentemente fiada, foi como se a crônica pusesse de lado qualquer seriedade nos problemas. É curioso como elas mantêm o ar despreocupado, de quem está falando coisas sem maior conseqüência; e, no entanto, não apenas entram fundo no significado dos atos e sentimentos do homem, mas podem levar longe a crítica social. (CANDIDO, 1980, p. 9)

Mais uma vez, portanto, o cotidiano em seus mínimos detalhes aparece retratado, e a escolha da linguagem ganha uma função primordial, pois esta “se tornou mais leve, mais descompromissada e (fato decisivo) se afastou da lógica argumentativa ou da crítica política, para penetrar poesia adentro” (CANDIDO, 1980, p. 7), fato este de grande reflexo na cultura brasileira:

Num país como o Brasil, onde se costumava identificar superioridade intelectual e literária com grandiloquência e requinte gramatical, a crônica operou milagres de simplificação e naturalidade, que atingiram o ponto máximo nos nossos dias. O seu grande prestígio atual é um bom sintoma do progresso de busca de oralidade na escrita, isto é, de quebra do artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo. (CANDIDO, 1980, p. 7-8)

Outra obra que usamos como apoio é o livro *A Crônica* (1997), que é considerado o primeiro livro inteiramente dedicado ao gênero, onde Jorge de Sá define a crônica historicamente, colocando-a como o pontapé inicial da literatura brasileira, pois considera a carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei D. Manuel como o primeiro registro desta prática em nosso país.

Assim como os outros teóricos aqui abordados, o autor também compreende a base do gênero vinda de um “narrador-repórter” que registra o circunstancial, uma soma de jornalismo e literatura, e para a compreensão mais completa, elenca alguns cronistas que traduzem as principais características do gênero, entre eles, Rubem Braga, denominado sabiamente como o espião da vida; Sérgio Porto, o retratista do cotidiano visto com humor de seu pseudônimo Stanislaw Ponte Preta; Lourenço Diaféria e seu humor dos gatos pardos, o qual sabe encontrar material no aparentemente banal; Carlos Drummond de Andrade, como o

cronista do Rio – assim também como foi conhecido Paulo Barreto, o João do Rio; Vinicius de Moraes e seu exercício do cotidiano, entre outros.

Para Sá, a opção pela linguagem coloquial dentro da crônica é também uma fonte complementar do diálogo entre o cronista e o leitor, o que valoriza ainda mais a proximidade relativa do gênero com o espaço cotidiano e das pessoas que fazem parte dele, mas sempre tomando o devido cuidado de não confundir oralidade com a construção de frases frouxas e simplificadas, afinal, a cumplicidade do leitor está em jogo:

Dessa forma, há uma proximidade maior entre as normas da língua escrita e da oralidade, sem que o narrador caia no equívoco de compor frases frouxas, sem a magicidade da elaboração, pois ele não perde de vista o fato de que o real não é meramente copiado, mas recriado. O coloquialismo, portanto, deixa de ser a transcrição exata de uma frase ouvida na rua, para ser a elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor, a partir do qual a aparência simplória ganha sua dimensão exata.

O dialogismo, assim, equilibra o coloquial e literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como elemento provocador de outras visões do tema e subtemas que estão sendo tratados numa determinada crônica, tal como acontece em nossas conversas diárias e em nossas reflexões, quando também conversamos com um interlocutor que nada mais é do que o nosso outro lado, nossa outra metade, sempre numa determinada circunstância. (SÁ, 1997, p. 10-11)

Mais um texto teórico essencial sobre o gênero que segue o caminho que buscamos nessa análise é “Fragmentos Sobre a Crônica”<sup>34</sup>, de Davi Arrigucci Jr., no qual retoma-se a ideia da crônica como “próxima da conversa e da vida de todo o dia”(ARRIGUCCI JR., 1987, p. 51), elemento do “miúdo do cotidiano”, situada “bem perto do chão, no cotidiano da cidade moderna”(Idem, ibidem, p. 55). O autor destaca a transformação fundamental que a crônica sofre no Rio de Janeiro como um dos principais modelos formadores do que ela veio se tornar:

No Rio se detém, abandonando o pano de fundo e o jeito de cronista antigo para se fixar no cenário presente e próximo que era a capital carioca. Adota então um tom coloquial de conversa amena e bem humorada, escrita com grande naturalidade em prosa limpa e enxuta, como se desenhasse a bico-de-pena partindo do natural, sem perder a graça e a precisão dos detalhes, um quadro vivo do Rio de seu tempo. Através de figuras singulares de seu convívio, o cronista conta agora fragmentos de uma história menos, aquém dos grandes acontecimentos, vivida no dia-a-dia da Cidade Maravilhosa: o Rio dos meninos pobres do morro do Curvelo, do mundo noturno do samba, das rodas boemias da Lapa, dos intelectuais modernistas. (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 54-55)

---

<sup>34</sup> Texto presente no livro *Enigma e Comentário* (1987), do próprio Davi Arrigucci Jr.

Ao se concretizar, então, “muito próximo do evento miúdo do cotidiano”, o cronista deve buscar estratégias das quais ele consiga fugir do efêmero e descartável que é inerente à notícia, para alcançar o real valor que podem ter suas crônicas, como fala Arrigucci:

Muito próximo do evento miúdo do cotidiano, o cronista deve de algum modo driblá-lo, se não quiser naufragar agarrado ao efêmero. Buscando uma saída literária, as margens de sua terra firme são bastante imprecisas: ele pode estender a ambiguidade à linguagem e às fronteiras do gênero, sem perder o nível de estilo adequado às pequenas coisas de que trata. Com isso, às vezes a prosa da crônica se torna lírica, como se estivesse tomada pela subjetividade de um poeta do instantâneo, que, mesmo sem abandonar o ar de conversa fiada, fosse capaz de tirar o difícil do simples, fazendo palavras banais alçarem vôo. Outras vezes, a tendência é para a prosa de ficção, pela ênfase na objetivação de um mundo recriado imaginariamente: ela pode se confundir com o conto, a narrativa satírica, a confissão. (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 55-56)

Novamente, a linguagem ganha papel de destaque na compreensão do gênero, sendo esta concretizada através da configuração calcada na fala coloquial brasileira, para então se ajustar “perfeitamente à observação dos fatos da vida cotidiana”, e tornar-se em sua “experimentação de uma linguagem mais desativada, flexível e livre”, a tradução de uma prática “cada vez mais comunicativa e próxima do leitor” (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 62-63). E, para que essas funções relacionadas à crônica se cumpram, Arrigucci define o papel do cronista da seguinte maneira – um tanto poética:

os olhos do cronista, treinados para o flagrante cotidiano, afeitos à experiência do choque inesperado em qualquer esquina, estão preparados, em meio à vida fragmentária, aleatória e fugaz dos tempos modernos, para a caça de instantâneos. (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 35-36)

Além destes estudos, abordamos também o texto da introdução da antologia *As Cem Melhores Crônicas Brasileiras* (2005), escrita pelo organizador do livro Joaquim Ferreira dos Santos, que teoriza as principais características deste gênero, sobre sua “cara própria, leve, bem humorada, amorosa, com pé na rua” dentro de nossa cultura. Mais uma vez, vê-se o pensamento de espelho do cotidiano nacional, do espaço urbano retratado com leveza, refletindo, como nos diz o autor:

O estilo, refinamento literário aparentemente desprezioso, o que ia pelos costumes sociais. Narrava o comportamento das tribos urbanas, o crescimento das cidades, o duelo dos amantes e tudo mais que se mexesse no caminhar da espécie sobre esse vale de lágrimas. (SANTOS, 2005, p.14)

A estrutura com que divide a escolha das 100 melhores crônicas tem critérios cronológicos, destacando as principais mudanças que o gênero sofre em sua trajetória com o passar dos anos desde o seu pontapé inicial na década de 1850 até o momento atual. Como define o autor nesta introdução, o caminho da crônica tem em seu início os seguintes marcos:

A base de estilo plantada por Alencar e Machado passou pelo frenético andarilho de João do Rio-e-seus-blue-caps-da-belle-époque. Em seguida, ganhou o formato que ainda se lê hoje com a aparição dos escritores-roqueiros de 22. Os modernistas radicalizaram em suas propostas, em romances e poesias, o que já havia nas crônicas desde o início: a vontade de deixar a língua “à fresca”, coloquial, sem medo até, por que não?, de fazer piada. Valorizavam as pequenas cenas e, mesmo em assuntos sérios, sempre passavam ao largo de qualquer pronunciamento tingido pela seriedade. Oswald e Mario de Andrade, mais Alcântara Machado, Manuel Bandeira, todos foram cronistas de jornal. Deixaram o gênero na medida e nada mais, enxuto de beletrismos, orgulhoso de suas bermudas, para que a partir dos anos 1930 entrasse em cena o texto fundamental de Rubem Braga. (SANTOS, 2005, p.17)

Na sequência do livro, suas subdivisões passam também pelas últimas décadas do século XX, nas quais aparecem os aspectos políticos com que a crônica soube lidar nos anos de chumbo atravessados no país na década de 1960 (*discursos na rua, humor nas páginas*) e 1970 (*longe daqui, aqui mesmo*); a transformação do conceito de intimidade na década de 1980 (*sexo e assombrações*) e 1990 (*a vida privada virou uma comédia*), até desembocar nas transformações que o gênero sofre nos dias atuais em seu advento na internet.

A linguagem “à fresca”, coloquial, assume mais uma vez um aspecto importantíssimo na construção da crônica, através de “autores que abusam da primeira pessoa, do comentário e da liberdade de adotarem um idioma ora poético, ora jornalístico, ora irônico, ora perplexo, quase sempre bem-humorado”. Neste idioma, “o verbo não posa empáfia”, e “a semântica joga com as palavras curtas, de uso comum” (SANTOS, 2005, p. 18).

Portanto, a configuração do gênero passa pelo domínio da leveza, o respeito pela linguagem coloquial presente no dia a dia, e, conseqüentemente, na preocupação de saber colocar de modo inteligente o cotidiano em suas páginas, atingindo outro nível de leitura, pois o cronista nada mais é do que, como nos fala Marlyse Meyer (1998) em “Voláteis e versáteis.

De variedades e folhetins se faz a chronica”<sup>35</sup>, uma raça de “cães vadios, livres farejadores do cotidiano”, capazes de, nas palavras mais uma vez de Joaquim Ferreira dos Santos (2005), retratar personagens que “não vieram do fabulário grego nem das estátuas romanas, mas de alguma esquina do bairro”.

Essa preocupação em colocar as especificidades do cotidiano em suas páginas, somada com a subjetividade inerente dos cronistas, consegue fazer deste gênero um dos principais caminhos para entendermos o raciocínio do que seria o cotidiano na teorização de Maffesoli e Certeau, afinal, a cumplicidade de tal texto joga com as dinâmicas diversificadas que caracterizam os momentos do dia a dia, pois aqui, o retrato que se vê é daquele cotidiano que foge das soluções comuns que regem um pensamento institucional – como o modelo respeitado pelo jornalismo em si –, sendo justamente esta a chave definitiva da funcionalidade de tal texto.

Compreendida a relação da crônica com o espaço do cotidiano, com as características como o retrato de cenas e a preocupação com a linguagem presente em nosso dia a dia, entramos agora na definição do estilo de Aldir Blanc dentro deste gênero no trecho seguinte do trabalho.

## 2.2 A CRÔNICA DE ALDIR BLANC

*O buteco é o último reduto das palavras. Entre um copo e outro, em meio às cusparadas na serragem, as palavras ainda têm valor no buteco. Um palavrão, dirigido ao goleiro do Vasco ou a mãe de alguém, ainda é uma ofensa. Uma história, mesmo que seja mentirosa (quase todas), tem sabor, ao contrário das declarações de ministros, publicação de faxes e outras desmoralizações.*  
Aldir Blanc<sup>36</sup>

A produção de Aldir Blanc em crônica, embora pouco estudada, é extensa, com mais de 30 anos de colaborações em diversos jornais do país, entre eles, o marcante início dentro do *Pasquim*, em 1975, as publicações nos veículos *A Hora do Povo*, *Última Hora*, *Tribuna da Imprensa*, *Jornal do Brasil*, *O Estado de São Paulo*, *O Dia*, *O Pasquim21* e *O Globo*, onde ainda escreve mensalmente; somando as contribuições para as revistas *Bundas* e *Playboy*; além de seus livros *Rua dos Artistas e Arredores* (1978), *Porta de Tinturaria*

<sup>35</sup> Texto presente no livro *As mil faces de um herói canalha e outros ensaios* (1998), da própria Marlyse Meyer.

<sup>36</sup> Trecho da crônica “Crisma”, presente no livro *Um Cara Bacana na 19ª* (1997).

(1981), *Brasil Passado a Sujo – A Trajetória de uma Porrada de Farsantes* (1993), *Um Cara Bacana na 19ª* (1996) e *Rua dos Artistas e Transversais* (2006), todos formados exclusivamente pela sua produção de cronista.

Entre as principais características do autor dentro do gênero, destacam-se a força eminente de um grande talento para retratar os tipos e a linguagem do subúrbio carioca, mais especificamente a Zona Norte do Rio de Janeiro, espaço no qual ele cresceu e ainda vive até hoje.

De texto coloquial e enxuto, a fala das ruas – como podemos perceber no trato com a palavra dentro do bar na epígrafe – torna-se o elemento fundamental para a compreensão do trabalho de Aldir Blanc nas crônicas, cujas comparações com outros autores – entre eles Nelson Rodrigues, Sérgio Porto, Rubem Braga, e até João do Rio – acabam tornando-se naturais para alguns estudiosos.

Começando, então, por essas comparações feitas ao estilo do cronista Aldir Blanc, as presenças mais citadas são a de Nelson Rodrigues, Sérgio Porto e Rubem Braga. Para o autor Fausto Wolf (2006), responsável pelo texto da orelha do livro *Rua dos Artistas e Transversais* (2006), Aldir consegue refletir características básicas destes três nomes, como “o sentido trágico de Nelson Rodrigues, o humor pícaro-carioca de Sérgio Porto e o estilo seguro, o respeito pela palavra certa do grande Rubem Braga”. Wolf vai ainda mais além nessa análise, apontando também o que difere a crônica de Blanc com a dos autores comparados, caracterizando o estilo próprio de sua obra:

o trágico de Nelson, em Aldir, dá colher ao cômico; o humor de Sérgio torna-se ainda mais lírico em Aldir, e a seriedade irônica de Rubem vira um estilo que só se encontra em Aldir e, eventualmente, em alguns sambas de Noel e Geraldo Pereira”. (WOLF, 2006, s/n)

Entre as principais características apontadas para estes autores cuja comparação é inevitável, Jorge de Sá, em seu livro *A Crônica* já citado anteriormente, compreenderá duas definições bem relevantes para o entendimento deste paralelo: em Rubem Braga a relação com o “espaço da casa”, enquanto para Sérgio Porto, a complementação do “espaço da rua”, ambos os estilos presentes na construção das crônicas de Aldir Blanc.

No espaço da casa, como nos diz Sá (1997), “concentra-se o significado da linhagem, fazendo com que a memória da infância seja, quase sempre, o suporte da estrutura narrativa”, e é justamente neste espaço da infância que Aldir centraliza a maioria de suas

crônicas, principalmente quando a Rua dos Artistas, em Vila Isabel, vem como cenário de fundo, pois esta Rua dos Artistas em que ele morou, como já vimos no trecho citado da entrevista do *Pasquim* no início do trabalho, dos seus “6 aos 13 anos”, não é a Rua dos Artistas atual, mas sim aquela na qual o autor passou parte de sua infância.

Este espaço da casa, então, transfigura-se, tanto em Braga quanto em Blanc, no “espaço interior do homem”. Dos recursos utilizados por Rubem Braga na visão de Jorge de Sá, é possível encontrá-los todos dentro das crônicas de Aldir, os quais

vão de simples dialogismo com um leitor hipotético, passam pelo narrador-repórter, que, por ser o autor mesmo, não manipula os truques da ficção sempre, e chegam ao despistamento temático: “imitando” a estrutura das conversas, o cronista começa a falar de um tema (ou subtema) e acaba nos conduzindo a outro tema bem mais complexo, embora nem sempre imediatamente percebido por nós. (SÁ, 1997, p. 19-20)

Em Sérgio Porto, as similaridades aparecem no espaço da rua usado para “retomar a linhagem dos cronistas mundanos que sabem registrar a vida cotidiana” (SÁ, 1997, p. 31), iniciado lá em Paulo Barreto, o “João do Rio”. Para que essa função se cumprisse, Sérgio Porto, transformado em seu pseudônimo Stanislaw Ponte Preta no início da década de 50 no jornal *Última Hora*, preocupou-se em encontrar na linguagem um coloquialismo bem carioca, e, principalmente, tornar-se um criador de tipos marcantes e possíveis de se encontrar pelas ruas do Rio de Janeiro, características estas que são inerentes da obra cronística de Aldir Blanc também. Na questão do coloquialismo, Sá diz que Sérgio Porto compreendia

a construção da frase num ritmo bem carioca, em que nem sempre a norma culta é respeitada. O que importa é o tom jocoso da expressão, que tanto pode ser uma gíria incorporada à fala pela consagração do uso, quanto um termo pouco usado, que causa em nós uma surpresa que soa de forma engraçada. (SÁ, 1997, p. 33)

Esse mesmo ritmo torna-se marca característica na obra de nosso objeto de pesquisa Aldir Blanc, preocupando-se com que a linguagem de sua crônica consiga passar o espírito carioca na narração, através da imitação da fala do espaço do subúrbio carioca, sem esquecer-se de todas suas gírias e sons. Tanto no caso de Sérgio Porto quanto de Blanc, “a maneira principal de explorar o coloquialismo pela via humorística está na forma como (...) mantém o diálogo com o leitor” (SÁ, 1997, p. 34).

Em relação aos tipos criados por Aldir e Stanislaw, temos primordialmente a intencionalidade destes escritores em compor “um painel da nossa sociedade em seus



diferentes segmentos” (SÁ, 1997, p. 35), a vontade de retratar personagens que, como disse Joaquim Ferreira dos Santos (2005) na introdução da antologia *As Cem Melhores Crônicas Brasileiras*, “não vieram do fabulário grego nem das estátuas romanas, mas de alguma esquina do bairro”.

Na leitura de Jorge de Sá sobre Sérgio Porto, além destes pontos levantados, uma característica primordial faz a ponte do autor com Blanc: a preocupação de manter a leveza do texto sem perder o forte senso crítico que lhes é peculiar.

No entanto ele é verdadeiramente leviano no sentido de leveza. Sem cansar os leitores, Stanislaw os conduz a uma reflexão, oferecendo-lhes em cada texto (algumas vezes, recriação de velhíssimas piadas) uma crítica amena e contundente. A um só tempo ele nos dá uma válvula de escape e fala por nós, assumindo nossa indignação diante dos absurdos que compõem o dia-a-dia brasileiro. Seu humor é bem brasileiro exatamente nesse sentido: numa linguagem moleque, rompe os padrões da norma culta e constrói uma linguagem nova, dinâmica e séria. (SÁ, 1997, p. 37)

A comparação entre Aldir Blanc e Nelson Rodrigues, como bem lembrou Fausto Wolf, é marcada pelo signo do trágico, pois o retrato das ruas cariocas ganha em certos momentos contornos de uma “complexidade shakesperiana”, capaz de transformar “a mais sórdida pelada de futebol”<sup>37</sup> ou uma simples briga em algo dramático e épico.

Este olhar trágico na crônica de Aldir aparece de forma intensa no espaço memorialístico reservado a Rua dos Artistas e seus arredores, desde a briga de um casal que mora na casa ao lado até a formação do time de futebol que representará a rua, como veremos numa das crônicas analisadas neste trabalho, cujos ares de dramas de vida ou morte são minuciosamente retratados pelo autor.

Não é somente o trágico que carrega similaridades entre os dois autores, pode-se apontar também a forma de tratamento dos arquétipos brasileiros consagrados, que, como nos descreve o professor Luis Augusto Fischer, em Nelson vão aparecer através de

figuras prosaicas, típicas de qualquer botequim ou outro cenário que temos em todo o Brasil, que repetiam frases prontas e lugares comuns que todos já tinham ouvido de alguma maneira. Ele interpretava de forma muito perspicaz, fazia grandes observações sobre o pensamento do país usando figuras de linguagem simples, mas extremamente críticas. Esses comentários, a partir de figuras muito próximas da

---

<sup>37</sup> Trechos da crônica “Divino Delinquente”, de Nelson Rodrigues, publicada primeiramente no jornal O Globo, de 18/11/1963, e presente no livro *A Sombra das Chuteiras Imortais* (1993).

realidade e fugindo dos conceitos muito abstratos faziam do Nelson Rodrigues uma espécie de filósofo do seu tempo<sup>38</sup>

São estas mesmas figuras, tiradas em Blanc do buteco da esquina da Rua dos Artistas ou de uma feijoada em sua casa com os moradores desta rua, que vão consagrar as reflexões mais intrigantes que os dois autores comparados conseguem levantar.

Como bem sabemos em relação ao foco deste trabalho, não devemos esquecer que a leitura do futebol para estes autores passa por tal espaço urbano simbólico, retratando o impacto do esporte pela visão desses arquétipos nacionais, aparentemente comuns, mas que podem representar muito bem a filosofia que o texto pretende passar.

Retornando a um dos textos já tratados no início deste estudo, “Aldir Blanc é Carioca da Gema”, de Luis Pimentel, encontramos outras características comuns a Aldir Blanc e outros autores, mas dessa vez não só autores envolvidos com a crônica, mas também romancistas e poetas. Segundo Pimentel, nosso autor é o “Proust de Vila Isabel, esse Stanislaw da Muda, Guimarães da Tijuca, é uma flor de amigo e de poeta, uma Rosa de Pessoa” (PIMENTEL, 2012, s/n).

De Proust, ele herda o fluxo de consciência apurado, principalmente quando o dispara dentro de sua infância em Vila Isabel; de Stanislaw Ponte Preta (o grande Sérgio Porto), como já vimos anteriormente nesse tópico, o senso crítico e descritivo das ruas, do qual ele continua afiado escrevendo do bairro onde vive atualmente, a Muda; de Guimarães Rosa, o regionalismo universal aplicado ao espaço da Tijuca e arredores; e de Fernando Pessoa, o valor poético.

Fora do campo das comparações de estilo, encontramos na dissertação “Ruas Imaginárias: O humor linguístico-expressivo nas crônicas de Aldir Blanc” (2010), de Francisco Maria Zelaya, uma análise interessante na qual ele argumenta sobre os dois modelos de crônicas praticado por Blanc: a primeira autobiográfica, relacionada aos tempos de infância na Rua dos Artistas; e a outra jornalística, na qual o comentário de notícias da própria edição do veículo de comunicação – jornal ou revista – é construído através de uma verve contestadora apurada. Zelaya coloca inclusive os períodos responsáveis pelo início desses estilos, destacando suas diferenças:

---

<sup>38</sup> Afirmação presente no texto “As muitas facetas do “anjo pornográfico””, publicado na revista *Ciência e Cultura*, vol.64, abril/Junho 2012, que encontra-se no seguinte link: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252012000200023&script=sci\\_arttext](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?pid=S0009-67252012000200023&script=sci_arttext).

A primeira, inaugurada nos anos do Pasquim, retratava cenas cotidianas de uma determinada rua e seus arredores no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro sob o olhar do pequeno Aldir, isto é, o autor investia sobre o seu próprio passado para narrar histórias verdadeiras ou fictícias. A segunda fase, a partir dos anos 1990, abarcaria diferentes tipos de crônicas, contudo a atualidade no lugar do passadismo da primeira fase seria a marca cardeal para a diversificação. A primeira, então, seria autobiográfica, intertextual – personagens, lugares, época, serial –, “dependentes” entre si; enquanto a segunda, jornalística, intertextual – notícias da própria edição, sátiras a partir do conteúdo de outros meios de comunicação –, crítica, textos independentes entre si na maioria das vezes, além da abordagem de assuntos sem grande repercussão pública. (ZELAYA, 2010, p. 19)

Nessa divisão, Zelaya observa o quanto o gênero crônica é híbrido, pois em Aldir Blanc ele assume as características de narrativa memorialística, “cujo narrador está na persona infantil do autor”, e da coluna, “espaço pelo qual o autor expressa-se livre e levemente sobre qualquer tema sem o rigor dos padrões narrativos”(ZELAYA, 2010, p. 20).

Para demonstrar o quanto estas duas vertentes se fazem presentes, traçamos uma tabela com o levantamento da quantidade de crônicas que ilustram estes caminhos nos principais livros deste gênero de Aldir Blanc, mais especificamente nas obras *Rua dos Artistas e Arredores* (1978), *Porta de Tinturaria* (1981), *Brasil Passado a Sujo – A Trajetória de uma Porrada de Farsantes* (1993) e *Um Cara Bacana na 19ª* (1996):

	<i>Rua dos Artistas e Arredores</i> (1978)	<i>Porta de Tinturaria</i> (1981)	<i>Brasil Passado a Sujo – A Trajetória de uma Porrada de Farsantes</i> (1993)	<i>Um Cara Bacana na 19ª</i> (1996)
<b>Crônicas Narrativas Memorialísticas</b>	42	50	16	8
<b>Crônicas Comentários</b>	11	15	23	15

Como podemos perceber, Zelaya tem razão em seu apontamento, pois a partir da década de 1990 dentro dos livros de Aldir Blanc ocorre a inversão na quantidade de crônicas de cada estilo. Nas duas obras pertencentes às décadas anteriores – *Rua dos Artistas e Arredores* (1978) e *Porta de Tinturaria* (1981) – a predominância de crônicas nas quais a narrativa memorialística torna-se a marca é incontestável, enquanto nas obras do período pós 1990 – *Brasil Passado a Sujo – A Trajetória de uma Porrada de Farsantes* (1993) e *Um Cara Bacana na 19ª* (1996) – a maioria dos textos pertence ao modelo de crônicas-comentários do gênero próximo à coluna.

Apesar das diferenças pormenorizadas, o autor faz questão de lembrar que “em ambas as fases, o texto do cronista preserva traços da oralidade” cujo “estilo centrado na fala carioca e ainda suburbana revela o enraizamento e a formação de Aldir Blanc”. Sobre estes traços de oralidade, Zelaya ressalta:

Os traços da oralidade não se restringem somente ao material fônico, nas crônicas do Pasquim, são signos que caracterizam específico uso da língua. Vários personagens dialogam entre si, cada um deles trazendo consigo uma maneira de falar: os adultos, os jovens, os homens, as mulheres, etc. O lugar que ambienta as histórias delimita algumas características da fala, assim como a época da qual se fala e a época da qual se narra. Tais textos trazem a Tijuca, no Rio de Janeiro, dos anos 1950, sendo contada a partir dos meados dos 1970. Expressões, gírias, sintaxes estão mescladas na prosa de Aldir Blanc. Algumas delas permanecem até hoje, outras desapareceram. Algumas perderam o sentido, outras o mantiveram. (ZELAYA, 2010, p. 20)

Outro texto já citado anteriormente aqui neste trabalho e que retomamos para analisar as características de Aldir Blanc como cronista é o perfil do autor dentro do livro *Pasquim – Arenas do Rio* (1996), escrito por Norma Pereira Rego. Neste texto, temos a definição de alguns traços importantes da produção de Blanc especificamente na crônica, produção esta que, como salienta a autora, teve seu estilo, assim como também Ivan Lessa, todo “desenvolvido no *Pasquim* e a ele estará sempre ligado”.

Para Rego, este Aldir cronista dentro do Pasquim sempre foi “a voz da Zona Norte no humor carioca”, sem encontrar similaridades com o compositor de canções, pois aquele “Aldir letrista, o poeta da anistia (O bêbado e a equilibrista) e do grande amor à cidade (Só dói quando eu Rio) nunca escreveu no *Pasquim*” (REGO, 1996, p. 115).

Sem entrar no lado das comparações que já foram devidamente constatadas por aqui, a autora faz uma referência a Nelson Rodrigues justamente para apontar em que aspecto Blanc supera os textos do Anjo Pornográfico, apontando em Aldir o verdadeiro

“cronista do cotidiano, o que mostrava “a vida como ela é” de uma forma muito mais irreverente que a de Nelson Rodrigues” (Idem, *ibidem*, p. 116).

Entre os grandes destaques do Aldir Blanc cronista para a autora Norma Pereira Rego está sua qualidade em conseguir retratar o subúrbio carioca sem nunca perder de foco o efeito humorístico. Diferentemente dos outros cronistas que “tentaram entrar no universo da baixa classe média moradora dos subúrbios e trazer de lá casos interessantes para o *Pasquim*”, sem o devido sucesso para apresentar “o estilo forte de Aldir, nem conseguindo fazer explodir o riso do leitor do jeito que ele conseguia” (REGO, 1996, p. 116).

É dentro do *Pasquim*, então, que a transcrição da Rua dos Artistas acontece primeiramente nas crônicas publicadas neste veículo. E dessas muitas crônicas que foram merecidamente transportadas para os livros de Blanc, duas características do autor são devidamente destacadas por Rego:

sua capacidade de ir de um polo ao outro em seus temas, podendo estar lírico em um momento e escatológico no outro, e seu modo de trazer escondido todo um fundo conhecimento da poesia e da música popular brasileiras Esconde sim, mas mostra de repente sem querer, quando escreve numa crônica do *Pasquim*, “meu coração tem botequins imundos” fazendo lembrar imediatamente o “meu coração tem catedrais imensas” de Augusto dos Anjos. (REGO, 1996, p. 116)

Essa capacidade de transitar por outros estilos, ora com características poéticas, ora com esquemas mais narrativos, conseguindo colocar em suas crônicas referências, que vão do espaço mais popular como as citações vindas dos butecos imundos até as mais eruditas como os versos de Augusto dos Anjos, faz da obra de Blanc um objeto de destaque na produção nacional e compreende uma das principais características da crônica, que é sua versatilidade, sem nunca esquecer de combiná-la com leveza.

Porém, das análises que abordam a obra cronística de Aldir Blanc, a mais divertida é com certeza a de “Aldir, Um Bom Sacana”, do grande cronista que trabalhou junto com o autor no *Pasquim*, Ivan Lessa. Neste texto que prefacia o livro *Um Cara Bacana na 19ª* (1996), Lessa, de maneira muito humorada, desdenha das comparações feitas por outros autores, para restringir-se a uma afirmação simples: Aldir Blanc é um cara normal.

O que eu quero dizer é o seguinte: alma encantadora das ruas é o cacete! Cronista do cotidiano é os tinflas! A vida como ela é é a mãe! Quem falou em Ponte Preta tá com a mão amarela e riquiqui pão-de-ló, macaquinho sobe e desce, um, dois, três, não aparece! O Aldir é normal. Normal acima de tudo. Aldir, o Normal – um personagem para Robert Crumb ou o Jaguar desenharem. Tudo isso que vocês vão ter o prazer de encontrar nas páginas que seguem é normal. (LESSA, 1996, p. 12)

A normalidade que ele aponta está justamente no traço do dia a dia que Aldir coloca em sua obra, pois o que aparece ali não é distante, anormal de nossa realidade, mas sim a presença daquilo com que todos convivem. Desta normalidade, para Lessa, o autor Aldir Blanc “a tudo observa e toma notas para suas matérias, que podem ser primas entre si ou bordões e bordoadas” (LESSA, 1996, p. 13).

Portanto, conhecidas algumas das principais características de Aldir Blanc como cronista, descreveremos no próximo trecho deste trabalho a participação do futebol como temática na obra de outros cronistas, para mostrar que a tradição de escrever sobre o futebol na crônica em nosso país, se tratando de um gênero em que o cotidiano aparece sempre representado, tem um número significativo de adeptos.

### 2.3 O FUTEBOL NA CRÔNICA

*E no oitavo dia Deus fez o Milagre Brasileiro: um país todo de jogadores e técnicos de futebol.*  
Millôr Fernandes<sup>39</sup>

Ao posicionarmos a crônica como a representação literária de nosso cotidiano, obviamente o futebol aparece com grande força, sendo ele um dos elementos constituintes do dia a dia brasileiro, seja nas conversas, nos meios de comunicação, ou mesmo na prática deste esporte.

Por essa maciça presença em nossa cultura, o número de cronistas que escreveram sobre o tema é extenso, entre os quais, alguns tiveram sua obra essencialmente construída pelo viés esportivo, como é o caso de Mario Filho, Thomaz Mazzoni, Armando Nogueira e Tostão, e outros que, por tratarem dos assuntos mais variados possíveis em suas crônicas, acabaram transformando o futebol num assunto abordado eventualmente, dos quais

---

<sup>39</sup> Célebre frase de Millôr Fernandes que se encontra presente na obra *Bolas e Bocas – Frases De Craques e Bagres do Futebol* (2003), de Mauro Beting.

destacamos os nomes do próprio Aldir Blanc, Carlos Drummond de Andrade, Luis Fernando Veríssimo, Clarice Lispector, Chico Buarque, José Lins do Rego, Nelson Rodrigues, João Antônio, José Roberto Torero, Xico Sá e tantos outros.

Então, iremos apresentar neste trecho um panorama geral de alguns dos principais cronistas que trabalharam com este esporte em seus textos, demonstrando como o futebol é retratado em suas obras.

O caminho deste esporte dentro da crônica passa diretamente pela sua relação com os jornais. O espaço do cotidiano nacional que compreendia o futebol nas três primeiras décadas do século XX, apesar de grande, não se refletia nas páginas impressas dos jornais, pois estes o consideravam uma prática marginalizada. Por isso, coube à crônica inicialmente transformar o futebol numa temática relevante no âmbito jornalístico, ou como diz Rodrigo Silva Viana em seu trabalho “Crônica de Futebol: Um Drible entre a Literatura e o Jornalismo” (2008),

Pode-se argumentar que foi uma aproximação natural, que o futebol, como passatempo da população que era, inevitavelmente entraria no radar da crônica mais cedo ou mais tarde. Por esse raciocínio, dir-se-ia que o futebol não conquistou seu espaço na crônica, foi a crônica que englobou o futebol em sua gama de assuntos. (VIANA, 2008, p. 60)

As duas figuras centrais que aproximaram o futebol dos jornais foram Thomaz Mazzoni e Mário Filho, considerados os verdadeiros pilares da crônica esportiva brasileira. Em seus textos, os dois se preocupavam em trabalhar a personalidade da crônica, construindo um diálogo com o leitor através das histórias dos times e personagens que apareciam neste esporte. Vale destacar que ambos eram jornalistas, e que, no decorrer da profissão, deixaram a paixão pelo futebol falar mais alto e ganhar espaço em seus veículos.

Thomaz Mazzoni iniciou sua carreira como jornalista esportivo na década de 1920 no *São Paulo Esportivo*, um jornal paulistano bissemanal, e teve passagem como redator e diretor do jornal *Estampa Esportiva*, mas afirmou seu estilo como cronista no jornal *A Gazeta Esportiva*, em que começou a trabalhar como redator em junho de 1928, e foi promovido em 1930 a redator e editor chefe deste caderno esportivo.

Na redação da *Gazeta*, sob o pseudônimo de “Olimpicus”, o jornalista publicava suas crônicas diariamente na primeira página da cobertura esportiva, e foi neste espaço que ele desenvolveu de maneira mais característica seu diálogo com o leitor do jornal

através de uma escrita simples e do uso de gírias e expressões populares próximas à linguagem do cotidiano, sendo o responsável pela criação dos principais apelidos que os clubes paulistas carregam até hoje no futebol, entre eles, o São Paulo de Clube de Fé, o Palmeiras de Campeoníssimo, o Corinthians de Mosqueteiro e Timão, o Juventus de Moleque Travesso, e até o XV de Novembro de Piracicaba, o popular Nhô Quim. Os nomes mais conhecidos de alguns clássicos também foram criações de Mazzoni, dos quais podemos apontar o Choque Rei (São Paulo X Palmeiras), o Derby (Palmeiras X Corinthians), o Majestoso (Corinthians X São Paulo) e o Clássico Sansão (São Paulo X Santos).

A importância de Mario Filho para o futebol pode ser medida por um dos maiores estádios de futebol do Mundo que leva o seu nome: o Maracanã, também conhecido como Estádio Mario Filho. Assim como Mazzoni, era jornalista, e colocou em prática as principais mudanças que viriam a influenciar a linguagem do jornalismo esportivo brasileiro até os dias atuais através dos jornais em que trabalhou, entre eles, *A Manhã* e *Crítica*, cujo proprietário era o próprio pai Mario Rodrigues, *O Globo*, em que Mario Filho assumiu em 1931 o caderno de esportes promovendo – como nos fala Marcelino Rodrigues da Silva no livro *Mil e Uma Noites de Futebol: O Brasil Moderno de Mario Filho* (2006) – “importantes mudanças no estilo editorial dessa seção, que abrangiam os métodos de investigação, diagramação, o nível da linguagem e os recursos de representação utilizados” (SILVA, 2006, p.118), o *Mundo Esportivo* no mesmo ano e que teve uma breve duração, e, por último, o *Jornal dos Sports*, do qual foi o proprietário.

Em sua crônica esportiva, Mario Filho usava como “estratégia o apelo para as emoções”, direcionando-se ao leitor com a preocupação “em tornar menos empolada a linguagem, passando a inventar apelidos para os times e nomes para os clássicos”, do mesmo modo que vimos em Mazzoni. Além destes mecanismos linguísticos de captação do interesse do leitor, o autor buscava também a transformação de “torcedor, jogador e dirigente” em “personagens cujos perfis sociais e psicológicos eram investigados, oferecendo material de curiosidade, especulação e identificação”, como nos aponta a estudiosa Leda Maria da Costa, editora da *Revista Esporte e Sociedade*, que vê no jornalista – assim como tantos outros autores que falaram a respeito dele, dos quais, podemos destacar o irmão Nelson Rodrigues e



Gilberto Freyre, prefaciador de um dos seus mais importantes livros – “o mais talentoso cronista de sua época e o mais talentoso contador de histórias do futebol”<sup>40</sup>.

Se nos dois autores tratados aqui temos a base de um estilo no qual o futebol torna-se figura central nas crônicas, entramos agora em outros nomes importantes que, se não tinham a importância destes por não estarem diretamente relacionados à criação de uma linguagem jornalística, pelo menos sabiam retratar bem em suas crônicas a paixão que move este esporte.

Começamos, então, pelo grande Carlos Drummond de Andrade, vascaíno fanático assim como Aldir Blanc. Nas crônicas do poeta, o futebol dá o ar de sua graça em vários momentos, sendo possível encontrar textos importantes sobre as Copas de 1954 na Suíça, de 1958 na Suécia (copa de que o Brasil saiu vitorioso), de 1962 no Chile (o nosso Bicampeonato Mundial), de 1966 na Inglaterra, todas essas vinculadas ao jornal *Correio da Manhã*, e também das Copas de 1970 no México (o histórico Tricampeonato brasileiro), 1974 na Alemanha, 1978 na Argentina, e 1982 na Espanha, sendo estas escritas no *Jornal do Brasil*.

Entre seus personagens prediletos, referências a grandes craques como Garrincha, Maradona, e, principalmente, Pelé, sobre quem Drummond cria pérolas como a definição do momento em que o Rei do Futebol fez seu milésimo gol na crônica intitulada “Pelé 1000”<sup>41</sup>: “O difícil, o extraordinário não é fazer mil gols, como Pelé. É fazer um gol como Pelé. Aquele gol que gostaríamos tanto de fazer, que nos sentimos maduros para fazer, mas que, diabolicamente, não se deixa fazer. O gol” (DRUMMOND, 1986, p. 133).

São tantos textos, incluindo também poemas e cartas em que Drummond fala diretamente sobre o futebol, que até foi possível lançar uma coletânea que abrange este tema na obra do autor, *Quando É Dia de Futebol* (2002), que tem como organizadores seus netos Luis Mauricio e Pedro Augusto Graña Drummond.

Outro apaixonado pelo futebol, torcedor do Internacional de Porto Alegre, é Luis Fernando Veríssimo, que também tem um número enorme de crônicas que tratam deste esporte de alguma forma, tanto em suas publicações nos mais diversos jornais, que hoje concentram-se em três – *O Globo*, *O Estado de São Paulo* e *Zero Hora* –, quanto em livro, mais precisamente *A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto* (1999) obra que reúne 22

<sup>40</sup> Trechos do parágrafo presentes no artigo “O negro no futebol brasileiro: entre a História e a Literatura”, da própria autora Leda Maria da Costa, publicado na *Revista Uniabeu*, vol. 3, nº5, setembro/dezembro 2010.

<sup>41</sup> Crônica publicada no livro *O Poder Ultrajovem* (1986), do próprio autor Carlos Drummond de Andrade.

crônicas publicadas entre agosto de 1997 e setembro de 1999 nos jornais *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Zero Hora*, divididas em quatro subtemas, todos ligados ao futebol.

A primeira divisão, “Fome de Bola”, tem crônicas que relembram com saudosismo sentimentos de uma época levantados pelo futebol, como o dilema de ganhar uma bola de couro, o prazer de assistir Domingos da Guia em campo, a época da Copa de 62 e as superstições e lendas que envolvem o esporte. Na segunda, “O que elas tem a ver com isso”, é o eterno conflito que move homens e mulheres pelas perspectivas divergentes que têm do futebol. Na terceira e quarta divisão, “Homens em Campo” e “Um brasileiro na Copa”, os assuntos que as crônicas tratam são relacionados ao período em que elas foram criadas, focalizando a Copa de 1998 na França.

Se em Rubem Braga temos, como nos lembra Antônio Candido em “A Vida ao Rés-do-Chão”, “aquele que de certo modo seria o cronista, voltado de maneira praticamente exclusiva para este gênero” (CANDIDO, 1980, p. 9), é com o botafoguense apaixonado Armando Nogueira que, então, veremos um autor cuja obra é centralizada nas crônicas de temática exclusiva no futebol.

Na imprensa, escreveu crônicas para o *Diário Carioca* nos primeiros 13 anos de trabalho, para outros jornais como *Diário da Noite* e *Jornal do Brasil* (com a famosa coluna “Na Grande Área”, mantida de 1961 a 1973), para as revistas *Manchete* e *O Cruzeiro*, além de contribuir com programas nos canais de televisão *Sportv*, *TV Cultura* e *Bandeirantes*; e para as rádios *CBN* e *Bandeirantes*. O alcance de suas crônicas esportivas no jornal era tão grande que chegou ao ponto de suas colunas serem reproduzidas em 62 jornais ao mesmo tempo.

Tamanha produção, como não podia deixar de ser, acabou migrando para os livros, com dez publicações que refletiam a paixão pelo esporte, atravessando 14 Copas do Mundo, desde a de 1954, além de sete Jogos Olímpicos, desde 1980.

Entre os livros, destacam-se: *Drama e Glória dos Bicampeões* (1962), com textos que narram de forma vibrante os principais acontecimentos de bastidores e de palco da conquista do bicampeonato mundial da seleção brasileira na Copa do Chile, em 1962; *Na Grande Área* (1966), com 41 crônicas que foram publicadas no período entre 1964 e 1966, nas quais expõe todos os sentimentos de um torcedor de futebol; *Bola na Rede* (1973), com crônicas selecionadas e comentadas por Ivan Cavalcante Proença, que divide o livro em capítulos temáticos sobre os craques, sobre o social e o lírico, sobre o humor e a bola, e sobre

os sofreadores; *Bola de Cristal* (1987), que traz crônicas que se revelam um verdadeiro diário da Copa de 1986, no México; *O Homem e a Bola* (1988), um livro com forte tom poético em que busca desvendar os mistérios que envolvem a relação do homem com a bola; *A Copa que Ninguém Viu e a que Não Queremos Lembrar* (1994), em que divide a autoria com Jô Soares e Roberto Muylaert, falando sobre as Copas de 1950 e 1954; *O Canto dos Meus Amores* (1998), que traz uma seleção de crônicas da carreira do autor; e por último, *A Ginga e o Jogo* (2003), com crônicas que trazem pequenas confissões, comentários, histórias curiosas e engraçadas do esporte, com uma grande relação dinâmica com o seu leitor.

Nas palavras de Clarice Lispector na crônica “Armando Nogueira, Futebol e Eu, Coitada”<sup>42</sup> que entendemos melhor o quanto o estilo do autor pode ser fascinante, mesmo dentro de um universo temático específico: “Armando escreve tão bonito (não digo apenas bem), que às vezes, atrapalhada com a parte técnica de sua crônica, leio só pelo bonito” (LISPECTOR, 2006, p. 23).

Aliás, poucos sabem, mas Clarice era – de seu próprio modo – uma apaixonada pelo futebol, principalmente pelo Botafogo, e acabou deixando suas impressões sobre o esporte nesta crônica acima citada, além do conto “À procura de uma dignidade”, de *Onde Estivestes de Noite* (1974) que tem o futebol como pano de fundo, e as curiosas entrevistas que fez com Zagallo e João Saldanha para a seção “Diálogos possíveis com Clarice Lispector”, da revista *Manchete*<sup>43</sup>.

Sobre a crônica, esta foi escrita em resposta a um desafio do próprio Armando Nogueira, que certa vez escreveu que trocaria uma vitória do time dele num grande jogo por uma crônica de Clarice Lispector sobre futebol. Desafio aceito por Clarice, transformado na crônica resposta com direito à bronca de uma apaixonada pelo Botafogo: “Mas, se seu time é Botafogo, não posso perdoar que você trocasse, mesmo por brincadeira, uma vitória dele nem por um meu romance inteiro sobre futebol” (LISPECTOR, 2006, p. 23).

Sem perder o estilo que marcou a autora, ela nos descreve sua “ignorância apaixonada” em relação ao esporte de que tanto gosta mas pouco entende, e ainda revela o drama de ser uma mãe botafoguense com um filho flamenguista:

<sup>42</sup> Crônica publicada no *Jornal do Brasil*, em 30/03/1968, e que encontra-se presente no livro *Donos da Bola* (2006), organizado por Eduardo Coelho.

<sup>43</sup> Uma análise interessante da autora com o futebol encontra-se no artigo “Clarice Lispector e o Futebol: A Hora da Estrela Solitária”, de Miguel Leocádio Araújo.

Sou Botafogo, o que já começa por ser um pequeno drama que não torno maior porque sempre procuro reter, como as rédeas de um cavalo, minha tendência ao excessivo. É o seguinte: não me é fácil tomar partido em futebol – mas como poderia eu me isentar a tal ponto da vida do Brasil? – porque tenho um filho Botafogo e outro Flamengo. E sinto que estou traindo o filho Flamengo. Embora a culpa não seja toda minha, e aí vem uma queixa contra meu filho: ele também era Botafogo, e sem mais nem menos, talvez só para agradar o pai, resolveu um dia passar para o Flamengo. Já então era tarde demais para eu resolver, mesmo com esforço, não ser de nenhum partido: eu tinha me dado toda ao Botafogo, inclusive dado a ele minha ignorância apaixonada por futebol. (LISPECTOR, 2006, p. 23-24).

Outro profundo conhecedor do futebol, torcedor fanático do Fluminense, é Chico Buarque, que além das inúmeras canções que retrataram o esporte, teve uma produção cronística relativamente significativa nessa área, além do seu próprio time, o Politeama.

Embora somente algumas tenham sido publicadas em livros, as crônicas que Chico Buarque escreveu no período da Copa do Mundo da França de 1998 a convite do jornal *O Globo* e *O Estado de São Paulo*, com direito a viagem para acompanhar esta copa diretamente da França, tiveram enorme repercussão, inclusive nos estudos sobre o próprio futebol, como a conhecida análise que José Miguel Wisnik faz no livro *Veneno Remédio* de uma dessas crônicas, “O Moleque e a Bola”, apontando o texto como fundamental para o entendimento das características que diferem o povo brasileiro dos europeus através da movimentação de um jogo. Outras crônicas deste período foram publicadas no livro *Donos da Bola* (2006) – a coletânea dos melhores textos escritos no país com a temática do futebol organizada por Eduardo Coelho na qual a crônica de Clarice Lispector apareceu também –, entre elas, “Até a Próxima”, a já citada “O Moleque e a Bola”, “Com os Meus Botões” e “Nossos Craques São Todos Mais Artistas”.

Mais um autor de importância vital para a crônica relacionada ao futebol é José Lins do Rego, um escritor que de tão apaixonado pelo futebol – e pelo seu time, o Flamengo – acabou atuando em alguns cargos de política esportiva como a secretaria-geral da Confederação Brasileira de Desportos, no Conselho Nacional de Desportos e na diretoria do Flamengo.

Na crônica, como nos mostra Bernardo Borges Buarque de Hollanda em seu livro *O Descobrimento do Futebol: Modernismo, Regionalismo e Paixão Esportiva em José Lins do Rego* (2004), a produção do autor engloba 12 anos com uma soma de 1571 crônicas assinadas entre 1945 e 1957 no *Jornal dos Sports*. Apesar da grande quantidade, somente um livro foi publicado exclusivamente com as crônicas de futebol que ele escreveu, a coletânea póstuma *Flamengo é Puro Amor* (2002), da qual foram selecionados alguns textos em que

aborda o Flamengo como figura central, com passagens sobre jogadores como Ademir, Jair, Heleno, Zizinho, Biguá e outro ídolos, além de histórias de bastidores do clube, dos dirigentes e das situações vividas fora do gramado.

Sem dúvida, ao se tratar de crônica e futebol, o nome do torcedor ilustre do Fluminense Nelson Rodrigues aparece com uma força indescritível. De estilo inconfundível, suas crônicas extrapolaram o espaço jornalístico, como aponta Marcelino Rodrigues da Silva, em sua dissertação intitulada “O Mundo do Futebol nas Crônicas de Nelson Rodrigues” (1997):

Nas crônicas de Nelson revela-se, para além dos aspectos objetivos, que ele chamava de "termos chatamente técnicos, táticos e esportivos", toda uma outra dimensão do futebol: as interferências do sobrenatural, o dramatismo dos grandes jogos, o lirismo do estilo dos craques, e todo um mundo particular em que os acontecimentos, personagens e instituições do universo futebolístico tornam-se signos de um universo mais amplo, que é a própria vida do homem. (SILVA, 1997, p. 40)

Como o próprio Nelson Rodrigues dizia, o que ele procurava no “futebol é o drama, é a tragédia, é o horror, é a compaixão”<sup>44</sup>. Assim como o irmão Mario Filho, sua obra transpassa as redações jornalísticas do Brasil, destacando as publicações no *A Manhã* e a *Crítica* – ambos de seu pai Mario Rodrigues –, *Correio da Manhã*, *Jornal dos Sports*, *O Globo*, *A Última Hora*, além da participação na primeira mesa-redonda futebolística da Televisão brasileira na bancada da *Grande Resenha Esportiva Facit*, da TV Globo.

Apesar do grande envolvimento com o futebol, e de ter sido, como diz Marcelino, “um cronista que foi por muitos anos um dos mais lidos do jornalismo esportivo brasileiro”, suas crônicas, diferentemente da dramaturgia do autor, só chegaram aos livros na década de 90, com a publicação de dois livros: *À Sombra das Chuteiras Imortais* (1993) e *A Pátria em Chuteiras* (1994). Para Marcelino Rodrigues da Silva, a escolha de Nelson Rodrigues pelas crônicas seguiam

a possibilidade de estabelecer com os fatos que serviam de referência a seus textos uma relação ambígua, subjetiva e produtiva que lhe permitiu criar uma concepção particular do mundo futebolístico, onde as peças se encaixavam segundo uma lógica própria, mais ou menos desligada da realidade objetiva. (SILVA, 1997, p. 41)

---

<sup>44</sup> Trecho da crônica “Divino Delinquente”, publicada no jornal *O Globo*, de 18/11/1963, e que encontra-se no livro *À Sombra das Chuteiras Imortais* (1993)

Com isso, o autor fazia com que os acontecimentos do mundo do futebol aparecessem transfigurados, “transformados pelo olhar do cronista, deslocados da moldura objetiva da notícia”, para que o autor se movesse “livre da obrigação jornalística de revelar objetivamente os fatos” (SILVA, 1997, p. 41).

João Antônio é outro escritor que teve contribuição relevante para o futebol tematizado nas crônicas, e na mesma esteira do ocorrido com Chico Buarque, seus textos também abordaram um período específico, neste caso, a Copa do Mundo de 1990 na Itália, fazendo parte do Caderno de Esporte do jornal *O Estado de São Paulo*. Estas crônicas encontram-se no acervo João Antônio, na FCL/Assis. Como fala J. J. Veiga sobre a produção cronística de João Antonio:

aqui é preciso acender uma luz de advertência, porque é onde entra o talento do escritor. Captar falas de gente do povo é muito fácil, basta ligar o gravador. Mas em suas crônicas João Antônio não está fazendo reportagem, está criando literatura. (VEIGA, 1994, p. 10)

Assim como acontece em Nelson Rodrigues e tantos outros autores aqui pormenorizados, o futebol aparece na obra de João Antonio, como podemos ver no artigo “O Futebol nas Crônicas de João Antonio Levantamento e Catalogação” (2007), de Douglas Fernando de Araújo Cruz, carregado de expressividade na linguagem ao explorar o máximo das potencialidades da língua, transformando “simples relato circunstancial do futebol em textos repletos de lirismo”, pois o “escritor transforma o tema objetivo em subjetivo, apresentando uma sensibilidade particular no tratamento do tema” (CRUZ, 2007, p.149).

Da safra atual de cronistas que sabem lidar com o valor literário na exploração temática do futebol, podemos destacar o santista Xico Sá que escreve semanalmente na *Folha de São Paulo*; o também santista José Roberto Torero, que além de muitos livros, tem colaborações na crônica futebolística do *Jornal da Tarde*, da *Revista Placar*, e, atualmente, na *Folha de São Paulo*; e até mesmo o ex-jogador Tostão, que é craque também nas crônicas esportivas que publica desde 1999 na *Folha de São Paulo*, e que lançou recentemente no livro *A Perfeição Não Existe* (2012) a reunião de 101 crônicas publicadas no jornal, e que entre tantos elogios recebidos, Juca Kfourri diz “que se Armando Nogueira era o Machado de Assis da crônica esportiva, Tostão é o Graciliano Ramos”<sup>45</sup>.

---

<sup>45</sup> Fala presente no prefácio do livro *A Perfeição Não Existe* (2012), de Tostão.

Dos nomes que ficaram de fora dessa lista e que poderiam aparecer aqui facilmente pela importância de serem colaboradores da construção de um painel relativo da crônica brasileira e sua relação com o futebol, destacam-se também Vinicius de Moraes, Antônio de Alcântara Machado, João Saldanha, Lourenço Diaféria, Ruy Carlos Ostermann, David Coimbra e tantos outros.

Um dos destaques, veremos no próximo capítulo através da seleção do time formado por suas melhores crônicas com o futebol aparecendo diretamente: nosso objeto de pesquisa, o craque Aldir Blanc.

### 3 O FUTEBOL NA CRÔNICA DE ALDIR BLANC

#### 3.1 CONVOCANDO O TIME DE CRÔNICAS

Depois de encaminhadas as discussões sobre a representatividade do futebol no cotidiano nacional, e de termos justificado o quanto ele pode participar da crônica – este gênero que se alimenta do dia a dia –, entramos agora nas análises de um time – literalmente – de crônicas escolhidas dentro da obra de Aldir Blanc em que o futebol aparece com uma função primordial: representar, através dos seus elementos míticos – jogadores, jogadas ou jogos marcantes – e da linguagem pertencente a este esporte, outros níveis interpretativos dentro destas crônicas, nas quais o futebol se torna um interessante caminho para a compreensão.

Para isso, então, basearemos a escolha da seleção de crônicas pela mesma lógica da formação de um time, com 11 jogadores-crônicas em campo, representados pela divisão de 4 crônicas que estejam relacionadas de alguma forma interpretativa ao setor de defesa do time, mais 3 crônicas que compreendam a significação do espaço do meio-campo, outras 3 crônicas que signifiquem os valores do ataque, além da crônica para o goleiro, é claro.

Nossa escalação, portanto, é de um time jogando no esquema 4-3-3, com a postura ofensiva que tanto admira nosso autor Aldir Blanc, que tem verdadeiro horror a escalações com o famoso volante de contenção, muito comum nos times europeus e extremamente copiada por clubes do Brasil no conhecido esquema de 4-4-2.

Segundo o autor, a postura defensiva encabeçada pela presença dos volantes de contenção acabaram por embrutecer o futebol, com direito a comparações em outras áreas como “os torturadores são volantes de contenção políticos” (BLANC, 2008, p. 81), e o diálogo significativo com o craque Zinho – ambas passagens presentes no livro *Guimbas*:

No lançamento do Maracanã, livro-homenagem do amigo João Máximo, puxei Zinho, o lendário mestre Ziza e, mal-intencionado, perguntei:

- O que você acha do volante de contenção?

A resposta do sábio:

- Volante guia. Quem faz contenção é o freio. (BLANC, 2008, p.69)



Além do time escalado em campo, também traremos a interpretação do técnico Aldir Blanc na crônica escolhida para fechar as análises, da qual seu efeito memorialístico compreenderá a maioria das crônicas convocadas para este jogo das letras.

Definida a escalação, chamamos para a partida a significação dos espaços representados em campo, pelas seguintes crônicas devidamente convocadas:

- Para o papel de goleiro, a história de Arrasa Curió na crônica “Sina”, sua defesa tragicômica e a relação com o mais trágico personagem da história de nosso futebol – o grande goleiro Barbosa;

- Na defesa, o time de crônicas traz quatro beques vigorosos de botar medo em qualquer ataque – duas vezes o capitão Bellini, em “À sombra das goiabeiras em flor” e “Cachorrada fatal”, o temido beque Tomires em “É o tal negócio!”, e por último, em “O apelido”, o beque central de subúrbio, que carrega no próprio apelido os valores da posição. Além de Tomires, “É o tal negócio!” também vem a campo com a postura brava de defesa da memória dos torcedores, mesmo que com muito sofrimento, do clube carioca América F. C.;

- No meio-campo, com mais três convocados, sem pender para nenhum dos lados, temos primeiramente uma das maiores rixas futebolísticas nacional: o Clássico dos Milhões (Flamengo x Vasco), presente na crônica “Uma última palavra”. Também relacionado a este espaço do campo, trazemos o desconhecido Tatão tentando equilibrar o meio-campo entre sua mulher barraqueira e toda a Vila Isabel na crônica “Tirem as crianças da sala”, e o papo sobre o futebol fazendo o meio-campo para ligar o chefe do Iapetec Ermelindo com a família de Aldir Blanc em “Visita de cerimônia”;

- Para o ataque, formado por três grandes goleadores, nada menos do que a participação de uma das maiores máquinas de gols da história de nosso futebol, o arrasador Expresso da Vitória vascaíno e sua representação para a postura ofensiva do Mudinho na crônica “Não interrompe, pô!”, também o mineiro Cascudo e sua reação de atacante matador que parte para o gol em sua relação conjugal da crônica “A copa e a cópula”, além do glorioso time da Rua dos Artistas, cujo nome aparece no título “Artistas da Rua Futebol e Regatas”, formado pela linha de frente do coração de Blanc;

- Por último, sentado no banco de suas memórias, Aldir Blanc escala as melhores histórias que conhece em relação ao futebol na crônica “Até morrer”, confessando também diretamente a sua paixão por este esporte, pois o técnico escolhido, autor deste time inteiro de crônicas convocadas, sabe muito bem o valor que elas carregam.

Escalção feita, hora de colocar o time de crônicas de Aldir Blanc no campo das análises.

### 3.2 O GOLEIRO

*o goleiro vê o jogo ao contrário  
o número um que ele carrega  
não é de primeiro, mas de solitário*

*o gol que não houve, a bola na trave  
ou presa entre as asas do seu vôo de ave  
são pontos a mais no seu placar tonto*

*seu companheiro, o goleiro adversário  
com quem trama o score ideal:  
zero a zero do começo ao final  
Ricardo Silvestrin<sup>46</sup>*

A figura do goleiro, como podemos perceber no poema de Ricardo Silvestrin, sempre esteve ligada intimamente ao peso da tragédia, tanto pela solidão que faz parte da posição, quanto pela não aceitação de seus erros, pois um erro dele pode ser fatal para o time, diferentemente de um gol perdido por um atacante. Tão trágica é sua representação no futebol que até ouve-se em qualquer campo do país a famosa máxima que “onde o goleiro pisa não nasce grama”.

Temos, então, na crônica escalada para representar o goleiro um personagem que nunca jogou no gol, mas que simboliza as principais características míticas desta posição, como a enorme solidão que demonstra, além de seu apelido vir do mais trágico de todos os goleiros, o injustiçado Barbosa, insistentemente culpado pelo *Maracanazo*, aquele jogo que é considerado a maior tragédia da história do futebol nacional, quando o Brasil perde de virada para o Uruguai a final da Copa do Mundo de 1950 realizada dentro do nosso país, com direito ao considerado “frango” sofrido por esse pobre goleiro no segundo gol do Uruguai – olha o peso cruel desta afirmação, responsabilizar somente um jogador por uma derrota? Pois é, vida de goleiro não é fácil mesmo.

---

<sup>46</sup> Poema do livro *Quase eu I*(1992), de Ricardo Silvestrin.

### 3.2.1 Sina – Barbosa e o Arrasa Curió

Na crônica “Sina”, presente no livro *Brasil Passado a Sujo – A Trajetória de uma Porrada de Farsantes* (1993), o futebol cumpre um papel importante de socialização, sendo o meio que aproxima um personagem solitário que se sente deslocado, e que sonha ser aceito pelo espaço em que o futebol reina: as conversas de dentro dos butecos. Além disso, a compreensão de um sujeito trágico como o goleiro Barbosa – o único que até hoje é insistentemente lembrado pela derrota contra o Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950, uma das datas mais tristes da história do nosso futebol – é um interessante paralelo com a construção do personagem do texto.

Na narração, temos então a história de um “sujeito grandalhão, desajeitado e com um nome desses que, embora simples, ninguém decora”, rapaz este que vivia melindrado no bairro do Estácio onde morava, pois seu sonho era ser igual aos frequentadores dos butecos de lá, porém, totalmente inseguro e atrapalhado, achava isso uma tarefa impossível de acontecer, isolando-se então em sua própria solidão, pois “tinha medo que descobrissem sua falta de assunto, seu permanente mal-estar diante das pessoas, seus gestos descontrolados que derrubavam jarros, derramavam copos e atingiam crianças” (BLANC, 1993, p. 59).

No pensamento deste personagem, ele nunca alcançaria o status daqueles homens dos bares dos quais considerava, literalmente, seus heróis – verdadeiros ex-pracinhas sempre com alguma história das batalhas passadas prontas para serem contadas:

Pra ele, aqueles homens de cigarro no canto da boca sem queimar, de programa de corrida de cavalos nas mãos ágeis, dedos sujos de giz de sinuca, bigodes cuidadosamente aparados, de olhares ávidos e experientes pra bunda das mulheres – aqueles homens eram heróis. Sentia diante deles a mesma timidez, o mesmo constrangimento, a mesmo dor indecifrável que experimentara em sua cidade natal, ao ouvir as histórias do Seu Rocha, o ex-pracinha. Nos butecos do Estácio todos eram, com certeza, ex-pracinhas. Só ele ainda não havia lutado sua grande guerra, só ele não tinha nada pra contar sobre as batalhas, só ele não havia feito as quase eternas camaradagens. (BLANC, 1993, p. 59).

Outro grande medo do personagem, “muito pior do que se achar um merda” na frente dos heróis dos butecos, era “o terror do apelido” que ele poderia receber deles, “porque aqueles caras espertos, cheios de chinfra, mais cedo ou mais tarde iam botar nele um apelido devastador, asfixiante, mortal” (BLANC, 1993, p. 59).

Por tanta admiração, misturada com seu característico pânico, ele vivia nos “recantos escuros dos bares vazios, onde bebericava uma cerveja, a espreita de alguma sacanagem, ouvidos atentos às evasivas de duplo sentido, torturado pelos risos às suas costas” (Idem, *ibidem*, p. 60). Porém, um dia, depois da “sexta cervá”, ao ouvir uma frase sobre futebol, criou coragem e dirigiu a palavra àquela turma que tanto idolatrava, com ainda mais astúcia, pois foi através da correção de uma bobagem dita por um dos frequentadores do espaço:

- Valter Marciano foi dos nossos primeiros jogadores a brilhar na Itália. Mancada é sempre comovente, ainda mais se o sujeito é vascaíno. Surpreso com a própria coragem, corrigiu o baixinho que chutara pra fora:  
- Valter Marciano foi, de fato, um ídolo. Só que na Espanha. Morreu lá, num acidente de automóvel. (BLANC, 1993, p. 60).

Tamanho despautério de corrigir um daqueles heróis causou espanto entre eles, por isso, “um mulato de óculos escuros disse que tava certo e perguntou se ele lembrava a linha de 56”. A resposta foi “na lata”:

- Sabará, Livinho, Vavá, Válder e Pinga numa das últimas partidas, se não me engano. Sabará foi substituído por Lierte, com i. Não confundir com Laerte, que jogava no meio e era, por sua vez, substituído por Écio. Se não me engano. (BLANC, 1993, p. 60).

Pronto. Com uma resposta com tanta classe assim, o que parecia impossível aconteceu, recebendo “as homenagens a que boa memória tem direito: tira de queijinho, essa eu pago, também aprecia um rabo empinado?” (BLANC, 1993, p. 60). Tanto sucesso fez na mesa do buteco por causa da paixão – e memória – futebolística que acabou sendo convidado para uma seresta na casa do Paulo Amarelo, uma honra gigantesca para ele: “O Amarelo é um mito. Amigo do Amadeu, Tião da Garagem, Ceceu Rico, Hélio Barbeiro, Beijo Louco...” (Idem, *ibidem*, p. 60). Na seresta, quando achou que o medo ia atrapalhá-lo, enganou-se, e fez muito sucesso:

Tentou ficar atrás de uma goiabeira no quintal do pagode, mas foi saudado com grandes berros de “chega prá cá e junta-te aos bons”. Quase chorou. Os primeiros copos deram uma força. Acabou cantando aquela, “Dentro d’alma dolorida trago um riso teu...”. A moça de olhos claros deixou cair o lenço. Um coroa resmungou: “Esse grandão é dos meus”.  
A noite era uma criança e ele reinava. (BLANC, 1993, p. 60).

Porém, a seresta guardava um momento especial e decisivo para o personagem central desta crônica: o batismo, a escolha de seu apelido definitivo.

O baixinho do buteco pediu:

- Conta aquela defesa do Barbosa!

A catástrofe. Em plena ponte dos grandes braços pro canto esquerdo da meta, o safanão na gaiola do curió. O passarinho morto. A consternação do dono da casa.

Amadeu tacou-lhe um generoso cacete nas costas:

- Fica assim não. Isso acontece. Aí, minha gente, tristezas não pagam dívidas! Passemos à próxima atração! A seguir, ouviremos “Chão de Estrelas” na voz do nosso Arrasa-Curió. (BLANC, 1993, p. 61).

Depois da imitação do trágico goleiro Barbosa com o final trágico do pobre curió, o rapaz finalmente ganhava o temido – e divertido, neste caso – apelido. “O apelido. Para sempre” (Idem, *ibidem*, p. 61). O Arrasa-Curió.

Como pode-se perceber neste resumo da crônica, o futebol acaba sendo o caminho possível para aproximar o Arrasa-Curió dos seus heróis de buteco, e entre as causas possíveis para tal ocorrência, podemos elencar o alcance deste esporte em nosso cotidiano, que além de ser capaz de gerar inúmeros discursos compartilhados no dia a dia, encontra no espaço do bar um dos locais para a disseminação desses discursos.

O bar, assim como vimos no pensamento de Michel Maffesoli, acaba representando um recorte interessante para compreender a dinâmica de interação que se estrutura no cotidiano, pois é perceptível na construção do personagem da crônica noções como a aceitação pelo grupo, o medo da rejeição naquele local, e, principalmente, a redenção construída pelo compartilhamento de um discurso em comum perante os indivíduos daquele determinado espaço.

A referência ao Barbosa pode ser interpretada na crônica como a concretização de um elemento mítico de nosso futebol, pois o drama de aceitação que o personagem atravessa constitui um paralelo interessante com a história do próprio goleiro, do qual Aldir Blanc sempre foi um dos maiores defensores e fãs.

Como já foi citado anteriormente, Barbosa é o goleiro da Seleção Brasileira que perde a final da Copa do Mundo de 1950 aqui no Brasil, no famoso *Maracanazo*<sup>47</sup>, e o segundo gol em que o time do Uruguai vira a partida nos últimos minutos acaba por ser considerado uma grande falha sua, pois este deixa a bola passar através de um espaço mínimo

---

<sup>47</sup> Para entender melhor essa situação, recomenda-se a leitura de *Maracanazo (Tragédias e Epopéias de Um Estádio com Alma)* (2010), de Teixeira Heizer.

entre ele a trave, estigmatizando a figura do goleiro, que sofrerá o peso de carregar toda a culpa daquela derrota eternamente.

A rejeição que Barbosa sofre é tão grande, que acabou se tornando um ótimo tema para os cronistas esportivos, pois a sua história sempre reaparece quando descrevem uma grande tragédia futebolística. Até mesmo Nelson Rodrigues deixou inúmeras crônicas sobre o goleiro<sup>48</sup>, e assim como faz Aldir, defende a importância do goleiro e define a real dimensão deste mito do nosso esporte como eterno:

Vejam 50. Quando se fala em 50, ninguém pensa num colapso geral, numa pane coletiva. Não. O sujeito pensa em Barbosa, o sujeito descarrega em Barbosa a responsabilidade maciça, compacta, da derrota. O gol de Gigghia ficou gravado, como um frango eterno. O brasileiro já se esqueceu da febre amarela, da vacina obrigatória, da Espanhola, do assassinato de Pinheiro Machado. Mas o que ele não esquece, nem a tiro, é o chamado frango de Barbosa. Qualquer um outro estaria morto, enterrado, com o seguinte epitáfio: - “Aqui jaz fulano, assassinado por um frango”. Ora, eu comecei a desconfiar da eternidade de Barbosa, quando ele sobreviveu a 50. Então, concluí de mim para mim: - “Esse camarada não morre mais!”. Não morreu e pelo contrário: - está cada vez mais vivo. (RODRIGUES, 1994, p. 71-72).

A admiração que Aldir Blanc tem por Barbosa é tão grande que o goleiro é inclusive matéria de um dos textos que ele escreve sobre a história do seu time do coração no livro *Vasco – A cruz do bacalhau* (2009), que é intitulado de “Ícaro – Barbosa”, com a devida aproximação da trágica situação que o grande goleiro encarou a vida inteira com a mitológica história de Ícaro:

A história trabalha num espaço curvo de uma falta cobrada com estilo. Se o leitor perguntar, na mesa de “coroas” na qual meu pai bebe, do alto de seus 86 anos de vascaíno remido, no Momo, qual foi o maior goleiro que viram atuar, com as raríssimas exceções que cagam a regra, ouvirão em uníssono: Barbosa. Barbosa, ao lado de Zico, foi a mais trágica figura do futebol brasileiro. Perderam um título em segundos. No caso de Barbosa, numa escapada de Ghiggia, que muitos atribuem à falha da defesa, Barbosa tomou o tal frango e viu todas as suas defesas miraculosas virarem pó. Revendo o lance, é muito difícil dizer que houve falha naquele chute cruzado. Antes ser conhecido por um pretenso frango imortal diante de 173.850 pessoas (público oficial) a marcar toca na várzea a vida inteira. Em dois segundos vertiginosos, Barbosa experimentou a queda mitológica de Ícaro. Só que o goleiro, discreto e competente, não teve a vaidade de se aproximar do sol e sim de uma simples bola de couro que lhe queimou o voo. Mas há paradoxos nas lendas: à medida que o tempo passa, as asas queimadas de Barbosa adquirem a pátina dourada da história. Em outra versão do mito, Ícaro afogou-se quando buscava o pai e seu barco afundou. Parece coisa de português. Aqui também vemos o contrário funcionando: se aquela tarde fatídica pode ser considerada a data do

<sup>48</sup> Além da crônica citada, encontram-se também referências a outras no artigo “A Memória do Trauma de 1950 no Testemunho do Goleiro Barbosa”, de Elcio Loureiro Cornelsen.

naufrágio de Barbosa, a cada dia que passa, ele, atlântico, sai cada vez mais das profundezas para o sol generoso da posteridade. (BLANC, 2009, p. 143)

Com tanta tragédia acompanhando o nome do grande goleiro vascaíno, nada é mais significativo do que a imitação de uma defesa sua selar o que tanto temia o personagem da crônica, ganhando o apelido de Arrasa-Curió. É também na cena dessa tragédia que temos um dos pontos característicos do humor de Blanc dentro da crônica, que sempre beira o politicamente incorreto, pois este subverte a escolha do apelido que poderia soar como grande sofrimento em matéria de riso coletivo.

Como vimos em Certeau, essa ressignificação dos códigos impostos por uma lógica própria do espaço fugindo do padrão geral torna-se uma das características primordiais da obra de Aldir, pois a forma com que ele retrata a sociabilidade da Vila Isabel e seus arredores apresenta algumas astúcias que distinguem o funcionamento de tal espaço.

Na questão do isolamento, por exemplo, o passo dado pelo personagem através dos comentários feitos como profundo conhecedor deste esporte, além de tornar-se a vazão para que ele superasse a insegurança e timidez dentro do espaço do buteco ao lado de seus heróis, foi também responsável pela real aceitação dele como figura pertencente ao bairro em que se passa a crônica – a Vila Isabel.

É no convite para a seresta na casa do Paulo Amarelo que a aceitação perante o bairro se concretiza, pois a sociabilização com figuras que não fazem parte somente do buteco e, até mesmo, o apelido ganho após o acidente, tornam-se um modo dele reafirmar sua identidade junto com os outros moradores daquele ambiente.

Sobre o humor tão característico do autor dentro do gênero, é interessante ressaltar como Aldir Blanc consegue transformar a situação do “batismo” de Arrasa-Curió, em que poderia soar extremamente trágica por causa do medo do personagem, numa divertida passagem da qual o apelido temido não aparece de forma ofensiva, mas sim como uma brincadeira leve que muda o peso da significação.

O apelido Arrasa-Curió, na verdade, faz com que a aparente tragédia do personagem torne-se uma história da qual o bairro sempre irá se divertir ao lembrar-se dela. É também o passo definitivo da aceitação da figura antes isolada, além de ser o desfecho humorístico ideal que tanto preza este modelo de texto que é a crônica.

Destaca-se também a construção da linguagem no texto pelo autor, sabendo colocar em prática o modo de falar daquele local, tanto dos homens do bar quanto do pessoal

que participa da seresta do Paulo Amarelo. A própria descrição destes espaços pelo narrador em primeira pessoa leva em consideração a voz de alguém que domina o modo de falar da Vila Isabel e seus arredores.

Outro ponto importante da crônica é a forma com que Aldir Blanc trabalha o peso do trágico inerente do cotidiano que tanto fala Maffesoli, transformando desde uma descrição do pessoal do bar – “aqueles homens de cigarro no canto da boca sem queimar, de programa de corrida de cavalos nas mãos ágeis, dedos sujos de giz de sinuca, bigodes cuidadosamente aparados, de olhares ávidos e experientes pra bunda das mulheres – aqueles homens eram heróis” (BLANC, 1993, p. 59) – até o medo de receber um apelido – “devastador, asfixiante, mortal” (Idem, ibidem, p. 59) – em tramas intensas das quais os conflitos do dia a dia ganham dimensões ainda maiores do que imaginadas.

Dentro desta crônica, portanto, o futebol assume dois papéis distintos, mas importantes para seu entendimento: no primeiro, a função de quebrar o isolamento do personagem, tornando-se um meio acolhedor através do compartilhamento de seus discursos em um dos espaços que mais os dissemina que é o bar; no segundo, através da imitação da defesa de Barbosa que sela o apelido Arrasa-Curió, a referência a um dos elementos míticos que melhor representa a rejeição em nosso país, e o caminho da saída humorística tão necessária para este gênero capaz de transformar a temida rejeição em acolhimento do bairro.

### 3.3 A DEFESA

#### *SONETO PARA O JOGO BRUTO*

*Zagueiro violento, ele é batata:  
carrinhos dá por trás, empurra, soca...*

*Feliz foi o cronista que o retrata:  
"pega, em cada enxadada, uma minhoca".*

*Se falha a marcação com que combata  
um ótimo atacante, ele já troca  
o jogo limpo pelo pau da pata...*

*Quem é que, à sua frente, não pipoca?*

*Caído o centroavante, mete a chanca  
na cara do coitado e, na retranca,  
seu time vai mantendo o resultado...*



*Placar que não saiu do zero a zero  
e, como falta um árbitro severo,  
bem alto o zagueirão ergue o solado...*  
Glauco Mattoso<sup>49</sup>

Pelo soneto de Glauco Mattoso dá para entender bem o quanto um bom zagueiro pode ser literalmente bruto, tornando-se o verdadeiro pesadelo de qualquer ataque adversário. No nosso time que cuidará da defesa, escalamos alguns nomes que honraram essa posição com a força que lhe é peculiar.

Iniciamos nossa zaga então com a dupla presença do capitão do primeiro título mundial de nossa seleção, o grande Bellini. Na primeira crônica em que nosso beque Bellini aparece, chamada “À sombra das goiabeiras em flor”, o que vamos ver é o quanto ele era considerado bonito, a tal ponto de atrair a atenção da publicidade em geral da época, um verdadeiro popstar que até Hollywood tentou levar para seu time de galãs.

Porém, se estamos falando de zagueiro, a brutalidade que faz parte de seu jogo não pode ser esquecida. Portanto, elencamos uma segunda crônica, chamada “Cachorrada fatal”, em que Bellini aparece como figura central, ou melhor, como a figura de um basset que honra as características de um bom zagueiro, marcando em cima com firmeza e fúria o homem que ele não quer deixar que chegue perto de sua dona.

Se com toda a beleza Bellini conseguia ainda ser temido pelos seus adversários, perto do outro zagueiro que colocamos dentro do time de crônicas, nosso eterno capitão é um santo, pois este sim era um dos mais brutos personagens que o futebol brasileiro ouviu falar: o temido Tomires, conhecido também como “O Cangaceiro” tamanha a brutalidade que demonstrava nos campos pela zaga flamenguista.

Dentro da crônica “É o tal negoço!”, Tomires encontra similaridades com a braveza da mulher de Belizário, que marcava junto e pesado o marido. Aliás, Belizário também representará a atitude digna de um bom zagueiro pela sua resistência ao torcer fervorosamente pelo América F. C., o que faz dele – e dos torcedores deste clube que nunca ganha – um ato de pura defesa de suas paixões, por mais difíceis que elas sejam.

Por último, na crônica “O apelido”, escolhemos o Pombo, que carrega a posição específica da defesa no próprio apelido, conhecido por todos de Vila Isabel e seus arredores como o “beque central de subúrbio”, uma nomenclatura mais popular que a função

---

<sup>49</sup> Soneto presente na edição especial Livro Bravo! “Literatura e Futebol” (2011).

do zagueiro ganha nas peladas de rua. Este apelido, ao contrário do que se possa imaginar, coloca o Pombo no ataque, pois ele fica furioso quando ouve e sai dando porrada mais que um Tomires em final do Campeonato Carioca.

Time de zagueiros devidamente escalado, protejam suas canelas e vamos às análises.

### 3.3.1 À Sombra das Goiabeiras em Flor – O Galã Bellini

A primeira crônica analisada de nossa zaga, chamada “À Sombra das goiabeiras em flor”, que se encontra presente no livro *Rua dos Artistas e Arredores* (1978), tem no capitão da Seleção Brasileira campeã da Copa de 1958 na Suécia, Hideraldo Luiz Bellini, um dos pontos centrais de seu entendimento, inclusive no efeito humorístico que o autor usa para encerrá-la.

No enredo da crônica, temos a história de um “domingo de Fla-Flu e a moçada se reunindo pra mais uma imortal feijoada” (BLANC, 2006, p. 25), quando de repente, os homens reunidos na “sombra das goiabeiras em flor” resolvem “eleger a mulher ideal”, através do seguinte método: “a gente vai pegando uma parte de cada uma” (Idem, ibidem, p. 26).

Quase pronta, com “as coxas da Renata Fronzi”, a “voz da Ísis de Oliveira”, a bunda da “arrumadeira aqui da casa, a Maria Luísa”, “os seios da Isolda (que morava em frente)”, e “o umbigo da Isa Rodrigues” (Idem, ibidem, p. 26), chega-se ao desfecho dessa mulher ideal: o seu rosto.

Nesta altura, Anacleto, que tem um medo enorme de sua mulher Heronda, extremamente ciumenta e brava, resolve passar por cima do medo e opinar sobre o rosto, pois era “doido pela Eliana”. É neste momento que o drama se constrói e o futebol resolve o desfecho da crônica:

-Deixa comigo! O rosto é comigo!

-Rosto de quem Anaca?

Era Heronda, de mãos nas cadeiras, cabelos e pelos já se eriçando, mais leoa do que nunca.

Anacleto matou no peito, suspirou e chutou:

- Rosto... Em matéria de rosto, eu fico com o do Bellini.

E levantando-se, à sombra das goiabeiras em flor, guimba de Astória no canto da boca, fez o convite, olhando pra dentro do copo:

- Senta aqui, nega. A gente tá brincando de viado. (BLANC, 2006, p. 27)

Por que Anacleto usou o Bellini para fugir – de maneira um tanto quanto atrapalhada, é verdade – da bronca da leoa Heronda? É isso que vamos entender agora.

Para começar, Hideraldo Luiz Bellini não foi só o capitão do primeiro grande título de nossa Seleção Brasileira, sendo inclusive o responsável por se fazer até hoje o gesto de levantar a taça (antes dele, só usavam a taça para beber champagne nas comemorações), mas, acima de tudo, era um dos maiores galãs da época, um verdadeiro *sex symbol* que até de Hollywood chamou a atenção.

A imponência de sua imagem era tão forte naquela época que inclusive estátua do Maracanã ele se tornou, ou melhor, “a estátua se tornou Bellini”, como nos conta Ruy Castro no texto “Bellini, o Grande Capitão de 58”<sup>50</sup>:

No Rio, quatro anos depois, em 1962, a imagem de um atleta levantando a taça acima da cabeça foi reproduzida em bronze numa estátua em homenagem aos agora bicampeões do mundo - porque o Brasil ganhara também a Copa do Mundo do Chile naquele ano, e Mauro, novo capitão do time, repetira o gesto de Bellini. A estátua fora uma iniciativa do empresário carioca Abraão Medina, dono das lojas de eletrodomésticos O Rei da Voz, que mandara fundi-la e plantá-la na entrada principal do Estádio do Maracanã. Bonita homenagem. Pena que, como também idolatrasse o cantor Francisco Alves, morto em 1952, Medina tivesse ordenado ao escultor Matheus Fernandes que fizesse a cabeça de Chico Alves no corpo do homem que levantava a taça.

A intenção do empresário era boa, mas de dúbia sensibilidade. O cantor de "Aquarela do Brasil" ficaria muito melhor abraçado ao violão ou diante de um microfone, e sua estátua se sentiria mais à vontade defronte ao edifício de A Noite, na Praça Mauá, onde funcionava a Rádio Nacional. E Bellini merecia uma estátua de verdade, só para ele, pelo seu porte de super-homem, de 1,82 metro e 80 quilos, quase todo músculos - a que a escultura decididamente não fazia justiça -, e pela beleza de seu rosto, que impressionava até os homens. Mas, desde o começo, os torcedores cariocas não quiseram nem saber. Não apenas os do Vasco, clube que celebrizou o jogador, mas também os de Flamengo, Fluminense e Botafogo, todos, num raro gesto ecumênico, passaram a referir-se a ela como "a estátua do Bellini". E, até hoje, marcam encontro "no Bellini", brigam "no Bellini" e fazem tudo aos pés "do Bellini". (CASTRO, 2008, p. 87-88)

Neste mesmo texto, Ruy Castro não se esquece de comentar sobre o quanto a imagem – e beleza – de Bellini faziam sucesso, anunciando os mais diversos tipos de produtos, sempre nas capas de todas as grandes revistas, protagonizando até fotonovelas e chamando a atenção de um empresário que o queria em Hollywood:

---

<sup>50</sup> Artigo originalmente publicado na *Revista Brasileiros*, Edição 11, Junho-2008, p. 86-97.

Anunciou toda espécie de produtos, apareceu de galã numa fotonovela e foi convidado (pelo diretor Lima Barreto, que começava a preparar *Quelé do Pajeú*) a tentar o cinema - chegou até a fazer um teste, em que tinha de beijar a jovem estrela Rossana Ghessa. E o empresário Harry Stone, "embaixador" do cinema americano no Brasil, tentou a todo custo levá-lo para a Fox, em Hollywood. De repente, Bellini poderia estar contracenando, quem sabe, com Carol Lynley, Diane Varsi ou Lee Remick, as jovens estrelas da Fox naquele ano. (CASTRO, 2008, p. 90)

Mais sinais da beleza de Bellini? Um dos maiores mulherengos da bossa nova, Ronaldo Bôscoli, sem medo de parecer suspeito – coisa que era difícil para quem fazia tanto sucesso com as mulheres como ele – cravava naquela época que Bellini estava entre os homens mais bonitos do mundo, afirmação esta que foi contada dentro do texto de Ruy Castro também:

Entre 1958 e 1963, o Brasil tinha dois dos três homens mais bonitos do mundo: o zagueiro Hideraldo Luiz Bellini, o compositor de bossa nova Antonio Carlos Jobim e, como se chamava mesmo, ah, sim, aquele ator francês, Alain Delon. E honni soit qui mal y pense, porque essa era a opinião de um homem acima de qualquer suspeita: o também compositor da bossa nova Ronaldo Bôscoli, um dos grandes ganhões da República. Bôscoli dizia isso porque era o que ouvia de todas as mulheres que conquistava – e pode crer que sua amostragem era representativa. (CASTRO, 2008, p. 94)

Destes três, como ressalta o autor, “o único que podia ser visto, ao vivo ou pela televisão, publicamente, todos os domingos e, como se não bastasse, de calção (e chuteiras) era Bellini” (Idem, *ibidem*, p. 95), por isso sua fama com as mulheres no país ganhou tamanha proporção, a tal ponto das revistas esportivas se preocuparem em estampar “Bellini em suas capas” para atrair “uma fatia do público feminino” (Idem, *ibidem*, p. 95).

Por isso, ao ficar na sinuca de bico de ter que escolher de quem seria o rosto para formar a mulher perfeita e se encontrar encurralado pela leoa brava que era sua mulher Heronda, nosso personagem Anacleto nem pestanejou em responder Bellini, pois era de conhecimento coletivo da sociedade brasileira em questão a sua beleza, e na situação que se encontrava, podia ser o único caminho de escapar da braveza eminente da mulher.

Se a desculpa esfarrapada não colou, pelo menos o efeito humorístico que ela causa conseguiu cumprir seu papel, principalmente para quem entendia a real significação que o nome Bellini podia carregar naquelas décadas retratadas nas crônicas do livro em que este texto se encontra, *Rua dos Artistas e Arredores* (1978), que por caracterizar a infância e início da adolescência de Aldir Blanc, localiza-se na década de 1950 e 1960, os tempos áureos em que o rosto de Bellini, tão marcante quanto uma estátua, fazia mulheres suspirarem, e

homens, tão conhecidos pelo seu sucesso com o público feminino como Ronaldo Bôscoli, darem o braço a torcer do quanto ele era realmente bonito.

O humor também se caracteriza na escolha da frase final – “A gente tá brincando de viado.” – pois esta mostra o quanto o imprevisto faz parte da dinâmica das relações pessoais construídas no miúdo do cotidiano, assim como destacava Certeau e Maffesoli, a tal ponto de Anacleto confrontar por causa do desespero da situação algo que o mundo aparentemente machista do futebol talvez não aceitasse.

“Brincar de viado” escolhendo o rosto de Bellini, nesse caso específico, acaba sendo perfeitamente aceitável pelos companheiros de “escolha da mulher perfeita”, pois o que está em jogo não é a afirmação de uma masculinidade da qual o futebol pode ser um emblema, mas sim uma forma de escape da bronca que virá da mulher, situação essa que os outros homens possivelmente podem passar e que, justamente por isso, compreenderão o imprevisto como algo natural, quase uma questão de sobrevivência – que aumenta ainda mais o efeito humorístico.

O marido com medo da mulher reafirma a situação trágica presente no cotidiano, além de ser responsável por um dos mais interessantes embates contra um falso conhecimento geral no qual o homem exerceria um poder inquestionável perante as relações conjugais. A crônica em questão não só derruba esse mito equivocado, como vem também em consonância com tantas outras do autor em que veremos a seguir a mesma inversão de comportamento, mostrando uma particularidade do cotidiano que escapa de um pensamento comum de controle que caracteriza uma sociedade machista.

O espaço cotidiano da feijoada de domingo retratado na descrição da crônica também levanta uma situação que aproxima-se da noção de ritual que faz parte do dia a dia, como acrescenta Maffesoli. No Rio de Janeiro, principalmente nos subúrbios, a sociabilidade construída dentro de uma feijoada de domingo ganha um valor incalculável.

A linguagem escolhida pelo autor também merece destaque, principalmente na narração que tem muitos momentos cuja conversa indagadora com o leitor o coloca em contato mais direto com a obra.

Vê-se também o futebol aparecendo na linguagem em algumas marcações circunstanciais do texto, entre elas, passagens das falas dos personagens cujo discurso futebolístico é predominante, mesmo que seja para entrar com significações diferentes das conhecidas dentro de campo. Entre estas, expressões como “abriu o marcador” para quem deu

a primeira resposta sobre a mulher perfeita, “meio fora da jogada” para quem respondeu alguma bobagem, e a forma com que Anacleto toma coragem para responder à mulher Heronda, quase como se fosse um lance decisivo de um jogo importantíssimo: “Anacleto matou no peito, suspirou e chutou” (BLANC, 2006, p. 27).

Seja na linguagem do futebol ou no conflito “resolvido” por causa de um elemento mítico deste esporte como a beleza conhecida por todos de Bellini, as marcas características do espaço em que o autor cresceu e que ele descreve aqui ganha destaque em seus conflitos e, principalmente, na forma com que lida com eles.

### 3.3.2 Cachorrada Fatal – O Casca-Grossa Bellini

Se na crônica anterior tínhamos o perfil de galã e grande figura pública de Bellini como principal chave para seu entendimento, agora o capitão de 1958 – que retorna como elemento interpretativo desta outra crônica analisada, “Cachorrada fatal”, que faz parte do livro *Rua dos Artistas e Arredores* (1978) – marca sua presença através das características que carregava como jogador, um dos zagueiros centrais mais brutos e firmes que o futebol brasileiro conheceu.

Na crônica, temos a história do confronto entre Peixotinho e o cachorro bassê chamado Hideraldo Luiz Bellini. Como é possível perceber, “numa singela homenagem ao zagueiro do Clube de Regatas Vasco da Gama, o bassê fora batizado com o nome Hideraldo Luís Bellini” (BLANC, 2006, p. 45), e, pela marcação cerrada que ele faz em cima da mulher de Peixotinho, acaba sendo o pivô de uma crise de ciúmes sem precedentes que atrapalha a vida do casal.

Logo no dia em que traz o cachorro Bellini como presente para a mulher a crise se instaura, com o canino dando uma bela mordida em Peixotinho. Geralda, em vez de defender o marido, sai em defesa do bassê: “Ora Peixoto!... Vê se te manca... Tu é homem ou é um rato? Hideraldo não fez por mal” (Idem, *ibidem*, p. 45).

Não bastasse a recepção tortuosa, o pequeno Hideraldo faz marcação cerrada em cima da esposa de Peixotinho, honrando a função de zagueiro central que não deixa sua área ser ocupada por outro jogador, como bem fazia o capitão de 1958, sempre com olhares furiosos para cima do dono que o trouxe para a casa:

Sentindo-se o pivô da discussão, o bicho passeava de um lado pra outro, lançando, de vez em quando, furtivos olhares pro Peixotinho, olhares esses que eram verdadeiros espelhos do seu reprochável caráter canino, verdadeira mancha na reputação da comunidade bassê. (BLANC, 2006, p. 45)

Obviamente, a crônica termina em tragédia, com Peixotinho desferindo dois tiros no focinho do cachorro Hideraldo.

Para entendermos a crônica, é preciso compreender as características que Bellini apresentava em campo cumprindo a função de zagueiro central nos times em que passou, por isso, voltamos ao texto “Bellini, o Grande Capitão de 58” (2008), de Ruy Castro, para constatar algumas marcas deste jogador dentro dos gramados:

Era um jogador bem de acordo com sua posição de zagueiro central. Como o jogador mais recuado do seu time, o zagueiro central era também uma espécie de guardião pessoal do goleiro. Para isso, precisava ficar fixo à frente da área, tática e tacitamente proibido de se deslocar em direção às laterais e de abandonar o posto de penúltima instância entre sua meta e o inimigo. Num futebol de funções mais definidas, como o de 1958, o zagueiro central, com o número 3 às costas, marcava o centroavante adversário – o número 9 –, o qual, quase sempre, era um jogador tão forte e pesado que os locutores o chamavam de "tanque". Daí que o número 3 também tinha de ser corpulento – para enfrentar homens como Henrique, do Flamengo, Valdo, do Fluminense, e Paulo Valentim, do Botafogo, que eram os centroavantes com quem Bellini, pelo Vasco, cruzava tábias e perônios, várias vezes por ano, no Maracanã. (CASTRO, 2008, p. 88)

Para ser zagueiro central, a força corporal e a coragem para a entrega sem medo, até com uma dose de brutalidade para encarar os atacantes, eram alguns dos itens necessários, e Bellini foi um dos jogadores que melhor representou isso, tanto nos clubes por que passou quanto na Seleção Brasileira. Essa coragem era necessária pois, segundo Ruy Castro,

nesses confrontos, imperava a verdadeira valentia e não havia lugar para timoratos: tanto o atacante quanto o defensor davam de bico, iam na bola para rachar e, embora apenas os zagueiros levassem fama de cruéis – Pavão, do Flamengo, Pinheiro, do Fluminense, e Tomé, do Botafogo, foram, durante anos, os equivalentes de Bellini na tarefa de limpar a área –, era comum que terminassem um jogo com as pernas tão ensanguentadas quanto os centroavantes. (CASTRO, 2008, p. 88)

Esta força física para aguentar os embates dentro de campo acabou reforçando o apelido que Bellini carregava “tanto no Vasco quanto na seleção”, o popular “Boi”, verdadeiro “sinônimo de força, trabalho, resistência” (Idem, ibidem, p. 88).

Como destaca Castro, as qualidades representadas pelo apelido nunca diminuíram o respeito e imponentia que caracterizavam Bellini, a tal ponto de, mesmo não sendo um jogador habilidoso como os outros companheiros de seleção, a faixa de capitão nunca era contestada, pois estava nas melhores mãos possíveis:

Ninguém jamais o considerou um beque classudo – ao contrário do admirado Mauro, zagueiro central do São Paulo e seu reserva na seleção. Aliás, nunca houve dúvida de que, entre os titulares de 1958, Bellini era o único jogador comparativamente sem técnica. Mas, com quem era comparado? Com Didi, Pelé, Garrincha, Nilton Santos, Djalma Santos, Orlando, Zito, Zagallo e o próprio Vavá. Apesar disso, ninguém discutia que, por tudo que Bellini representava – a correção, a sobriedade, a liderança, a personalidade –, o capitão daquele time só podia ser ele. Enquanto o tivesse com a braçadeira, a seleção brasileira seria um time equilibrado – porque haveria um homem lá atrás, para garantir o cerebralismo de Didi, as firulas de Garrincha ou a juventude de Pelé. Ninguém mais líder e com maior autoridade, inclusive para dar broncas nos jogadores mais velhos e famosos e, quando preciso, chamar o time à responsabilidade. (CASTRO, 2008, p. 89)

A força física e a entrega em campo que marcavam o futebol de Bellini eram constantemente reafirmadas por alguns nomes que escreviam sobre este esporte, entre eles, Nelson Rodrigues, que em vez de embarcar no apelido “Boi”, resolveu criar a própria alcunha para Bellini, chamando-o numa crônica de 1957 de “O Javali do Vasco”<sup>51</sup>, em comparação a este outro animal:

Tanto faz jogar contra o Arranca-grama F. C. ou o escrete húngaro. Não se pode imaginar um jogador que se dedique mais a um jogo, que lute e que mate tanto. E eu creio que um Vasco sem Bellini já seria menos Vasco – seria um Vasco descaracterizado, um Vasco mutilado na sua flama e no seu tremendo apetite de vitória. (RODRIGUES, 2007, p. 183)

Aldir Blanc, além das referências que conseguimos tirar de Bellini nas crônicas aqui analisadas, define o perfil deste jogador num outro livro de sua autoria, *Vasco – A Cruz do Bacalhau* (2009), através de uma história cômica – e real – chamada “Bellini e a Vaca”, que retrata bem como agiam os zagueiros centrais daquela época, que “jogavam duro, na bola, mas se houvesse folga e fosse preciso carimbar a medalhinha de São Jorge...”, e, acima de tudo, “eram beques vigorosos, cujo estilo se definia mais pela solidez da marcação do que pela técnica” (BLANC, 2009, p. 177).

<sup>51</sup> Crônica publicada primeiramente na edição da *Manchete Esportiva* de 05/01/1957, e que se encontra também no livro *O Berro Impresso das Manchetes* (2007), de Nelson Rodrigues.



A história, como é conhecida pelos lados de São Januário, começa com a chegada do dirigente Gentil Cardoso ao time vascaíno, que não se dava muito bem com Bellini, a tal ponto de o jogador relatar numa entrevista algumas mágoas que tinha deste dirigente: "Fui campeão em 1952 porque joguei dois jogos. Gentil fez de tudo para o Vasco me mandar embora. Não sei os motivos".

Bellini, segundo o relato de Aldir Blanc, "não era um jogador de tratar a bola feito madame", pois aprendeu com seu primeiro treinador Flávio Costa "que zagueiro não brinca em serviço dentro da área" e que gritava para o nosso capitão sempre "dá de bico! Rebate de primeira!" (BLANC, 2009, p. 179).

Por causa destes ensinamentos, Bellini adquiriu como hábito condicionado de chutar a bola para todos os lados possíveis quando ela aparecia em sua frente, ou, nas palavras de Blanc, traduzir ao pé da letra "o equivalente ao público e notório "bola pro mato que o jogo é de campeonato"" (Idem, ibidem, p. 179).

Justamente em um dos treinos do Vasco da Gama, numa bronca que Gentil Cardoso dá em nosso craque Bellini, somos então devidamente apresentados a este que já se tornou um dos casos folclóricos mais conhecidos do futebol brasileiro:

Toda bola jogada na área cruz-maltina era espanada de qualquer maneira, até mesmo em treino. Em um deles, em São Januário, cansado de ver Bellini isolar as bolas que se aproximavam dele, Gentil interrompeu o treino, chamou Bellini perto do alambrado e disse: "Você está vendo isso aqui? É uma bola. Ela é feita de couro de vaca, e a vaca gosta de grama. Vê se bota a bola rasteira na grama que a vaca vai gostar! (BLANC, 2009, p. 179)

Entendido então como um zagueiro central exerce sua função no futebol, e, principalmente, como Bellini fazia isso de modo ainda mais intenso, não é de se estranhar que o cãozinho bassê da crônica leve o nome do jogador, primeiramente até pela dona Geralda achá-lo bonitinho, relembrando a análise anterior, e na sequência, pelo dono Peixotinho achá-lo capaz de fazer uma marcação cerrada incansável, não deixando que ele se aproximasse da mulher, assim como um bom zagueiro central não deixaria que o atacante se aproximasse do gol.

Apesar do final trágico com a morte do cachorro Hideraldo, não se pode negar que o efeito humorístico da crônica parte justamente da referência ao mundo futebolístico relacionada ao grande capitão de 58 Bellini, principalmente quando se colocam à

prova suas características como zagueiro central, que nunca dava moleza a nenhum de seus adversários, assim como o Bellini cão contra o Peixotinho.

Mais uma vez, por causa de sua enorme presença em nosso dia a dia, o futebol encontra um caminho para estender um de seus elementos míticos dentro de uma relação conjugal sem tornar esta comparação desconexa.

Um pequeno cão acaba sendo pivô de uma crise de casal entre Geralda e Peixotinho, e, por trazer a referência ao jogador Bellini no nome, estas interpretações tornam-se cabíveis. O grande trunfo de Aldir Blanc encontra-se justamente em enxergar essa ligação, causando o efeito humorístico de se pensar o cão Bellini reafirmando o jogador Bellini em suas atitudes.

A relação que era tão feliz entre o casal e que acaba sendo desmontada pela presença do cão é um interessante caminho para enxergarmos a presença do trágico no cotidiano de que fala Michel Maffesoli, pois algo que poderia ser mínimo ganha proporções inimagináveis, a tal ponto de Peixotinho recorrer ao assassinato do cão Bellini.

Na linguagem da crônica duas características chamam a atenção do leitor: a construção de falas que demarcam o espaço íntimo de um casal e a forma indagadora com que o autor se dirige ao leitor.

Na primeira, temos algumas passagens muito interessantes que marcam o modo de falar íntimo de um casal, principalmente na hilária cena em que o narrador descreve como foi a lua-de-mel de Peixotinho e Geralda, usando diversas marcações de oralidade destes dois:

Virtuosa ao ponto de, na lua-de-mel do casal, haver resistido 72 horas aos ataques do Peixotinho, porque ele teimava em “deixar a luz acesa”.

- Não, não e não. Mil vezes não!

- Que que tem neguinha?... Pô, eu tenho direito de ver.

- Ver o quê?

Foi preciso uma jogada sórdida:

- Ora, ver... Ué... Tua... tua virtude!

Pronto! A Geralda se derreteu toda. Chegou até –distração, tadinha – a perguntar, em pleno embate amoroso:

- Tu tá gostando da minha virtude?

E o Peixotinho, ofegante e lírico:

- Neguinha... Hunft... nas procissões, tu é que... Groufizz... devia ir no... andooooooooooooooooor...

Nesta memorável noite, em que “a cidade foi finalmente conquistada” (palavras do próprio marido), enquanto fumava um Saratoga no que Vinicius de Moraes chamaria “silêncio de depois”, o Peixotinho suspirou:

- Setenta e duas horas!... Sim, senhora, foi um bocado duro.

Sintam a presença de espírito da Geralda:

- Eu que o diga, meu nego. (BLANC, 2006, p. 43-44)

Na segunda característica, vemos o autor se dirigindo de forma indagadora para o leitor, simulando literalmente uma conversa com possíveis respostas, porém, com o tom pertencente ao espaço que é retratado pela crônica, a fala mais bruta do subúrbio carioca:

Criatura maravilhosa, né?  
 Quem foi que disse não aí ? Ô palhaço, fica discordando, fica... Vai nessa de distensão que tu acaba engessado, seu quadrúpede.  
 Vou repetir:  
 CRIATURA MARAVILHOSA, NÃO É?  
 Isso, gente boa. Agora sim. Tudo vaca de presépio. Pra usar uma antiga expressão aqui do Pasca, todo mundo inserido no contexto. (BLANC, 2006, p. 44)

Portanto, dentro desta crônica, ao trabalhar o elemento mítico do zagueiro central personificado em outro contexto pelo modo de agir do cão Bellini, o autor não só mostra o discurso futebolístico em outros meios interpretativos como também consegue representar um recorte interessante do trágico que marca presença constante no cotidiano através dos pormenores de uma relação íntima de casais.

### 3.3.3 É o Tal Negócio! – A Mulher Tomires e o Amériquinha

Deixando Bellini de lado, chegamos então à crônica “É o tal negócio!”, presente no livro *Rua dos Artistas e Arredores* (1978), em que a significação construída através do futebol passa primeiramente por um dos zagueiros mais truculentos que este esporte conheceu, o temido Tomires do Flamengo, que de tão bruto era capaz até de botar medo em nosso capitão de 58. Além dele, também temos na crônica outro importante elemento deste esporte para a sua compreensão no clube mais simpático e sofredor do futebol carioca, o América F. C, time que ostenta uma torcida literalmente apaixonada que não o abandona mesmo com tantas décadas sem títulos, sendo a mais completa tradução de resistência, como um bom zagueiro, em forma de torcida.

Na crônica em questão, temos as aventuras de Belizário, um sujeito que vivia no buteco da Rua dos Artistas, bebendo para aliviar um pouco a tensão criada em casa, pois Leopolda, sua mulher, brigava constantemente com ele. A marcação em cima de Belizário por ela era tão grande, que até comparação com o zagueiro Tomires, um dos zagueiros mais brutos da história do futebol brasileiro, aparece dentro da crônica: “Sua patroa não lhe dava sossego. Marcava homem-a-homem e com uma disposição de fazer inveja ao

Tomires, beque da época que costumava acertar na medalhinha de São Jorge pra cima” (BLANC, 2006, p. 65).

Com tanto sofrimento em casa, o único prazer de Belizário torna-se acompanhar os jogos do seu time do coração, o América F. C., porém, como vamos mostrar nessa análise, principalmente depois de conhecer o que representa o clube, este prazer tem a mesma quantidade de tensão e sofrimento que o coitado do Belizário enfrenta em casa:

O único prazer (se é que se pode usar essa palavra) da vida de Belizário era torcer para o América. Ia ao jogo com Lindauro, que não perdia partida nenhuma, e chegando perto do estádio começava a cantarolar baixinho:  
 “... a torcida americana é toda assim, a começar por mim...”  
 Emocionava-se quando os diabos entravam em campo. Mal o alto-falante acabava de anunciar o time, levantava-se com uma velha flâmula na mão e gritava:  
 - AMÉ...  
 Era sempre AMÉ. Engasgava-se no meio e chorava. Aí, passava a flâmula na cara, que nem fazia com o lenço. (BLANC, 2006, p. 66)

Aldir Blanc faz questão de mostrar como a paixão move de forma diferente os torcedores do América, retratando a situação de um jogo deste time contra o Canto do Rio (outro clube de futebol pouco conhecido do grande público), situação essa em que a figura de um dos torcedores ilustres desse clube se torna personagem também, o jornalista e um dos responsáveis pelo canal ESPN Brasil José Trajano: “Teve um jogo do América e Canto do Rio que choveu pra cachorro. Diz a lenda que na torcida do América tinha dois sujeitos: o Belizário e o Trajano, que hoje é jornalista em São Paulo” (Idem, ibidem, p. 66).

No desfecho da história, após a pergunta do Lindauro sobre como Belizário conseguia suportar uma mulher como aquela, a explicação do personagem acaba tornando-se um interessante paralelo com o América F. C., mostrando que seu coração de torcedor é o mesmo que funciona dentro de casa, uma paixão que tem “horror de mudança!”.

O Lindauro contou no buteco, que naquele outro jogo em que o falecido Almir quebrou a perna do Hélio, o Belizário voltou pra casa tão na pior, mas tão, que o popular Porquinho num guentou:  
 - Escuta aqui, Beliza: deixa aquela capivara pra lá! Dá no pé!  
 O Belizário piscou uma porção de vezes e carimbou essa:  
 - Tá maluco, rapaz? Eu tenho horror de mudança!(BLANC, 2006, p. 66)

Para compreender os elementos do futebol dentro da crônica, começamos, então, pelo perfil de Tomires, o grande zagueiro que marcou época no time do Flamengo, muito famoso pelo “seu vigor físico, sua valentia, com muita propriedade e muita garra,

tornando-se um verdadeiro terror para os atacantes adversários”, como é definido pelo perfil que consta no site do Treze F. C.<sup>52</sup>, outro time pelo qual ele jogou. Segundo o mesmo perfil, o zagueiro Tomires “era duríssimo ao disputar a bola e não perdoava os ponteiros”. Tamanha era a sua intensidade e vigor dentro de campo que o fizeram ganhar o apelido de “o Cangaceiro”.

No texto “Tomires, o Cangaceiro”, de Adriano Melo<sup>53</sup>, temos outros dados que nos ajudam a entender melhor o perfil deste jogador, como a definição do posicionamento que ele ocupava dentro de campo, principalmente no Flamengo, em que formou junto com Pavão uma “das mais rústicas linhas defensivas da história flamenga”:

Detentor de um tipo de jogo bastante peculiar, Tomires atua na primeira linha defensiva fechando o lado direito, normalmente como o homem mais recuado. É portanto, o último obstáculo entre o adversário e a cidadela flamenga. Normalmente a tentativa de transpô-lo é sinônimo de dor.

Alguns costumam dizer que o gol é um detalhe. Tomires vai além. Detalhe é a bola. Antes dos jogos, recebe a orientação do treinador, “hoje você vai marcar fulano”. E lá vai Tomires se acoplar e rosnar contra o pobre infeliz. Crava a chuteira na risca da área, demarca o terreno. Adversário lá chegando, é expulso a bala. Suas carícias de estivador à bola lhe valem o carinhoso apelido de Cangaceiro, um Lampião da pelota, cabra-macho sim sinhô. A cada peleja, não importa o oponente, entrega-se com um ímpeto, uma sofreguidão quase irracional na defesa do seu território sagrado. A cada ataque rechaçado, Tomires renasce, a camisa rota, encharcada, lanhado de sangue e suor. Daqui, ninguém passa. (MELO, 2011, *online*)

O grande jogo que marca definitivamente a fama que Tomires carregaria eternamente de ser um jogador bruto – e até mesmo desleal – acontece na final do Campeonato Carioca de 1955. Segundo nos conta o historiador Luiz Antônio Simas no texto “Leônidas da Selva (Nanicos do Futebol Brasileiro)”<sup>54</sup>, aquela final, que seria definida em 3 jogos, pode ser resumida da seguinte maneira:

No primeiro jogo, 1x0 para os rubro-negros; no segundo jogo deu Ameriquinha : 5 X1 . Na negra o Flamengo venceu por 4 x 1 , em um jogo em que a dupla de zaga da Gávea, Tomires e Pavão, bateu todos os recordes mundiais de faltas violentas em um único prélio, transformando o Maracanã em um circo romano. (SIMAS, 2009, *online*)

<sup>52</sup> Este perfil completo encontra-se no link: <http://www.trezegalo.xpg.com.br/tomires.html>

<sup>53</sup> Texto presente no site *Flamengonet*, no seguinte link: <http://flamengonet.blogspot.com.br/2011/06/alfarrabios-do-melo-saudacoes-flamengas.html>

<sup>54</sup> Texto presente no site do autor, que encontra-se no link: <http://hisbrasil.blogspot.com.br/2009/03/leonidas-da-selva-nanicos-do-futebo.html>

Neste terceiro jogo, lembrado até hoje por diversos jornalistas esportivos quando se discute sobre a violência dentro de campo, Tomires acaba quebrando a perna de Alárcon num lance aos 10 minutos de partida, justamente deste que era considerado o grande craque daquele time do América F. C. Luiz Antônio Simas usa deste lance para explicar o verdadeiro significado do apelido Cangaceiro que Tomires carregava, apontando ele como Lampião, e seu companheiro de zaga Pavão, como Corisco:

Tomires era uma espécie de jagunço da grande área – batia mais que pau de dar em doido. Quebrou a perna do melhor jogador do América, o argentino Alarcon, logo no início do jogo e liquidou com as pretensões do time de Campos Sales. Pavão, o comparsa de Tomires na zaga, era conhecido pelo delicado apelido de Copa-Norte (uma empresa de ônibus da época conhecida pelos motoristas doidos que dirigiam seus carros e invariavelmente causavam acidentes e atropelavam pedestres). Tomires e Pavão estão para o futebol como Lampião e Corisco para a história do cangaço. (SIMAS, 2009, *online*)

Até hoje, os torcedores do América F. C. acusam o lance de Tomires como o definidor daquela derrota, pois, na época do ocorrido, além de ter perdido o grande craque do time, não se podia fazer substituição e não existia expulsão, ou seja, o time teve que jogar com um a menos o resto do jogo, enquanto Tomires continuou em campo. Este lance, aliás, foi definitivo na carreira de Alárcon, que nunca mais conseguiu voltar a apresentar o futebol imponente que tinha.

Falando nos torcedores do América F. C., uma parte do entendimento dessa crônica passa por esta torcida, de perfil extremamente apaixonado, que apesar de décadas sem ganhar nada, continua fiel ao time, quase como se fosse uma paixão desesperadora, da qual não se recebem alegrias em troca, afinal, o último título foi o da Taça Guanabara em 1974. Este perfil passional é que faz o América F. C. ser um clube tão querido inclusive pelos torcedores dos outros times cariocas, que segundo Carlos Eduardo Novaes nos diz na crônica “Deus Salve o América”<sup>55</sup>, consideram o América como segundo time do coração:

No dia em que fizerem uma pesquisa para saber qual o segundo clube dos cariocas vai dar América na cabeça com uma torcida maior do que a dos quatro grandes somadas. Todos temos um carinho especial pelo clube, o que muitas vezes nos faz chamá-lo de Ameriquinha. Nunca ninguém ouviu alguém dizer Flaminguinho ou Fluminensinho. (NOVAES, s/d, *online*)

---

<sup>55</sup> Crônica presente no site oficial da torcida América F. C., que encontra-se no link: <http://americafootballclub.com/curiosidades/curiosidades44.htm>

Essa paixão misturada com sofrimento que marca o ato de torcer para o América aparece nos depoimentos dos torcedores ilustres que o time carrega, entre eles o também citado dentro da crônica de Aldir Blanc, o jornalista esportivo José Trajano, que não esconde sua paixão pelo clube, a tal ponto de considerar o aniversário do time uma das datas mais importantes sempre em sua vida<sup>56</sup>:

Este é o único aniversário que eu realmente comemoro. É a data mais importante do calendário. Mais importante que o aniversário de meus filhos, de minha esposa ou de minha mãe. É uma data para ser muito comemorada, como foram todas as glórias do América. (TRAJANO, 2009, *online*)

Tamanha importância, obviamente, compactua com o sofrimento de nunca ver o time ganhar, criando essa relação intensamente passional para Trajano: “Só que tem uma coisa, a nossa paixão não vai acabar. Mesmo sendo motivo de gozação, nós não perderemos nossa paixão porque ela vem de longe”<sup>57</sup>.

Alex Escobar, repórter e apresentador dos programas esportivos da Rede Globo é outro torcedor fanático pelo América, e traduz bem a característica que move o torcedor deste clube, no qual a vitória já não é algo almejado: “As pessoas brincam e ao mesmo tempo ficam com pena de você. Comentam uma derrota de forma sutil, quase te consolando. Sei que nunca vou ver o Kaká ou o Cristiano Ronaldo no meu time. Torço pela dignidade, não pela vitória.”<sup>58</sup>

Outro torcedor que fazia questão de sempre reafirmar sua paixão pelo América, a tal ponto de declarar que o dia mais feliz da sua vida foi o dia 13 de dezembro de 1960, data em que o América conquistou o título de Campeão Carioca após 25 anos de jejum, era o escritor Marques Rebelo<sup>59</sup>. Além disso, todos os anos o autor publicava no jornal *Última Hora*, sempre na véspera de começar o Campeonato Carioca, sua crônica sobre o clube, não esquecendo de elencar diversos nomes de personalidades que torciam pelo Amériquinha, que entre os nomes citados, apareceram Jorge Amado, Nelson Werneck Sodré, Manuel Cavalcanti Proença, Isis de Oliveira,

---

<sup>56</sup> Fala presente na entrevista feita para a redação do *FutRio*, publicada em 19/09/2009, no seguinte link: <http://www.sidneyrezende.com/noticia/56530+no+rio+jose+trajano+se+emociona+ao+falar+do+aniversario+do+america>

<sup>57</sup> Fala presente na entrevista para o programa de televisão Sportcenter, do canal ESPN Brasil, em 11/02/2011.

<sup>58</sup> Fala presente na entrevista para o site *Globoesporte.com*, publicada em 01/02/2011, no seguinte link: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2011/02/meu-jogo-inesquecivel-alex-escobar-lembra-quando-o-america-foi-favorito.html>

<sup>59</sup> A crônica da qual ele conta esta história chama-se “Poema de um Coração Rubro”.

Virginia Lane, Silvio Caldas, Mário Reis, Zumbi, Noel Rosa, Francisco Alves, Vicente Celestino, Tim Maia e tantos outros.

O retrato da torcida do América ganhou até um documentário em 2003 chamado *Unido Vencerás*, em formato de curta-metragem, feito por Pedro Asberg. Neste filme, muitos dos depoimentos colhidos refletem bem o espírito do que é ser América, como uma das falas de um torcedor chamado Guilherme, que diz

Por que que eu vou torcer pro Flamengo? O Flamengo já tem uma porção de gente torcendo pro Flamengo, ele não precisa de mim não. O América precisa mais de mim que o Flamengo, eu faço mais falta pro América do que pro Flamengo. Torcer pro América tem essa vantagem, esse lado filantrópico, ou sei lá, chamem como quiser aí.

Outro depoimento do filme, de um torcedor chamado João, mostra que esse drama de ser América vai além da razão, beirando a loucura: “Todo torcedor do América é maluco, eu lhe falo isso com toda clareza, cara que é América é maluco, não é bom da ideia, mas o que vai se fazer? Cada maluco tem sua mania, não é?”. Como diz uma outra torcedora chamada Dona Gisélia que aparece no filme, chega a ser “uma coisa insuportável”. Impossível não se sensibilizar com a postura defensiva de todos os torcedores deste time, que apesar de todo o sofrimento com tantas derrotas, insistem, bravamente, em defendê-lo, não importa a situação que seja.

Na crônica de Aldir Blanc, ao definirmos o perfil que Tomires carregava de ser um beque que não dava moleza em nenhum momento aos seus adversários, a ligação com a esposa brava que não deixa o marido Belizário em paz se torna extremamente viável, conseguindo inclusive encaixar o humor numa situação que não deveria causar risos.

Mais uma vez, também, vemos se repetir a derrubada do estereótipo machista em que o homem exerceria uma força inquestionável sobre a mulher na relação, assim como ocorreu na crônica já analisada anteriormente “À sombra das goiabeiras em flor”. Neste caso, quem fala mais alto no casal é a mulher Leopolda, deixando Belizário no desespero demonstrado no texto.

Na questão do Belizário como torcedor do América, vemos bem representado o retrato de grande resistência e firmeza tão peculiar ao torcedor deste clube, que sofre fervorosamente, mas não abandona nunca sua verdadeira paixão, no caso de Belizário, paixão esta não só pelo clube, mas por Leopolda também.



O espaço cotidiano explorado pelo autor tem algumas passagens muito interessantes sobre o lado afetivo que se constrói com o local, assim como falava Michel Maffesoli.

Entre essas passagens, a primeira que chama a atenção de nossa análise é o trecho que Belizário rememora como conheceu sua mulher Leopolda através dos espaços da Vila Isabel, uma descrição da qual essa Vila Isabel aparece mais poética, representando um refúgio da memória pela felicidade sentida no início do namoro e que foi perdida nas constantes brigas que o casal enfrenta no presente:

Então, apegava-se ao que tinha de mais concreto: seu passado com Leopolda, e bebia pra não esquecer. Não esquecer como se conheceram, na Quinta da Boa Vista, Leopolda sorridente e corada após o jogo de peteca.

Não esquecer o retrato tirado no lambe-lambe. Não esquecer o primeiro cinema. Bela Lugosi virando morcego, e a mãozinha dela agarrada na dele, que bancava o valente mas estava prestes a se borrar de medo. Não esquecer a noite em que se declarou, o sereno baixando, Vila Isabel todinha perfumada de jasmim, o rádio de um chato na Hora do Brasil, ela, nervosa, não conseguia desgrudar uma bala-puxa do céu da boca, e ele, preocupadíssimo com o hálito, se declarando, luar da minha vida escura, nem sei porque estou te dizendo tudo isso. E sobretudo, não esquecer os primeiros sarros, péra um pouquinho, fica mais assim, sobe nesse degrauzinho, e ela disfarçando: quanta estrela! Depois, ia embora, pelas ruas da Vila, e o coração era um sabiá de contente, parecia que tinha um riso na cara da lua cheia, o assovio desafinado, era parte do inesquecível regional da Vila, com seus grilos, seus bondes, suas goiabeiras, suas janelas sonoras – um bairro inteiro em cadencia de choro.

Na tarde de quinta-feira, quando a mulher não tava em casa, Belizário ia pro quintal e ficava lembrando tudo isso. Às vezes, no auge do porre, achava que podia parar o tempo naquelas lembranças, mas logo o apito da fábrica de tecidos, igualzinho no samba, feria seus ouvidos e a vida corria, maluca, maluca, pra frente, feito um filme passado muito rápido. (BLANC, 2006, p. 65-66)

O compartilhamento de emoções que pertencem a um local específico e que criam esse laço afetivo aparece também na forma que o cronista apresenta o amor de Belizário pelo América F. C., pois esta relação envolve a mobilização por um gosto comum que faz parte de uma torcida, com demarcação de local com estádio e a divisão das sensações no local onde se reúnem.

Na construção da linguagem da crônica, Aldir Blanc consegue colocar novamente as expressões orais específicas do bar e do espaço do futebol. Além destas, existe um conflito interessante que deve ser ressaltado em relação ao narrador, pois este se coloca como um dos membros daquele bar, e por se tratar de um espaço predominantemente masculino, o julgamento de que a Leopolda é uma mulher cruel com seu marido Belizário parte da voz daqueles homens que compartilham suas vontades.

Uma passagem em que podemos perceber este conflito ocorre quando o autor descreve uma briga do casal através da opção do diálogo entre os dois, somente entrando o narrador para fazer um possível julgamento segundo o qual a mulher era exagerada, mesmo que a briga estivesse começando por causa da bagunça que o marido deixava. Pela forma com que é construído esse trecho, a mulher não consegue nem ter o direito da razão, pois a empatia por Belizário aparece como a opção definitiva do narrador, influenciando inclusive a forma com que o leitor interferirá no texto:

- Olha cume que fica a casa cinco minutos depois que você chega. Espia bem. Jornal espalhado por todo canto, cinza desse mata-rato fedorento no chão e aposto que o sapato tá por aí, um pé não-sei-onde e outro no diabo-que-o-carregue, cheirando a chulé. Ó vida desgraçada, meu Deus!

- Peraí, Leopolda. Afinal...

E o tal negoço: ninguém pode chamar uma pessoa de Leopolda, ainda que seja o nome dela, sem parecer deboche:

- Sonso! Vai brincar com a cara da tua velha!

- Mas, nega...

- Nega é ela! Tua mãe é que é nega. Do morro. Aquele cabelo ruim não engana ninguém. Palhaço!

E logo vinha um bibelô, uma jarra, um bagulho qualquer em cima do Belizário.

- Tu quer acabar comigo, cão. Tô te manjando. Mas, presta atenção: eu ainda faço xixi no teu caixão.

Belizário não respondia. Que diabo, os outros casais também brigam, Lindauro tirou melado do nariz da Deysinha, a Dilma sempre de olhos no chão, não tinha arrebitado uma garrafa na boca do Frágoso? Rodolfo dava de rijo na Isolda, mas depois tinha bilhete, perdão, sei lá... Não era aquele ódio, sem uma folguinha. Que foi que eu fiz, meu Deus? Será que... não é possível... só se naquele aniversário... mas eu não saí de perto dela a não ser pra ir no banheiro e... ah, que se dane!

O coitado perdia-se em explicações confusas que terminavam sempre em que-se-dane. (BLANC, 2006, p. 65)

Sobre a oralidade e o compartilhamento de discursos dos outros espaços retratados, vemos o futebol pelos trechos que descrevem Belizário assistindo o seu clube do coração, aparecendo inclusive até os gritos que fazem parte daquele local, como um trecho entoado pela torcida do hino do América e que acaba emocionando o personagem:

“... a torcida americana é toda assim, a começar por mim...”

Emocionava-se quando os diabos entravam em campo. Mal o alto-falante acabava de anunciar o time, levantava-se com uma velha flâmula na mão e gritava:

- AMÉ...

Era sempre AMÉ. Engasgava-se no meio e chorava. Aí, passava a flâmula na cara, que nem fazia com o lenço. (BLANC, 2006, p. 66)

Na linguagem do bar, aparece no texto um dos melhores retratos construídos que se pode ter deste local, definindo os indivíduos que faziam parte daquele buteco da Rua

dos Artistas pela formação de um time, “o maior time de conversadores do mundo”, ligando os dois discursos representados – o do futebol e o do bar:

Afinal, aquele era um buteco de primeira categoria: batidinhas da casa, cerveja sempre superlamboticamente gelada, tira-gostos pra homem nenhum botar defeito e, o que é mais importante, o maior time de conversadores do mundo: o Lindauro e sua paixão por futebol, Waldir Iapetec e seu fabuloso repertório de piadas, Ceceu Rico e as histórias das noites do Estácio, Esmeraldo e suas conquistas amorosas na Penha, Ambrósio Gogó-de-Ouro, o Benedito Lacerda – ô flauta imortal! – e, pra quebrar a gabiroba, o Penteadado, tremendo gozador. (BLANC, 2006, p. 64)

Para finalizar, não podemos esquecer o quanto do trágico inerente ao cotidiano acaba por aparecer neste personagem, pois sua relação passional com a mulher e o time podem destacar o perfil de um determinado comportamento humano do qual, apesar de todas as dificuldades que se apresentam no caminho, a paixão – ou o medo de mudança – acabam falando mais alto.

O melhor exemplo de um indivíduo que carrega o peso do trágico presente no dia a dia – neste caso, reafirmando a insistência no sofrimento por causa do peso da lembrança de dias melhores – podemos ver nos valores inseridos nos versos do hino de seu clube: “Hei de torcer até morrer, morrer, morrer.../ Pois a torcida americana é toda assim/ A começar por mim”<sup>60</sup>.

### 3.3.4 O apelido – O “Beque Central de Subúrbio”

Para fechar nossa linha de defesa escalamos a crônica “O apelido”, presente no livro *Rua dos Artistas e Arredores* (1978), em que o elemento do futebol que nos interessa para seu entendimento está no apelido do personagem principal, conhecido como “beque central de subúrbio”, apelido que é uma referência direta a uma das posições deste jogo, o conhecido zagueiro-central, ou beque central como era conhecido antigamente. Portanto, compreender o apelido é o caminho para entender a crônica, principalmente o seu desfecho, que trabalha com uma das funções que essa posição exerce dentro do campo.

Logo no início da crônica, o estranhamento com este apelido aparece nas indagações de toda a Rua dos Artistas, pois quem o carrega não é uma pessoa grande e forte

---

<sup>60</sup> Hino composto por Lamartine Babo, o responsável pelos hinos de alguns dos principais clubes do futebol carioca como o Flamengo, Botafogo e Fluminense. Porém, apesar do hino para outros clubes, o compositor era, assim como o Belizário da crônica, torcedor fanático do América F. C.

como geralmente são os zagueiros – cujo perfil, aliás, já foi visto nas crônicas anteriores pelas figuras de Bellini e Tomires –, mas sim um “sujeito baixinho e careca”, que ainda por cima detestava futebol, e por isso ficava furioso com o apelido, fazendo sempre um grande escândalo quando chamado por ele: “dava banana, distribuía aqui ós, qualificava desairosamente as genitoras da rapaziada e terminava mandando a rua inteira pras cinco letras que fedem” (BLANC, 2006, p. 80).

Como reafirma o narrador, “nunca existiu camarada nenhum menos parecido com um beque central de subúrbio do que o baixinho”, mas, sendo o apelido “obra do Penteado, tremendo gozador, cujo prestígio na rua equivalia ao do próprio Getúlio Vargas” (Idem, ibidem, p. 80), algum sentido deveria existir, pois Penteado não era de gastar apelidos à toa com essa reputação em jogo.

Quando toda a Rua dos Artistas descobriu o nome do baixinho a dúvida só aumentou, pois o nome que carregava, Mario Henrique Pombo, era ainda mais improvável para um zagueiro, simplesmente não combinava, como diz o narrador:

Isso lá é nome de zagueiro? Reparem: Castilho, Píndaro e... Pombo. Tentemos a alternativa: Garcia, tomires e... Mário Henrique. Não dá. Mário Henrique tá mais pra ministro, ou então pra um desses garotos que a mãe vive enchendo o saco, Mário Henrique, pra dentro, Mário Henrique, cuidado quando atravessar, Mário Henrique, tira a mão do pinto... De ministro até, sei lá, mata-mosquito, representante Avon, tudo certo, mas beque central, jamais. (BLANC, 2006, p. 80)

Na crônica somos também apresentados à mulher de Mario Henrique, a sonhadora e romântica Maria das Graças, que vivia lendo diversos livros e anotando seus pensamentos num caderninho com lápis colorido. Para demonstrar o quanto esta personagem era sensível, Aldir Blanc a descreve chamando atenção para a frase que inicia o caderno de pensamentos dela:

Maria das Graças era água de outro pote. Possuía um caderno de pensamentos, em cada página uma flor desenhada por ela mesma com lápis coloridos, emoldurando as bijuterias da Sloper de sua alma. Dá-lhe, Blanc! Letra pura. O pensamento que iniciava o caderno era digno de um Khalil Gibran, de um Kalil M. Gebara, de um Kalil desses:  
- Sê como as vaquinhas no crepúsculo!  
Hein? Hein? Gostaram? Eu não disse que era lindo? Não tenho a menor ideia do que a Maria da Graça quis dizer com essa meleca, mas, até hoje, a cada novo crepúsculo, invade-me bovina sensação e chego mesmo a mugir secretamente. (BLANC, 2006, p. 81)

Outra cena de Maria das Graças que representa bem sua sensibilidade, através, mais uma vez, da divertida descrição de Aldir, vemos no trecho seguinte:

Me lembro de uma tarde, primavera, cadeiras nos portões, Maria da Graça lia, placidamente, um romance. De repente, deixou escapar um “Oh!” embevecido e marcou em vermelho o trecho que tanto a impressionara. Não resisti e fui espiar por cima do ombro dela. No começo do capítulo LXXXI tava sublinhado: “Alvorecia.” Vai ter sensibilidade assim na pqp! (BLANC, 2006, p. 81)

Tanta doçura da mulher contrastava com a grosseria do marido nervoso, e por isso mesmo, como define o narrador, “brigavam pra caralho – ela, esgrimindo de maneira soberba sua invejável retórica, ao passo que o Pombo, simples e prático, chutava-lhe as canelas com seus poderosos sapatos-tanques” (Idem, ibidem, p. 81).

Na tentativa de descobrir o significado do apelido, o avô Aguiar, o bondoso avô real do autor Aldir Blanc e que também aparecerá em outras crônicas analisadas neste trabalho, resolve conversar de maneira mais sutil com o Pombo, para ver se o significado do apelido “beque central de subúrbio” poderia ser esclarecido:

Meu avô Aguiar, um coração maior que a Quinta da Boa Vista, tentou esclarecer o enigma do apelido, tomando umas e outras com o Pombo. Quando o nosso pássaro já tava meio pinguço, meu avô sugeriu, na maciota:  
 - O senhor naturalmente aprecia um futebolzinho...  
 Pra quê! O pombo empombou:  
 - Meu caro, nós lá no IAPI temos ódio de futebol, compreendeu? ÓDIO! E tem mais: beque central de subúrbio é a...  
 Minha vó Noêmia espalmou:  
 - Olha o pastel quentinho! (BLANC, 2006, p. 82)

Obviamente, com tanta briga entre o casal Pombo e Maria das Graças, era questão de tempo para que a relação terminasse, e quem toma a atitude para esse fim é a esposa, que, cansada da brutalidade do marido, resolve ir embora de vez depois da última briga que foi mais séria: “- Dessa vez, Pombo, é pra sempre” (Idem, ibidem, p. 82).

Como acontece em toda boa rua que se preze. “todo mundo ficou, na maior discrição, corujando pela veneziana”, vendo Maria da Graça indo embora, e neste gesto temos o desfecho da história, com a resposta, mesmo que codificada para quem não entende a função do que é um beque central de subúrbio, do porquê de Pombo carregar este enigmático apelido:

Maria da Graça partia, imponderável e digna como uma vaca ao crepúsculo. Quando ela tava quase na esquina, o Pombo apareceu feito um louco na calçada. De camiseta, cuecas e meias brancas, ostentando seus sapatos-tanque pretos, com as mãos em concha e lágrimas nos olhos, pôs-se a gritar desvairadamente:  
 - Volta! Pelo amor de Deus, VOOOLTAAAAA!!!  
 Que nem beque central de subúrbio. (BLANC, 2006, p. 82)

Portanto, para compreender a crônica, precisamos entender especificamente o significado da função em campo de um beque central. Antes, porém, é interessante ressaltar, como nos conta o escritor Francisco Bosco, no texto “Os Nomes e a Bola: Dos Apelidos no Futebol Brasileiro”<sup>61</sup>, a função primordial dos apelidos dentro do espaço deste jogo.

Segundo o autor, diferentemente dos jogadores de futebol do resto do mundo que são sempre chamados pelos nomes ou sobrenomes – exemplos que ele dá: “Johann Cruyff, Maradona, Di Stefano, Rummenigge, Roberto Baggio, Michel Platini, Zinedine Zidane, Mário Kempes, Marco Van Basten, Puskas, Eusébio, Stoichkov, e assim por diante” – aqui no Brasil

chamamos a maioria dos nossos craques por apelidos ou diminutivos: Didi, Pelé, Zico, Jairzinho, Robinho... Ou sobrepomos um apelido, uma espécie de aposto, aos nomes próprios, como no caso de Gérson, que é o Canhota (de Ouro), ou no de Romário, o Baixinho. Às vezes juntamos um apelido a um apelido: Zico, o Galinho de Quintino. (BOSCO, 2006, p. 36)

Francisco Bosco vai ainda mais longe na análise dos apelidos dentro do futebol, colocando em questão que o valor representativo que eles agregam pode muito bem retratar alguns traços característicos do povo brasileiro, fazendo referência, inclusive, ao livro de Mario Filho, *O Negro no Futebol Brasileiro*:

Os apelidos nos enviam imediatamente ao mesmo processo social que veio a dar no malandro, no samba e na arte do engano dos grandes craques de nosso futebol. Em seus primórdios, o futebol brasileiro, importado da Inglaterra, importara-lhe também os nomes: goalkeeper, center-half, referee; assim como os jogadores, que, no começo do século XX, quase todos brancos e de classes altas da sociedade, eram chamados em geral por seus nomes e sobrenomes. A história dos apelidos, como deixa entrever o livro de Mario Filho, *O negro no futebol brasileiro*, confunde-se com a história da ascensão do negro no futebol brasileiro, e portanto com o processo de apropriação brasileira do esporte bretão. Os apelidos flagram o processo mesmo de abasileiramento do futebol: o momento em que aquela “gente de classe baixa, mal sabendo ler e escrever, com um nome só, às vezes até sem nome, apenas com um apelido” o momento em que essa gente vai abrindo seu caminho em meio ao racismo escancarado que era vigente no mundo do futebol. (BOSCO, 2006, p. 40)

---

<sup>61</sup> Texto presente na antologia sobre futebol *Donos da Bola* (2006), organizada por Eduardo Coelho.

Além disso, o autor lembra que os apelidos carregam em si marcas características da presença lúdica, ganhando ainda mais sentido na dinâmica da linguagem presente no futebol:

Quando se fala em Pelé, Mané, Zico, Robinho, estamos diante do Brasil – dos senhores e escravos, das mucamas e muleques, dos malandros e navalhas, dos quadris e do gingado. Os apelidos, pelo diminutivo e pela repetição, remetem à linguagem infantil, e daí à ludicidade, que é o fundamento de todo jogo, principalmente o do futebol. Os apelidos são lúdicos como o jogo de bola: já prefiguram o corpo no nome. (BOSCO, 2006, p. 40)

Com tanto valor que pode contar um apelido, retornamos a análise para a significação da posição de beque central. Para começar, no Rio de Janeiro, principalmente nos bairros suburbanos em que Aldir Blanc passou sua infância, o “beque central de subúrbio” é um apelido comum, dado para um tipo de jogador bruto, que chega firme na marcação sem aliviar para os adversários. Em outros estados esse apelido ganha algumas variações, mas a significação é a mesma, como ocorre com o “beque de fazenda”, muito comum nas regiões do interior de São Paulo.

Segundo a definição do livro *Futebol: História, Técnica e Treino de Goleiro* (2006), de Rogério da Cunha Voser, Marco Guimarães e Everton Ribeiro, a função específica do zagueiro abrange tanto o posicionamento deste Zagueiro Central, quanto do Quarto Zagueiro:

Zagueiros - São constituídos por dois jogadores de preferência de boa estatura, denominados Zagueiro Central e de Quarto Zagueiro, este na sua origem era o antigo "Centro-Médio". Devem ter como função marcar os atacantes adversários. A função do Zagueiro Central, normalmente, é ficar na "sobra" ou seja dando cobertura aos demais defensores e em especial ao Quarto Zagueiro. O Quarto Zagueiro, na maioria das vezes, tem a função de marcar o atacante da equipe adversária. Entre as qualidades necessárias é uma boa impulsão, ter uma boa noção de tempo da bola, saber cabecear e chutar, estar apto a antecipar nas jogadas, possuir habilidade para impor-se na defesa. (VOSER, GUIMARÃES e RIBEIRO, 2006, p. 123)

Então, como podemos perceber nessa definição, o Zagueiro Central, posição que também já foi chamada de beque central assim como no apelido de Pombo, é o jogador que fica atrás de todo o time, na famosa “sobra”, preparado para dar sempre o último bote nos adversários, quando este já conseguiu vencer todo o resto do time.

Essa definição é a chave para entender o porquê da frase final da crônica – *Volta! Pelo amor de Deus, VOOOLTAAAAA!!!* – ser tão significativa para a posição do

zagueiro central, afinal, quando ele vê o próprio time lá na frente, sabe que os atacantes do time adversário conseguirão espaço para chegar até o seu gol, por isso o desespero em pedir para o time voltar.

Na crônica a significação do apelido vai ao encontro dessa função, causando o devido efeito de humor, pois o pedir para voltar – grito tão característico de todos os “beques centrais de subúrbio” –, neste caso, aparece em outro contexto, mais precisamente no desespero de Pombo implorando para a mulher Maria das Graças voltar. Apesar do grito ser utilizado fora do espaço dos campos de futebol, ele se torna a chave da escolha de Penteado por este apelido.

Vale destacar que o grito apelativo também carrega uma espécie de ponto comum entre a brutalidade do zagueiro e a falta de sutileza do marido, que, do mesmo modo que os “beques centrais” tratavam mal os adversários, Pombo tratava sua mulher Maria das Graças, sem qualquer respeito ou carinho de que a sensibilidade aflorada dela tanto necessitava. Mais uma vez temos aqui um paralelo importante estabelecido entre o futebol e a vida em geral, pois o elemento mítico que define um “beque central de subúrbio” pode representar diretamente as condições de uma relação conjugal.

Aliás, o confronto pelo qual passa o casal encontra similaridades com pensamento de Maffesoli sobre o trágico nos mínimos detalhes do cotidiano, pois, como salienta o narrador da crônica, “o motivo das brigas era o mais frequente de todos os motivos de brigas desde que o mundo é mundo: a falta de motivo” (BLANC, 2006, p. 81). Essa relação desestabilizada pela falta de interesse de ambos os lados é reafirmada logo no primeiro parágrafo de apresentação do casal:

O Mário Henrique em questão trabalhava no extinto IAPI e sempre começava suas frases com um categórico “nós, lá no IAPI...”, como se fosse sócio do treco. Era casado com a Maria da Graça, já um pouquinho sem-graça àquela altura do campeonato, porém Maria: excelente dona de casa, doceira de méritos indiscutíveis (ô quindins imortais!) e romântica como ela só, apesar de quase vinte anos de um casamento meio besta. Não que o Pombo fosse mau sujeito. Ele era simples e prático. Chegava do trabalho, ficava de camiseta-de-português, cuecas, meias brancas e sapatos-tanque pretos, lendo jornal. (BLANC, 2006, p. 81)

O aparente perfil monótono apresentado pelo narrador, tanto do marido quanto da mulher, ao aliar-se com a brutalidade e desequilíbrio de Pombo acaba reforçando o drama e o posicionamento da mulher em se afastar dessa situação tão difícil, instaurando no



incômodo de perdê-la a dramaticidade e o tom trágico que também se fazia presente no marido, mesmo que escondido por seu modo sem vivacidade de agir.

O espaço cotidiano retratado pelo autor leva em consideração novamente as peculiaridades que fazem parte da sociabilidade local, especificamente da Rua dos Artistas (e a Vila Isabel por extensão), desde o seu buteco de esquina até a forma com que os indivíduos de lá reagem à briga do casal que protagoniza a crônica. Entre as características dessa rua em relação às brigas entre Pombo e Maria das Graças, Aldir Blanc até brinca colocando os moradores do lugar como responsáveis por elas:

Pra falar a verdade, toda a Rua dos Artistas, quiçá toda Vila Isabel, era um pouco responsável pelos cacetes. O Pombo saltava do 74 na Pereira Nunes, passava pelo buteco e:

- Fala, ô beque central de subúrbio”

Pronto! Bananas, aqui os, genitoras, palavrões e já entrava em casa de cabeça quente. (BLANC, 2006, p. 82)

Tanto este recorte de certa culpa e irresponsabilidade dos moradores do local quanto a forma que o drama do casal é compartilhado por toda a Rua dos Artistas, da qual “todo mundo ficou, na maior discrição, corujando pela veneziana” (BLANC, 2006, p. 82), reafirmam as ideias de Certeau e Maffesoli em relação à sociabilidade local arranjar sempre caminhos próprios de organização que fogem de um ideal comum, inclusive de politicamente correto.

A linguagem da crônica revela algumas passagens de alta criatividade de Aldir Blanc. A primeira que se destaca como meio condutor do texto é inerente ao discurso do futebol que aproxima o apelido “beque central de subúrbio” da trágica relação do casal. Entre os trechos de maior destaque, além da frase que encerra a crônica, temos também a indagação sobre o nome do Pombo não apresentar qualquer aproximação com outros conhecidos jogadores da posição e que já foi citado no resumo da crônica acima.

O jogo com a linguagem poética utilizada por Maria da Graça que carrega algumas características de romances exageradamente “açucarados” é outro destaque do texto, inclusive na saída dramática dela da casa, que é descrita pelo narrador em consonância com a frase que este viu ela anotar – “Sê como as vaquinhas no crepúsculo!” -, carregando na tragicidade da cena: “Maria da Graça partia, imponderável e digna como uma vaca ao crepúsculo” (BLANC, 2006, p. 82).

Outro jogo de linguagem divertidíssimo escolhido pelo autor são as referências diretas ao comportamento do pássaro que o personagem carrega no próprio nome, o pombo, das quais destacamos o seguinte trecho que transforma tanto a casa quanto a ação de chutar a canela da mulher em palavras que pertencem ao meio desta ave: “O pau comeu no *pombal* e o Pombo *bicou* a canela de Maria da Graça com toda a força [grifo meu]” (BLANC, 2006, p. 82).

O confronto do casal também ganha um tratamento especial, com passagens que definem o estado de guerra entre os dois através das “armas” que carregam: “Pombo e Maria da Graça botavam pra jambrar. Brigavam pra caralho – ela, esgrimindo de maneira soberba sua invejável retórica, ao passo que o Pombo, simples e prático, chutava-lhes as canelas com seus poderosos sapatos-tanques” (BLANC, 2006, p. 81).

Portanto, como pudemos ver, o futebol e o elemento mítico inerente de uma de suas posições rege o principal caminho de entendimento dessa crônica que é cheia de trechos em que o humor se destaca, fechando com a devida força o nosso setor de marcação representado nesse bloco de análises.

Completada então a zaga, com Bellini duas vezes, Tomires e o Pombo “beque central de subúrbio”, chegou a hora de montar devidamente o setor que equilibra o time, o famoso meio de campo.

### 3.4 O MEIO-CAMPO

*Parafraseando uma das mais belas poesias de Thiago de Mello (Os Estatutos do Homem), fica decretado que os técnicos não podem escalar brucutus no meio-campo e que os atletas e treinadores assumem um compromisso com a beleza e com a qualidade do futebol, sem perder a eficiência.*  
Tostão<sup>62</sup>

Como vemos pela importância que o também meio-campista (além de ser atacante) Tostão – craque do futebol e das crônicas esportivas – dá a esta posição, o meio campo é a peça chave de qualquer time. É nos pés dos jogadores deste setor que o time verdadeiramente se organiza, a bola que sai da zaga precisa deles para chegar até os atacantes, por isso, a marca principal dos meio campistas, como não poderia deixar de ser, é o equilíbrio. Nem muito à frente, nem tanto para trás, mas sabendo ditar o ritmo e enxergar todo o jogo.

<sup>62</sup> Crônica “Estatutos do Futebol”, publicada no caderno de Esportes da *Folha de São Paulo*, de 26/10/2008.

Quando o assunto é equilíbrio, existe melhor imagem do que a de um grande clássico de futebol? Então, armamos nossa seleção de crônicas com um dos maiores clássicos do futebol carioca (e brasileiro também, com certeza): o internacionalmente conhecido Clássico dos Milhões, que tem Flamengo e Vasco como protagonistas, e que é, sem dúvida, o grande guia da crônica “Uma última palavra”.

Outra crônica presente em nosso meio campo é “Tirem as crianças da sala”, na qual o personagem Tatão, através da conversa sobre o futebol, tenta equilibrar os constantes barracos e desaforos de sua mulher Biluca com todo mundo da Rua dos Artistas. Obviamente, com uma mulher brava comparada ao Tomires (assim como a mulher de Belizário na crônica anteriormente analisada nessa seleção “É o tal negócio!”), tentar botar ordem neste complicado meio campo é bola fora na certa.

Para fechar a nossa linha formada por três meio campistas, temos a crônica “Visita de cerimônia”, em que o futebol faz o meio campo entre a família de Aldir Blanc e o patrão de quase todos os moradores da Rua dos Artistas, o temido presidente do Iapetec Dr. Ermelindo Cecílio Veiga, no almoço em que este é o grande convidado. Após tantas gafes e desastres da família que tenta impressionar a figura ilustre, é através do assunto futebol entrando inesperadamente na conversa que estes quebram o protocolo, mostrando-se inesperadamente iguais quando a paixão por este esporte fala mais alto.

Convocado o meio campo para organizar nossa peleja, vamos então às análises.

#### 3.4.1 Uma Última Palavra – O Clássico dos Milhões

Na primeira crônica analisada de nosso meio campo, “Uma última palavra”, do livro *Porta de Tinturaria* (1981), o futebol aparece através do retrato da rivalidade que ele pode carregar, neste caso, uma das mais tradicionais rivalidades entre times no Brasil: o famoso “Clássico dos Milhões”, dos clubes cariocas Flamengo e Vasco.

No texto em questão, temos a representação deste clássico cumprindo uma função vital no entendimento da relação do casal formado por Jussara e seu marido, que na crônica é chamado desta forma, um dos poucos personagens na obra de Aldir Blanc a não ter nome, talvez por certa ironia do lado vascaíno de nosso autor falando mais alto, deixando o representante do lado flamenguista da crônica sem nome.

No enredo desta crônica, vemos primeiramente o perfil de Jussara, uma mulher que após ter encontrado “o retrato da loura oxigenada no bolso do paletó” do marido “nunca mais disse um palavra”, até mesmo com os dois filhos, só se comunicando com eles através dos olhos, apontando “tá na mesa, olha o pé na água, não cruza as mãos no peito...” (BLANC, 2006, p. 336).

A descrição do marido traz o sentido oposto à de Jussara, carregando “a mesma alegria de sempre”, com um “eterno copo de cerveja na mão, grande contador de casos”, que parece “não ouvir o silêncio de Jussara” (Idem, ibidem, p. 337). A grande paixão do marido – usada até muitas vezes como válvula de escape da situação de Jussara – é justamente o futebol, mais precisamente o Flamengo, o seu clube do coração, sempre agindo de forma passional, diferentemente de como é com a própria família:

O marido, Flamengo doente, tinha ficado pelos botequins, tomando cerveja e beliscando uns bolinhos de bacalhau, ideia fixa no jogo, rádio de pilha na orelha, esse juiz é ladrão. No estádio, xingava titulares, reservas, cartolas, autoridades e, pra não perder o hábito, juiz e bandeirinhas. Brigava. Jussara botava mercúrio nos cortes ou gelo num olho roxo e, munida de sua canção, ia consertar a roupa rasgada. (BLANC, 2006, p. 337)

O próprio marido nos conta que Jussara também tinha esse perfil de alguém fanático pelo futebol, de arranjar briga nos estádios e tudo, só que no caso dela, a paixão era movida para outro clube, exatamente o maior rival do time do marido, o Clube de Regatas Vasco da Gama:

- Não sou homem de trazer desaforo pra casa. Escreveu não leu... Aturo tudo, mas atenção com o Flamengo! O Mengo é sagrado! Sagrado! Lembra, meu bem, quando a gente ia ao jogo? Também eras fanática. Pior do que eu! Se fosse contra o Vasco, ihhhh!, tu virava uma onça. Lembra do começo do nosso namoro? Tu e teu pai na Social do Vasco e saiu a maior confa. Palavrão pra todo lado. E minha nega lá, dando de sombrinha na cuca dos galegos. Me meti no bololô pra te defender e apanhei pra caramba. Aí, voltamos antes de acabar, de bonde – eu, todo arrebetado, a cabeça no teu ombro; teu pai, caladão. Foi o primeiro curativo que tu me fez. E até hoje... pois é... nossa união... (BLANC, 2006, p. 337)

Com o silêncio e a tristeza a consumindo, Jussara acaba por adoecer seriamente na Semana Santa, chegando ao estado mais crítico no Domingo da Ressurreição, na exata data de um “Vasco e Flamengo”. O marido acaba dividido entre o jogo que está ocorrendo naquele momento e os cuidados que sua mulher tanto necessitava, obviamente, pendendo mais para o lado do jogo, como podemos perceber neste trecho:

Domingo da Ressurreição, dia de Vasco e Flamengo. Na hora do jogo começar, Jussara tava nas últimas. O marido andava atarantado entre parentes e vizinhos, ouvindo o silêncio do quarto misturado aos sons da partida que entravam pelas orelhas da casa. La mano – cadê o eco? – La mano... ô... ô... Na trave! Mas ela parecia tão bem. Fala quem chamou! O negócio é entregar a Deus. Expulso de campo! Vai ver foi o cigarro. Ela fumava? Vai ser cobrada a falta direta pro céu, uma santa de folha seca, resignação, goooolll! A nega tá la dentro! (BLANC, 2006, p. 337-338)

Tanto tempo sem falar, e com tanto sofrimento acumulado, Jussara deixa sua vingança contra a postura sempre equivocada do marido perante ela e a família no peso da sua última palavra antes de falecer, vingando-se com grande estilo:

- Ela quer falar com você.  
Levou o maior susto:  
- Comigo? Mas ela não... É milagre! Milagre de São Judas Tadeu! De quem foi esse gol?  
- Não é hora disso. Vai acabar não chegando a tempo.  
Jussara, de olhos arregalados, esperava o marido. Soluços abafados fizeram o marido chorar também. Os olhos dele encontraram os de Jussara, que arremessou o corpo para adiante e, antes de morrer, arquejou:  
- Vasco! (BLANC, 2006, p. 338)

Para compreender melhor a crônica, destacaremos alguns episódios sobre o considerado “Clássico dos Milhões” – como é conhecido este jogo em referência ao tamanho grandioso das duas maiores torcidas cariocas somadas – formado por Flamengo e Vasco, que carregam em si muitas histórias que reafirmam o embate entre estes dois clubes, muitas delas reunidas no livro *Flamengo x Vasco – O clássico dos milhões* (1999), de Roberto Assaf e Clóvis Martins.

Segundo este livro, a rivalidade entre os dois clubes surgiu na época das competições de remo, mais precisamente em 12 de agosto de 1900, quando o Vasco venceu pela primeira vez o time do Flamengo. No futebol, os dois clubes vieram a se enfrentar somente em 1923, quando o Vasco começou a participar da Primeira Divisão do futebol carioca, campeonato este de extrema importância para a história do Vasco, que foi campeão logo em sua primeira participação.

Aldir Blanc aponta em um dos textos do livro *Vasco – A Cruz do Bacalhau* (2009) chamado “Triunfo Esmagador”, que esta primeira partida entre os dois clubes em 1923, a “considerar a veracidade dos fatos sobre este jogo, tudo indica que a grande rivalidade existente hoje entre Vasco e Flamengo começou nesta época” (BLANC, 2009, p.

73), definindo para sempre a intensidade que este clássico carregaria a partir daquele que foi considerado um dos jogos mais tensos de que se tem notícia no futebol carioca.

Segundo consta, o Vasco caminhava para levar o campeonato de forma invicta, quando chegou o jogo contra o Flamengo, que viria a ser sua única derrota naquela competição. Como Aldir Blanc nos fala, Mario Filho também relata os acontecimentos dessa partida no livro *O Sapo de Arubinha – Os anos de sonho do futebol brasileiro* (1994), principalmente o caso dos torcedores rubro-negros que entraram no estádio com remos embrulhados em jornal, combinados “que assim que a partida começasse, a encrenca comeria solta”. Segundo a descrição de Mario Filho lembrada por Blanc, “a descida das pás nas cabeças dos vascaínos deveria acontecer com mais intensidade em caso de gol”, e logo que “começou o jogo”, “os torcedores cruz-maltinos foram agredidos indiscriminadamente” (MARIO FILHO, 1994, p. 42).

Por trás dessas ações lamentáveis, ocorria o desagrado dos outros clubes, incluindo o Flamengo, em ver o Vasco conseguindo o título com jogadores negros em seu elenco, coisa que somente o time cruz-maltino tinha naquela época, e este incômodo que viria a desembocar na criação da AMEA, que já vimos anteriormente neste trabalho. Voltando ao jogo, segundo Aldir Blanc, o andamento ocorreu da seguinte maneira:

O Flamengo abriu o placar : 1 x 0. Pouco tempo depois fez o segundo gol, para a euforia da sua torcida e dos torcedores dos outros clubes que também torciam pela derrocada vascaína. O primeiro tempo acabou com essa vantagem rubro-negra no placar . Mas os torcedores do time doVasco, acostumados com as viradas do time no segundo tempo, acreditavam que a história poderia mudar. No início do segundo tempo, Cecy fez um gol a favor do Vasco da Gama . Aos torcedores da Cruz-de-malta não era permitido comemorar sob a pena de levar com os remos na cabeça. O Flamengo fez mais um gol. O Vasco como sempre lutava, até que o jogador Arlindo, aos 41 minutos, marcou o segundo do time. Ainda fez um outro gol, o tal que acabou sendo anulado pelo intimidado Carlito Rocha, e que gerou muita reclamação por parte dos vascaínos prejudicados, afirmando que o gol fora lícito. Final de partida, Flamengo 3 x 2 no Vasco. Pascoal, autor do gol e jogador de grande prestígio no clube cruz-maltino naquela época, nunca se conformou com a anulação, como mostra esse depoimento para a revista *Placar* . "Só perdemos aquele jogo por causa do Carlito Rocha. Eu fiz um gol quando faltavam nove minutos para terminar a partida e ele anulou, alegando que a bola havia entrado por cima numa abertura inexistente." (BLANC, 2009, p. 73-74)

Outra história que acirrou ainda mais os ânimos entre os dois clubes e que pode ser encontrada no livro *Histórias do Flamengo* (1946), de Mario Filho, ocorreu em 1938, quando o *Jornal do Brasil* e a Água Mineral Salutaris resolveram promover o concurso para escolher através dos votos dos torcedores qual era o time mais querido do Brasil, cujo

ganhador, além de poder ostentar este apelido de ser “O Mais Querido do Brasil”, também levaria uma taça de prata que ficaria exposta na vitrine da joalheria La Royale, na Avenida Central do Rio de Janeiro.

Como nos conta Mario Filho, o Vasco fez todos os esforços possíveis para levar este título, organizando rifas, festas, quermesses, tudo que pudesse ajudar a angariar fundos para que se comprasse o maior número de edições do *Jornal do Brasil*, pois o cupom para votar na competição encontrava-se em cada número deste veículo. Segundo o autor:

Todo português aprendeu a guardar desde menino, a fazer seu pezinho de meia. Se alguém tivesse dúvida sobre a vantagem que o Vasco levava, deixaria de duvidar logo que abrisse o *Jornal do Brasil*, um dia depois de uma apuração. O Vasco estava na frente, longe. Se o pessoal do Flamengo passava pela La Royale para ver a Taça Salutaris ao lado das jóias mais caras, também o pessoal do Vasco passava por lá. O Flamengo namorava a taça, o Vasco não namorava mais a taça, noivava com ela. Valia uns quinze contos, só de prata. E era uma obra de arte, de gosto português. Por isso mesmo é que o Vasco fazia tanta questão de ficar com ela. Em Santa Luzia ela estaria em casa, na garagem do Flamengo daria a impressão de uma coisa fora do lugar. (MARIO FILHO, 1966, p. 23)

No dia da apuração final, o Vasco tinha mais de 60 mil votos de vantagem na disputa. Porém, neste mesmo dia, os torcedores do Flamengo tiveram a seguinte ideia de se disfarçarem de representantes do próprio Vasco, para que os torcedores deste time trouxessem os votos a serem entregues na sede do *Jornal do Brasil* diretamente na mão deles. Não deu outra: o golpe ocorreu da melhor maneira possível, todos os votos que vinham para o Vasco foram parar numa latrina do jornal. Na apuração dos votos – graças a essa artimanha -, a impossível derrota do Vasco acabou se concretizando, e o Flamengo, como conhecemos até hoje, leva a alcunha de “O Time Mais Querido do Brasil”.

Para a provocação se tornar completa, os torcedores do Flamengo enviaram, no dia seguinte, para o presidente do Vasco uma encomenda expressa, da qual constava um penico embrulhado para presente, onde podia se ler *Taça Salutaris*. Dentro do penico, estavam os vários votos do concurso carimbado com a seguinte frase: “para o bascu”.

Além destes casos, no livro *Flamengo x Vasco - O clássico dos milhões* (1999) encontram-se ainda muitas outras histórias que fizeram a rivalidade deste clássico só aumentar cada vez mais, como a vitória do Vasco por 7 a 0 em 1931; a reação da torcida vaiando a “cera” dos jogadores do Flamengo no primeiro jogo da liga de futebol entre profissionais no ano de 1933; a derrota do Flamengo para o maior rival justamente na estreia de seu estádio, o Maracanã, em 1938; o jejum de 7 anos sem vencer o Vasco, quebrado

somente em 1974; além dos inúmeros Campeonatos Cariocas que o Flamengo conquistou recentemente, principalmente nas duas últimas décadas, sempre com o Vasco ficando no posto de vice.

Portanto, com o peso que essa rivalidade carrega, o desfecho provocativo com Jussara voltando a falar somente para dizer, em suas últimas palavras antes de morrer, o nome do time mais odiado pelo marido – Vasco! – acaba sendo uma excelente escolha do autor, traçando através da significação do embate entre esses dois clubes a real situação pela qual o casal passava.

Todo o abandono e descaso da relação feito pelo marido é devidamente sentido na vontade que Jussara apresenta em usar o seu último esforço para ofendê-lo com o nome do time que ele a vida inteira odiou.

É a relação da rivalidade que vai mediar como está a relação do casal, que inicia-se na paixão que movia os dois pelos seus times, segue pela perda da vontade própria da mulher quando a torcida que Jussara tinha pelo Vasco da Gama diminui perante a reafirmação do Flamengo de seu marido, até desaguar no grito de liberdade e vingança da mulher reafirmando a rivalidade clubística – Vasco!

Entre os espaços que representam a dinâmica do cotidiano retratado por Aldir Blanc na crônica alguns locais aparecem com maior destaque, entre eles, a residência do casal e os estádios de futebol, que cumprem uma função importante na trama.

Na residência do casal, vemos afirmado o trágico que permeia o cotidiano logo no primeiro parágrafo do texto na reação de Jussara que para de falar após encontrar o retrato de outra mulher na carteira do marido. A angustiante forma do marido lidar com esse silêncio, tentando agir como se tudo estivesse normal, somente realça a situação trágica pelo seu desespero em contorná-la:

Eterno copo de cerveja na mão, grande contador de casos – parecia não ouvir o silêncio de Jussara:

- ... quase morri de tanto rir. Cheguei em casa e fui correndo contar pra Jussara. Lembra, meu bem? Pois é.

Geralmente “lembra, meu bem?”, “não foi, neguinha?”, quando Jussara estava de costas. Ela nem se dava o trabalho de voltar o rosto.

- ... cheguei a comentar com a Jussara, hein, neném?

Quando a resposta era a canção, quase inaudível de lábios apertados, as visitas disfarçavam e iam embora. O marido metia o nariz no jornal. (BLANC, 2006, p. 336)



O modo que Jussara se comunica com seus filhos sem quebrar o silêncio – “seus olhos é que falavam com os filhos: tá na mesa, olha o pé na água, não cruza as mãos no peito...” (BLANC, 2006, p. 336) – também realça os pormenores deste trágico que faz parte do cotidiano, a tal ponto do autor fazer esta dramática afirmação: “Sem Deus, os olhos de Jussara abençoavam os meninos” (Idem, *ibidem*, p. 337).

Até mesmo a morte da personagem é marcada pelo silêncio na expressão escolhida pelo autor para este momento: “o coração da Jussara ia silenciar também” (Idem, *ibidem*, p. 337).

Por isso, o silêncio no texto aparece na interessante construção de Aldir sempre como uma “canção do incômodo”, como podemos perceber em trechos como “a canção quase inaudível de lábios apertados” e, principalmente, em “a canção vinha vindo feito barulho de avião em ataque aéreo”, numa relação em que o silêncio torna-se barulhento tamanho o seu incômodo causado nas pessoas que sofrem com sua indiferença.

Também temos no silêncio um modo de enxergar a dinâmica de compartilhamento de emoções que funciona em determinado espaço do cotidiano, neste caso, entre os moradores de Vila Isabel, que indiretamente compreendem e justificam o silêncio de Jussara, como podemos perceber nesta passagem:

Cumprimentava os vizinhos com um movimento leve de cabeça, agradecia com outro mais lento. Nas festas a que levava as crianças, agia de modo tão natural que seu silêncio nem era percebido pelos estranhos, embora, invariavelmente, aparecesse alguém pra “explicar”:  
- Ela ficou desse jeito desde que... (BLANC, 2006, p. 336)

Deve-se destacar também quão significativos são os comportamentos de Jussara e o seu marido como torcedores. Primeiramente, o que o autor nos deixa entender na fala do próprio marido já citada no resumo da crônica é que os dois tinham um comportamento fanático, e até certo ponto violento, dentro dos estádios.

Quando Jussara descobre a foto de outra mulher que se relaciona a uma possível traição não só perde a vontade de falar, mas também a vontade de torcer. Obviamente, estas duas vontades ainda existem forte dentro dela, a tal ponto de retorná-las combinadas com força no último ato em vida para se vingar do marido.

Outro trecho no qual observamos o drama da relação conjugal retratado é o modo que o marido fica dividido entre cuidar da mulher e prestar a atenção no jogo, pendendo

para o lado de seu clube do coração em vez do lado de Jussara. Tal atitude evidencia um perfil de marido e pai ausente com a família, se preocupando mais com o próprio time do que com os que estão em sua volta, com a vontade de vingança da mulher sendo ainda mais justificada.

Há de se ressaltar também, que o fanatismo pelo clube cruz-maltino de nosso autor Aldir Blanc deve ter pesado – e muito! – para que o desfecho dessa vingança fosse através da vitória de seu time, e não do time adversário, afinal, a crônica dá espaço para que estas personalidades tomem forma, mesmo que por caminhos adversos.

### 3.4.2 Tirem as Crianças da Sala – Equilibrando o Barraco

Se na crônica anterior o meio campo aparecia pelo equilíbrio característico da representatividade na relação dos grandes clássicos, nesta crônica chamada “Tirem as crianças da sala”, do livro *Rua dos Artistas e Arredores* (1978), quem representa o meio campo é o personagem principal Tatão em seu desespero de tentar contornar os desaforos que a esposa Biluca lança desenfreadamente contra qualquer um que apareça em sua frente pela Rua dos Artistas e toda a Vila Isabel, usando como saída para equilibrar a situação justamente o futebol como tema, numa postura entre o ataque e a defesa, digna de um bom meio campista, que, neste caso, acaba chutando para fora sem conseguir marcar gol.

Na história desta crônica temos, então, o retrato da vida do casal Tatão e Biluca, sendo esta relação demarcada pelo gênio forte da mulher, que arranjava briga com todo mundo da Rua dos Artistas e arredores, com um linguajar que lembrava “a sutileza de uma andorinha”, referindo o autor “àquele caminhão de mudança” (BLANC, 2006, p. 108), e não ao pássaro. Ou seja, Biluca honrava com propriedade o apelido por que o marido a chamava: onça.

O pessoal de Vila Isabel ficava indignado com aquilo, principalmente a falta de atitude de Tatão para dar um jeito na onça Biluca, “porque ele – seresteiro profissional, bom taco, copo de fazer inveja a qualquer briteiro dos altos escalões –, diante da mulher não ladrava, gania” (BLANC, 2006, p. 108). Essa covardia não era característica dele, por isso o bairro inteiro estranhava, pois como diz o autor, “o Tatão não era frouxo: saía na porrada, dizia palavrão, era um belo ponta-direita, mas diante da mulher, aquela água” (Idem, ibidem, p. 108).

Nas festas ou reuniões em que Biluca destrinchava seu repertório de “tirar as crianças da sala”, Tatão usava uma técnica para tentar despistar a grosseria da mulher contra as outras pessoas, como se nada tivesse acontecendo, que obviamente não funcionava muito bem tantos eram os despautérios proferidos pela onça. Esta técnica passava diretamente pelo futebol, tentando usá-lo como ponto de equilíbrio para cobrir os escândalos de Biluca:

O impressionante é que, nessas descomposturas, o Tatão limitava-se a retorcer a ponta dos soberbos bigodes. Como se não tivesse acontecido nada, virava pra alguém e:

- O Flamengo merecia a vitória. Aquele pênalti que o juiz não deu...

Olha só quem fala! Malandro era aterrado dentro da área e não saía nem cartão amarelo pra Biluca, pô! (BLANC, 2006, p. 109)

Biluca não aliviava de jeito nenhum, e mesmo assim, Tatão se mantinha “aparentemente inabalável, fingia que não era com ele”, buscando de qualquer jeito encobrir o escândalo da mulher com o futebol. Aliás, fingir que nada acontecia fazia parte da personalidade do Tatão, do alto de sua malandragem para esquivar das saias justas

Pra falar a verdade, o Tatão sempre fingiu: sua malandragem, sua capacidade de improvisação (tem saída de tudo!), sua peteca sem jaça ou tombo... Chute, puro chute.

Mas quem atira a primeira pedra num homem que finge? E com essa chave mestra Tatão se dava bem. Cascateiro entre cascateiros, canastrão entre butões, sico-fanta entre coca-colas, o Tatão sabia que, em último caso, era só puxar a válvula. O papo dos mais chegados também era merda líquida. (BLANC, 2006, p. 109)

Porém, depois de tanto bate-boca e desrespeito, num “esplêndido frango ao molho pardo” com o bairro de Vila Isabel inteiro reunido, Biluca atinge o extremo de sua indelicadeza, tornando a situação incontornável com baixaria para todos os lados:

A Biluca bateu com o salto sete-e-meio na toalha da Deysinha e fulminou:

- Aqui é tudo vaca! O frango que se foda! O rebanho aqui é vacum! Que qui há? Tô de verde? Tô borrada?

Maior zona, palavrão, bolacha, saia levantada, dedo no olho, cafezinho, o Amaral Neto fazendo islaide... E o Tatão? Eu sei que é lastimável, mas o Tatão repuxava os bigodes e criticava o Tomires, o que parece uma incongruência num camarada que tinha um verdadeiro beque por esposa. (BLANC, 2006, p. 109)

Novamente o Tomires aparece como referência à mulher brava, que não alivia para o companheiro de jeito nenhum, assim como já foi analisado na crônica “É o tal negoço!”. O show de pancadas e desacatos de mulher de Tatão continuou:

Biluca, como se tivesse recebido – que a banda de lá nos perdoe – uma alcateia de exus, metralhava em panorâmica:

- Que qui é, Deysinha? Vem dentro! Pisa na barata! Não faz essa cara de santa, não! Pra cima de mim? Vai tratar desse corrimento!

- Já o Jordan é um belo marcador...

- Não disfarça, Tatão. Seja homem uma vez na vida. Tu não passa no teste da farinha, morou?

-... O Moacyr, jogando pro time, que categoria! Desde o Rubens...

-... e quem gosta de chupador é sorveteiro. Teu picolé derrete e eu que entro numa gelada? A tua mãe...

-... a forma do Dida. Com esse ataque, eu acho que a gente chega lá. Levo a maior...

- Eu sei que tu leva. Não precisa botar no jornal.

-... fé. O Dequinha que não pode vacilar...

- Vacilão é tu, vicoda! Charmutão velho!

-... pra garantir o meio-de-campo com a ajuda da torcida...

- Ah! Se entregando, hein? (BLANC, 2006, p. 109-110)

Tanto barraco feito por Biluca, que o Lindauro, cansado daquilo, não aguentou mais e falou por todos ali da Rua dos Artistas: “- Pô Tatão. Mete a mão nos corne dessa doida. Um cara como você não merece isso. Taca-lhe o pau!” (Idem, ibidem, p. 110). A resposta de Tatão para tudo isso?

- Pior foi o Rodolfo Valentino, que morreu de apendicite. Um dia vocês vão entender meu ponto de vista. Eu sei que a Biluca não dá bola pras minhas qualidades. Mas, em compensação, já conhece todos os meus vícios. Me destrata, é verdade, mas me dá casa, comida e roupa lavada. Eu sou um homem prático. Vão borá, neguinha? Já tá ficando tarde. (BLANC, 2006, p. 110)

A mulher Biluca, antes de sair, “pisou no rabo do totó, cuspiu no papagaio e fez xixi numa samambaia-chorona, tudo isso ao som de palavrões mais cabeludos do que inadimplência”. Como muitas das crônicas de Aldir Blanc, o desfecho dessa história ocorre numa tirada sagaz do Penteado, que responde à pergunta de Lindauro sobre como o coitado do Tatão consegue aguentar isso: “Ao molho, todos os frangos são pardos!” (Idem, ibidem, p. 110).

Portanto, no caso desta crônica, o futebol aparece aqui como uma espécie de fuga, tentando encobrir e distrair quem esteja ouvindo as ofensas sempre pesadas de Biluca, de “tirar as crianças da sala”, pois como se trata de um esporte tão popular, na concepção desesperada de Tatão, a tática poderia funcionar.

O humor da crônica destaca-se justamente na relação deste jogo em que Tatão tenta encobrir de maneira desesperada a boca-suja de Biluca, com situações de total constrangimento, mas que, colocadas pelo viés cronístico, soam no mínimo divertidas.

No espaço cotidiano da crônica temos, novamente, a Vila Isabel – ou como o narrador fala numa expressão dentro deste texto, o “pensamento vilaisabeliano” – e algumas características próprias deste espaço, marcados pelo conflito que todos daquele local têm com Biluca. Como podemos perceber, a rejeição que o bairro exerce contra a Biluca só aumenta a reação dela com mais violência contra todos ali.

Essa rejeição fica evidente logo no início do texto, em que Aldir Blanc decide pela primeira pessoa do plural – nós – para caracterizar uma opinião coletiva do lugar, e mesmo sendo uma opinião que nega a violência contra Biluca, a escolha da forma de conjunção adversativa acaba por mostrar que o repúdio por ela existe:

- Tem um gênio!

Como diria um leigo brasileiro: sem sombra de dúvida. Tavam falando da Biluca. A gente nunca lembrava o nome dela. Era Biluca e pronto.

Pelo menos, era assim que o Tatão chamava a onça. Chamava é refresco. Gania. Porque ele - seresteiro profissional, bom taco, copo de fazer inveja a qualquer biriteiro dos altos escalões -, diante da mulher, não ladrava. Gania.

Sem essa de laudos precipitados. *Nós, da Vila, não apreciamos chibata, açoite, meia, essas poucas-vergonhas* [grifo meu]. O Tatão não era frouxo: saía na porrada, dizia palavrão, um belo ponta-direita, mas, diante da mulher, aquela água. Entrâmpias da vida. (BLANC, 2006, p. 108)

Outro momento importante em que a dinâmica do bairro rejeita a forma com que age Biluca é visto “no frango ao molho pardo”, ocasião em que ela reage ofendendo a todos de Vila Isabel que estão por lá, como podemos ver no trecho já citado no resumo da crônica.

Na escolha da linguagem do texto, Aldir usa técnicas interessantes como a conversa direta com o leitor para evidenciar a aproximação e o tom de fala do dia a dia, como vemos no momento em que descreve Biluca, que apesar da braveza, ele não esquece de contar, quase como num papo de buteco, o quanto ela era bonita:

Os prezados leitores, ingênuos de marca maior, já devem ter esboçado a Biluca mais ou menos semelhante ao Erasmo, o sectário de inceruganssa de Ção Paulo. Pois quebraram a cara. A Biluca armava sorrisos de provocar quimose em olho mágico. E que ninguém nos ouça, merecia um investimento naquelas áreas de lazer. (BLANC, 2006, p. 108)

Outra característica da linguagem vemos no modo que Biluca responde o Tatão, escolhendo sempre o caminho da ofensa contra a masculinidade dele, o colocando como “brocha” em todas as retrucadas, entre elas, “ô fresco! Esse seu pincel não lambuza nem

rodapé. Não levanta nem com macaco.” e “tua agulha imantada não bandeia mais. Apagaro o candieiro, derramaro o gás”.

O comportamento do casal mostra representações do trágico no cotidiano tanto pela situação em que Tatão se encontra, tentando contorná-la de forma desesperadora e sem resultado, quanto pelo modo de agir de Biluca, que realça pelas ofensas ao marido um desgaste da relação conjugal, além da atitude combativa dela em que acaba se colocando como um indivíduo exilado daquele espaço, justamente um espaço que se diz acolhedor.

Mais uma vez, assim como ocorreu em outras crônicas anteriormente analisadas, a relação conjugal está em conflito, só que desta vez, ao invés de aparecer algum elemento mítico do futebol para gerar a comparação com a relação do casal, o que se vê aqui é a aparição deste esporte como assunto direto de distração, o verdadeiro caminho que o marido usa para fugir do sempre grande constrangimento causado por sua mulher barraqueira.

O que temos, então, é Tatão desempenhando de forma digna o papel de meio campista que joga a favor dos dois lados do time, tentando equilibrar o conflito entre Biluca e toda a Vila Isabel. Porém, como podemos perceber, com uma mulher pior que o Tomires, tal estratégia como essa com certeza perde a força, funcionando como um grande gol contra o próprio Tatão, mas uma boa função para o humor de quem a lê.

### 3.4.3 Visita de Cerimônia – Um Gol Para Descontrair

Assim como na crônica anterior, o futebol aparece aqui em “Visita de cerimônia”, do livro *Porta de Tinturaria* (1981), através da relação comunicativa que abrange, tornando-se de fundamental importância para compreender as reações que os personagens desta crônica terão. Neste caso, diferentemente da crônica “Tirem as crianças da sala” em que o assunto futebol era usado para encobrir uma situação constrangedora – que, aliás, ficava ainda mais constrangedora –, a participação deste esporte no assunto dos personagens é que vai criar a interatividade entre eles, mostrando o grande valor comunicativo que ele carrega em nosso país, sendo o verdadeiro meio de campo que liga pessoas de classes tão diferentes como os moradores comuns de Vila Isabel e o patrão de todos ali.

No enredo da crônica temos a história da visita que a família de Aldir Blanc recebe para um almoço de domingo do presidente da Iapetec (o Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Empregados em Transportes e Cargas), o famoso Dr. Ermelindo Cecílio Veiga,

que como diz o Avô Aguiar, “é patrão de todo mundo aqui”. Visita importante assim, obviamente acaba mexendo com a estrutura da família, e o avô trata logo de listar algumas ordens de comportamento para a família não passar vergonha na frente de uma figura tão ilustre, que segundo o avô, “é viúvo e puritano”, ou seja: “nada de futebol, cavalinho, carteadado... Música só se for clássica. E vê lá o que vão conversar!” (BLANC, 2006, p. 219).

A preocupação tomou conta então de toda a família, pensando cada detalhe mínimo que fosse para que esse almoço saísse perfeito, passando a semana inteira nos preparativos do aguardado almoço de domingo, inclusive nos pratos: “como o Ermelindo levava a fama de gourmet, o menu foi arroz-de-forno e coração recheado com farofa. Papo-de-anjo na sobremesa. Eta, show de classe!” (Idem, ibidem, p. 219). Com tantos cuidados e preocupações, o nervosismo da família acaba refletindo em diversas confusões, até mesmo na chegada do patrão:

Domingo, dez da manhã em ponto, tocaram a campainha. Foi um pega pra capar: encontrões, preces, pragas, nego ajeitando a gravata, mulher retocando o batom, uma zona. Meu avô foi pessoalmente, pela primeira vez em sua vida, abrir o portão. Era o geleiro.

- Ora, merda! Bota isso lá no tanque, seu bunda-suja.

- Bons-dias, Aguiar.

Cacete! Bem atrás do geleiro, erguia-se o espectral dr. Ermelindo Cacílio Veiga. Inteiramente de preto, trazia, apesar do sol magnífico, um guarda-chuva com cabo de jade no braço direito. E ainda: colete, gravata de juiz de faroeste, pincene e um chapéu-coco no alto do dito cujo.

Ceceu Rico, o primeiro a cumprimentar, escolhido por sua tradicional frieza, vacilou diante de tanta escuridão:

- Meus pêsames! (BLANC, 2006, p. 219-220)

Como diz o narrador, “daí pra frente, foi um festival de besteiras”, com constrangimento para todos os lados, da “meiga Helena que engasgou ao declamar o soneto “As pombas” e acabou cuspiendo um “a primeira vaca despertada”; da pequena “Cicinha, pura vocação pianística, uma virtuose, que errou três vezes seguidas a mesma nota do “Noturno”, teve uma crise de choro e foi pro quarto amparada pela madrinha”; e até do “terrível Walcyrzinho, que vinha sendo mantido sob severa vigilância, tirou uma bola de borracha ninguém sabe de onde e deu de bate-pronto, Tuninho Sorvete tentou uma ponte espetacular, mas falhou”, deixando a bola acertar “bem no pincenê” do Ermelindo; e, para encerrar a série de constrangimentos, a resposta certa de Lindauro ao ser perguntado pelo visitante se ele já tinha comido um strogonof: “- Nã... não, senhor. Mas já tive uma gonorréia-de-bico que...” (Idem, ibidem, p. 220-221).

A família inteira constrangida e constrangendo Ermelindo, quando de fora vem o som de um rádio que mudaria toda a situação: “- Gooooool! Gooooool do Vasco da Gama! Vavá!” (Idem, *ibidem*, p. 221). A reação do patrão da IAPETEC ao som que veio pela janela?

Ermelindo deu um salto pro parapeito da janela e bradou:  
- Casaca, casaca... Dá-lhe, Expresso! Ô Aguiar, você me perdoe, mas não tem nada pra molhar a palavra nessa casa, caralho? (BLANC, 2006, p. 221)

Pronto. Graças ao futebol, todo o protocolo e aquela falsa cerimônia que estava tirando a família de Aldir do sério foi quebrado. Do clima tenso e formal foram todos para “a cana “Arrebita as Orelha” e o baralho” (Idem, *ibidem*, p. 221). Ermelindo passou a ser chamado de “Lindinho” e se mostrou um “leão na sueca”.

Antes de ir embora, “tarde da noite, meio pinguço”, o patrão e agora companheiro de brincadeiras, graças ao gol salvador de Vavá – sempre ele, resolvendo nos momentos mais importantes para o Vasco daquela época, como veremos detalhadamente na crônica “Não interrompe, pô!” que será analisada num trecho mais à frente do trabalho –, emendou a seguinte tirada de saída:

No portão, virou-se para minha vó e perguntou:  
- A senhora sabe qual é a parte da mulher que cheira sobre o bacalhau?  
Meu avô se adiantou pra carimbar o pincenê do pilantra.  
- Calma, Aguiar, meu velho. É o nariz. Nariz foi feito pra cheirar, He, He... Boas-noites pra todos! Vascôôô! (BLANC, 2006, p. 222)

Como disse o Penteado no encerramento, mais uma vez, da crônica, “fala uma boa sacanagem e qualquer um fica à vontade” (Idem, *ibidem*, p. 222). Nesse caso, a “sacanagem” que deixaria qualquer um à vontade só consegue se estabelecer graças ao futebol e seu poder de comunicação.

O humor característico da crônica de Aldir Blanc aparece aqui pelo confronto entre o comportamento pautado na erudição do Dr. Ermelindo com a dinâmica popular dos moradores da família do autor, que se estende para um comportamento coletivo da Rua dos Artistas e a Vila Isabel.

O recorte escolhido para representar aquele espaço cotidiano é exatamente a casa da infância de Aldir, demonstrando a aproximação da personalidade que faz parte da criação de um cronista. Interessante ressaltar que a linguagem escolhida pelo autor para



mostrar o modo com que a família age para preparar o almoço de domingo para o Dr. Ermelindo segue algumas expressões inerentes de um grupo de trabalhadores, reafirmando a união daquele espaço para atingir um bem comum.

Entre as passagens que fazem referência à linguagem dos trabalhadores, temos a primeira marcação na reunião da família para discutir sobre como seria o almoço, “o Conselho de Segurança Familiar se reuniu em caráter de emergência”, a forma com que o “avô traçava os planos”, e até mesmo o “começo de motim, debelado com a promessa: depois que a visita sair, a gente enche a cara”.

Ainda no conflito entre erudição e costumes populares do local, vemos este ser realçado nas proibições que o avô Aguiar passa para a família: “nada de futebol, cavalinho, carteadado... Música só se for clássica. E vê lá o que vão conversar!” (BLANC, 2006, p. 219).

O que podemos perceber nessas proibições é ainda mais a afirmação dos costumes gerais não só da casa dos Blancs, mas principalmente daquela região da Zona Norte do Rio de Janeiro. A forte presença de costumes como o carteadado, o nosso futebol, e, como peça fundamental, o modo de falar local, fazendo com que o avô Aguiar se preocupe inclusive com os temas que as conversas podem gerar.

Mais um trecho divertido em que o conflito *erudito x popular* é perceptível ocorre nas primeiras tentativas de diálogo entre Ermelindo e os Blancs, chegando à pérola de Lindauro sobre o strogonof já citada no resumo da crônica:

Ermelindo, impávido, discorria sobre literatura e, a cada nova mancada, murmurava:  
 - Não se incomodem. Como disse Espinosa...  
 E tome erudição. Música, teologia, pintura, o diabo. Num rasgo de gentileza, elogiou a bóia:  
 - Supimpa. Certos pratos são difíceis de preparar. Por exemplo, um...  
 Ninguém pescou nada. Era prato em francês, em alemão, uma torre de babel culinária.  
 Lindauro, que tinha ido ao banheiro jogar um barro, voltou pra sala e sentou quietinho num canto, quase se escondendo atrás da vitrola. Dr. Ermelindo fuzilou o coitado por cima do pincenê e perguntou:  
 - E você, meu jovem? Já se deparou com um strogonof?  
 Lindauro suou frio. E respondeu:  
 - Nã... não, senhor. Mas já tive uma gonorréia-de-bico que... (BLANC, 2006, p. 220-221)

O peso trágico pertencente ao cotidiano aparece afirmado em toda tensão causada neste conflito, principalmente no desespero dos cidadãos comuns em causar uma boa

impressão no patrão, que obviamente só ocasiona desastres maiores. Entre as passagens de texto que dimensionam bem essa força trágica, destacamos primeiramente o comportamento de todos na chegada de Ermelindo: “Domingo, dez da manhã em ponto, tocaram a campainha. Foi um pega pra capar: encontrões, preces, pragas, nego ajeitando a gravata, mulher retocando o batom, uma zona” (BLANC, 2006, p. 219).

Outro trecho que merece nossa atenção sobre o ápice dessa dramaticidade que faz parte do cotidiano vemos nas reações limites que ocorrem depois da resposta do strogonof, que funcionou praticamente como a cereja do bolo das gafes cometidas: “Xícaras se estilhaçaram. Colherinhas tilintaram. Alguém disse “meus sais”. Uma voz rouca afirmou que botava a tropa na rua. Meu avô, no limite da tensão, cobriu o rosto com as mãos e explodiu num PQP! que entortou um quadro na parede” (BLANC, 2006, p. 221).

Em relação ao futebol, é importante reafirmarmos que em nosso país, com uma população que vive tão intensamente este esporte em seu cotidiano, um simples comentário sobre ele pode quebrar qualquer protocolo formal e pré-estabelecido, além de criar laços interessantes de amizade. A principal derrubada do confronto entre erudito x popular acontece justamente na aparição do futebol, mostrando que no Brasil a dinâmica dessa paixão não segue uma separação de classe rígida.

Por isso, podemos enxergar na relação do futebol dentro dessa crônica como um possível meio campo de ligação, em que pessoas tão aparentemente diferentes conseguem encontrar similaridades quando essa paixão futebolística entra em campo.

Duas realidades distintas como a do patrão Ermelindo Cecílio Veiga e da família de Aldir Blanc aproximam-se quando o gol de Vavá se faz presente, deixando de lado qualquer separação de classe que poderia se supor.

Formado nosso meio campo, então, com um “Clássico dos Milhões”, um modo de contornar um barraco e um gol que liga pessoas de realidades distintas, entramos agora na escalação dos artilheiros, as crônicas que formarão o nosso ataque.

### 3.5 O ATAQUE

*Como gastar bem o seu dinheiro  
Dinheiro se gasta com atacante.  
Com jogador que sabe fazer gol.  
Lá atrás dá-se um jeito com disciplina, com tática, com organização.  
Na frente é preciso talento, e talento é coisa rara.  
David Coimbra<sup>63</sup>*

Se o grande objetivo do futebol é – e sempre será – o gol, não tem como não ir ao encontro do pensamento do cronista David Coimbra: o atacante é a peça fundamental de qualquer time, mais do que qualquer outra posição. É ele, o atacante, que coloca a bola nas redes, não adianta nada o resto do time funcionar muito bem sem ter este importante jogador que consiga mudar o placar.

Se o assunto é ataque, completando o nosso esquema do 4-3-3, armamos o time com três crônicas que vão direto ao gol sem pestanejar: “Não interrompe, pô!”, “A copa e a cópula” e “Artistas da Rua Futebol e Regatas”.

A crônica “Não interrompe, pô!” nos apresenta a história do Mudinho apaixonado por um dos ataques mais espetaculares que o futebol mundial já conheceu, o poderoso Expresso da Vitória do time do Vasco da Gama das décadas de 1940 e 1950. Graças aos dois gols de Vavá (olha a força do ataque aí, estamos falando do *Leão da Copa* que sabia fazer gol como ninguém) em cima do Bangu que levou o clube vascaíno ao título carioca de 1956, quem parte para o ataque como legítimo cumpridor dessa posição é o Mudinho, conseguindo o “milagre” de falar quando vê sua segunda grande paixão, a Isolda. Nesse caso, como veremos no final, não teve gol, mas o espírito do ataque é devidamente respeitado com o personagem destruindo todo o buteco do Portuga.

No segundo texto, veremos o mineiro Cascudo de “A copa e a cópula”, que como já sugere o título, a vida sexual desse personagem tem uma relação direta com o maior torneio de futebol do mundo, mais precisamente a Copa de 1990, no jogo em que o Brasil perde para o nosso maior rival, a Argentina, nas oitavas de final. Tal derrota vai ser a propulsora de sérias mudanças na atitude desse personagem, partindo como um bom atacante matador para os “finalmentes”, cujas medidas tomadas para mudar o estado ruim de sua vida sexual com a mulher vão dar em desastre, favorecendo o humor que a crônica pede.

---

<sup>63</sup> Trecho da crônica “Os Gritos na Boca do Túnel”, publicada no jornal *Zero Hora*, em 03/07/2012.

Para fechar a trinca de artilheiros, temos a Rua dos Artistas, a rua da infância e de todas as grandes memórias de Aldir Blanc, partindo para o ataque com o desejo de se tornar uma rua respeitável com a criação do seu próprio time, o “Artistas da Rua Futebol e Regatas”. Com o “tenebroso ataque” formado por Waldyr Iapetec, Tuninho Sorvete, Lindauro, Ambrósio Gogó de Ouro e o folclórico ponta esquerda Canhoteiro I – uma verdadeira lenda desta posição essencial para qualquer ataque, que após a história do primeiro jogo do clube acaba transformando-se na internacionalmente conhecida Viveca Lindfors –, este time torna-se uma máquina de vitórias, tanto dentro dos gramados quanto dentro do coração do autor tamanha a dimensão memorialística.

Para que a rede balance e tire o zero do placar, vamos às análises.

### 3.5.1 Não Interrompe, Pô! – Ao Ataque Mudinho!

Nesta crônica, chamada “Não interrompe, pô!”, do livro *Rua dos Artistas e Arredores* (1978), temos a relação de paixão do protagonista Mudinho com um dos ataques mais brilhantes da história do futebol mundial – o famoso Expresso da Vitória, a alcunha que o Vasco da Gama carregava tamanha sua imponência nas décadas de 1940 e 1950.

Tão grande paixão refletirá, após o jogo decisivo contra o Bangu na penúltima rodada do Campeonato Carioca de 1956, na postura de bom atacante do personagem para cima de sua outra paixão, a estonteante Isolda.

No enredo, temos a história de Mudinho, um “surdo-mudo, baixote e com um rodaminho no alto do coco que lembrava, de longe, um helicóptero”. Mudinho carregava o apelido – mais uma vez obra do Penteadado – de “Não Interrompe, Pô!”, apelido este que sempre aparecia quando o papo estava animado no buteco de esquina de Vila Isabel, deixando o coitado irado com a brincadeira que “nem o garçom dava frescos”.

Além do apelido, a apresentação do personagem passa especificamente pelas suas duas maiores paixões na vida: “Isolda, que morava quase em frente, amante do violento Rodolfo, e o Expresso da Vitória, conhecido pelos leigos como Vasco da Gama” (BLANC, 2006, p. 89).

A Isolda, como bem fala o narrador, “fingia nada notar, mas até que dava uma certa corda”, pois “sempre que passava por ele, tinha um sorriso especial, um andar mais leve que mão de batedor de carteira” (Idem, *ibidem*, p. 89). O encontro decisivo destas

paixões acontece no sábado inesquecível em que o Expresso da Vitória consegue em cima do Bangu a vitória necessária para levar por antecipação o título do Campeonato Carioca de 1956, cujo jogo nos é descrito através das reações do Mudinho dentro do buteco do português em que todos os presentes ali o ouviam no rádio, e tem no desfecho da partida a aparição de Isolda:

Num sábado inesquecível, o Expresso enfrentava o Bangu. Mudinho, angustiado, chegou cedo no buteco e começou a canear. O rádio do português ligado no jogo, que, se não me falha a memória, era decisivo pro campeonato de 56. Assim que entrou, Mudinho ria, acendeu um fósforo e mostrou a chama pro luso. Uma espécie de senha que significava: quero um quente. O portuga trouxe um cálice bagaceira e, como se tratava de um jogo da Nau, tomou outro, que ninguém é de ferro.

Foi uma partida desgraçada, decidida pelo Vavá quase no último minuto, 2x1. Quando viu o português pular, o Mudinho ficou desvairado. Caía a maior água, chuva de verão, e o malandro dançava mais que o Fred Astaire, no meio da rua, bagaceira na mão, gritando gol. Gritando é a maneira de dizer. Parecia um lobo de segunda classe, ou então essa musiquinha do governo:

- Uôu! Uôu! Uôu u ás-ôôô!

Bom, pra aumentar a emoção, Isolda saiu de casa, com chuva e tudo, e entrou no buteco pra comprar cerveja pro Rodolfo, Flamengo doente, que tinha ficado meio na bronca com aquele gol em cima da hora.

Mudinho pirou de vez: Isolda e gol do Vasco! Era demais. (BLANC, 2006, p. 90)

Com a aparição de Isolda naquele momento histórico para o Mudinho, as provocações dela também atingem outro nível, pois ela “lançou-lhe a queima-calças o tal olhar” e, depois disso, foi “subindo um tantinho a saia justa preta”, deixando à mostra a “coxa de enlouquecer” (Idem, *ibidem*, p. 90). Dessa cena, vem o “milagre”, como diz o Portuga, quando o Mudinho consegue finalmente falar:

O Mudinho arroxou e depois ficou mais branco que o pessoal da UBC na hora de exibir a contabilidade. Suas bochechas incharam, e das profundezas da bagaceira veio a retumbante exclamação:

-Fôrra! I ôxa! (BLANC, 2006, p. 90).

Portuga gritando “Milagre!” de um lado, Waldir Iapetec sentenciando do outro que “milagre o escambau! Isso é atraso no duro!”. Isolda, sem graça com a situação, retira-se do bar chocada, e, após sua saída, vem o comentário trágico de Lindauro: “- Pô, Não Interrompe! Que falta de Tato” (Idem, *ibidem*, p. 91).

O tal comentário de Lindauro desperta a fúria do Mudinho, que sai quebrando todo o buteco – “jogou cadeiras nos espelhos, deu cabeçada na registradora, chutou meio mundo, até que ele de posse do ferro de arriar a porta deu um pau no Lindauro que se

pega!” (Idem, ibidem, p. 91) –, só acalmando com a interferência sempre pacificadora do avô Aguiar.

Sem entenderem o porquê da frase de Lindauro despertar tanta raiva no Mudinho, o buteco se contenta com a resposta de Penteadado, com a classe do bom tirador de sarro que é para encerrar a crônica: “- Falta de tato, meu jovem, é dizer a um surdo-mudo que ele não tem tato. O rapaz já não tem dois sentidos e tu ainda tira outro, pô?” (Idem, ibidem, p. 91).

Para compreender a fascinação que a época do Expresso da Vitória<sup>64</sup> exercia nos torcedores vascaínos, entramos num outro texto de Aldir Blanc, mais uma vez presente no seu livro sobre o time do coração chamado *Vasco – A Cruz e o Bacalhau* (2009), do qual ele apresenta a imponente e a força que tinha o clube naqueles anos, a tal ponto de se transformar numa símbolo do futebol brasileiro, num “desses raríssimos instantes em que a lenda e a história colidem – e não por acaso estamos falando de um trem: o Expresso da Vitória” (BLANC, 2009, p. 121).

Segundo o autor, o Expresso da Vitória surge a partir de uma charge de 1945 e se concretiza no título sul-americano que o Vasco ganha em 1948:

A lenda – e lendas são como rios com nascentes sonhadas e afluentes que prometem gemas – nasceu a partir de uma charge de Lorenzo Molas, publicada no *Jornal dos Sports*, em 1945, após a conquista de um torneio internacional. Foi ela que consagrou o Expresso da Vitória, ponto de, pouco tempo atrás, o Vasco ter dois times: um titular, disputando torneios maiores, e o chamado Expressinho, lutando pelas sobras. Como nos grandes achados de impacto popular que se eternizam acima das paixões clubísticas, a expressão, buscada no Expresso original, manteve-se – e manteve-se por cerca de sessenta anos.

O Expresso da Vitória passou de promessa de lenda ao imaginário do futebol quando se tornou campeão sul-americano em 1948. Sagrou-se jogando contra o supertime, base da seleção Argentina, o River Plate. (BLANC, 2009, p. 121)

Os números de títulos e vitórias expressivas que o Vasco da Gama alcança nessa década de 1940, e também na década seguinte de 1950, é impressionante, reafirmando e popularizando ainda mais o apelido de Expresso da Vitória. Entre os números, Aldir Blanc elenca os de maior destaque:

---

<sup>64</sup> A trajetória completa deste time encontra-se no livro *Um Expresso Chamado Vitória* (2012), de autoria de Alexandre Mesquita e Jefferson Almeida.

Há nos jornais da época alguns dados de fazer vascaíno de hoje babar: foi campeão carioca em 1947, deu de 14 X 1 no Canto do Rio – maior goleada da história do Campeonato Carioca no profissionalismo; fez 68 gols contra 20 sofridos.

Pra vocês, jovens vascaínos atuais, terem uma ideia da força que o Vasco demonstrava, o segundo colocado no certame, o Botafogo, ficou sete pontos atrás de Nau. Querem mais? Qual foi o primeiro time brasileiro a conquistar um torneio oficial em terras estrangeiras e de forma invicta? Sacaram? Nosso Vasco.

Também invicto, o Expresso foi campeão carioca em 1945, 1947 e 1949, sendo que neste último ano a média de gols da equipe foi de 4,2 gols por jogo. Seu glorioso desempenho teve 18 vitórias, dois empates e sete pontos de vantagem sobre o Fluminense.

É isso, tá aí o Vasco, com a base do Expresso, além de conquistas internacionais, foi campeão em 1945, 1947, 1949, 1950, 1952. (BLANC, 2009, p. 126)

O jogo decisivo que aparece dentro da crônica entre Vasco e Bangu ocorrido em 1956 é um dos maiores marcos na vida de Aldir Blanc, que diz ter começado a torcer pelo Vasco da Gama por culpa deste jogo, que assistiu na altura dos seus 10 anos de idade. A história do jogo era a seguinte: se o Vasco da Gama ganhasse a partida contra o Bangu, poderia consagrar-se campeão com uma rodada de antecedência antes do fim do campeonato Carioca, por isso o Mudinho da crônica estava tão empolgado e feliz com o resultado obtido.

Então, deixamos a explicação do que foi este jogo, que teve traços de grande dramaticidade, para o próprio autor, no texto em que explica como começou a torcer pelo Vasco da Gama dentro do livro já aqui citado *Vasco – A Cruz e o Bacalhau*:

E houve um dia – uma imorredoura tarde de sábado – em que me tornei Vasco, e o serei até a morte. Aceito até bandeira no caixão, ao lado das que levarem do Salgueiro e do Bafo da Onça, amores de minha juventude (tá bom, se não tiver a do Bafo, ficarei muito feliz com o estandarte do Simpatia, um dos belos blocos do Rio, cujo nome saiu de um personagem meu, Esmeraldo Simpatia-é-quase-amor). A epifania deu-se no jogo Vasco e Bangu, que poderia, por antecipação, dependendo do resultado do Flamengo no domingo, garantir o título do Vasco. O jogo tinha todos os ingredientes de um clássico: Zizinho catimbando no Bangu, o time do Vasco tinindo, da zaga ao ataque. O polêmico árbitro Eunápio de Queiroz que a galera gozadora havia apelidado de Larápio de Queiroz. Teve de tudo, até gol justamente anulado do Bangu, numa cobrança de falta do Nívio, um ponta-esquerda baixinho com um canhão digno do Pepe. Caiu um toró pra Noé nenhum botar defeito. Jamais esquecerei Martim Francisco, técnico do Vasco, sozinho na boca do túnel com uma toalha amarela ao redor do pescoço. No finalzinho do jogo, que estava empatado em 1 x 1, uma bola longa veio caindo feito uma V-2 na área banguense. O bom goleiro de Moça Bonita, Ubirajara, saiu nela de soco. Vavá, que ainda não era “O Leão da Copa” e sim “O Peito de Aço”, esticou o joelho e, por sorte ou não, a bola bateu nele e entrou. Foi um delírio. Um torcedor me pegou no colo e fui passando de mão em mão para o alto das arquibancadas enquanto meu pai corria, rindo, atrás de mim. Quando saímos do estádio, papai fez uma armadura, de caixas de papelão dos picolés Kibon, para me proteger da chuva. Durou aproximadamente dez segundos antes de se desfazer. Cheguei em casa e tive febre. Em meu delírio, eu repetia: Carlos Alberto, Paulinho e Bellini; Laerte, Orlando e

Coronel; Sabará, Livinho, Vavá; Valter e Pinga. O bacana é que uns trinta anos depois fiz um samba, ainda inédito, para a epopeia que me tornou definitivamente Vasco da Gama. (BLANC, 2009, p. 225-226)

Para se ter uma ideia do quanto este jogo marcou nosso autor, além de inúmeras referências a ele em outras crônicas, Aldir Blanc acabou escrevendo um samba contando esta história, que tem a letra colocada na íntegra dentro do livro *Vasco – A Cruz do Bacalhau* (2009), apesar deste samba continuar inédito, sem nenhuma gravação feita até o momento. É, no mínimo, mais uma forma curiosa de se enxergar o mesmo jogo:

FEBRE VASCAÍNA  
(ALDIR BLANC)

Naquela tarde chuvosa no Maracanã,  
O goleiro do Bangu bobou,  
Vavá marcou.  
Na arquibancada molhada,  
o negro e o português,  
por antecipação,  
tinham em mãos o Caneco de 56.  
Vejam vocês!  
Daquela tarde, aos 10 anos,  
Não me esquecerei:  
Fui pra Rua dos Artistas  
Me gripei, cai de cama...  
Doido, com 40 graus,  
Encolhido dentro do pijama,  
Contraí essa doença: ser Vasco da Gama.

O Expresso veio com Carlos Alberto,  
Paulinho e Bellini;  
Laerte, Orlando e Coronel  
Completavam a defesa do time.  
Sabará, na direita,  
O esquecido Livinho e Vavá,  
Grande Valter Marciano  
E o Pinga pra fechar.

A cada grande vitória renasce o menino  
Que agita o pendão cruz-maltino: (Bis)  
Esse é o segredo que existe  
Em qualquer vascaíno.  
(BLANC, 2009, p. 232-233)

Compreender, então, o que significava o Expresso da Vitória para um torcedor vascaíno fanático como o Mudinho da crônica, e a alegria deste torcedor ao ver o



time voltar a ganhar mais um título carioca<sup>65</sup>, é entender um pouco do perfil do personagem em questão, inclusive na completude entre o Vasco e a Isolda, suas grandes paixões retratadas dentro do texto.

Quando a vitória em cima do Bangu de virada e nos últimos minutos acontece, e na sequência aparece a Isolda – ainda por cima buscando cerveja para consolar o namorado flamenguista, o que não deixa de ser mais uma espécie de alegria através da sensação de vingança do vascaíno fanático –, as duas grandes alegrias do Mudinho se concretizam, e a perda dessa alegria dupla após o “milagre” de falar e ter constrangido a pobre Isolda, é ainda mais sentida pelo “Não Interrompe, pô”, justificando o ataque de fúria do qual ele acaba com o buteco do Portuga e com a cara do folgado do Lindauro.

O espaço cotidiano escolhido para ser retratado na crônica é, novamente, a Rua dos Artistas, e também o buteco daquela rua, mais especificamente o buteco do Portuga. Sobre a marcação da rua em que Aldir morava e que sempre volta em seus textos, ela se caracteriza logo na abertura do primeiro parágrafo, mesmo que através da descrição de uma dinâmica politicamente incorreta para demarcar o espaço, mas que tem seus fundamentos nos subúrbios cariocas: “A Rua dos Artistas, como toda rua com vergonha na cara, tinha um mudinho” (BLANC, 2006, p. 89).

Porém, o maior destaque fica para o espaço do bar, que não só aparece pela descrição deste local, mas também pela linguagem que pertence a ele. Entre os trechos, algumas passagens fazem referências a objetos presentes ali, como “deu um gole na batidinha, acendeu meticulosamente um Florinha, e encaçapou a sete” (Idem, ibidem, p. 91), e, principalmente, recriações do humor característico daquele local, como podemos perceber na descrição do momento em que Mudinho recebe o apelido – e como reage a este:

O Penteado, tremendo gozador, inventou uma brincadeira que deixava o Mudinho louco da vida. Era só o buteco da esquina ficar na maior animação, aquele papo da leiteria do Castilho, e o Café Filho sempre foi uma besta quadrada, esses lances, quando o Penteado, sem mais nem menos, virava pro Mudinho e torpedeava:

- Não interrompe, pô!

O porém, nossa-amizade, é que o apelido pegou. Todo mundo de copo na mão, um lero-lero de primeiríssima no que o Mudinho pintava nem o garçom dava frescos:

- Tira um na pressão aqui pro Não-Interrompe! (BLANC, 2006, p. 89)

---

<sup>65</sup> O último título carioca vascaíno tinha sido em 1952, com a maioria dos jogadores que fizeram parte do melhor período do Expresso da Vitória, na década de 1940, e que por estarem encerrando suas carreiras ou sendo transferidos para outros clubes, o Vasco teria algumas dificuldades para voltar a ser campeão.

Neste mesmo trecho podemos perceber a conversa que o autor institui com seu leitor para causar uma melhor dinâmica em que aproxime a relação do cotidiano, do bate-papo informal que o gênero exige, chamando-o de “nossa-amizade”.

Ainda na construção de linguagem do lugar, caracterizada pela dinâmica própria e com muito humor, temos outra passagem que cumpre essa função na forma que o Mudinho fazia para pedir sua bebida predileta:

Assim que entrou, Mudinho acendeu um fósforo e mostrou a chama pro luso. Uma espécie de senha que significava: quero um quente. O portuga trouxe um cálice de bagaceira e, como se tratava de um jogo da Nau, tomou outro, que ninguém é de ferro. (BLANC, 2006, p. 90)

Na questão do trágico presente no cotidiano que fala Maffesoli, vemos em Mudinho diversos retratos de situações que representam bem esse assunto, entre elas, a relação de paixão exaltada tanto pelo clube do coração quanto pela mulher que ama, Isolda. A forma com que o autor dimensiona as reações do personagem perante estes dois emblemas que são o time e a mulher a tal ponto de “falar” quando os dois se completam no mesmo momento não deixa de ser uma maneira divertida de compreender isso, assim também como a reação de fúria pelo comentário de Lindauro.

Ao colocar sobre a perspectiva futebolística, portanto, é a postura de um legítimo atacante que vemos na investida do Mudinho para cima de Isolda após mais um grande resultado positivo do espetacular ataque do Expresso da Vitória, e, ainda mais ao pé da letra do que representa essa posição no futebol, quando ele destrói todo o buteco furioso com o comentário infeliz de Lindauro. Se não tem gol marcado além dos dois do Vavá, pelo menos Mudinho não deixa de representar bem o que é a postura ofensiva – tanto para quebrar o bar quanto pelo comentário indelicado com Isolda – exigida para todo bom atacante dentro de campo.

### 3.5.2 A Copa e a Cópula – Ao Ataque Cascudo!

Na crônica “A copa e a cópula”, do livro *Brasil Passado a Sujo – A Trajetória de uma Porrada de Farsantes* (1993), como o próprio nome sugere, temos uma divertida relação do resultado de um jogo de futebol – mais precisamente a derrota do Brasil para a Argentina nas oitavas de finais da Copa do Mundo de 1990 – com a mudança de

postura da situação sexual de um casal, obviamente, com um deles partindo para o ataque como um bom jogador da posição de que tratamos nessa parte.

Em seu enredo, vemos o retrato do Bar da Maria – um dos bares da Rua dos Artistas – no dia seguinte à triste derrota na Copa do Mundo de 1990 da seleção brasileira para nossos maiores rivais, os argentinos, ocasionando em todos os presentes aquela “ligeira depressão, aliviada pelas cervejinhas” (BLANC, 1993, p. 77).

Nas conversas compartilhadas no clima de tristeza da derrota, o assunto que acaba se destacando são os sofrimentos das relações conjugais. Entre as histórias divididas pelos personagens no bar, a que ganha mais destaque é a do mineiro Cascudo com sua mulher, atraindo a atenção das figuras presentes, entre elas, o próprio Aldir, o Baiano e, nada menos do que o Môa – o famoso Moacyr Luz, grande parceiro de diversos sambas de nosso autor.

O relato de Cascudo em primeira pessoa dá a exata noção do tamanho de seu drama:

- Minha senhora vivia reclamando que a vida andava sem graça. Chorava pelos canto. Tinha uma dor de cabeça braba. Eu não sabia o que fazer. Ela descascava as batata gemeno de dar dó. Me olhava com os óio cheio de lágrima e dizia que nossa vidinha no dia-a-dia estava isfriando a paixão, arruinando o romantismo dos tempo de namoro. (BLANC, 1993, p. 78)

Porém, “quando o Brasil perdeu pra Argentina” no fatídico jogo, o Cascudo resolveu “virar a mesa”, tomando coragem para uma atitude extrema, como ele mesmo irá nos narrar:

Tomei uma canjibrina extra aqui na Maria, e fui pra casa antis da hora bitual. Miti a chave na fechadura e girei bem divagá.  
 Entrei em casa na pontinha dos pé. Ela tava no quato, sentada na cama só com a parte de cima do beibidor, mexendo na caixa de custura. Aquele misto de trem doméstico e nudez buliu comigo, atiçou meus brio. Olhei os cabelo dela começano a ficar grisáio, as coxa mais grossa por causa de um aumentim de peso, os óculo meia-taça incluíbrado na ponta do nariz... Fiquei doidim. Ela sentiu minha presença, se assustou, começou a se levantar, mas eu dei um impurrão nos peito dela, joguei ela na cama, rasguei de cima baixo a brusa de um puxão só e pulei em cima dela que nem um gato. Ela gritou com uma voz que eu não cunhecia, uma coisa forte, doida. Tentou falar alguma coisa, mas eu tapei a boca dela anssim ó cum u travissêro e mandei ferro. Me senti um deus grego. Quanto mais ela tentava se sortá, mais eu abafava a cara dela gritano:  
 - É isso que tu queria? Tá gostano? É por causa da minh vara macha que tu tá rebolano des’jeito, é?  
 E refresquei um pouco a pressão no travesseiro pra ouvir a resposta dela: Uma voz de gelo me disse:

- Tô rebolano des'jeito porque tem alfinete demais da conta ispetado na minha bunda, sô! (BLANC, 1993, p. 78)

Apesar do desfecho trágico para o personagem, porém engraçado para o leitor, podemos apontar no jogo entre Brasil e Argentina<sup>66</sup> a participação fundamental na concepção do drama que faz parte da crônica. Primeiramente, a rivalidade que move esse confronto não pode ser esquecida, principalmente quando o assunto é esporte, não importando qual seja a modalidade.

Especificamente no futebol temos alguns livros que tratam do valor dessa disputa, sendo o mais conhecido *Brasil x Argentina – Histórias do Maior Clássico do Futebol Mundial* (2008), de Newton César de Oliveira Santos.

Segundo essa obra, inúmeros fatores acabaram por fortalecer o peso dessa rivalidade, desde o equilíbrio enorme nos confrontos<sup>67</sup> até a clássica pergunta de quem é o maior jogador de futebol de todos os tempos – Pelé ou Maradona –, além da quantidade de jogos que terminam em confusões, briga, ou expulsões, que como ressaltam os dados levantados pelo autor, ultrapassam a marca de 50% dos confrontos.

Por todos esses pormenores relevantes sobre a rivalidade entre os dois países, o jogo da Copa do Mundo de 1990 carrega toda uma simbologia em si de grande sofrimento causado, afinal, foi uma derrota decisiva no maior campeonato da modalidade, pelo apertado resultado de 1 a 0 somente, num jogo muito tenso, decidido em plena prorrogação, com a vitória dos *hermanos* argentinos.

O gol de Caniggia coroou uma época em que o futebol brasileiro andava em baixa, com uma concepção mais defensiva que não surtia resultado, e que só foi conseguir escapar do peso e estigma destes anos ruins quando veio a ser campeão da copa seguinte, em 1994 nos EUA.

Para se ter uma ideia do tamanho da tristeza causada por este resultado, Aldir Blanc inicia a crônica com o seguinte trecho: “Bar da Maria, tarde I d. C. (depois da

<sup>66</sup> A ficha técnica desse jogo encontra-se em <http://futpedia.globo.com/campeonato/copa-do-mundo/1990/06/24/brasil-0-x-1-argentina>

<sup>67</sup> Segundo o autor do livro, “o equilíbrio na disputa é extremo, considerando-se partidas contando com equipes tidas como as principais de seus países e organizadas por uma entidade representativa de cada nação. Segundo a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em 92 partidas disputadas até o final de 2008 o Brasil venceu 36 jogos, a Argentina 33 e houve 23 empates. Por sua vez, de acordo com a Associação do Futebol Argentino (AFA), de 93 confrontos o Brasil ganhou 36, a Argentina 34 e as seleções empataram em 23 oportunidades. A discórdia está em um jogo realizado em dezembro de 1956, vencido pela Argentina e não reconhecido pela CBF, sob a alegação de que se tratava de um selecionado regional.

Copa)” (BLANC, 1993, p. 77). Uma data tão marcante na população do Brasil, e, principalmente, dos que faziam parte do espaço do bar em que ocorre a trama, que o modelo de narração “bíblica” acaba por redimensionar a grandiosidade do drama que ela carregava, cumprindo a função de um verdadeiro divisor de águas, onde as coisas nunca mais seriam as mesmas depois dessa data.

Esse mesmo pensamento de que as coisas não poderiam continuar como estavam é que move Cascudo a tomar coragem para mudar sua situação sexual com a mulher. Possivelmente aqui, podemos traçar na ação do personagem a vontade de alguém que não quer mais ficar na posição de perdedor, pois já basta o peso da vergonha nacional carregado pela derrota para o maior rival, pelo menos com a mulher ele precisa mudar essa situação.

Obviamente, o trágico que faz parte das mínimas atitudes do cotidiano que aponta Michel Maffesoli aparece aqui também, e não só na reação de Cascudo, mas no modo com que os outros personagens presentes no bar afogam sua melancolia pela derrota, e mesmo tentando esquecer aquela tristeza, ela acaba sendo reafirmada nas histórias de relações conjugais fracassadas que são devidamente compartilhadas por todos ali.

O espaço urbano do bar escolhido pelo autor acaba por compreender através do compartilhamento de casos o trágico inerente ao dia a dia. Além disso, a linguagem daquele local aparece devidamente retratada na obra, como podemos ver no trecho no qual o Baiano conta sobre a relação de Ernesto e sua mulher, com alguns cortes na fala que representam bem a dinâmica construída naquele local:

Baiano resumiu o clima:

- A dimensão da crise num casamento pode ser medida pela resposta que seu Ernesto deu pra cara-metade.

Môa suspirou:

- De novo?

Entende-se a falta de saco do Môa. É a pentelhésima vez que o Baiano conta esse troço, uma espécie de carro-chefe dele. Mas vale a pena ver de novo. A mulher do seu Ernesto fez uma sopa e perguntou ao marido, sujeito extremamente mal-humorado, se ele queria um pouco. Recebeu como resposta um resmungo de assentimento. Na ânsia de agradar a pobrezinha fez a pergunta fatal: “Quer no prato?”.

Seu Ernesto virou a boca de bazuca na direção da infeliz e não perdoou:

- Não. Quero no prato não. Joga no chão e vem varrendo. (BLANC, 1993, p. 77)

Outra marcação de linguagem importante que Aldir faz questão de realçar é a oralidade do mineiro, principalmente do mineiro interiorano, com seu modo de falar próprio. Tal sintaxe fonológica é devidamente colocada a serviço da narração que dá voz ao

Cascudo em primeira pessoa quando resolve contar seu drama e que já foi citada no resumo do texto, quebrando as expressões comuns do subúrbio que apareciam até aquele momento da crônica para representar a voz de Aldir. As respostas da mulher construindo o diálogo no final são a principal chave do humor pela situação ocorrida, e também outra marcação da oralidade mineira.

Portanto, o modo como Cascudo reage à derrota do Brasil para a Argentina pode ser considerado um interessante paralelo com a posição de atacante no futebol, partindo para a decisão de resolver o jogo – neste caso, a situação de sua vida sexual – e trazer a vitória que nossa seleção não conseguiu contra o rival para dentro da relação conjugal, fazendo o gol na “cópula” com a mulher, já que na “copa” ele foi só frustração.

### 3.5.3 Artistas da Rua Futebol e Regatas – O Time da Rua dos Artistas (A Linha de Frente do Coração do Autor)

Nesta crônica chamada “Artistas da Rua Futebol e Regatas”, presente no livro *Rua dos Artistas e Arredores* (1978), e também na compilação de textos sobre o futebol *Paixão e Ficção – Contos e Causos de Futebol* (2009), organizada por Luis Pimentel, as características ofensivas aparecem acertando como um bom ataque diretamente o coração do autor pelo seu nível memorialístico, pois, como o próprio título nos diz – “Artistas da Rua Futebol e Regatas” –, o futebol torna-se um símbolo importante da questão identitária dos moradores da Rua dos Artistas com a história girando em torno da fundação do time que representa a rua, sendo a atitude da fundação deste clube também um ótimo exemplo da postura exigida para a função do atacante.

O texto começa, portanto, no surgimento da ideia de criação deste time, que ocorre dentro do buteco após a frase definitiva de Penteado: “– Rua sem time não é rua de respeito” (BLANC, 2006, p. 117). Instigados por essa frase, os frequentadores do bar não demoraram para dar início a todos os detalhes necessários à criação do time da Rua dos Artistas:

No segundo seguinte, tinha gente escolhendo o nome da agremiação, bolando as cores da camisa, o desenho da bandeira, pensando nas coxas da futura madrinha “do onze”, e a sede? Vamos correr uma lista pela vizinhança, a maior atividade. (BLANC, 2006, p. 117)

Estava fundado ali, na correria e no improviso que marcam todas as grandes ideias vindas do buteco, “de Vila Isabel para o mundo, o Artistas da Rua Futebol e Regatas, ARFR”, que de regatas tinha mesmo só o nome, “embora nego ali só remasse em dia de enchente ou porre total”, afinal, “vai ver foi esse o motivo da sede ficar no buteco mesmo” (Idem, *ibidem*, p. 117).

A escolha do uniforme passou pelas paixões clubísticas que moviam os presentes, com referências ao Flamengo, Madureira e, principalmente, para o Vasco da Gama, que por estar em maioria na votação das cores foi o mais homenageado: “a camisa era rubro-negra-tricolor-anil-amarela, com uma cruz de malta roxa no peito, porque a maioria, modéstia à parte, era Vasco” (Idem, *ibidem*, p. 117).

Não esqueceram, obviamente, a musa símbolo que tanto prestigiaria o clube, escolhendo “pra madrinha, Isolda, a da saia justa, musa para parnaso nenhum botar defeito” (Idem, *ibidem*, p. 117). O que estava faltando? Justamente o principal, os jogadores que representariam o clube, pois toda essa estrutura sem ninguém para colocar em campo de nada valia, e estes foram “escolhidos a dedo os que levavam jeito”:

No gol, osso duro pro internacional Daniel de Ponte Nova, o Ceceu Rico, que não gostava de festa, atuando de boina basca, óculos raibam, suéter carinhosamente tricotado pela vovó Odete, bermudas caquí, meias soquetes e sapatos sociais, numa das mãos um programa de corrida de cavalos e na outra um taco de sinuca, esportes que, no sábio dizer do Cecéu, estão sempre presentes. Atrás da baliza, uma garrafa da famosa Não pode ser 1 X 1.

Passemos à zaga, estilo antigo: Esmeraldo Simpatia é Quase Amor e Pelópidas, a tranquilidade em pessoa, que a posição exige isso. No meio campo, coisa de deixar o grande Danilo boquiaberto, atuavam Bimbas, Penteados de centralfe – a mais ilustre posição que o futebol conheceu – e o Mudinho. Pra finalizar, o tenebroso ataque: Waldyr Iapetec, Tuninho Sorvete, Lindauro, Ambrósio Gogó de Ouro e... (BLANC, 2006, p. 117-118)

O primeiro grande problema do clube: “Não tinha ponta esquerda”. Como nos conta o narrador, “por incrível que pareça, ninguém na Rua dos Artistas pegava firme com a canhota”, e para resolver esse problema, a discussão foi longe até chegar a solução:

A discussão foi uma zona. Parecia a Câmara, o Senado, por aí. Até que lembraram de um cara da Gonzaga Bastos que calçava 44 e se intitulava Canhoto I, mistura de canhoto e canhão, cheio de banca.

- Canhoto I porque lá em São Paulo tem outro. É apenas o II.

Trouxemos a fera. Contrato fabuloso pra época: cumpria o dever na ponta, e a gente pagava as despesas de bar depois do jogo. (BLANC, 2006, p. 118)

Problema na ponta-esquerda devidamente resolvido, chegava então, o momento tão aguardado por todos os moradores da Rua dos Artistas, a fatídica estreia do glorioso Artistas da Rua Futebol e Regatas, “com uma senhora camisa de sete cores e uma bandeira onde se destacava duas garrafas cruzadas sob o bonde 74 bordado à mão” (Idem, *ibidem*, p. 118). Passamos ao narrador da crônica a descrição deste importantíssimo primeiro jogo:

Estreamos, ARFR, em Cachambi. O time dos hôme tinha uma retranca bem armada: canivete, peixeira, garrucha... madeira de dar em doido. A menina-dos-olhos da torcida local era o Chanca, lateral-direito.

Um 0 x 0 de arrepiar. Com uns trinta minutos do segundo tempo, sem ter ainda encostado o pé na bola, Canhoteiro I gritou dá e foi lançado por nosso fabuloso centralfe. O ponta e seu marcador lutaram pela bola – a socos e pontapés – mas nosso atleta conseguiu centrar. Lindauro entrou de cabeça e faturou. Devido ao calor da luta, Chanca e Canhoteiro caíram num buraco, no meio de um capim alto estupro e só regressaram dez minutos depois.

Chanca apareceu meio sem graça, cheio de marcas no pescoço e, atrás, com um rebolado estranhíssimo e uma flor na boca, vinha o Canhoteiro I, que, ao entrar em campo, todo rasgado, deu vários passos de balé. Pra vergonha do Artistas da Rua Futebol e Regatas, nosso craque foi expulso em seguida por ter tacado um beijo de língua no goleiro adversário. Passando pelo bandeirinha, o tresloucado ciciou:

- Sai Canhoteiro I, nasce uma estrela.

Apesar do vexame, e com um homem a menos, Ceceu Rico e a caninha seguraram, com defesas milagrosas, a vitória. E, no finalzinho, quase que o Penteado enfia outro de patinete, jogada de sua criação que iludia totalmente os adversários, troço de circo. (BLANC, 2006, p. 118)

Inacreditavelmente, o time Artistas da Rua Futebol e Regatas conseguiu estreiar logo com uma vitória, que “foi muito comemorada na sede”, o conhecido bar de onde veio a ideia, de tal forma que “nada empanou o brilho da festa”, “nem mesmo a chegada do Canhoteiro I de braço dado com o Chanca” (Idem, *ibidem*, p. 119).

Aliás, falando no Canhoteiro I, o clube continuou por mais “uns cinco jogos com a boneca na ponta, antes dela viajar pra Europa com o espetáculo de travestis “Brazil Salvaguardas Follies”” (Idem, *ibidem*, p. 119), e a carreira do clube que nasceu de uma conversa de buteco e representava a Rua dos Artistas continuou de vento em popa, com enorme sucesso, como vemos no encerramento desta história:

Não tínhamos adversários. Inacreditável o rendimento daquele ataque. Que, por exigência do próprio ex-Canhoteiro I, era anunciado assim: Waldir Iapetec, Tuninho Sorvete, Lindauro, Ambrósio Gogó de Ouro e Viveca Lindfors.

A natureza humana é um mistério. (BLANC, 2006, p. 119)



Literalmente, a natureza humana, como bem encerra a crônica, é um mistério, que pode muito bem ter seus paralelos traçados através da relação de um jogo – ou de um time, como no caso deste texto – de futebol, refletindo bem o pensamento de um ex-goleiro apaixonado por futebol, nada menos do que o próprio Albert Camus, que dizia sobre este esporte: “O conhecimento da alma humana passa por um campo de futebol”<sup>68</sup>.

As escolhas que formam o time Artistas da Rua Futebol e Regatas, desde o uniforme até as posições distribuídas dentro do campo, refletem algumas situações em que a identidade dos moradores daquela rua vem à tona, mostrando bem as peculiaridades que marcam a dinâmica do cotidiano de um espaço específico, como vemos nas teorias de Michel de Certeau e Michel Maffesoli.

Se o trabalho da crônica é representar o cotidiano, especificamente urbano, o retrato do espaço pertencente ao subúrbio carioca que as crônicas de Aldir Blanc sempre abrangeram, espaço este definido entre Vila Isabel e seus arredores, ganha aqui, pelos traços do time que representa a rua em que morou na infância, uma interessante complementação.

As vontades presentes na Rua dos Artistas são bem ilustradas no texto logo na escolha do uniforme do clube, do qual inicialmente conseguimos estabelecer a ligação com os principais clubes do futebol carioca, cada torcedor-frequenteador daquele bar deixando um traço de sua paixão, do que é importante para ele, representado no uniforme: o rubro-negro do Flamengo, com a junção do tricolor – que poderia ser o Fluminense, mas neste caso não – formado pelo anil-amarelo, que somado com o vermelho anteriormente dito, viram as cores do Madureira Esporte Clube, tudo isso, com a “cruz de malta roxa no peito”, para coroar a maioria dos vascaínos presente, como não poderia deixar de ser, afinal, tanto Aldir Blanc, quanto seu pai, o Ceceu Rico que é o goleiro do time, são Vasco da Gama doente, e isso provavelmente pesou na escolha do símbolo.

Porém, a referência ao uniforme que começa como uma camisa “rubro-negra-tricolor-anil-amarela, com uma cruz de malta roxa no peito” no momento de sua concepção, obviamente acaba acrescentando outras cores – provavelmente a vontade de outros torcedores de mais times foi incorporada –, como é perceptível na estreia do clube, que no primeiro jogo vinha “com uma senhora camisa de sete cores” (BLANC, 2006, p. 118).

---

<sup>68</sup> Frase que pode ser encontrada no livro *Bolas e Bocas – frases de craques e bagres do futebol* (2003), de Mauro Beting, com uma coletânea de frases célebres sobre este esporte.

Também no uniforme, a sede do clube, o verdadeiro espaço em que ele foi originado, o bar, é lembrado em “uma bandeira onde se destacava duas garrafas cruzadas” (Idem, *ibidem*, p. 118). Estas garrafas aparecem “sob o bonde 74 bordado à mão” (Idem, *ibidem*, p. 118), sendo este bonde um capítulo a parte na história da Rua dos Artistas.

Em seu trajeto entre Vila Isabel e Engenho Novo, o famoso bonde 74<sup>69</sup> cortava toda a Rua dos Artistas, sendo uma das mais fortes imagens não só da infância do escritor da crônica, mas também de todos os moradores daquele lugar, que conviviam com sua presença diária. Para se ter uma ideia da importância deste bonde 74 para Blanc e a Rua dos Artistas, em 2004, quando o conhecido bloco carnavalesco carioca “Segura Para Não Cair” resolveu homenagear nosso autor Aldir Blanc, a principal ideia dos organizadores do desfile foi apresentar, como o nome do enredo diz, “o inventário da infância de Aldir Blanc em Vila Isabel”, usando para isto a recriação do próprio bonde 74, que carregava em seu trajeto aquelas mesmas pessoas que vemos nas crônicas, como nos explica Eduardo Goldemberg<sup>70</sup>, o organizador do bloco:

Ele traz reminiscências de sua infância, passada grande parte na Rua dos Artistas número 257, casa que existe até hoje. Região onde passava o bonde "74", que deixava os personagens do universo do poeta próximos à casa de sua Vó Noêmia e de seu Vô Aguiar. Ali, o poeta convivia com seu padrinho, Bimbas, com seu primo Esmeraldo, o "Simpatia É Quase Amor", com as primas da Penha, que traziam pra Vila, segundo a visão de Aldir, o "cheiro-mar" de Copacabana... Helena, mãe de Aldir, filha de Noêmia e Aguiar, e Ceceu Rico, o seu Alceu, seu pai, também estão no bonde que vai levar o SEGURA pelas ruas de Vila Isabel. (GOLDEMBERG, 2004, *online*)

Muitas destas pessoas citadas por Goldemberg que passaram pelo bonde 74 e que fizeram parte do inventário da infância de nosso Aldir estão presentes dentro de campo na formação do time Artistas da Rua Futebol e Regatas, como é o caso do pai do autor, o também vascaíno Ceceu Rico, o primo Esmeraldo, conhecido pelo famoso apelido “Simpatia É Quase Amor”, e o padrinho Bimbas, que está lá no meio-campo.

Além desses nomes, não podemos esquecer de destacar o Penteadado, o Mudinho, Waldyr Iapetec, Tuninho Sorvete, Lindauro e Gogó de Ouro, pois todos estes não só fizeram parte do time como também são marcas registradas daquele espaço da Rua dos Artistas, a tal ponto de estarem presentes em outras das crônicas aqui analisadas.

<sup>69</sup> O trajeto deste bonde e de outras linhas do Rio de Janeiro que passavam pela Tijuca na época encontra-se em <http://boemiaenostalgia.blogspot.com.br/2008/09/bondes-tijucanos.html>

<sup>70</sup> Texto publicado no site <http://www.samba-choro.com.br/noticias/arquivo/8171>

Ainda na questão de identidade do espaço, outro trecho interessante a ser assinalado ocorre logo no primeiro parágrafo do texto, quando o autor retrata pequenos gestos cotidianos que faziam parte da dinâmica daquele local através da narração memorialística, mais especificamente dos hábitos inerentes do bar:

Foi num domingo desses em que a gente fica na porta do buteco encarnando no alheio, fazendo psiu pra mulher boa, soprando que ela era a nora que a mamãe sonhou, se verde assim que dirá madura, qual o telefone do au-au, lembrando samba na caixa de fósforos, disputando batida no palitinho... Foi num domingo assim. (BLANC, 2006, p. 117)

Por isso, mais do que apenas um time que representa a Rua dos Artistas, o glorioso Artistas da Rua Futebol e Regatas consegue cumprir o papel memorialístico que a crônica exige, sem perder o foco da questão de identidade que marcam a dinâmica daquele espaço que tanto Aldir Blanc quanto todos os outros envolvidos com o clube reafirmam em suas escolhas.

Temos, então, a postura ofensiva de todo bom atacante na ação da Rua dos Artistas em conjunto quando esta resolve tornar-se uma “rua de respeito” através da afirmação constituída pela fundação de seu próprio clube, além da importância das figuras presentes naquele time, que conseqüentemente formam a melhor linha de frente do coração de nosso autor.

Conhecidos nossos goleadores na atitude do Mudinho-atacante, na abusada reação ofensiva de Cascudo, e na linha de frente do coração de Aldir Blanc formada pelo Artistas da Rua Futebol e Regatas, vamos à preleção do técnico-autor.

### 3.6 O TÉCNICO

*E aqui pergunto: — que entende de alma um técnico de futebol? Não é um psicólogo, não é um psicanalista, não é nem mesmo um padre.*  
Nelson Rodrigues<sup>71</sup>

Qual a função legítima do técnico de futebol: ser um estrategista ou um motivador? Calculista ou passional? Se o técnico, segundo as palavras de Nelson Rodrigues, um dos profundos conhecedores de nosso esporte, não consegue entender nada da alma

<sup>71</sup> Crônica “Freud no Futebol”, publicada no livro *As Sombras das Chuteiras Imortais* (1993).

humana, pois não é nem “psicólogo”, nem “psicanalista”, muito menos “padre”, na crônica que veremos na sequência o valor passional conta a favor do técnico com certeza.

Para começar, escalamos Aldir Blanc, o próprio autor, para representar o valor do técnico, na crônica que fecha nossas análises, justamente a crônica em que ele escreve do valor que este esporte carrega em sua vida. Dentro do texto, o técnico-autor elenca os melhores causos relacionados ao futebol de pessoas que fizeram parte da Rua dos Artistas, entre elas parentes e conhecidos locais, sendo estas as mesmas pessoas que apareceram na maioria das análises anteriores, provando que no time do coração do autor tais nomes sempre terão a vaga garantida entre os titulares.

Mesmo com Blanc como técnico, a busca pela resposta da máxima de Nelson Rodrigues continuará jogando no time do mistério – “A natureza humana é um mistério”, já dizia o narrador Aldir na crônica “Artistas da Rua Futebol e Regatas”, por que o técnico de futebol iria ter essa difícil resposta?

Ainda assim, mesmo nossa “alma” se mantendo na área do mistério, um esporte com relação tão passional quanto este, que envolve sofrimento, alegria, dor, entrega, não pode ser friamente separado daquilo que move os desejos e vontades de um ser humano, e, no mínimo, cria um retrato interessante do que sente o autor.

Então, conforme o título, organiza o time, Aldir!

### 3.6.1 Até Morrer – Organiza o Time Aldir

A última e mais importante crônica analisada, chamada “Até Morrer”, e que está presente no livro *Brasil Passado a Sujo – A Trajetória de uma Porrada de Farsantes* (1993), consegue ser um excelente tratado sobre como funciona a paixão pelo futebol em nosso país, representando as memórias e cenas marcantes que construíram esse amor pelo esporte em nosso autor Aldir Blanc, muitas destas cenas que até já foram tratadas em outras análises deste trabalho.

Por se tratar de um formato em que o autor elenca as melhores histórias em relação ao futebol ocorridas com as pessoas próximas a ele, desde o avô até o padre conhecido daquele espaço, o tom memorialístico se destaca, afirmando diretamente o valor deste esporte para Blanc e, também, para os brasileiros no geral, todos com algum envolvimento

interessante e uma boa história dessa prática, capaz de criar a empatia direta com as situações transcritas no texto.

A ideia central que será explorada por Aldir baseia-se na frase “futebol é loucura”, por isso, cada caso envolvendo tal esporte dentro da crônica destacará o quanto essa paixão pode soar como algo que foge à normalidade da sociedade em geral, mostrando se tratar de uma dinâmica própria de entendimento. Tal dinâmica compreenderá algumas características locais do espaço referente à Vila Isabel, reafirmando seu funcionamento específico nos mesmos moldes das ideias de Certeau e Maffesoli.

No caso das memórias futebolísticas de Aldir Blanc que a seguinte crônica vai retratar, temos logo em sua apresentação no primeiro parágrafo a definição do contato inicial que o autor teve com a bola, o instrumento primordial para o jogo de futebol, contato este descrito com uma dose impagável de humor:

Meu primeiro contato com a bola foi no saco. Dito assim, parece um fato biologicamente normal. E é mesmo, desde que o atingido pela bolada consiga recuperar a respiração e, claro, o saco para a prática do nobre esporte bretão. (BLANC, 1993, p. 71)

Da dor causada pela bolada no saco, Aldir Blanc levanta a tese de que ela pode ter sido a responsável pelos traços que o levaram a escolher o time do coração: “A dor dessa primeira experiência futebolística despertou um traço ibero-masô, geneticamente explicável, em meu excelente caráter: como um espermatozoide tresloucado, fui impelido em direção cruz-maltina” (BLANC, 1993, p. 71).

Esse traço “ibero-masô” que o autor aponta, segundo ele, é da índole de todo torcedor vascaíno, como uma ligação forte com a colônia portuguesa que faz parte da base histórica do clube, e no livro que escreveu sobre o time, *Vasco – A Cruz do Bacalhau* (2009), conta um caso importante de sua infância no qual foi perceber tal característica:

Uma historinha: minha família, em tempo de vacas magras, alugava quarto na casa onde nasci, na rua Santos Rodrigues, Estácio de Sá. Um dos inquilinos, um português chamado Almada, de onde talvez venha o Al do meu prenome, era homem educadíssimo, de não demonstrar sentimentos, a não ser numa ocasião: quando voltava dos jogos do Vasco. Meu avô oferecia a seu Almada uma especial bagaceira. Vários copinhos depois, só de sacanagem, vovô perguntava:  
- E aí, patrício? Como é que foi o jogo?  
Com os olhos rasos d’água, perdidos, quem sabe, numa cachopa alentejana ou em morena deixada na África, o Almada limitava-se a balançar a cabeça, a murmurar:  
- Vasco... ah, meu Vasco...  
E nunca disse uma palavra sobre o resultado das partidas.

Para os vascaínos, vencer é deixar lembranças pelos mares e grama, perder é acrescentar novas cicatrizes às velas pandas, mais cracas no casco venturoso. (BLANC, 2009, p. 220)

Na crônica, então, a primeira atitude de Aldir Blanc é localizar sua grande paixão e demonstrar a loucura que a envolve, a torcida pelo Vasco da Gama, “Vasco desde garotinho”. Na sequência da cena descrita, o autor volta a reafirmar o tamanho dessa loucura, da qual a paixão misturada com o sofrimento é um elemento inerente do torcedor vascaíno, pois como fala seu pai Cecéu Rico – outro fanático pelo clube – “um vascaíno sincero tem miolo mole ou é opaco feito um calçada” (BLANC, 1993, p. 71).

Esse “amor perverso” vai ser a grande marca da paixão de Aldir pelo antigo “Expresso da Vitória”<sup>72</sup>, que ele faz questão de lembrar, mais uma vez, neste texto, através da citação de um memorável artigo escrito para revista *Placar* pelo jornalista Japiassu, dizendo que o “time foi dirigido por um delegado quando deveriam chamar um padre” (Idem, ibidem, p. 71). O delegado em questão é Antônio Lopes, que treinou em diversas ocasiões a esquadra vascaína.

Porém, a loucura de ser Vasco não é maior do que a ocorrida por outros torcedores, e nas memórias dentro da crônica Aldir, como se fosse um técnico de futebol escalando o melhor time para botar em campo, elenca inúmeros casos que vão colaborar com a afirmação “futebol é loucura”, e que essa paixão e sofrimento misturado é inerente do esporte, não tem como separá-las.

O primeiro caso é do avô Alfredo, uma pessoa descrita como equilibrada pelo neto-narrador Aldir Blanc, mas que se transforma totalmente e surpreende a todos no jogo da final da Copa do Mundo de 1958<sup>73</sup> entre Brasil e Suécia, no qual a nossa seleção se consagraria campeã mundial pela primeira vez. Como vemos primeiramente quando começa o jogo, o equilíbrio e a calma do vô Alfredo ainda estão lá:

---

<sup>72</sup> Já citado em nossa análise da crônica “Não interrompe, pô!”

<sup>73</sup> A descrição mais detalhada deste jogo pode ser encontrada no livro *As Melhores Seleções Brasileiras de Todos os Tempos* (2010), de Milton Leite, ou na ficha técnica completa deste jogo que se encontra no site <http://futpedia.globo.com/campeonato/copa-do-mundo/1958/06/29/brasil-5-x-2-suecia>

Em 1958, minha família estava toda empilhada em volta do rádio, um daqueles antigões. Todos, menos meu avô Alfredo. Ia começar a final Brasil X Suécia. Neginho roía a unha, fumava, fazia promessa. Meu avô Alfredo balançava a cabeça, pensativo. Homem cordialíssimo, extremamente equilibrado, não conseguia entender aquela fissura. Fazia piadas pra descontrair a torcida pinel:  
- Dona Nadyr com aquilo tudo dando sopa e esses caras fanatizados por marmanjos de calção... (BLANC, 1993, p. 71-72)

Tanto equilíbrio e calma vão para o espaço quando a Suécia abre o placar do jogo, acontecendo a transformação completa do vô Alfredo, com direito a ataque de fúria, palavrões e ofensas para todos os lados, principalmente para os lados dos suecos:

A Suécia meteu o primeiro gol.  
Meu pacato avô empalideceu, rasgou o Jornal do Comércio ao meio, atirou a fruteira bico-de-jaca no quadrinho “Deus abençoe este lar” e berrou:  
- Perder pra corno, jamais! Todo mundo sabe que sueco é manso e deixa beliscar a mulher dele, enquanto toma umazinha no cômodo ao lado. (BLANC, 1993, p. 72)

Como diz Aldir Blanc de dentro da crônica, “se Vavá, o Leão da Copa, não tivesse empatado”, ele, “com onze anos, teria aprendido tudo sobre a vida sexual dos suecos” (BLANC, 1993, p. 72). No fim do jogo, após o Brasil ter se sagrado campeão com o 5x2 de virada, o pequeno Aldir, como toda boa criança curiosa, insistiu com o avô Alfredo para conseguir ampliar sua “cultura sobre deixar beliscar e outros temas fascinantes”, mas restituído de sua calma característica, o “vovô Alfredo foi categórico”: “- Eles perderam de 5, Aldir. Logo, devemos concluir que são excelentes anfitriões, gente culta e civilizada. Não se fala mais no assunto. Brasil!!!” (Idem, ibidem, p. 72).

A transformação do vô Alfredo leva o autor a aumentar sua reflexão sobre o quanto o futebol é um incrível meio passional em nosso país, capaz de modificar as atitudes das pessoas de uma hora para outra, sendo este princípio ainda o que move a grande paixão pelo esporte que o autor carrega, apesar de tudo:

Essa capacidade de transtornar cucas certinhas – acho que diríamos, hoje, esse dom de levar caretas a transgredir – é que me faz permanecer um apaixonado por futebol, apesar de toda corrupção, resultados decepcionantes, decadência de técnica, desaparecimento do virtuose (a ascensão do açougueiro), violência, violência e a dor, suavizada pela recordação dos dribles imortais, de não ver outro Garrincha. Mas hei de torcer! (BLANC, 1993, p. 72)

Os casos que refletem essa passionalidade – e loucura! – que encanta Aldir Blanc seguem nas outras histórias tão interessantes e divertidas que ele elenca na sequência da crônica.

Uma delas é a do “bebum que apelidou a própria amásia de Paulo Isidoro” (BLANC, 1993, p. 72). Para quem não conhece o jogador citado, ele foi um ponta-de-lança que jogou nas décadas de 1970 e 1980, muito conhecido pela sua passagem no Atlético Mineiro, chegando até a Seleção Brasileira, que tinha como principal característica conseguir atuar em todas as posições do meio-de-campo para frente também. Por essas características aqui apresentadas foi que o bebum cismou em colocar o apelido na mulher, pois julgava que ela e o jogador tinham estilos em comum; Paulo Isidoro em campo; a mulher na cama: “Ela dormia na ponta, mas embolava no meio” (Idem, *ibidem*, p. 72).

Outra história (re) lembrada no texto é a do time que representava a Rua dos Artistas, a famosa rua em que Aldir Blanc morou na infância, o glorioso Artistas da Rua Futebol e Regatas, que foi objeto de uma de nossas análises neste trabalho ao ser o assunto principal da crônica intitulada com o nome do próprio time. Na descrição das loucuras futebolísticas, ele lembra aqui do ponta-esquerda contratado para o time, o famoso Canhoteiro I, que se descobre dentro de campo, e de como ficou a escalação do clube depois deste momento: “Hei de torcer porque o ponta-esquerda do “Artistas da Rua Futebol e Regatas” era bicha e a escalação do ataque ficou: Iapetec, Sorvete, Lindauro, Gogó-de-Ouro e Viveca Lindfors” (BLANC, 1993, p. 72).

Aldir também não se esquece de elencar outros vascaínos ilustres que o fazem reafirmar ainda mais a paixão pelo clube – e pelo futebol – ao saber que estes torcem pelo seu time do coração: “Hei de torcer porque também são vascaínos Ceceu Rico, Paulo Amarelo, Guinga, Martinho da Vila, Nei Lopes, Paulinho da Viola, Edu Lobo e Sérgio Cabral” (BLANC, 1993, p. 72), lista que o autor estende para outros nomes como Carlos Drummond de Andrade, Rubem Fonseca, João Ubaldo Ribeiro, Pixinguinha e Villa-Lobos no livro *Vasco – A Cruz do Bacalhau* (2009).

Mais um dos casos apaixonantes sobre o futebol na crônica conta a reação da Tia Nicinha, que “quando o Amarildo enfiou aquele gol na Espanha, em 62”, “jogou o rosário pro alto, foi pro piano e tocou o Hino à Bandeira” (Idem, *ibidem*, p. 73). Aliás, a



história desse jogo<sup>74</sup> era um drama à parte, pois o Brasil precisava ganhar da Espanha para se classificar a segunda fase daquela Copa, e justamente Pelé, o “Rei do Futebol”, tinha sofrido uma distensão na coxa no jogo anterior e não poderia estar em campo. Para substituir o Rei, apareceu então Amarildo, que após ter marcado os dois gols da virada de forma heróica – os dois no fim da partida, o primeiro aos 31min. e o segundo aos 40 min. (este o responsável pela Tia Nicinha correr para o piano emocionada) – ganhou o apelido – que seria honrado com muito brilho durante aquela Copa vencida pelo Brasil – de Amarildo, “O Possesso”.

Também temos no texto a história do tio Placidino, “um cientista de renome internacional em aerofotogrametria”, que “no gol de empate do Clodoaldo, contra o Uruguai, em 70”, “atirou uma gaiola de periquito no teto de um Aero-willys aos gritos de “conheceu, Obdúlio?”” (Idem, *ibidem*, p. 73). Vemos aqui outro drama em que conhecer a história da partida que o gerou torna-se necessário<sup>75</sup>: o Obdúlio citado pelo tio Placidino é o grande capitão da seleção uruguaia Obdúlio Varela<sup>76</sup>, responsável pela maior tristeza de nosso futebol, a virada histórica ocorrida no Maracanã – conhecida como o *Maracanazo*<sup>77</sup> e que também já foi citada em outro trecho deste trabalho. No jogo em questão dentro da crônica, o Brasil revia pela primeira vez depois do enorme desastre de 1950 a seleção do Uruguai num jogo decisivo de Copa do Mundo, na semi-final da copa de 1970, no México.

Não bastasse o terror da pressão em não repetir toda a tristeza causada naquela fatídica tarde no Maracanã em 1950, ainda por cima o time do Uruguai conseguiu abrir o placar, aos 19 min. do primeiro tempo, com o gol de Cubilla. Então, entra em ação o gol salvador de Clodoaldo, aos 45 min. do primeiro tempo, no último lance antes de ir para o intervalo, o gol que faria o tio Placidino atirar a gaiola de periquito no teto de um Aero-willys e soltar o grito vingativo de “conheceu, Obdúlio?”. Depois daquele gol do Clodoaldo, o Brasil ainda ganharia o jogo por 3x1, com gols de Jairzinho e Rivellino, chegando à final para levantar a taça de Tricampeão Mundial.

Se os tios marcaram a paixão e sofrimento de Aldir em relação ao futebol, imagine então a própria filha Mariana? Na crônica o autor lembra que “por causa do cretino do Paulo Rossi”, a filha “chorou muito ao ver os garotos apagando os desenhos dos nossos

<sup>74</sup> A ficha técnica completa deste jogo encontra-se no site <http://futpedia.globo.com/campeonato/copa-do-mundo/1962/06/06/brasil-2-x-1-espanha>

<sup>75</sup> A ficha técnica completa deste jogo encontra-se no site <http://futpedia.globo.com/campeonato/copa-do-mundo/1970/06/17/brasil-3-x-1-uruguai>

<sup>76</sup> No livro *Futebol ao Sol e à Sombra* (1995), de Eduardo Galeano, encontramos o perfil deste jogador.

<sup>77</sup> O *Maracanazo* já foi devidamente tratado em nossa primeira crônica analisada, “Sina”, abordando a trágica situação do goleiro da seleção brasileira Barbosa.

craques em muros e paredes, num ato de vingança coletiva” (BLANC, 1993, p. 73). Mais um grande jogo que marcou a memória coletiva deste esporte em nosso país<sup>78</sup>, a triste derrota da incrível Seleção Brasileira de 1982 contra o time da Itália, do nosso carrasco Paulo Rossi, nas quartas-de-finais da Copa do Mundo da Espanha<sup>79</sup>.

Naquele jogo, Paulo Rossi foi o responsável pelos 3 gols da vitória do time italiano pelo placar de 3x2 contra uma das seleções mais espetaculares que o futebol mundial conheceu, a seleção brasileira de 1982, que entre seus craques tinha nomes como Zico, Falcão, Junior e Sócrates. A tristeza que motivou os garotos a apagarem os desenhos dos nossos craques num ato de vingança coletiva, e que ocasionou a tristeza ainda maior na filha Mariana ao ver aquela cena é considerada uma das maiores tragédias do futebol brasileiro, e também mundial, que tanto gostaria de ter visto aquele time maravilhoso levando o título.

Por último, para fechar a crônica em grande estilo, Aldir Blanc conta a impressionante história do velório de Lindolfo, em que a paixão pelo futebol vai interferir de forma um tanto quanto excêntrica neste funeral. Tudo começa quando a família do autor, no meio da madrugada, recebe a notícia na “velha casa da Rua dos Artistas” que Lindolfo tinha morrido.

Na movimentação para ir ao funeral, com direito aos “trinta sanduíches de carne assada” da Vó Noêmia, uma dúvida aparece: “- Cadê o rádio? Hoje tem Vasco x Botafogo” (BLANC, 1993, p. 73). Como conta o narrador, “aparentemente, ninguém se atreveu a levar”, pois “a mulher do Lindolfo, Dona Marcelina, era tão séria que já estava de luto dias antes da morte do marido” (BLANC, 1993, p. 73).

O problema é que “naquele tempo, o jogo começava às três e quinze da tarde”, e “os enterros saíam por volta das cinco”, ou seja, eles teriam que dar um jeito de descobrir o andamento de um jogo tão importante. Foi exatamente isso que Ceceu Rico, para a alegria de todos, acabou fazendo, com a ajuda dos outros bons frequentadores de buteco:

Waldyr Iapetec, com seu faro inigualável, descobriu um buteco nas imediações com rabada e cervejas superlâmpoticamente geladas. Mandaram arrebite. Mais ou menos na hora da peleja começar, Ceceu Rico, cheio de goró, lavando a cabeça com azeite Galo e botando aristolino na maionese, sacou um radinho do bolso das acumuladas. O Iapetec riu:  
- Sabia que tu não ia aguentar.

<sup>78</sup> A ficha técnica completa deste jogo encontra-se no site <http://futpedia.globo.com/campeonato/copa-do-mundo/1982/07/05/brasil-2-x-3-italia>

<sup>79</sup> Para entender melhor o tamanho desta tragédia, leia o livro *Telê e a seleção de 82 – Da arte à tragédia* (2012), de Marcelo Mora.

- Tenho minha reputação. Não quero que digam que Ceceu Rico deu balda com medo de viúva. (BLANC, 1993, p. 73-74)

Não teve jeito, “o pessoal ficou ouvindo o jogo no tal do buteco”, com um esquema armado que “de vez em quando, um batedor partia pro front do velório”. O jogo cada vez mais emocionante, “um zero a zero cheio de lances dramáticos” (Idem, ibidem, p. 74). No momento decisivo da partida, “faltando uns quinze minutos pro fim do segundo tempo”, e com uma baita “pressão do Vasco”, apareceu o Avô Aguiar, avisando

com toda cortesia de seus quase dois metros de cutucro nascido em Póvoa do Varzim:- Vamo pagar a conta que o palhaço de saias chegou pra encomendar o corpo. Ceceu, enfia o rádio na ombreira do paletó e finge que tá com torcicolo, meningite, um troço desses. (BLANC, 1993, p. 74)

Obedecendo à ordem do avô Aguiar, voltaram todos para o funeral, com o Ceceu e seu radinho estrategicamente colocado na ombreira do paletó. A viúva, “provavelmente sentindo a exuberância dos bafos”, “lançou a todos um olhar assassino” (Idem, ibidem, p. 74). O padre, cumprindo sua função, começou a encomenda do corpo com a seguinte pérola: “- Nosso irmão Lindolfo já não está no estádio, digo, no mundo, Encontra-se na Glória!” (Idem, ibidem, p. 74).

Mesmo com o “olhar rambo-rocky” da viúva para cima dos apaixonados pelo futebol e o buteco, o Ceceu não desgrudava de seu radinho, cumprindo a função que lhe foi dada, até que “captou no radinho uma investida vascaína”: “- Lá vai o Vasco! Bola pra Walter Marciano na entrada da área! Driblou o primeiro, driblou o segundo, vai marcar...”. Neste momento, “o desgraçado do radinho ficou mudo”, para o enorme desespero de Ceceu, que tentou de tudo, “catucou os botões pra baixo e pra cima”, “sentou a porrada no spika, método quase infalível para engenhocas enguiçadas”, até que “uma palavra, altíssima, como que irradiada pela sublime voz do Todo-Poderoso, elevou-se na capela: - PÊNALTI!” (Idem, ibidem, p. 74).

Desenhada a confusão, a viúva possessa urrou, para o espanto inesperado de todos: “- Contra quem? Pênalti contra quem? Aumenta, babaca!” (BLANC, 1993, p. 75). Era pênalti contra o Botafogo, a chance para o Vasco ganhar o jogo. De um lado, a viúva comandava “o tradicional corinho de “casaca, casaca, casaca-saca-saca...”” (Idem, ibidem, p. 75) da torcida vascaína, do outro, o padre abandonando o recinto.

Obviamente, o apaziguador avô Aguiar tentou acalmar o padre: “- Hei, seu padre! Volta aqui! Futebol enlouquece qualquer um! Não foi desrespeito, não” (BLANC, 1993, p. 75). O padre, com uma tremenda classe respondeu: “- Aqui, ó! Eu sei que não foi desrespeito. Foi roubo no duro! Tô farto de ver o Vasco vencer com gol de pênalti no último minuto. Vão todos pros quintos dos infernos. Ladrões!”. Como fala Aldir sobre o pobre padre, “seus protestos foram abafados pelos gritos de gol e pelo espetacular choro da viúva. De alegria” (Idem, ibidem, p. 75).

Por fim, o autor chega então à conclusão que “futebol é isso – incoerência, farsa, delírio”, e por “essas e outras” que continua sendo tão encantador, capaz de mexer tão intimamente com uma população inteira, apesar da relação de sofrimento e alegria que convergem no mesmo espaço passional. É no grito de “hei de torcer, hei de torcer até morrer” que Aldir Blanc nos mostra a importância que este esporte tem para a sua vida, conseguindo retratar o espaço que o formou, os limites da Rua dos Artistas e de Vila Isabel, das pessoas que marcaram este espaço, refletindo o Brasil como um todo, pois, como está na frase que encerra a crônica, “a torcida brasileira é toda assim, a começar por mim” (BLANC, 1993, p. 75).

A dinâmica desse espaço é devidamente retratada na obra, tanto na oralidade quanto nas ações, que por mais impulsivas que pareçam, refletem o trágico que faz parte do miúdo do cotidiano e carregam a dramaticidade que somente os moradores do local – e, nestes casos, os apaixonados pelo futebol também – conseguem compreendê-la e compartilhá-la inteiramente.

Portanto, como um bom técnico que leva a campo os melhores, nesta crônica Aldir Blanc faz questão de lembrar as histórias mais marcantes que relacionam o futebol e a passionalidade que faz parte deste esporte, um time em que reaparecem muitos dos nomes escalados em nossa seleção, pois na escalação da vida de Blanc, estes nomes sempre tiveram lugar garantido entre os titulares, tanto na Rua dos Artistas e arredores, quanto no coração do autor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Acho o subúrbio mais criativo e interessante do que a Zona Sul. O sonho de status do sujeito que julga fazer um grande negócio, mudando de Vila Valqueire para Duvivier implica num jogo de simulações e “finezas” sacais. Penso que a grossura suburbana é fundamental para que o Rio sobreviva com identidade própria, e não como periferia de Noviórqui, como deliram os deslumbrados*  
Aldir Blanc<sup>80</sup>

Neste trabalho, ao analisarmos a seleção de 12 crônicas levantadas na obra de Aldir Blanc das quais o futebol aparece como um caminho interpretativo, pudemos perceber, muito além dos elementos deste esporte que aparecem dentro delas, a intenção do autor em colocar em voga as características do subúrbio que sempre o rodeou, tudo aquilo que fez parte de sua vida pela Rua dos Artistas e seus arredores.

Interpretar o futebol através dos relatos de Blanc é compreender um pouco mais da dinâmica da Zona Norte do Rio de Janeiro da qual ele cresceu, pois tais elementos míticos inerentes deste esporte e todos os discursos gerados por sua linguagem ocorriam de modo natural naquele espaço retratado nos textos, e, obviamente, ocorrem ainda hoje em qualquer recorte feito no cotidiano nacional, afinal, estamos falando do esporte de presença mais imponente em nossa cultura.

A escolha da definição de cotidiano de Michel de Certeau e Michel Maffesoli, que em ambos podemos ver a caracterização de um espaço dinâmico que foge do cumprimento de certo poder controlador, acaba sendo circunstancial para entendermos como a Vila Isabel e os bairros em sua volta – sem esquecer do protagonismo da Rua dos Artistas – participam da vida de nosso autor e como ele retrata este espaço em sua obra, pois o “pensamento vilaisabeliano” (uma das maneiras que Aldir chama nas crônicas o modo de agir do local) é carregado de especificidades que não encontram paralelos em outras regiões urbanas do país, reafirmando através de suas diferenças locais a força da própria identidade.

Por isso, o primeiro capítulo de nosso trabalho iniciou-se pela definição da convergência deste espaço urbano compreendido na obra de Aldir, reafirmando a importância do subúrbio carioca como cenário central em todos os trabalhos de nosso autor.

---

<sup>80</sup> Trecho da crônica “Histórias da Zona Norte”, presente no livro *Brasil Passado a Sujo – A Trajetória de uma Porrada de Farsantes* (1993), do próprio Aldir Blanc.

Neste caminho, procuramos traçar na sequência algumas leituras que colocavam o futebol como elemento inerente de nossa cultura capaz de participar nos mais diversos níveis de interpretação do cotidiano nacional. A história deste esporte em nosso país, juntamente com a explanação destes teóricos que o colocam como atividade primordial de entendimento da sociedade brasileira foi o caminho escolhido para entender não só a sua dimensão, mas também o poder de gerar discursos que este carrega.

Para reafirmar que este princípio de raciocínio era válido, levantamos o nome de outros grandes autores que usaram do futebol como temática de seus escritos, mostrando que algo tão presente em nossa cultura teria seu espaço na literatura devidamente respeitado, seja na produção de crônicas, contos, poemas, romances ou até mesmo na literatura infantojuvenil. Porém, como foi destacado nesta parte do trabalho, por se tratar de um elemento tão popular quanto o futebol, obviamente apareceram diversas resistências contra este esporte na literatura – e na sociedade brasileira em geral –, entre elas, de escritores importantes como Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Lima Barreto e Graciliano Ramos.

Depois da pequena explanação do futebol participando de nossa literatura, partimos para o entendimento da obra de Aldir Blanc fora da crônica, em seus trabalhos com a canção, a literatura infantojuvenil, os aforismos e a literatura de conteúdo histórico. Deste recorte, a mesma constatação: novamente o espaço do dia a dia da Zona Norte carioca se fez presente, e, conseqüentemente, o futebol apareceu como figura participante em todos estes trabalhos.

No segundo capítulo do trabalho, baseando-se nos teóricos mais estudados e conhecidos sobre a participação da crônica brasileira como um veículo incontestável para refletir e compreender o cotidiano nacional em seus pormenores, tanto nas histórias quanto na linguagem, encontramos a estrutura necessária para definir a crônica de nosso autor.

Através do “registro dos acontecimentos da cidade, a história da vida da cidade, a cidade feita letra” que pregava Eduardo Portella em “A Cidade e a Letra”, vimos Aldir Blanc “colocar em seu texto inteiros personagens que nunca saíam das ruas e dos botequins”, como nos falou Sérgio Cabral em “Aldir do Rio”. Das “miudezas do cotidiano” que Davi Arrigucci Jr. clamava no texto “Fragmentos sobre a Crônica”, vimos os “tipos preferidos” de Aldir Blanc, formados por “trocares de ônibus, motoristas de taxis, vizinhas fofoqueiras, famílias enormes, bêbados tranquilos de botequins do bairro, todos falando ao

mesmo tempo sobre sexo e *futebol* ou vastas comilanças e suas consequências malcheirosas”, como nos disse Norma Pereira Rego em *Pasquim – Arenas do Rio*.

Do retrato urbano do qual Aldir Blanc soube destacar o futebol dentro das crônicas, refletimos na sequência do trabalho a participação de outros cronistas que enxergaram neste esporte um tema válido para seus escritos, pois, numa cultura em que o futebol é um elemento constituinte de nosso cotidiano, nada mais claro do que a produção de crônica não só refletir isso, mas criar seu caminho próprio, com a popularização da crônica esportiva em si.

Todo este caminho recorrido justamente para chegar com a devida base para as análises construídas no terceiro e último capítulo da pesquisa, o time de crônicas devidamente escaladas para compreender o futebol como uma forma de leitura dentro das crônicas de Aldir Blanc, seja pelos seus elementos míticos tão conhecidos em nossa sociedade – jogadores, jogadas ou jogos – ou pela apropriação de sua linguagem e discursos variados.

A opção pelo conceito da convocação completa de um time com o seguinte padrão do esquema 4-3-3 respeitado em campo buscou não somente apropriar-se de um elemento futebolístico no formato, mas também refletir situações de leituras de cada setor pertencente a divisão de um jogo, sem esquecer de levar em consideração a visão do próprio autor, alguém que com toda certeza selecionaria um time de tática ofensiva como o que aparece neste esquema.

Nas crônicas escolhidas, vimos primeiramente o futebol completando a leitura do paralelo entre o trágico goleiro Barbosa com o personagem Arrasa Curió, leitura esta que colaborou também para se criar uma interpretação do modo como essa posição é compreendida em campo.

Na defesa, pudemos refletir através de nomes como Bellini, Tomires e Pombo – o único que não era realmente jogador – questões que passam pela função que estes exerciam no gramado, das quais a brutalidade do jogador desta posição foi dimensionada dentro das leituras feitas. A postura defensiva também foi entendida pelo comportamento do torcedor do América F.C., e somente fugiu desta perspectiva para lidar com a imponência que a imagem de Bellini podia exercer naqueles tempos, numa interpretação diversificada que um elemento mítico pode carregar no futebol: o zagueiro bruto que se torna o principal galã do país.

No meio campo, a leitura de um espaço de equilíbrio apareceu tanto na reflexão do que representa a rivalidade de um clássico como Vasco x Flamengo (o famoso “Clássico dos Milhões”) quanto por outras situações de dinâmicas pessoais como um almoço familiar ou um “frango ao molho pardo” com toda a Vila Isabel, situações estas que o futebol surgiu como o tema-guia de ambos os dramas com resultados diferentes.

Para o ataque, vimos a postura ofensiva exigida para o jogador deste setor sendo devidamente cumprida por Mudinho e Cascudo, que reagiram como bons atacantes após o resultado dos respectivos jogos descritos em suas crônicas, mostrando a importância também que uma partida de futebol pode ter nas atitudes das pessoas que amam este esporte. Além desta leitura, o posicionamento de ataque que pretende vencer um confronto foi visto no modo que os moradores da Rua dos Artistas se mobilizaram para criar o time que representaria a rua.

Finalizando nossas análises, buscamos uma crônica que demonstrava Aldir Blanc num exercício de preleção digno de um técnico de futebol que escolhe as melhores histórias para colocar em campo quando o assunto é futebol. Não somente o cumprimento da função do técnico esteve em jogo nesta interpretação final, mas também o modo mais direto de compreendermos como o autor encara este esporte, que é acima de tudo, “loucura e paixão” em seu entendimento.

Portanto, ao considerarmos as interpretações geradas pelo mundo futebolístico dentro das crônicas analisadas de Aldir Blanc conseguimos não só reafirmar a proximidade deste esporte com nosso cotidiano, mas compreender também o modo que um gênero tão presente em nosso dia a dia como a crônica é capaz de retratar este espaço.

No miúdo do cotidiano brasileiro que o futebol se mostra forte e presente, a tal ponto de não capitalizarmos a quantia de discursos gerados por esta prática, assim como apontava Maffesoli e Certeau com os principais atos que marcam o cotidiano em sua completude. Aldir Blanc, mesmo que até de certo modo inconsciente, soube retratar essa prática e sua linguagem dentro da própria obra permeada pelo principal intuito de retratar a Zona Norte do Rio de Janeiro.

Por isso, nenhuma definição de nosso autor conseguirá ser mais completa para este trabalho do que a fala de Ziraldo citada pelo próprio Aldir numa crônica com o título



emblemático de “Disse e repito: bairrista é tua mãe!”<sup>81</sup>, da qual o pai do Menino Maluquinho, através do uso da linguagem futebolística assim como buscamos tanto por aqui, consegue compreender bem quem é o *craque* Aldir Blanc – a tal ponto de nosso autor concordar com esse *golaço de placa* de percepção do amigo dos tempos de grandes *tabelas* literárias no *Pasquim*: “O Zivaldo já escreveu que sou **Zona Norte Futebol Clube**. É verdade. De carteirinha.”

---

<sup>81</sup> Crônica presente no livro *Rua dos Artistas e Transversais* (2006), do próprio Aldir Blanc, cujo trecho citado encontra-se na p. 406.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Flávio. Notas sobre o futebol como situação dramática. In: BOSI, Alfredo (org.). *Cultura brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987. p. 151-166.
- ALLIATTI, Alexandre. *O Fla-Flu como ele é: Mario Filho e Nelson Rodrigues eternizam clássico*. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/100-anos-de-fla-flu/noticia/2012/07/o-fla-flu-como-ele-e-mario-filho-e-nelson-rodrigues-eternizam-classico.html>>. Acesso em: 18 de set. 2012.
- AMADO, Gilberto. *Os interesses da companhia*. Rio de Janeiro: J.Olimpyo, 1942.
- ANDRADE, Mário de. *De Paulicéia desvairada a Café (Poesias completas)*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Macunaíma*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- ANDRADE, Oswald de. “Do órfico e mais cogitações”. In: *Estética e política*. São Paulo: Globo, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Memórias sentimentais de João Miramar*. São Paulo: Globo, 1991.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Quando é dia de Futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- \_\_\_\_\_. “Pelé 1000”. In: \_\_\_\_\_. *O poder ultrajovem*. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986. p. 133.
- ANGELO, Assis. *A presença do futebol na música popular brasileira*. São Paulo: O Autor, 2010.
- ARAÚJO, Lúcia Deborah. “Versatilidade Linguística de Aldir Blanc”. In: *Caderno Seminal Digital*, Vol. 1, Número 1, 2004. P. 105-119.
- ARAÚJO, Miguel Leocádio. *Clarice Lispector e o Futebol: a hora da estrela solitária*. Disponível em: <<http://paginasefolhas.blogspot.com.br/2009/05/clarice-lispector-e-o-futebol-hora-da.html>>. Acesso em: 20 de ago. 2012.
- ARREGUY, Clara. *Segunda Divisão*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2005.
- ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: \_\_\_\_\_. *Enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- ASBERG, Pedro. *Unido Vencerás*. [Curta-metragem]. Produção de Pedro Asberg, direção de Pedro Asberg. Rio de Janeiro, Raça Filmes, 2003. 12 min. color.son.
- ASSAF, Roberto e MARTINS, Clóvis. *Flamengo x Vasco - O clássico dos milhões*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.
- ASSIS, Machado. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1988.

AZEVEDO, Ricardo. *Pobre corinthiano careca*. São Paulo: Ática, 1998.

BARBOSA, Enio Rodrigo. As muitas facetas do anjo pornográfico. In: *Revista Ciência e Cultura*, vol.64, abril/jun. 2012.

BARRETO, Lima. Como Resposta. In: \_\_\_\_\_. *Marginália*. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 52.

BARRETO, Túlio Velho. Gilberto Freyre e o Futebol-Arte. In: *Revista USP*. Número 62, 2004. p. 233-238.

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. 10.ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

BETING, Mauro. *Bolas e bocas – frases de craques e bagres do futebol*. São Paulo: Leia Sempre, 2003.

BLANC, Aldir. Aldir Blanc - Rio, Zona Norte. [Julho, 2008]. Rio de Janeiro: *Revista digital Algo a Dizer*. Entrevista concedida a Marcelo Barbosa, Áurea Alves, Gustavo Dumas.

BLANC, Aldir. *Brasil passado a sujo: a trajetória de uma porrada de farsantes*. São Paulo: Geração, 1993.

\_\_\_\_\_. *Guimbas*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2008.

\_\_\_\_\_. *Porta de tinturaria*. Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

\_\_\_\_\_. *Rua dos Artistas e arredores*. São Paulo: Codecri, 1978.

\_\_\_\_\_. *Rua dos Artistas e transversais*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

\_\_\_\_\_. *Um cara bacana na 19<sup>a</sup>*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

\_\_\_\_\_. *Uma caixinha de surpresas*. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010.

\_\_\_\_\_. *Vasco: A cruz do bacalhau*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2009.

\_\_\_\_\_. *Vila Isabel: inventário de infância*. Rio de Janeiro: Relume- Dumará, Prefeitura, 1996. (Cantos do Rio; 5).

BLANC, Aldir; BOSCO, João. *De frente pro crime*. Rio de Janeiro. RCA, 1975.

BLANC, Aldir; BOSCO, João. *Gol Anulado*. Rio de Janeiro. RCA, 1976.

BLANC, Aldir; BOSCO, João; EMILIO, Paulo. *Linha de passe*. Rio de Janeiro. RCA, 1979.

BLANC, Aldir; DJAVAN. *Êxtase*. Rio de Janeiro. EMI-Odeon, 1980.

BLANC, Aldir; GUINGA. *Par ou ímpar*. Rio de Janeiro. Velas, 1993.

BLANC, Aldir; GUINGA. *Yes, Zé manés*. Rio de Janeiro. Caravelas, 2001.

- BLANC, Aldir; LUZ, Moacyr. *Mandingueiro*. Rio de Janeiro. Dabliú, 1998.
- BLANC, Aldir; TAVITO. *Coração verde amarelo*. Rio de Janeiro. Som Livre, 1994.
- BOSCO, Francisco. Os Nomes e a Bola: Dos Apelidos no Futebol Brasileiro. In: COELHO, Eduardo (Org.). *Donos da bola*. Rio de Janeiro: Língua geral, 2006.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 34.ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRUNI, José Carlos. Apresentação. In: *Revista USP: Dossiê futebol*. n. 22. p. 6-9. 1994.
- CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem (caracterização das Memórias de um sargento de milícias) in: *Revista do Instituto de estudos brasileiros*. São Paulo, USP n. 8. p. 67-89. 1970.
- \_\_\_\_\_. A Vida ao Rés-do-chão. In: *Para gostar de ler*. São Paulo: Ática, 1980. 5v.
- CASTRO, Gustavo de; LIMA, Samarone; ARAUJO, Carlos Magno. (Org.). *A Cabeça do futebol*. Brasília: Casa das Musas, 2009.
- CASTRO, Ruy. Bellini, o grande capitão de 58. In: *Revista Brasileiros*. p. 86-9711, jun. 2008.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CHAUÍ, Marilena. *Convite a filosofia*. São Paulo: Ática, 2004.
- COELHO, Eduardo. *Os donos da bola*. Rio de Janeiro: Língua geral, 2006.
- COIMBRA, David. Os Gritos na Boca do Túnel. *Zero Hora*, Porto Alegre, p. 2, 03 jul. 2012.
- CONY, Carlos Heitor. *Informação ao crucificado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.
- CORNELSEN, Elcio Loureiro. A memória do trauma de 1950 no testemunho do goleiro Barbosa. In: UFRJ, XI Encontro Nacional de História Oral, 2012, Rio de Janeiro. Memória, Democracia e Justiça. Simpósio: UFRJ, 2012.
- COSTA, Flávio Moreira da (Org.). *22 Contistas em campo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Onze em campo e um banco de primeira*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Onze em campo*. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1986.
- COSTA, Leda Maria. O negro no futebol brasileiro: entre a História e a Literatura. In: *Revista Uniabeu*, vol. 3, n. 5, set/dez 2010.
- COUTINHO, Afrânio. Ensaio e crônica. In: \_\_\_\_\_. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- CRUZ, Douglas Fernando de Araújo. O futebol nas crônicas de João Antonio – levantamento e catalogação. In: I COLÓQUIO DE ALUNOS DA PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA

F.C.L. DE ASSIS, 2007, Assis. *Anais...* Assis: UNESP, p. 147-153.

DA MATTA, Roberto. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

DA MATTA, Roberto. Iguais só em campo. [4 de junho, 2006]. São Paulo: *Folha de São Paulo*. Entrevista concedida a Adriano Schwartz.

ESCOBAR, Alex. Meu jogo inesquecível, Alex Escobar lembra quando o América foi favorito. [1 de fevereiro, 2011]. Rio de Janeiro: *Globoesporte.com*. Entrevista concedida a redação a Fabrício Costa.

FERREIRA, Francisco Maria Zelaya da Costa. *O humor linguístico-expressivo nas crônicas de Aldir Blanc*. Dissertação (Mestrado em Letras), UERJ, Rio de Janeiro, 2010.

FILHO, Mário. *Histórias do Flamengo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1966.

\_\_\_\_\_. *O negro no futebol brasileiro*. 3. ed. Petrópolis: Fumo, 1994.

\_\_\_\_\_. *O sapo de arubinha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. *Romance do foot-ball*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1949.

FREYRE, Gilberto. O negro no futebol brasileiro (prefácio de 1947) In: FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p. 24-26.

FUTPEDIA. Brasil 2x1 Espanha (1962). Disponível em:  
<<http://futpedia.globo.com/campeonato/copa-do-mundo/1962/06/06/brasil-2-x-1-espanha>>  
Acesso em: 08 de set. 2012.

\_\_\_\_\_. Brasil 2x3 Itália (1982). Disponível em:  
<<http://futpedia.globo.com/campeonato/copa-do-mundo/1982/07/05/brasil-2-x-3-italia>.  
Acesso em: 08 de set. 2012>.

\_\_\_\_\_. Brasil 3x1 Uruguai (1970). Disponível em:  
<<http://futpedia.globo.com/campeonato/copa-do-mundo/1970/06/17/brasil-3-x-1-uruguai>.  
Acesso em: 08 de set. 2012>.

\_\_\_\_\_. Brasil 5x2 Suécia (1958). Disponível em:  
<<http://futpedia.globo.com/campeonato/copa-do-mundo/1958/06/29/brasil-5-x-2-suecia>.  
Acesso em: 08 de set. 2012>.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

GLOBOESPORTE.COM. Vascaína e anti-racista, 'Resposta Histórica' completa 85 anos. Disponível em:  
<<http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Vasco/0,,MUL1077329-9877,00.html>. Acesso em: 20 de ago. 2012>.

GOLDEMBERG, Eduardo. *O inventário da infância de Aldir Blanc em Vila Isabel*. Disponível em: <<http://www.samba-choro.com.br/noticias/arquivo/8171>>. Acesso em: 18 de set. 2012.

HEIZER, Teixeira. *Maracanazo (Tragédias e Epopéias de Um Estádio com Alma)*. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

HOBBSAWN, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1870*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “O futebol como alegoria antropofágica: modernismo, música popular e a descoberta da "brasilidade" esportiva”. In: *Dossier thématique : Brésil, questions sur le modernisme*, Número 1, 2011.

\_\_\_\_\_. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

JURANDIR, Dalcídio. *Passagem dos inocentes*. Belém: Falangola, 1984.

LEITE, Milton. *As melhores seleções brasileiras de todos os tempos*. São Paulo: Contexto, 2010.

LESSA, Ivan. Aldir, um bom sacana. In: BLANC, Aldir. *Um cara bacana na 19<sup>a</sup>*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 11-13.

LOVATO FILHO, Claudio. *Em campo aberto*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MACHADO, Antônio de Alcântara. Brás, Bexiga e Barra Funda. In: \_\_\_\_\_. *Novelas Paulistanas*. Rio de Janeiro – Belo Horizonte: Garnier, 1994.

MAFFESOLI, Michel. *A conquista do presente*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

MATTOSO, Glauco. Soneto para o jogo bruto. In: *Livro Especial Bravo! Literatura e Futebol*. São Paulo: Abril, 2011.

MAZZONI, Thomaz. *Flô, o goleiro melhor do mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1941.

MELO, Adriano. Tomires, o cangaceiro. Disponível em: <<http://flamengonet.blogspot.com.br/2011/06/alfarrabios-do-melo-saudacoes-flamengas.html>>. Acesso em: 15 de ago. 2012>.

MEYER, Marlyse. Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se faz a chronica. In: \_\_\_\_\_. *As mil faces de um herói canalha e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1998.

MILLS, John Robert. *Charles Miller: o pai do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2005.

MORA, Marcelo. *Telê e a seleção de 82 – Da arte à tragédia*. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

MOURA, Roberto M. e ALVES, Luciano. *A poesia de Aldir Blanc: Arranjos para guitarra, violão e teclados*. São Paulo: Irmãos Vitale, 2001.

NEVES, M. S. História da crônica. Crônica da História. In: RESENDE, Beatriz (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio: CCBB, 1995.

NOGUEIRA, Armando, e NETTO, A. *Drama e Glória dos Bicampeões*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962.

\_\_\_\_\_. SOARES, Jô, MUYLAERT, Roberto. *A copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar*. São Paulo: Companhia de Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. O mito do Fla-Flu. In: \_\_\_\_\_. *O Canto dos meus amores*. Rio de Janeiro: Dunya, 1998.

\_\_\_\_\_. *A Ginga e o Jogo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

\_\_\_\_\_. *Bola de cristal*. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

\_\_\_\_\_. *Bola na Rede*. São Paulo: José Olympio, 1974.

\_\_\_\_\_. *Na Grande Área*. Rio de Janeiro: Bloch Editora, 1966.

\_\_\_\_\_. *O homem e a bola*. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

\_\_\_\_\_. *O canto dos meus amores*. Rio de Janeiro: Danya, 1998.

NOVAES, Eduardo Novaes. Deus salve o América. Disponível em: <<http://americafootballclub.com/curiosidades/curiosidades44.htm>. Acesso em: 12 de ago. 2012>.

PEDROSA, Milton. *Gol de letra - o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967.

PENSADOR, Gabriel, o. *Um Garoto chamado rorbeta*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

PIMENTEL, Luís (Org.). *Futebol e ficção: contos e causos de futebol*. Rio de Janeiro: Myrrha, 2009.

PIMENTEL, Luis. *Aldir Blanc é Carioca da Gema*. Disponível em: <<http://www.annaramalho.com.br/news/amigos-da-anna/luis-pimentel/10281-aldir-blanc-e-carioca-da-gema.html>>. Acesso em: 20 de ago. 2012.

PINHO, Angela. *Tudo é Fla-Flu, o Resto é Paisagem*. Disponível em: <<http://almanaquebrasil.com.br/curiosidades-esporte/6407-qtudo-e-fla-flu-o-resto-e-paisagemq.html>>. Acesso em: 12 de set. 2012.

PINTO, Ziraldo. *O menino maluquinho*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1980.

POMPEU, Renato. *Memórias de uma bola de futebol*. São Paulo: Escrituras, 2002.

PORTELLA, Eduardo. A cidade e a letra. In: *Dimensões I*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

PRAIS, Mauro. Bellini álbum de uma fã. Disponível em: <[http://www.netvasco.com.br/mauproais/vasco/bellini\\_album.html](http://www.netvasco.com.br/mauproais/vasco/bellini_album.html)>. Acesso em: 27 de ago. 2012.

RAMOS, Graciliano Traços a Esmo. In: \_\_\_\_\_. *Linhas Tortas*, 21 ed. São Paulo, Livraria Martins Editora, 2005. p. 58-60.

RAMOS, Ricardo (Org.). *A palavra é futebol*. São Paulo: Scipione, 1990.

REBELO, Marques. Poema de um Coração Rubro. In: \_\_\_\_\_. Seleta. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1974. p. 97-99.

REGO, José Lins do. *Água mãe*. Rio de Janeiro: J.Olimpyo, 1941.

\_\_\_\_\_. *Flamengo é Puro Amor*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

REGO, Norma Pereira. *Pasquim: gargalhantes pelejas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

RODRIGUES, Nelson. Ah, O Primeiro Clássico. In: \_\_\_\_\_; FILHO, Mario. *Fla-Flu... e as multidões despertaram!*. Rio de Janeiro: Europa, 1987.

\_\_\_\_\_. Divino Delinquente. In: \_\_\_\_\_. *À Sombra das Chuteiras Imortais* (1993). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. O Javali do Vasco. In: \_\_\_\_\_. *O Berro Impresso das Manchetes*, Rio de Janeiro: Agir, 2007.

\_\_\_\_\_. Os irmãos Karamazov. In: \_\_\_\_\_. FILHO, Mario. *Fla-Flu... e as multidões despertaram!*. Rio de Janeiro: Europa, 1987.

\_\_\_\_\_. *A pátria em chuteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. In: \_\_\_\_\_. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 1993, p.73-106.

ROSSO, Mauro. *Lima Barreto versus Coelho Neto: um Fla-Flu literário*. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1997.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Introdução. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *As Cem Melhores Crônicas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

SCLIAR, Moacyr. *A colina dos suspiros*. São Paulo: Moderna, 1999.



SEMPREVASCO.COM. *Jogadores inesquecíveis: Bellini*. Disponível em: <<http://www.semprevasco.com/perfil/perfil.php?id=313>>. Acesso em: 27 de ago. 2012.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópole e desastinos. In: *Revista USP: Dossiê futebol*. n. 22, p.30-37, 1994.

NOGUEIRA, Claudio. *Futebol Brasil memória: de Oscar Cox a Leônidas da Silva (1897-1937)*. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2006.

SILVA, Marcelino Rodrigues da. *O mundo do futebol nas crônicas de Nelson Rodrigues*. Dissertação (Mestrado em Letras), UFMG, Belo Horizonte, 1997.

\_\_\_\_\_. *Mil e uma noites de futebol. O Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

SILVESTRIN, Ricardo. *Quase eu*. Porto Alegre: Coleção Peti Poa, SMC/Poa, 1992.

SIMAS, Luiz Antonio. *Leônidas da Selva (nanicos do futebol brasileiro)*. Disponível em: <<http://hisbrasil.blogspot.com.br/2009/03/leonidas-da-selva-nanicos-do-futebo.html>>. Acesso em: 20 de ago. 2012.

SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo Rodolfo. O futebol é fogo de palha: a "profecia" de Graciliano Ramos. In: \_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_; HELAL, Ronaldo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

TORERO, José Roberto. *Uma história de futebol*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

TORREIRA, Manolo. Bondes tijuicanos. Disponível em: <<http://boemiaenostalgia.blogspot.com.br/2008/09/bondes-tijucanos.html>>. Acesso em: 18 de set. 2012.

TOSTÃO. *A perfeição não existe*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

\_\_\_\_\_. Estatutos do Futebol. *Folha de São Paulo*, São Paulo, p. 2, 26 out. 2008.

TRAJANO, José. Entrevista. [11 de fevereiro, 2011]. Rio de Janeiro: *ESPN Brasil*. Entrevista concedida a redação do SportCenter.

\_\_\_\_\_. José Trajano se emociona ao falar do aniversário do América. [19 de setembro, 2009]. Rio de Janeiro: *Portal FutRio*. Entrevista concedida a redação do FutRio.

TREZEGALO.COM. Perfil Tomires. Disponível em: <<http://www.trezegalo.xpg.com.br/tomires.html>>. Acesso em: 14 de ago. 2012>.

UNZELTE, Celso. *Timão 100 anos - 100 jogos - 100 ídolos*. São Paulo: Gutemberg, 2009.

VEIGA, J, J. O Escritor João Antônio. In: \_\_\_\_\_. ANTÔNIO, João. *Guardador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

VERISSIMO, Luis Fernando. *A Eterna Privação do Zagueiro Absoluto*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

VIANA, Rodrigo Silva. *Crônica de Futebol: Um Drible entre a Literatura e o Jornalismo*. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários), UNESP, Araraquara, 2008.

VOSER, Rogério da Cunha; GUIMARÃES, Marco; RIBEIRO, Everton. *Futebol: História, Técnica e Treino de Goleiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

WISNIK, José Miguel. O futebol é um rito do qual o país se enxerga. [Junho, 2008]. *Revista Brasil Almanaque de Cultura Popular*. Entrevista concedida a redação.

WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WOLF, Fausto. [Orelha do livro]. In: BLANC, Aldir. *Rua dos Artistas e transversais*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

XAVIER, Beto. *Futebol no país da música*. São Paulo: Panda Books, 2009.

## A SELEÇÃO DE CRÔNICAS

BLANC, Aldir. Sina. In: \_\_\_\_\_. *Brasil passado a sujo: a trajetória de uma porrada de farsantes*. São Paulo: Geração, 1993. p. 59-61

BLANC, Aldir. Á sombra das goiabeiras em flor. In: \_\_\_\_\_. *Rua dos Artistas e transversais*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 17-19

BLANC, Aldir. Cachorrada fatal. In: \_\_\_\_\_. *Rua dos Artistas e arredores*. São Paulo: Codecri, 1978. p. 43-45.

BLANC, Aldir. É o tal negócio!. In: \_\_\_\_\_. *Rua dos Artistas e transversais*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 64-66.

BLANC, Aldir. O apelido. In: \_\_\_\_\_. *Rua dos Artistas e transversais*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 81-85.

BLANC, Aldir. Uma ultima palavra. In: \_\_\_\_\_. *Rua dos Artistas e transversais*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 336-338

BLANC, Aldir. Tirem as crianças da sala. In: \_\_\_\_\_. *Rua dos Artistas e transversais*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 108-110.

BLANC, Aldir. Visita de cerimônia. In: \_\_\_\_\_. *Rua dos Artistas e transversais*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 219-222.

BLANC, Aldir. Não interrompe, pô!. In: \_\_\_\_\_. *Rua dos Artistas e transversais*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 89-91.

BLANC, Aldir. A Copa e a cópula. In: \_\_\_\_\_. *Brasil passado a sujo: a trajetória de uma porrada de farsantes*. São Paulo: Geração, 1993. p. 77-78.

BLANC, Aldir. Artistas da Rua Futebol e Regatas. In: \_\_\_\_\_. *Rua dos Artistas e transversais*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. p. 117-119.

BLANC, Aldir. Até Morrer. In: \_\_\_\_\_. *Brasil passado a sujo: a trajetória de uma porrada de farsantes*. São Paulo: Geração, 1993. p. 71-75.

**ANEXOS**

## ANEXO A

### Sina

Era um sujeito grandalhão, desajeitado e com um nome desses que, embora simples, ninguém decora. Vinha de Campos pra uma casa de cômodos no Estácio. Temia o Estácio e as histórias de malandragem. Mais do que tudo tinha medo que descobrissem sua falta de assunto, seu permanente mal-estar diante das pessoas, seus gestos descontrolados que derrubavam jarros, derramavam copos, atingiam crianças. Passava pelas rodas reunidas na porta dos butecos com uma certeza massacrante da própria inferioridade. Pra ele, aqueles homens de cigarro no canto da boca sem queimar, de programa de corrida de cavalos nas mãos ágeis, dedos sujos de giz de sinuca, bigodes cuidadosamente aparados, de olhares ávidos e experientes pra bunda das mulheres – aqueles homens eram heróis. Sentia diante deles a mesma timidez, o mesmo constrangimento, a mesma dor indecifrável que experimentara em sua cidade natal, ao ouvir as histórias do Seu Rocha, o ex-pracinha.

Nos butecos do Estácio todos eram, com certeza, ex-pracinhas. Só ele ainda não havia lutado sua grande guerra, só ele não tinha nada pra contar sobre as batalhas, só ele não havia feito as quase eternas camaradagens.

Muito pior do que se achar um merda, podem crer, era o terror do apelido. Porque aqueles caras espertos, cheios de chinfra, mais cedo ou mais tarde iam botar nele um apelido devastador, asfixiante, mortal.

Seu pânico o aproximou mais e mais dos recantos escuros dos bares vazios, onde bebericava uma cerveja, à espreita de alguma sacanagem, ouvidos atentos às evasivas de duplo sentido, torturado pelos risos às suas costas.

Um dia, na sexta cerva, ouviu uma frase sobre futebol:

- Valter Marciano foi dos nossos primeiros jogadores a brilhar na Itália.

Mancada é sempre comovente, ainda mais se o sujeito é vascaíno. Surpreso com a própria coragem, corrigiu o baixinho que chutara pra fora:

- Valter Marciano, foi, de fato, um ídolo. Só que na Espanha. Morreu lá, num acidente de automóvel.

Foi olhado com espanto. Um mulato de óculos escuros disse que tava certo e perguntou se ele lembrava a linha de 56.

- Sabará, Livinho, Vavá, Válter e Pinga numa das últimas partidas, se não me engano. Sabará foi substituído por Lierte, com i. Não confundir com Laerte, que jogava no meio e era, por sua vez, substituído por Écio. Se não me engano.

Recebeu as homenagens a que boa memória tem direito: tira um queijinho, essa eu pago, também aprecia um rabo empinado?

Acabou convidado para uma seresta, armação do grande Paulo Amarelo.

Foi pra casa, tomou banho, botou a roupa da missa. Não podia acreditar. O Amarelo era um mito. Amigo do Amadeu, Tião da Garagem, Ceceu Rico, Hélio Barbeiro, Beijo Louco...

Tentou ficar atrás de uma goiabeira no quintal do pagode, mas foi saudado com grandes berros de “chega prá cá e junta-te aos bons”. Quase chorou. Os primeiros copos deram uma força. Acabou cantando aquela, “Dentro d’alma dolorida trago um riso teu...”. A moça de olhos claros deixou cair o lenço. Um coroa resmungou: “Esse grandão é dos meus”.

A noite era uma criança e ele reinava. O baixinho do buteco pediu:

- Conta aquela defesa do Barbosa!

A catástrofe. Em plena ponte dos grandes braços pro canto esquerdo da meta, o safanão na gaiola do curió. O passarinho morto. A consternação do dono da casa.

Amadeu tacou-lhe um generoso cacete nas costas:

- Fica assim não. Isso acontece. Aí, minha gente, tristezas não pagam dívidas! Passemos à próxima atração! A seguir, ouviremos “Chão de Estrelas” na voz do nosso Arrasa-Curió.

O apelido. Para sempre.

## ANEXO B

### À sombra das goiabeiras em flor

O feijão e as carnes ficavam de molho desde a véspera. As laranjas escolhidas, a farinha torrada, o limãozinho a postos, as cachaças – no plural, porque tem a boa pra batida e tem a purinha pra um minuto antes de cair de boca –, a pimenta, os engradados de cerveja... Engradados? Eram engradados, sim. Tu não tá lembrando porque a memória da classe média diminui junto com a queda do seu poder aquisitivo.

Domingo de Fla-Flu e a moçada se reunindo pra mais uma imortal feijoada. Chegava a ser um troço meio ritualístico, mas e daí? Que que o distinto tem contra um ritual que inclui cachaça, à sombra das goiabeiras em flor, piadas e mulher?

- Ô Anacleto, tira esse paletó!

- Manda o geleiro colocar as pedras no tanque com as cervejas.

- Seu Aguiar, tomei a liberdade de trazer uma caninha de alambique. É lá da minha terra, coisa fina...

E por aí afora... Era uma época, meus prezados, em que o – hoje chamado – *status* de uma família era medido pelo esplendor da cascata de camarão dos aniversários, e não pelo fato de residir, comendo sanduíche de mortadela, num dos sala-pinico-e-fogareiro do edifício Struvenga Du Marquis de Sade, com jardins de isopor e chafariz de acrílico, vendo-se na entrada a pitoresca escultura da cabeça do referido marquês (ou da Struvenga dele). Resumindo: os Sérgio Dourados da vida ainda não haviam começado (justiça seja feita: com a prestimosa colaboração das autoridades!) a destruir o corpo e a *alma* do Rio.

Recadinho: cume, ô católicos? Vamo reagir que agora foi com a alma. Se o corpo sifu, não há problema – contanto que não seja o de vocês – mas eu pergunto: e a alma?

E A ALMA, POMBA?

Onde é que eu tava mesmo?

- Com a boca cheia de cabelo!

Pois é. Num domingo de feijoada e Fla-Flu, os homens tavam sentados nuns bancos verdes que ficavam embaixo das goiabeiras e, enquanto a batidinha escorregava, o Penteador, tremendo gozador, sugeriu:

- Vamos eleger a mulher ideal!

Todos acharam a ideia encantadora, menos o Anacleto, que continuava de paletó:

- Essa brincadeira... conheço meu gado... a Heronda é uma leoa.

De fato. Com espessos cabelos avermelhados, grossas sobrancelhas, indisfarçável buço e pelos nas pernas robustas, a Heronda lembrava um pouco o mamífero acima. E morria de ciúmes do Anaca, apelido posto, carinhosamente, pela própria.

- Deixa disso, Anacleto. E tira esse paletó, rapaz...

Penteado organizava:

- A gente vai pegando uma parte de cada uma. E tem o seguinte: eleição livre, voto direto!

Dá uma nostalgia, né?

Tio Odorico, meio afoito, abriu o marcador:

- As coxas da Renata Fronzi!

Meu avô, com a gravidade que o momento exigia do chefe da casa, sugeriu:

- A voz da Ísis de Oliveira.

Alguém, após cuspir um carocinho de limão, perguntou:

- Não vai ter nada da Virginia Lane? Que que tu acha, Anacleto?

- Sei lá... essa brincadeira... a Heronda... sei lá...

Um grande momento da votação: a bunda. Meu primo Esmeraldo, conhecido pelas domésticas da Penha como Simpatia-É-Quase-Amor, pigarreou e lascou:

- Olha pessoal... Eu não sei se vocês vão achar meio fora da jogada, mas pra bunda eu voto, com todo o respeito, na arrumadeira aqui da casa, a Maria Luísa.

Verdadeira aclamação. O pai do Esmeraldo não se conteve:

- Tô orgulhoso de você, meu filho. Deus é testemunha de que...

Parou a frase no meio, com certeza embaraçado de tomar o Santo Nome num assunto – pra sermos precisos – tão bunda.

E a brincadeira foi em frente. Quando a mulher tava prontinha, com os seios da Isolda (que morava em frente), o umbigo da Isa Rodrigues, tudo certo, o Penteado lembrou:

- Pô, esquecemos do rosto!



Justamente no rosto, o Anacleto, já sem paletó, não aguentou. Era doido pela Eliana. Dizia mesmo que “era incrível ela topa aquela múmia”, referindo-se ao Renato Murce, que acabava pagando o pato. Depois de um grande gole, falou grosso:

-Deixa comigo! O rosto é comigo!

-Rosto de quem Anaca?

Era Heronda, de mãos nas cadeiras, cabelos e pelos já se eriçando, mais leoa do que nunca.

Anacleto matou no peito, suspirou e chutou:

- Rosto... Em matéria de rosto, eu fico com o do Bellini.

E levantando-se, à sombra das goiabeiras em flor, guimba de Astória no canto da boca, fez o convite, olhando pra dentro do copo:

- Senta aqui, nega. A gente tá brincando de viado.

## ANEXO C

### Cachorrada fatal

Por incrível que pareça, os ciúmes do Peixotinho começaram por causa de um cachorro bassê.

Grande papo, profundo conhecedor de charadas, com vasto repertório de anedotas (o carro-chefe era aquela do bode-lambreta), o Peixotinho comemorava qualquer coisa. Por exemplo: o primeiro aniversário de sua operação de apendicite, os dois meses do aparecimento em sua casa de um curió que se tornou “um membro da família”, os três anos de uma goiabeira plantada por ele mesmo, que era apresentada, de modo um tanto coruja, aos novos amigos que visitavam o quintal:

- Linda, né?... Só falta falar!... Prova umazinha... chama Neide.

Com um temperamento desses, nada mais natural que a comemoração máxima fossem os aninhos da Geralda, sua virtuosa esposa.

Virtuosa ao ponto de, na lua-de-mel do casal, haver resistido 72 horas aos ataques do Peixotinho, porque ele teimava em “deixar a luz acesa”.

- Não, não e não. Mil vezes não!

- Que que tem neguinha?... Pô, eu tenho direito de ver.

- Ver o quê?

Foi preciso uma jogada sórdida:

- Ora, ver... Ué... Tua... tua virtude!

Pronto! A Geralda se derreteu toda. Chegou até – distração, tadinha – a perguntar, em pleno embate amoroso:

- Tu tá gostando da minha virtude?

E o Peixotinho, ofegante e lírico:

- Neguinha... Hunft... nas procissões, tu é que... Groufizz... devia ir no... andooooooooooooooooor...

Nesta memorável noite, em que “a cidade foi finalmente conquistada” (palavras do próprio marido), enquanto fumava um Saratoga no que Vinicius de Moraes chamaria “silêncio de depois”, o Peixotinho suspirou:

- Setenta e duas horas!... Sim, senhora, foi um bocado duro.

Sintam a presença de espírito da Geralda:

- Eu que o diga, meu nego.

Criatura maravilhosa, né?

Quem foi que disse não aí? Ô palhaço, fica discordando, fica... Vai nessa de distensão que tu acaba engessado, seu quadrúpede.

Vou repetir:

**CRIATURA MARAVILHOSA, NÃO É?**

Isso, gente boa. Agora sim. Tudo vaca de presépio. Pra usar uma antiga expressão aqui do Pasca, todo mundo inserido no contexto.

Mas como eu tava dizendo, a festa de aniversário da Geralda era um troço: cascata de camarão, doce de tudo quanto era tipo, e cada bolo!

No ano em que o ciúmes começaram, minha avó Noêmia realizou verdadeira obra-de-arte: montando em três tabuleiros, o imortal bolo “O Circo Chegou!”, que me levou às lágrimas, não só pela sua beleza, como pelo tapa que tomei ao enfiar o dedo no glacê.

Uma semana antes da festa, o Peixotinho tinha um dilema: o presente. Bastante nervoso, comentava com os amigos:

- Ela tem tudo... Eu dou de tudo àquela mulher.

Foi quando o Penteado, tremendo gozador, sugeriu:

- Dá um bassê Peixotinho. Tenho certeza de que ela vai gostar. O bicho é tua cara.

Entre risadas gerais, o Peixotinho, afável como sempre, revidou:

- Dizem que essa raça tem mais pulga que tua mãe.

Mas, a partir da brincadeira, o Peixotinho começou a achar que era uma ideia legal: sem filhos, a meiguice em figura e gente, Geralda na certa iria delirar com um cachorrinho.

Na véspera do aniversário, o Peixotinho comprou um bassê e pediu a uma vizinha que o escondesse:

- Brigadinho, Dona Otília. A senhora sabe, é uma surpresa.

E que surpresa! A Geralda ficou feito doida: bateu palma, deu gritinhos, beijou alucinadamente o focinho do cachorro, enquanto o Peixotinho mantinha pendurado na cara um desses sorrisos ridículos e comoventes que só a felicidade total provoca.

Momentos depois, nosso herói abaixou-se pra fazer uma festinha no totó e tomou selvagem dentada no mata-piolho esquerdo. Aturdido, exclamou:

- O filho-da-mãe!

- Não fala assim com elezinho!

- Mas ele, essa bosta aí, me mordeu... Tá saindo sangue, pô.

- Ora Peixoto!... Vê se te manca... Tu é homem ou é um rato? Hideraldo não fez por mal.

- H-i-d-e-r-a-l-d-o?

Numa singela homenagem ao zagueiro do Clube de Regatas Vasco da Gama, o bassê fora batizado com o nome Hideraldo Luís Bellini.

Sentindo-se o pivô da discussão, o bicho passeava de um lado pra outro, lançando, de vez em quando, furtivos olhares pro Peixotinho, olhares esses que eram verdadeiros espelhos do seu reprochável caráter canino, verdadeira mancha na reputação da comunidade bassê.

Pra cúmulo da situação, o abominável cachorro deitou-se de barriga pra cima, sorrindo pra Geralda de maneira acintosamente obscena e murmurou com notável falta de pundonor:

- Au-au...

Repararam nas reticências? Sacaram o convite nas entrelinhas? Pois não foram os únicos.

Chocados, os convivas foram se retirando e começou o calvário do Peixotinho. Deu pra beber, tinha um pesadelo repetido em que Geralda aparecia de camisola com Hideraldo Jr. nos braços, acordava encharcado de suor, lutava desesperadamente para não acreditar no que se passava sob o seu teto, diante de seus olhos.

Uns seis meses depois, bastante acabado, Peixotinho ia saindo pro trabalho quando surpreendeu Hideraldo no portão, conversando com o Rex, cachorro da Isolda.

O crápula, enquanto alisava os bigodes com a pata, latia vantagem:

- Pois é, meu chapa... Mulher de dono meu pra mim é homem. Só como a...

Não pôde terminar. Peixotinho desferiu-lhe, ali mesmo, dois tiros no sensual focinho.

## ANEXO D

### É o tal negócio!

Belizário bebia pra não esquecer.

Principalmente na tarde de quinta-feira. A patroa sempre ia à aula de culinária da famosa madame Freitas, ali na Praça Saens Peña e só voltava pela hora da Ave-Maria.

O 74 fazia meia-trava na esquina da Rua dos Artistas e o Belizário, velho amigo do motorneiro, gritava um “brigado!”, e saltava direto pra dentro do buteco. O pessoal cumprimentava meio sem-graça. Era por causa do jeito do Belizário beber: sem um riso, sem uma palavra, toda hora passando o lenço amarfanhado na cara, como se apagasse um quadro-negro.

Era difícil compreender tamanho desinteresse por um bate-papo. Afinal, aquele era um buteco de primeira categoria: batidinhas da casa, cerveja sempre superlampticamente gelada, tira-gostos pra homem nenhum botar defeito e, o que é mais importante, o maior time de conversadores do mundo: o Lindauro e sua paixão por futebol, Waldir Iapetec e seu fabuloso repertório de piadas, Ceceu Rico e as histórias das noites do Estácio, Esmeraldo e suas conquistas amorosas na Penha, Ambrósio Gogó-de-Ouro, o Benedito Lacerda – ô flauta imortal! – e, pra quebrar a gabirola, o Penteado, tremendo gozador.

Pôxa, Belizário, que que tu queria mais?

Queria o que todos nós, quando enchemos um pouco a moringa, chamamos de “lar”.

Porque o dito-cujo do Belizário tava a própria casa-da-mãe-Joana.

Sua patroa não lhe dava sossego. Marcava homem-a-homem e com uma disposição de fazer inveja ao Tomires, beque da época que costumava acertar na medalhinha de São Jorge pra cima.

- Olha cumé que fica a casa cinco minutos depois que você chega. Espia bem. Jornal espalhado por todo canto, cinza desse mata-rato fedorento no chão e apostado que o sapato tá por aí, um pé não-sei-onde e outro no diabo-que-o-carregue, cheirando a chulé. Ó vida desgraçada, meu Deus!

- Peraí, Leopolda. Afinal...

E o tal negoço: ninguém pode chamar uma pessoa de Leopolda, ainda que seja o nome dela, sem parecer deboche:

- Sonso! Vai brincar com a cara da tua velha!

- Mas, nega...

- Nega é ela! Tua mãe é que é nega. Do morro. Aquele cabelo ruim não engana ninguém. Palhaço!

E logo vinha um bibelô, uma jarra, um bagulho qualquer em cima do Belizário.

- Tu quer acabar comigo, cão. Tô te manjando. Mas, presta atenção: eu ainda faço xixi no teu caixão.

Belizário não respondia. Que diabo, os outros casais também brigam, Lindauro tirou melado do nariz da Deysinha, a Dilma sempre de olhos no chão, não tinha arrebitado uma garrafa na boca do Fragoso? Rodolfo dava de rijo na Isolda, mas depois tinha bilhete, perdão, sei lá... Não era aquele ódio, sem uma folguinha. Que foi que eu fiz, meu Deus? Será que... não é possível... só se naquele aniversário... mas eu não saí de perto dela a não ser pra ir no banheiro e... ah, que se dane!

O coitado perdia-se em explicações confusas que terminavam sempre em que-se-dane.

Então, apegava-se ao que tinha de mais concreto: seu passado com Leopolda, e bebia pra não esquecer. Não esquecer como se conheceram, na Quinta da Boa Vista, Leopolda sorridente e corada após o jogo de peteca.

Não esquecer o retrato tirado no lambe-lambe. Não esquecer o primeiro cinema. Bela Lugosi virando morcego, e a mãozinha dela agarrada na dele, que bancava o valente mas estava prestes a se borrar de medo. Não esquecer a noite em que se declarou, o sereno baixando, Vila Isabel todinha perfumada de jasmim, o rádio de um chato na Hora do Brasil, ela, nervosa, não conseguia desgrudar uma bala-puxa do céu da boca, e ele, preocupadíssimo com o hálito, se declarando, luar da minha vida escura, nem sei porque estou te dizendo tudo isso. E sobretudo, não esquecer os primeiros sarros, péra um pouquinho, fica mais assim, sobe nesse degrauzinho, e ela disfarçando: quanta estrela! Depois, ia embora, pelas ruas da Vila, e o coração era um sabiá de contente, parecia que tinha um riso na cara da lua cheia, o assovio desafinado, era parte do inesquecível regional da Vila, com seus grilos, seus bondes, suas goiabeiras, suas janelas sonoras – um bairro inteiro em cadência de choro.

Na tarde de quinta-feira, quando a mulher não tava em casa, Belizário ia pro quintal e ficava lembrando tudo isso. Às vezes, no auge do porre, achava que podia parar o tempo naquelas lembranças, mas logo o apito da fábrica de tecidos, igualzinho no samba, feria seus ouvidos e a vida corria, maluca, maluca, pra frente, feito um filme passado muito rápido.

O único prazer (se é que se pode usar essa palavra) da vida de Belizário era torcer para o América. Ia ao jogo com Lindauro, que não perdia partida nenhuma, e chegando perto do estádio começava a cantarolar baixinho:

“... a torcida americana é toda assim, a começar por mim...”

Emocionava-se quando os diabos entravam em campo. Mal o alto-falante acabava de anunciar o time, levantava-se com uma velha flâmula na mão e gritava:

- AMÉ...

Era sempre AMÉ. Engasgava-se no meio e chorava. Aí, passava a flâmula na cara, que nem fazia com o lenço.

Teve um jogo do América e Canto do Rio que choveu pra cachorro. Diz a lenda que na torcida do América tinha dois sujeitos: o Belizário e o Trajano, que hoje é jornalista em São Paulo.

O Lindauro contou no buteco, que naquele outro jogo em que o falecido Almir quebrou a perna do Hélio, o Belizário voltou pra casa tão na pior, mas tão, que o popular Porquinho num aguentou:

- Escuta aqui, Beliza: deixa aquela capivara pra lá! Dá no pé!

O Belizário piscou uma porção de vezes e carimbou essa:

- Tá maluco, rapaz? Eu tenho horror de mudança!

## ANEXO E

### O apelido

- Fala, ô beque central de subúrbio!

Não dava pra entender. A gente tinha acabado de mudar pra Rua dos Artistas não fazia nem uma semana e toda vez que aquele sujeito baixinho e careca passava pelo buteco da esquina, um gaiato qualquer disparava o apelido acima.

O baixinho ficava pra morrer: dava banana, distribuía aqui ós, qualificava desairosamente as genitoras da rapaziada e terminava mandando a rua inteira pras cinco letras que fedem.

O pessoal lá de casa ficava sem manjar chongas. Afinal, nunca existiu camarada nenhum menos parecido com um beque central de subúrbio do que o baixinho. Mas ninguém duvidava que devia ser apelido do baralho: era obra do Penteado, tremendo gozador, cujo prestígio na rua equivalia ao do próprio Getúlio Vargas. Pô, o Penteado tinha uma reputação a zelar e não ia colocar de araque apelido de tal, com o perdão da palavra, envergadura.

Com o tempo, ficamos sabendo que o nome do baixinho era Pombo. Mario Henrique Pombo. Isso lá é nome de zagueiro? Reparem: Castilho, Píndaro e... Pombo. Tentemos a alternativa: Garcia, Tomires e... Mário Henrique. Não dá. Mário Henrique tá mais pra ministro, ou então pra um desses garotos que a mãe vive enchendo o saco, Mário Henrique, pra dentro, Mário Henrique, cuidado quando atravessar, Mário Henrique, tira a mão do pinto... De ministro até, sei lá, mata-mosquito, representante Avon, tudo certo, mas beque central, jamais.

O Mário Henrique em questão trabalhava no extinto IAPI e sempre começava suas frases com um categórico “nós, lá no IAPI...”, como se fosse sócio do treco. Era casado com a Maria da Graça, já um pouquinho sem-graça àquela altura do campeonato, porém Maria: excelente dona de casa, doceira de méritos indiscutíveis (ô quindins imortais!) e romântica como ela só, apesar de quase vinte anos de um casamento meio besta. Não que o Pombo fosse mau sujeito. Ele era simples e prático. Chegava do trabalho, ficava de camiseta-de-português, cuecas, meias brancas e sapatos-tanque pretos, lendo jornal. De vez em quando, interrompia a leitura e comentava satisfeito consigo mesmo:

- Sapatos fortes.



Maria das Graças era água de outro pote. Possuía um caderno de pensamentos, em cada página uma flor desenhada por ela mesma com lápis coloridos, emoldurando as bijuterias da Sloper de sua alma. Dá-lhe, Blanc! Letra pura.

O pensamento que iniciava o caderno era digno de um Khalil Gibran, de um Kalil M. Gebara, de um Kalil desses:

- Sê como as vaquinhas no crepúsculo!

Hein? Hein? Gostaram? Eu não disse que era lindo? Não tenho a menor ideia do que a Maria da Graça quis dizer com essa meleca, mas, até hoje, a cada novo crepúsculo, invade-me bovina sensação e chego mesmo a mugir secretamente.

Me lembro de uma tarde, primavera, cadeiras nos portões, Maria da Graça lia, placidamente, um romance. De repente, deixou escapar um “Oh!” embevecido e marcou em vermelho o trecho que tanto a impressionara. Não resisti e fui espiar por cima do ombro dela. No começo do capítulo LXXXI tava sublinhado: “Alvorecia.”

Vai ter sensibilidade assim na pqp!

Mas a existência não é meramente uma sucessão de crepúsculos e alvoreceres. Nos intervalos, Pombo e Maria da Graça botavam pra jambrar. Brigavam pra caralho – ela, esgrimindo de maneira soberba sua invejável retórica, ao passo que o Pombo, simples e prático, chutava-lhe as canelas com seus poderosos sapatos-tanque.

O motivo das brigas era o mais frequente de todos os motivos de brigas desde que o mundo é mundo: a falta de motivo.

Pra falar a verdade, toda a Rua dos Artistas, quiçá toda Vila Isabel, era um pouco responsável pelos cacetes. O Pombo saltava do 74 na Pereira Nunes, passava pelo buteco e:

- Fala, ô beque central de subúrbio”

Pronto! Bananas, aqui ós, genitoras, palavrões e já entrava em casa de cabeça quente.

Meu avô Aguiar, um coração maior que a Quinta da Boa Vista, tentou esclarecer o enigma do apelido, tomando umas e outras com o Pombo. Quando o nosso pássaro já tava meio pinguço, meu avô sugeriu, na maciota:

- O senhor naturalmente aprecia um futebolzinho...

Pra quê! O pombo empombou:

- Meu caro, nós lá no IAPI temos ódio de futebol, compreendeu? ÓDIO! E tem mais: beque central de subúrbio é a...

Minha vó Noêmia espalmou:

- Olha o pastel quentinho!

Por entrâmpias do destino, na tarde seguinte ficou tudo claro. Claro, é claro, pra nós, porque pro Pombo ficou ruço.

O pau comeu no pombal e o Pombo bicou a canela da Maria da Graça com toda força. A infeliz esposa, em silencioso pranto, fez a mala, meteu debaixo do braço seu caderno de pensamentos e, de saída, murmurou:

- Dessa vez, Pombo, é pra sempre.

Todo mundo ficou, na maior discrição, corujando pela veneziana. Maria da Graça partia, imponderável e digna como uma vaca ao crepúsculo.

Quando ela tava quase na esquina, o Pombo apareceu feito um louco na calçada. De camiseta, cuecas e meias brancas, ostentando seus sapatos-tanque pretos, com as mãos em concha e lágrimas nos olhos, pôs-se a gritar desvairadamente:

- Volta! Pelo amor de Deus, VOOOLTAAAAA!!!

Que nem beque central de subúrbio.

## ANEXO F

### Uma última palavra

Jussara não era de mexer nas coisas do marido. No dia que achou, por acaso, o retrato da loura oxigenada no bolso do paletó, continuou com a mesma tristeza de sempre. Só que nunca mais disse uma palavra. Às vezes, passando a ferro, pregando um botão, gemia uma canção baixinho, de lábios apertados. Parava se notasse a atenção de alguém. Sorria, só pros dois filhos pequenos, com a mesma boca e lábios apertados. Seus olhos é que falavam com os filhos: tá na mesa, olha o pé na água, não cruza as mãos no peito... Cumprimentava os vizinhos com um movimento leve de cabeça, agradecia com outro mais lento. Nas festas a que levava as crianças, agia de modo tão natural que seu silêncio nem era percebido pelos estranhos, embora, invariavelmente, aparecesse alguém pra “explicar”:

- Ela ficou desse jeito desde que...

Em compensação, o marido continuou com a mesma alegria de sempre. Eterno copo de cerveja na mão, grande contador de casos – parecia não ouvir o silêncio de Jussara:

-... quase morri de tanto rir. Cheguei em casa e fui correndo contar pra Jussara. Lembra, meu bem? Pois é.

Geralmente “lembra, meu bem?”, “não foi, neguinha?”, quando Jussara estava de costas. Ela nem se dava o trabalho de voltar o rosto.

-... cheguei a comentar com a Jussara, hein, neném?

Quando a resposta era a canção, quase inaudível de lábios apertados, as visitas disfarçavam e iam embora. O marido metia o nariz no jornal.

- Bença pai. Bença, mãe.

- Deus abençoe os dois! – respondia o marido.

Sem Deus, os olhos de Jussara abençoavam os meninos.

Aos domingos, Jussara levava os filhos à Quinta da Boa Vista. Sentava na grama e olhava os meninos correndo. Lá pelo meio-dia, desembulhava os sanduíches e chamava os dois com os olhos. O marido, Flamengo doente, tinha ficado pelos botequins, tomando cerveja e beliscando uns bolinhos de bacalhau, ideia fixa no jogo, rádio de pilha na orelha, esse juiz é ladrão. No estádio, xingava titulares, reservas, cartolas, autoridades e, pra não perder o hábito, juiz e bandeirinhas. Brigava. Jussara botava mercúrio nos cortes ou gelo

num olho roxo e, munida de sua canção, ia consertar a roupa rasgada. O marido falava sem parar:

- Não sou homem de trazer desaforo pra casa. Escreveu não leu... Aturo tudo, mas atenção com o Flamengo! O Mengo é sagrado! Sagrado! Lembra, meu bem, quando a gente ia ao jogo? Também eras fanática. Pior do que eu! Se fosse contra o Vasco, ihhhh!, tu virava uma onça. Lembra do começo do nosso namoro? Tu e teu pai na Social do Vasco e saiu a maior confa. Palavrão pra todo lado. E minha nega lá, dando de sombrinha na cuca dos galegos. Me meti no bololô pra te defender e apanhei pra caramba. Aí, voltamos antes de acabar, de bonde – eu, todo arreventado, a cabeça no teu ombro; teu pai, caladão. Foi o primeiro curativo que tu me fez. E até hoje... pois é... nossa união...

A canção vinha vindo feito barulho de avião em ataque aéreo. O marido tossia forçado, calava a boca e ia procurar o jornal, qualquer jornal.

Naquela Semana Santa, os meninos foram chamados da casa da tia, em Sepetiba, onde passavam o feriado. Ao que tudo indica, depois de muitos anos, o coração da Jussara ia silenciar também. Vinha pifando desde Sexta Feira da Paixão. Jussara calada. Na aleluia, não conseguiu levantar. O marido chamou o médico. Enquanto examinava, ia apertando os lábios, fitando os lábios apertados de Jussara. O marido ficou de joelhos, perto da cabeceira, e perguntou:

- Quié, Jussara? Que que cê tem?

Jussara não pode cantar e balançou a cabeça.

O marido encarou o médico. O médico balançou a cabeça.

Domingo da Ressurreição, dia de Vasco e Flamengo. Na hora do jogo começar, Jussara tava nas últimas. O marido andava atarantado entre parentes e vizinhos, ouvindo o silêncio do quarto misturado aos sons da partida que entravam pelas orelhas da casa. La mano – cadê o eco? – La mano... ô... ô... Na trave! Mas ela parecia tão bem. Fala quem chamou! O negócio é entregar a Deus. Expulso de campo! Vai ver foi o cigarro. Ela fumava? Vai ser cobrada a falta direta pro céu, uma santa de folha seca, resignação, goooolll! A nega tá lá dentro!

- Ela quer falar com você.

Levou o maior susto:

- Comigo? Mas ela não... É milagre! Milagre de São Judas Tadeu! De quem foi esse gol?

- Não é hora disso. Vai acabar não chegando a tempo.

Jussara, de olhos arregalados, esperava o marido. Soluços abafados fizeram o marido chorar também. Os olhos dele encontraram os de Jussara, que arremessou o corpo para adiante e, antes de morrer, arquejou:

- Vasco!

## ANEXO G

### Tirem as crianças da sala

- Tem um gênio!

Como diria um legista brasileiro: sem sombra de dúvida. Tavam falando da Biluca. A gente nunca lembrava o nome dela. Era Biluca e pronto.

Pelo menos, era assim que o Tatão chamava a onça. Chamava é refresco. Gania. Porque ele – seresteiro profissional, bom taco, copo de fazer inveja a qualquer biriteiro dos altos escalões –, diante da mulher, não ladrava. Gania.

Sem essa de laudos precipitados. Nós, da Vila, não apreciamos chibata, açoite, meia, essas poucas-vergonhas. O Tatão não era frouxo: saía na porrada, dizia palavrão, um belo ponta-direita, mas, diante da mulher, aquela água. Entrâmpias da vida.

Os prezados leitores, ingênuos de marca maior, já devem ter esboçado a Biluca mais ou menos semelhante ao Erasmo, o sectário de inceruganssa de São Paulo. Pois quebraram a cara. A Biluca armava sorrisos de provocar equimose em olho mágico. E que ninguém nos ouça, merecia um investimento naquelas áreas de lazer.

Agora tinha os seus defeitos. Embora lembrasse um doce pardal interioriano, passava a marcha com a sutileza de uma andorinha. Tô me referindo àquele caminhão de mudança.

- Ô fresco! Esse seu pincel não lambuza nem rodapé. Não levanta nem com macaco. Sabe o quê qui tu é? Um...

Tirem as crianças da sala.

O impressionante é que, nessas descomposturas, o Tatão limitava-se a retorcer a ponta dos soberbos bigodes. Como se não tivesse acontecido nada, virava pra alguém e:

- O Flamengo merecia a vitória. Aquele pênalti que o juiz não deu...

Olha só quem fala! Malandro era aterrado dentro da área e não saía nem cartão amarelo pra Biluca, pô!

- Tu é chegado a uma espada de samurai? Então, criança, enfia o dedo e rasga, que a mamãe aqui não tá com a bússola pra esses orientes. Tua agulha imantada não bandeia mais. Apagaro o candieiro, derramaro o gás.

Tatão, aparentemente inabalável, fingia que não era com ele. Pra falar a verdade, o Tatão sempre fingiu: sua malandragem, sua capacidade de improvisação (tem saída pra tudo!), sua peteca sem jaça ou tombo... Chute, puro chute.

Mas quem atira a primeira pedra num homem que finge? E com essa chave mestra o Tatão se dava bem. Cascateiro entre cascadeiros, canastrão entre bufões, sico-fanta entre coca-colas, o Tatão sabia que, em último caso, era só puxar a válvula. O papo dos mais chegados também era merda líquida.

Por isso, ninguém estranhou muito quando, num esplêndido frango ao molho pardo (molho sem circunflexo fica meio sem sal), a Biluca bateu com o salto sete e meio na toalha da Deysinha e fulminou:

- Aqui é tudo vaca! O frango que se foda! O rebanho aqui é vacuum! Que qui há? Tô de verde? Tô borrada?

Maior zona. Palavrão, bolacha, saia levantada, dedo no olho, cafezinho, o Amaral Neto fazendo islaide... E o Tatão? Eu sei que é lastimável, mas o Tatão repuxava os bigodes e criticava o Tomires, o que parece uma incongruência num camarada que tinha um verdadeiro beque por esposa.

Biluca, como se tivesse recebido – que a banda de lá nos perdoe – uma alcateia de exus, metralhava em panorâmica:

- Que qui é, Deysinha? Vem dentro! Pisa na barata! Não faz essa cara de santa, não! Pra cima de mim? Vai tratar desse corrimento!

- Já o Jordan é um belo marcador...

- Não disfarça, Tatão. Seja homem ao menos uma vez na vida. Tu não passa no teste da farinha, morou?

-... O Moacyr, jogando pro time, que categoria! Desde o Rubens...

-...e quem gosta de chupador é sorveteiro. Teu picolé derrete e eu que entro numa gelada? A tua mãe...

-... a forma do Dida. Com esse ataque, eu acho que a gente chega lá. Levo a maior...

- Eu sei que tu leva. Não precisa botar no jornal.

-... fé. O Dequinha é que não pode vacilar...

- Vacilão é tu, vicoda! Charmutão velho!

-... pra garantir o meio de campo com a ajuda da torcida...

- Ah! Se entregando, hein?

Aí, o Lindauro não aguentou mais.

- Pô, Tatão. Mete a mão nos corne dessa doida. Um cara como você não merece isso. Taca-lhe o pau!

E o Tatão, filosófico:

- Pior foi o Rodolfo Valentino, que morreu de apendicite. Um dia vocês vão entender meu ponto de vista. Eu vi que a Biluca não dá bola pras minhas qualidades. Mas, em compensação, já conhece todos os meus vícios. Me destrata, é verdade, mas me dá casa, comida e roupa lavada. Eu sou um homem prático. Vão bora, neguinha? Já tá ficando tarde.

Antes de sair, a Biluca ainda pisou no rabo do totó, cuspiu no papagaio e fez xixi numa samambaia-chorona, tudo isso ao som de palavrões mais cabeludos do que inadimplência.

Depois que os ânimos serenaram, o Lindauro virou pro Penteado, tremendo gozador, e perguntou:

- Cumé qui pode? Cumé quesse cara suporta isso?

Penteado limpou calmamente a boca no guardanapo de linho e presenteou o mundo com essa pérola do pensamento vilaisabeliano:

- Ao molho, todos os frangos são pardos!



## ANEXO H

### Visita de cerimônia

Complicação à vista. Meu avô Aguiar, homem que riu várias vezes da própria morte, entrou em casa de cara fechada.

- Dr. Ermelindo Cecílio Veiga vem almoçar aqui no domingo.

Minha avó se assustou:

- O dr. Veiga? Meu Deus, mas é o presidente do Iapetec!

- E eu não sei disso? O home é patrão de todo mundo aqui, pô.

O Conselho de Segurança Familiar se reuniu em caráter de emergência. Na cabeceira da mesa, meu avô traçava os planos:

- O chefão é viúvo e puritano. Não quero ninguém fumando. Bebida nem se fala.

Começo de motim, debelado com a promessa:

Depois que a visita sair, a gente enche a cara. Outra coisa: nada de futebol, cavalinho, carteados... Música só se for clássica. E vê lá o que vão conversar!

Acho que nunca vi meus parentes tão apavorados. Os preparativos duraram a semana inteira. Sábado teve ensaio geral.

Como o Ermelindo levava a fama de gourmet, o menu foi arroz-de-forno e coração recheado com farofa. Papo-de-anjo na sobremesa. Eta, show de classe!

Domingo, dez da manhã em ponto, tocaram a campainha. Foi um pega pra capar: encontrões, preces, pragas, nego ajeitando a gravata, mulher retocando o batom, uma zona. Meu avô foi pessoalmente, pela primeira vez em sua vida, abrir o portão. Era o geleiro.

- Ora, merda! Bota isso lá no tanque, seu bunda-suja.

- Bons-dias, Aguiar.

Cacete! Bem atrás do geleiro, erguia-se o espectral dr. Ermelindo Cecílio Veiga. Inteiramente de preto, trazia, apesar do sol magnífico, um guarda-chuva com cabo de jade no braço direito. E ainda: colete, gravata de juiz de faroeste, pincenê e um chapéu-coco no alto do dito cujo.

Ceceu Rico, o primeiro a cumprimentar, escolhido por sua tradicional frieza, vacilou diante de tanta escuridão:

- Meus pêsames!

Daí pra frente, foi um festival de besteiras. A meiga Helena que engasgou ao declamar o soneto “As pombas” e acabou cuspiendo um “a primeira vaca despertada”. Cicinha, pura vocação pianística, uma virtuose, que errou três vezes seguidas a mesma nota do “Noturno”, teve uma crise de choro e foi pro quarto amparada pela madrinha, que a consolava desse jeito:

- Ora, minha filha. Isso acontece. Até a grande Helena Rubinstein erra de vez em quando. Teclado é foda.

Meu avô soprou pro Waldyr:

- Bota um clássico na vitrola.

“Tico-tico no fubá”, na voz de Ademilde Fonseca.

O rango não fez vergonha. Cês precisavam ver a cara deles comendo sem cerveja, sem vinho, cheio de salamaleques, se enrolando na etiqueta e, para piorar, sem poder repetir.

O cafezinho foi servido na sala de visitas. Maria Luísa, com mais de dez anos irrepreensíveis de casa, entornou a rubiácea na lapela do Ermelindo. Tupi, o totó mais bem-comportado da Rua dos Artistas, fez xixi na barra da calça do figurão. O terrível Walcyrzinho, que vinha sendo mantido sob severa vigilância, tirou uma bola de borracha ninguém sabe de onde e deu de bate-pronto, Tuninho Sorvete tentou uma ponte espetacular, mas falhou, bem no pincenê!

Ermelindo, impávido, discorria sobre literatura e, a cada nova mancada, murmurava:

- Não se incomodem. Como disse Espinosa...

E tome erudição. Música, teologia, pintura, o diabo. Num rasgo de gentileza, elogiou a bóia:

- Supimpa. Certos pratos são difíceis de preparar. Por exemplo, um...

Ninguém pescou nada. Era prato em francês, em alemão, uma torre de babel culinária.

Lindauro, que tinha ido ao banheiro jogar um barro, voltou pra sala e sentou quietinho num canto, quase se escondendo atrás da vitrola. Dr. Ermelindo fuzilou o coitado por cima do pincenê e perguntou:

- E você, meu jovem? Já se deparou com um strogonof?

Lindauro souou frio. E respondeu:

- Nã... não, senhor. Mas já tive uma gonorréia-de-bico que...

Xícaras se estilhaçaram. Colherinhas tilintaram. Alguém disse “meus sais”.

Uma voz rouca afirmou que botava a tropa na rua. Meu avô, no limite da tensão, cobriu o rosto com as mãos e explodiu num PQP! que entortou um quadro na parede.

Foi quando se ouviu um riso grosso, da pá virada, e o dr. Ermelindo Cecílio Veiga trovejou:

- Pois eu tive sete, meu jovem. Sete! Uma delas com crista-de-galo.

Depois dessa largada, a conversa correu na maior tranquilidade. Lembraram os rendez-vous de outrora, “Margot, traz o álcool”, as grandes posições “carro-alegórico”, “cachorrinho-na-porta-da-igreja”, “capelinha-de-melão”, e tavam nessas amenidades quando o rádio vizinho anunciou:

- Gooooool! Gooooool do Vasco da Gama! Vavá!

Ermelindo deu um salto pro parapeito da janela e bradou:

- Casaca, casaca... Dá-lhe, Expresso! Ô Aguiar, você me perdoe, mas não tem nada pra molhar a palavra nessa casa, caralho?

Correram uns dez pra apanhar, meu avô na dianteira. Ceceu Rico, discretamente, acendeu um Lincoln e sacou o programa dos cavalinhos. E o Ermelindo, correndo por fora:

- Oba, me dá um branco pra morrer queimado. Vai de Odalisca no quinto páreo. Tá linda. É de atropelar. O tiro do dia.

Chegou a cana “Arrebite as Orelha” e o baralho. Lindinho – como ficou conhecido – era um leão na sueca.

Tarde da noite, meio pinguço, Lindinho puxou o Central do Brasil e empostou a voz:

- Já se faz tarde. Vou-me já embora antes que pingue.

E caiu na gargalhada.

No portão, virou-se para minha vó e perguntou:

- A senhora sabe qual é a parte da mulher que cheira sobre o bacalhau?

Meu avô se adiantou pra carimbar o pincenê do pilantra.

- Calma, Aguiar, meu velho. É o nariz. Nariz foi feito pra cheirar, He, He... Boas-noites pra todos! Vascôôô!

Quem tem razão é o Penteadado:

- Fala uma boa sacanagem e qualquer um fica à vontade.

## ANEXO I

### Não Interrompe, pô!

A Rua dos Artistas, como toda rua com vergonha na cara, tinha um mudinho. Pra ser franco, surdo-mudo, baixote e com um rodãozinho no alto do coco que lembrava, de longe, um helicóptero. O Penteadado, tremendo gozador, inventou uma brincadeira que deixava o Mudinho louco da vida. Era só o buteco da esquina ficar na maior animação, aquele papo da leiteria do Castilho, e o Café Filho sempre foi uma besta quadrada, esses lances, quando o Penteadado, sem mais nem menos, virava pro Mudinho e torpedeava:

- Não interrompe, pô!

O porém, nossa-amizade, é que o apelido pegou. Todo mundo de copo na mão, um lero-lero de primeiríssima no que o Mudinho pintava nem o garçom dava refresco:

- Tira um na pressão aqui pro Não-Interrompe!

E, diga-se de passagem, o Mudinho detestava espuma. Mas se segurava, respeitando a famosa tradição do bom cabrito.

Mudinho tinha duas paixões: Isolda, que morava quase em frente, amante do violento Rodolfo, e o Expresso da Vitória, conhecido pelos leigos como Vasco da Gama.

Isolda, mulher vivida, fingia nada notar, mas até que dava uma certa corda. Sempre que passava por ele, tinha um sorriso especial, um andar mais leve que mão de batedor de carteira e os olhos, meus confrades, os olhos permaneceriam indescritíveis se não tivessem sido definidos com brilhantismo por Waldyr Iapetec: "olhos de bota a mesinha-de-cabeceira". Tempos sinceros aqueles. E já que estamos falando em sinceridade, índice IBV é, como diria o papagaio fanho, u fü da firia.

Num sábado inesquecível, o Expresso enfrentava o Bangu. Mudinho, angustiado, chegou cedo no buteco e começou a canear. O rádio do português tava ligado no jogo, que, se não me falha a memória, era decisivo pro campeonato de 56. Assim que entrou, Mudinho acendeu um fósforo e mostrou a chama pro luso. Uma espécie de senha que significava: quero um quente. O portuga trouxe um cálice de bagaceira e, como se tratava de um jogo da Nau, tomou outro, que ninguém é de ferro.

Foi uma partida desgraçada, decidida pelo Vavá quase no último minuto. 2x1. Quando viu o português pular, o Mudinho ficou desvairado. Caía a maior água, chuva de verão, e o malandro dançava mais que o Fred Astaire, no meio da rua, bagaceira na mão,

gritando gol. Gritando é a maneira de dizer. Parecia um lobo de segunda classe, ou então essa musiquinha do governo:

- Uôu! Uôu! Uôu ü ás-õõõ!

Bom, pra aumentar a emoção, Isolda saiu de casa, com chuva e tudo, e entrou no buteco pra comprar cerveja pro Rodolfo, Flamengo doente, que tinha ficado meio na bronca com aquele gol em cima da hora.

Mudinho pirou de vez: Isolda e gol do Vasco! Era demais.

Tentou de tudo quanto era jeito pedir outra bagaceira, mas os fósforos tavam molhados. Nisso, Isolda lançou-lhe a queima-calças o tal olhar descrito alhures. E, subindo um tantinho a saia justa preta, ajeitou um fio corrido da meia. Ô coxa de enlouquecer! O Mudinho arroxou e depois ficou mais branco que o pessoal da UBC na hora de exibir a contabilidade. Suas bochechas incharam, e das profundezas da bagaceira veio a retumbante exclamação:

- Forra! I ôxa!

O portuga foi o primeiro a se refazer do espanto:

- Virgem de Fátima! Milagre!

Waldyr Iapetec, mais cético, sentenciou:

- Milagre o escambau! Isso é atraso no duro! Isolda, chocada, retirou-se sem dizer palavra.

Ah, meus irmãos, a dignidade das mulheres ditas levianas bota muita filha de Maria no chinelo.

Foi então, Conceição, que o Lindauro, reconhecidamente um boçal, resolveu atacar de sutil:

- Pô, Não-Interrompe! Que falta de tato! Mudinho quase quebrou o buteco. Jogou cadeira nos espelhos, deu cabeçada na registradora, chutou meio mundo, até que ele de posse do ferro de arriar a porta deu um pau no Lindauro que se pega!

Horas depois, Mudinho já acalmado por meu avô Aguiar, o Lindauro repetia igual a personagem de programa humorístico:

- Mas o que foi que eu fiz? O que foi que eu fiz? Um estrago desses só porque eu falei que ele não teve tato?

O Penteadado, tremendo gozador, deu um gole na batidinha, acendeu meticulosamente um Florinha, e encaçapou a sete:

- Falta de tato, meu jovem, é dizer a um surdo-mudo que ele não tem tato. O rapaz já não tem dois sentidos e tu ainda tira outro, pô?

## ANEXO J

### A copa e a cúpula

Bar da Maria, tarde I d. C. (depois da Copa). Ligeira depressão, aliviada pelas cervejinhas. Feito esses lenços que mágico vagabundo tira da cartola, uma historinha de casamento em crise puxava a outra. Baiano resumiu o clima:

- A dimensão da crise num casamento pode ser medida pela resposta que seu Ernesto deu pra cara-metade.

Môa suspirou:

- De novo?

Entende-se a falta de saco do Môa. É a pentelhésima vez que o Baiano conta esse troço, uma espécie de carro-chefe dele. Mas vale a pena ver de novo. A mulher do seu Ernesto fez uma sopa e perguntou ao marido, sujeito extremamente mal-humorado, se ele queria um pouco. Recebeu como resposta um resmungo de assentimento. Na ânsia de agradar a pobrezinha fez a pergunta fatal: “Quer no prato?”.

Seu Ernesto virou a boca de bazuca na direção da infeliz e não perdoou:

- Não. Quero no prato não. Joga no chão e vem varrendo.

Rimos pra não perder o amigo. Mas a história teve um efeito colateral. O Cascudo, um rapaz mineiro que só tomava genebra e jamais abria a boca pra falar de si mesmo, fitou o pôster do Vasco e desfilou o seu drama, de mansinho:

- Minha senhora vivia reclamando que a vida andava sem graça. Chorava pelos canto. Tinha uma dor de cabeça braba. Eu não sabia o que fazer. Ela descascava as batata gemeno de dar dó. Me olhava com os óio cheio de lágrima e dizia que nossa vidinha no dia-a-dia estava isfriando a paixão, arruinando o romantismo dos tempo de namoro. Quando o Brasil perdeu pra Argentina resolvi virar a mesa. Tomei uma canjibrina extra aqui na Maria, e fui pra casa antis da hora bitual. Miti a chave na fechadura e girei bem divagá.

Entrei em casa na pontinha dos pé. Ela tava no quato, sentada na cama só com a parte de cima do beibidor, mexendo na caixa de custura. Aquele misto de trem doméstico e nudez buliu comigo, atçou meus brio. Olhei os cabelo dela começano a ficar grisáio, as coxa mais grossa por causa de um aumentim de peso, os óculo meia-taça incluíbrado na ponta do nariz... Fiquei doidim. Ela sentiu minha presença, se assustou, começou a se levantar, mas eu dei um impurrão nos peito dela, joguei ela na cama, rasguei de

cima baixo a brusa de um puxão só e pulei em cima dela que nem um gato. Ela gritou com uma voz que eu não cunhecia, uma coisa forte, doida. Tentou falar alguma coisa, mas eu tapei a boca dela anssim ó cum u travissêro e mandei ferro. Me senti um deus grego. Quanto mais ela tentava se sortá, mais eu abafava a cara dela gritano:

- É isso que tu queria? Tá gostano? É por causa da minha vara macha que tu tá rebolano des'jeito, é?

E refresquei um pouco a pressão no travesseiro pra ouvir a resposta dela: Uma voz de gelo me disse:

- Tô rebolano des'jeito porque tem alfinete demais da conta ispetado na minha bunda, sô!



## ANEXO K

### Artistas da Rua Futebol e Regatas

Foi num domingo desses em que a gente fica na porta do buteco encarnando no alheio, fazendo psiu pra mulher boa, soprando que ela era a nora que a mamãe sonhou, se verde assim que dirá madura, qual o telefone do au-au, lembrando samba na caixa de fósforos, disputando batida no palitinho... Foi num domingo assim.

- Rua sem time não é rua de respeito. Penteados falou, tá falado. No segundo seguinte, tinha gente escolhendo o nome da agremiação, bolando as cores da camisa, o desenho da bandeira, pensando nas coxas da futura madrinha “do onze”, e a sede? Vamos correr uma lista pela vizinhança, a maior atividade. Bom, despontou, de Vila Isabel para o mundo, o Artistas da Rua Futebol e Regatas, ARFR, embora nego ali só remasse em dia de enchente ou porre total. Vai ver foi esse o motivo da sede ficar no buteco mesmo. A camisa era rubro-negra-tricolor-anil-amarela, com uma cruz de malta roxa no peito, porque a maioria, modéstia à parte, era Vasco. Pra madrinha, Isolda, a da saia justa, musa para parnaso nenhum botar defeito. E, escolhidos a dedo os que levavam jeito, a ADEG informa: No gol, osso duro pro internacional Daniel de Ponte Nova, o Ceceu Rico, que não gostava de festa, atuando de boina basca, óculos raibam, suéter carinhosamente tricotado pela vovó Odete, bermudas caqui, meias soquetes e sapatos sociais, numa das mãos um programa de corrida de cavalos e na outra um taco de sinuca, esportes que, no sábio dizer do Cecéu, estão sempre presentes. Atrás da baliza, uma garrafa da famosa Não pode ser 1 X 1. Passemos à zaga, estilo antigo: Esmeraldo Simpatia é Quase Amor e Pelópidas, a tranquilidade em pessoa, que a posição exige isso. No meio campo, coisa de deixar o grande Danilo boquiaberto, atuavam Bimbas, Penteados de centeralfe – a mais ilustre posição que o futebol conheceu – e o Mudinho. Pra finalizar, o tenebroso ataque: Waldyr Iapetec, Tuninho Sorvete, Lindauro, Ambrósio Gogó de Ouro e...

Pois é, não tinha ponta esquerda. Por incrível que pareça, ninguém na Rua dos Artistas pegava firme com a canhota. A discussão foi uma zona. Parecia a Câmara, o Senado, por aí. Até que lembraram de um cara da Gonzaga Bastos que calçava 44 e se intitulava Canhoto I, mistura de canhoto e canhão, cheio de banca.

- Canhoto I porque lá em São Paulo tem outro. É apenas o II.

Trouxemos a fera. Contrato fabuloso pra época: cumpria o dever na ponta, e a gente pagava as despesas de bar depois do jogo.

E assim, com uma senhora camisa de sete cores e uma bandeira onde se destacava duas garrafas cruzadas sob o bonde 74 bordado à mão, estreamos, ARFR, em Cachambi. O time dos hôme tinha uma retranca bem armada: canivete, peixeira, garrucha... madeira de dar em doido. A menina-dos-olhos da torcida local era o Chanca, lateral-direito.

Um 0 x 0 de arrepiar. Com uns trinta minutos do segundo tempo, sem ter ainda encostado o pé na bola, Canhoteiro I gritou dá e foi lançado por nosso fabuloso centralfe. O ponta e seu marcador lutaram pela bola – a socos e pontapés – mas nosso atleta conseguiu centrar. Lindauro entrou de cabeça e faturou. Devido ao calor da luta, Chanca e Canhoteiro caíram num buraco, no meio de um capim alto estupro e só regressaram dez minutos depois.

Chanca apareceu meio sem graça, cheio de marcas no pescoço e, atrás, com um rebolado estranhíssimo e uma flor na boca, vinha o Canhoteiro I, que, ao entrar em campo, todo rasgado, deu vários passos de balé. Pra vergonha do Artistas da Rua Futebol e Regatas, nosso craque foi expulso em seguida por ter tacado um beijo de língua no goleiro adversário. Passando pelo bandeirinha, o tresloucado ciciou:

- Sai Canhoteiro I, nasce uma estrela.

Apesar do vexame, e com um homem a menos, Ceceu Rico e a caninha seguraram, com defesas milagrosas, a vitória. E, no finalzinho, quase que o Penteadado enfia outro de patinete, jogada de sua criação que iludia totalmente os adversários, troço de circo.

A vitória foi muito comemorada na sede. Nada empanou o brilho da festa, nem mesmo a chegada do Canhoteiro I de braço dado com o Chanca.

Ainda levamos uns cinco jogos com a boneca na ponta, antes dela viajar pra Europa com o espetáculo de travestis "Brazil Salvaguardas Follies".

Não tínhamos adversários. Inacreditável o rendimento daquele ataque. Que, por exigência do próprio ex-Canhoteiro I, era anunciado assim: Waldir Iapetec, Tuninho Sorvete, Lindauro, Ambrósio Gogó de Ouro e Viveca Lindfors.

A natureza humana é um mistério.

## ANEXO L

### Até morrer

Meu primeiro contato com a bola foi no saco. Dito assim, parece um fato biologicamente normal. E é mesmo, desde que o atingido pela bolada consiga recuperar a respiração e, claro, o saco para a prática do nobre esporte bretão.

A dor dessa primeira experiência futebolística despertou um traço ibero-masô, geneticamente explicável, em meu excelente caráter: como um espermatozóide tresloucado, fui impelido em direção cruz-maltina. Pois é, sou Vasco desde garotinho. Meu velho diz que um vascaíno sincero tem miolo mole ou é opaco feito uma calçada, sem nenhum trocadilho. Não me deterei no meu amor perverso pelo antigo Expresso da Vitória. O Japiassu, em memorável artigo pra revista *Placar*, escreveu uma frase definitiva sobre o Vasco: o time foi dirigido por um delegado quando deveriam chamar um padre.

Futebol é loucura. Em 1958, minha família estava toda empilhada em volta do rádio, um daqueles antigões. Todos, menos meu avô Alfredo. Ia começar a final Brasil X Suécia. Neguinho roía a unha, fumava, fazia promessa. Meu avô Alfredo balançava a cabeça, pensativo. Homem cordialíssimo, extremamente equilibrado, não conseguia entender aquela fissura. Fazia piadas pra descontrair a torcida pinel:

- Dona Nadyr com aquilo tudo dando sopa e esses caras fanatizados por marmanjos de calção...

A Suécia meteu o primeiro gol.

Meu pacato avô empalideceu, rasgou o *Jornal do Comércio* ao meio, atirou a fruteira bico-de-jaca no quadrinho “Deus abençoe este lar” e berrou:

- Perder pra corno, jamais! Todo mundo sabe que sueco é manso e deixa beliscar a mulher dele, enquanto toma umazinha no cômodo ao lado.

Se Vavá, o Leão da Copa, não tivesse empatado, eu, com onze anos, teria aprendido tudo sobre a vida sexual dos suecos. Quando terminou o jogo, 5x2 pra nós, tentei ampliar minha cultura sobre deixar beliscar e outros temas fascinantes, mas vovô Alfredo foi categórico:

- Eles perderam de 5, Aldir. Logo, devemos concluir que são excelentes anfitriões, gente culta e civilizada. Não se fala mais no assunto. Brasil!!!

Essa capacidade de transtornar cucas certinhas – acho que diríamos, hoje, esse dom de levar caretas a transgredir – é que me faz permanecer um apaixonado por futebol, apesar de toda corrupção, resultados decepcionantes, decadência de técnica, desaparecimento do virtuose (a ascensão do açougueiro), violência, violência e a dor, suavizada pela recordação dos dribles imortais, de não ver outro Garrincha. Mas hei de torcer!

Hei de torcer porque conheci um bebum que apelidou a própria amásia de Paulo Isidoro. “Ela dormia na ponta, mas embolava pelo meio”. Hei de torcer porque o pontaesquerda do “Artistas da Rua Futebol e Regatas” era bicha e a escalação do ataque ficou: Iapetec, Sorvete, Lindauro, Gogó-de-Ouro e Viveca Lindfors. Hei de torcer porque também são vascaínos Ceceu Rico, Paulo Amarelo, Guinga, Martinho da Vila, Nei Lopes, Paulinho da Viola, Edu Lobo e Sérgio Cabral. Hei de torcer porque quando o Amarildo enfiou aquele gol na Espanha, em 62, Tia Nicinha jogou o rosário pro alto, foi pro piano e tocou o Hino à Bandeira. Hei de torcer porque no gol de empate do Clodoaldo, contra o Uruguai, em 70, meu tio Placidino, um cientista de renome internacional em aerofotogrametria, atirou uma gaiola de periquito no teto de um Aero-willys aos gritos de “conheceu, Obdúlio?”. Hei de torcer porque minha filha Mariana, por causa do cretino do Paulo Rossi, chorou muito ao ver os garotos apagando os desenhos dos nossos craques em muros e paredes, num ato de vingança coletiva. Hei de torcer porque não resta outra alternativa. Torcer dá samba.

A paixão. Era época do rádio spica. Todo mundo tinha um. Cada transeunte zumbia como um besouro. De madrugada, tocaram a campainha da velha casa da Rua dos Artistas. O Lindolfo havia morrido. Vó Noêmia fez uns trinta sanduíches de carne assada, os homens encheram vidros vazios de eparema com traçado e partimos pro velório. Na saída, alguém lembrou:

- Cadê o rádio? Hoje tem Vasco x Botafogo.

Mas, aparentemente, ninguém se atreveu a levar. A mulher do Lindolfo, Dona Marcelina, era tão séria que já estava de luto dias antes da morte do marido. Amanheceu um domingo de comemorar com batida de maracujá.

Naquele tempo, o jogo começava às três e quinze da tarde, os enterros saíam por volta das cinco.

No Caju, a viúva parecia um granito. Luto fechado, um buço que deve ter influenciado o Sarney, cabelos cinzentos cobertos por um lenço negro, leque também negro fechado nas mãos em garra, uma viúva de Lorca.

Waldyr Iapetec, com seu faro inigualável, descobriu um buteco nas imediações com rabadá e cervejotas superlâmpoticamente geladas. Mandaram arrebite. Mais ou menos na hora da peleja começar, Ceceu Rico, cheio de goró, lavando a cabeça com azeite Galo e botando aristolino na maionese, sacou um radinho do bolso das acumuladas. O Iapetec riu:

- Sabia que tu não ia aguentar.

- Tenho minha reputação. Não quero que digam que Ceceu Rico deu balda com medo de viúva.

O pessoal ficou ouvindo o jogo no tal do buteco. De vez em quando, um batedor partia pro front do velório. E tome chá-de-macaco. O clima do jogo aumentava a vontade de biritar. Um zero a zero cheio de lances dramáticos. Faltando uns quinze minutos pro fim do segundo tempo, pressão do Vasco, meu Avô Aguiar apareceu, deu um tapa de bagaceira nos beiços, e avisou, com toda cortesia de seus quase dois metros de cutucro nascido em Póvoa do Varzim:

- Vamo pagar a conta que o palhaço de saias chegou pra encomendar o corpo. Ceceu, enfia o rádio na ombreira do paletó e finge que tá com torcicolo, meningite, um troço desses.

Provavelmente sentindo a exuberância dos bafos, a viúva lançou a todos um olhar assassino. O padre, com a batina salpicada de provincial caspa, começou a arenga:

- Nosso irmão Lindolfo já não está no estádio, digo, no mundo, Encontra-se na Glória!

O Iapetec sussurrou:

- Provavelmente na taberna. Ele adorava.

Olhar rambo-rocky da viúva em nossa direção. Vários gulps e pigarros.

- Bem aventurados aqueles...

Nesse instante, Ceceu captou no radinho uma investida vascaína.

- Lá vai o Vasco! Bola pra Walter Marciano na entrada da área! Driblou o primeiro, driblou o segundo, vai marcar...

O desgraçado do radinho ficou mudo. Desesperado, Ceceu catucou os botões pra baixo e pra cima. Nada, teria sido a pilha? Ceceu sentou a porrada no spika, método quase infalível para engenhocas enguiçadas, e uma palavra, altíssima, como que irradiada pela sublime voz do Todo-Poderoso, elevou-se na capela:

- PÊNALTI!

Ceceu abaixou de um golpe todo o volume. Um silêncio aterrador. Possessa, a viúva urrou:

- Contra quem? Pênalti contra quem? Aumenta, babaca!

A beira de uma de suas famosas crises de asma, Ceceu estertorou:

- Pênalti contra o Botafogo.

A viúva tava comandando o tradicional corinho de “casaca, casaca, casaca-saca-saca...”, quando o padre abandonou o recinto.

Meu avô gritou:

- Hei, seu padre! Volta aqui! Futebol enlouquece qualquer um! Não foi desrespeito, não.

Sintam a resposta do padreco:

- Aqui, ó! Eu sei que não foi desrespeito. Foi roubo no duro! Tô farto de ver o Vasco vencer com gol de pênalti no último minuto. Vão todos pros quintos dos infernos. Ladrões!

Mas seus protestos foram abafados pelos gritos de gol e pelo espetacular choro da viúva. De alegria.

Eu falei no começo que não ia mais entrar em águas vascaínas, não foi? Pois não resisti. Futebol é isso – incoerência, farsa, delírio. Por essas e outras é que hei de torcer, hei de torcer até morrer. A torcida brasileira é toda assim, a começar por mim.